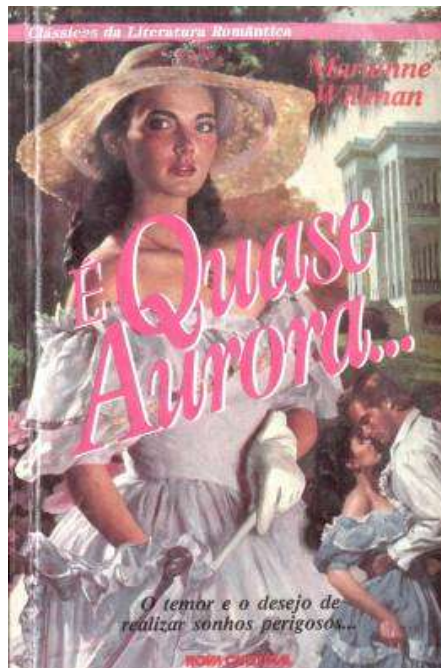


É QUASE AURORA

(Vixen)

Marianne Willman



Com a mesma obstinação que a fizera sobreviver à cólera que devasta Nova Orleans, Vivienne Rocque precisa superar um novo golpe. Ao voltar ao lar depois de concluir os estudos, descobre que lhe foram roubados seus bens, o noivo e a própria identidade!

Uma única prova poderá desmanchar a farsa de que é vítima. E só um homem poderá ajudá-la na arriscada viagem ao Oregon: o estranho e enigmático Josh Deveril. Ele, porém, hesita. Está encantado demais com Vivienne para resistir ao desejo de fazê-la sua, ao menos por alguns dias. E não é justo que também ele lhe cause uma amarga decepção.

Várias vezes Josh tentará abandoná-la à própria sorte e preservar o segredo que Vivienne não deve conhecer. Em vão. O amor impera no coração desta jovem audaciosa, que desafia os perigos com a força cega dos apaixonados.

MARIANNE WILLMAN

O dom de unir o suspense ao irresistível lirismo poético.

Doação: Néia

Digitalização: Simone R.

Revisão: Simone Bastos

Projeto Revisoras
Projeto Revisoras



Título original: Vixen
Copyright: Marianne Willman

Publicado originalmente em 1988 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Tradução: Vânia F. C. Buchala

Copyright para a língua portuguesa: 191

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2 — 3º andar
CEP 1452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento no Círculo do Livro S.A.

CAPÍTULO I

Nova Orleans, 1933.

Do outro lado do pátio do colégio, Vivienne avistou o professor de desenho, *monsieur* La Farge, caminhando em sua direção. Apesar da brisa leve e da sombra rendada do carvalho, sentiu o rosto afogueado. Como era belo! Suave e sensual ao mesmo tempo, concluiu, com a pulsação acelerada e os olhos azuis cintilantes.

Tentou se recompor. Aos dezesseis anos, ainda não havia aprendido a ocultar de todo os pensamentos e emoções. Involuntariamente, acabava sempre sabotando o recato esperado numa "boa moça".

Monsieur La Farge apertou o passo, contornando o pequeno lago da meditação, e ela deixou-se sentar com graça no banco de ferro, ajeitando a saia do vestido branco, os cabelos muito negros se destacando em meio aos viçosos arbustos do jardim. Em menos de três meses, voltaria para casa, em Juniper Hill, e à frivolidade das rodas sociais. Por enquanto ainda vivia o que considerava sua primeira experiência "adulta". Mas a óbvia admiração do professor de desenho, tinha consciência disso, subira-lhe à cabeça tão inesperada e efetivamente quanto o ponche que seu pai costumava preparar no Natal...

Monsieur La Farge hesitou à sombra treliçada de um caramanchão e olhou ao redor. Vivienne expirou, decepcionada. O homem de seus sonhos era ousado e intrépido. Não um maricas que ficava se esgueirando às sombras com medo das irmãs do Santa Úrsula!

Disfarçando uma careta, buscou o medalhão pendurado no pescoço por uma corrente de ouro. Era bem antigo, presente de seu padrinho, tio Philipe. Suspirou, e o pedaço de papel que trazia escondido no decote estalou levemente. Sorriu, então, sentindo o desapontamento dar lugar a uma nova onda de excitação.

O professor lhe passara o recado tão sorrateiramente, que nem mesmo a vigilante irmã Albina havia notado. Charlotte Thibideau, sua prima, também não. As duas nem sequer sonhavam que um romance desabrochava bem debaixo de seus narizes! Afinal, jovens de famílias aristocráticas francesas normalmente não compareciam desacompanhadas àquele tipo de encontro.

Uma ponta de culpa incomodou Vivienne quanto à irmã Albina. Mas não quanto a Charlotte.

Monsieur La Farge vinha figurando em seus sonhos havia já algumas semanas. Era o único homem cuja presença se permitia dentro das paredes do colégio; além, claro, do velho padre Etienne.

O coração dela, contudo, não era o primeiro a disparar nas aulas de desenho de terça-feira. Com os cabelos castanhos levemente revoltos e um sorriso estonteante, La Farge era o *céu* também para as outras garotas.

Ergueu o queixo delicado, com um sorriso. O modo como ele a fitava com aqueles olhos escuros e algo melancólicos, porém, não lhe deixava dúvidas de ser considerada de uma maneira bastante especial... E adulta, o que era ainda mais importante.

Um pernilongo picou seu braço nu e Vivienne o estapeou, irritada, rezando para que a ferroada não formasse um vergão. Pelo menos aquele não tinha lhe atacado o nariz, como na outra semana... Os mosquitos eram um verdadeiro inferno naquele época do ano.

Fingindo admirar um botão de oleandro, observou a aproximação de *monsieur* La Farge por baixo dos cílios longos. Ele já havia passado pelas roseiras e agora deslizava

por entre os canteiros de ervas e alfazemas. Apertou o passo e ela o aguardou, tensa.

Para que ele havia marcado aquele encontro? Para declarar seu amor por ela? Tentaria beijá-la?

Uma chama de excitação queimou em seu peito, descendo depois para o estômago, antes de se alojar numa região que nenhuma moça decente se permitia pensar... Vivienne prendeu a respiração, assustada e intrigada ao mesmo tempo. Seria amor o que estava sentindo?

— Psiu.

O chamado veio da esquerda, arrancando-a do dilema em que se encontrava. Havia uma fenda nos arbustos e um rostinho sujo espiava entre os arabescos da grade de ferro, por detrás da cerca viva. Não era bonito, mas marcante, de cabelos loiros emaranhados, olhos vivos e um nariz vermelho que escorria. Não sabia dizer se era menino ou menina. Aqueles moleques de rua... Impossível que não encontrassem um pouco de água para se livrar daquela sujeira!

— Vá embora! — sussurrou.

— Só queria uma laranja, moça! Isto é... *mademoiselle*.

Olhos verdes a fitaram com intensidade e Vivienne engoliu em seco, virando o rosto. *Monsieur* La Farge fazia nova pausa à sombra de um santo de mármore, como se tivesse percebido a interrupção. Ela apertou a saia, em pânico. Aquele fedelho ia estragar tudo!

— Vá embora, ou chamo uma das freiras! — A criança recuou um pouco. Com certeza era mais uma das que considerava as irmãs do Santa Úrsula criaturas de outro mundo, e fugiam à simples visão dos hábitos e véus negros que flutuavam dentro dos limites do colégio. Ainda assim, agarrou-se aos ferros.

— Não é para mim. É para minha mãe. Pegou a febre e está morrendo de sede. Pediu laranja.

Vivienne lançou-lhe um olhar de soslaio. Na certa era mentira, mas não conseguia ignorar o apelo naqueles olhos enormes. Erguendo-se, caminhou para a laranjeira mais próxima e colheu quatro frutas maduras.

Passou-as pela brecha nos arbustos.

— Pronto. Agora vá embora!

Dedos pequenos e sujos agarraram as laranjas. Em instantes elas desapareciam em bolsos embutidos do camisolão surrado. Um ladrãozinho, na certa!, deduziu Vivienne, estupefata.

— Obrigada, *mademoiselle*. Não me esquecerei disso. Se precisar de mim, vá ao Pretty Polly's. Todo mundo conhece. Pergunte pelo Tom. — A mão suja e esquálida penetrou entre os arabescos, pedindo a dela.

Vivienne a segurou, hesitante. Estava quente e seca, e ela quis se livrar do contato. Antes que o fizesse, porém, o menino depositou-lhe um beijo na palma e desapareceu, deixando, além do cheiro desagradável, uma marca úmida de saliva.

Desgostosa, ela se afastou e esfregou a pele com um lenço rendado. Não ouviu as passadas suaves no passeio de concreto. Só se deu conta de não estar mais sozinha, quando o som de uma respiração pesada e um leve odor de álcool chegou até ela.

— *Mademoiselle* Rocque... Vivienne! Por um instante, imaginei que houvesse fugido.

Ela girou o corpo. O professor ganhara terreno enquanto havia estado distraída e também ultrapassara a fenda. Estava a poucos centímetros dela, o rosto iluminado por algo que Vivienne não soube identificar.

— *M-Monsieur* La Farge... Desculpe-me, eu... me esqueci.

— Esqueceu? Minha bela, como pode ser tão cruel quando só tenho vivido para este momento?! — Sem avisar, ele a envolveu nos braços, prendendo-a com força.

A princípio, ela se deliciou com o ardor do gesto, com a prova do poder feminino que exercia. Novo *frisson* cortou-a por inteiro. Surpresa, percebeu os seios reagindo ao contato, todos os sentidos despertando. Era uma sensação assustadora. Mas tão excitante,

que não queria que terminasse nunca.

Monsieur La Farge, entretanto, apertava-a demais e ela viu-se quase impedida de respirar. De súbito, os lábios dele investiram contra os dela e o cheiro de vinho tornou-se insuportável. Vivienne o empurrou, mas o professor a trouxe de volta para si. Desta vez cobriu-lhe a boca com a dele, o bigode incomodando, os lábios ferindo os dela. Um cheiro acre emanava dele e ela franziu a testa. Esperara tanto de seu primeiro beijo! Como podia ser tão...

La Farge tentou beijá-la de modo mais impudente e Vivienne o empurrou, irada.

— Pare! Solte-me, seu porco imundo! — Enquanto se debatia, sentiu a mão dele fechar-se em seu seio direito. Alarmada e em pânico, ela o chutou na canela, o pé delicado colidindo com uma bota de couro. — Largue-me, seu animal!!

Uma sombra projetou-se sobre eles e La Farge a libertou, abruptamente. Vivienne deixou escapar o ar, recuando. Um garoto de sua mesma altura e tipo físico encarava-os, sorrindo com malícia. *

— Charlotte!

— Quem diria, prima... — A outra fingiu-se horrorizada. — Então é para cá que vem, quando imagina-se que esteja rezando em seus aposentos?

A reação de Vivienne foi imediata.

— Estou farta da sua espionagem, Charlotte! Não vou mais permitir que fique se esgueirando atrás de mim para bisbilhotar!

Charlotte bufou, indignada.

— Eu não estava "me esgueirando". Qualquer um pode ter me visto passeando pelo pátio! Quanto a bisbilhotar... Bem, estou certa de que estaria envolvida em vários escândalos como este, se eu não abrisse os olhos da Madre Superiora.

O professor olhava de uma para outra. Mesmo assustado, seus bem treinados olhos não puderam deixar de notar uma vez mais a semelhança entre as duas primas. As mães delas eram irmãs, e o parentesco era mais do que óbvio. As feições da segunda garota eram quase idênticas às da primeira, ainda que menos agradáveis, com o nariz alongado demais e olhos que tendiam para o verde musgo em vez do azul-mar de Vivienne. Havia outras diferenças mais sutis. Um detalhe que atraía em um rosto, parecia arrogante no outro. E, embora os cabelos longos fossem quase da mesma cor, os cachos sedosos e cor de ébano de Vivienne, banhados pelo sol, chegavam a cintilar, enquanto os de Charlotte eram opacos e sem vida.

La Farge pressentiu negro seu futuro no Colégio Santa Úrsula.

— N-ão é como está pensando — protestou. — *mademoiselle* Rocque... Ela tropeçou e precisei segurá-la.

— Oh, eu percebi! — A voz de Charlotte saiu carregada de sarcasmo. — Irmã Clotilde vai saber disso. Vivienne será mandada para casa, enquanto o senhor vai ser demitido por imoralidade!

Monsieur La Farge empalideceu.

— Não, *mademoiselle*! — Ajoelhou-se. — Eu imploro! Minha mulher e meus sete filhos morreriam de fome!

"Mulher? Sete filhos?!"

Vivienne sentiu-se como carregada por uma onda gelada. Por um segundo, a dor em seu coração foi tanta que ela teve a nítida impressão de que este se partia ao meio.

Mas logo o pesar cedeu a uma fúria cega, fazendo-a enxergar aquele homem como ele realmente era: não um príncipe destemido, mas um dom-juan fraco e patife.

— Seu imoral! — explodiu. — Traindo sua pobre esposa! Tentando seduzir uma moça inocente com seus ardis nojentos!

— Inocente? — Embora recuasse diante da reação violenta dela, La Farge manteve a língua afiada. — Nenhuma moça inocente flerta de modo tão aberto. Muito menos concorda com esse tipo de... *rendezvous*. Foram os seus artifícios de sedução que me

trouxeram aqui.

A acusação amarga chocou Vivienne. Aquelas mentiras transformavam o encontro romântico de sua fantasia numa escapada sórdida. E ele ainda a responsabilizava!

— Como ousa?!

Antes que La Farge pudesse se esquivar, a mão dela voou contra seu rosto, feroz. Ele cambaleou para trás, mas Vivienne o ignorou, voltando-se para Charlotte.

— Acho que, pela primeira vez, sua espionagem foi bem-vinda. Salvou-me das atenções desse covarde. Desse... desse verme!

Monsieur La Farge fitou Charlotte, nervoso, consciente de que sua salvação ou ruína dependiam dela. Com a testa banhada de suor e um vergão na face atingida por Vivienne, ele avançou um passo.

— *Mademoiselle*, eu lhe imploro... Minha mulher, minha boa esposa, ela me deixará! Meus filhos...

Por um momento, Charlotte saboreou seu poder. Era tentador correr até a Madre Superiora com a história daquela indiscrição. Mas, no final das contas, não ganharia nada. E ganhar era o tipo da coisa da qual não abria mão. Assim como ter controle sobre a prima mais nova que tanto invejava.

— Muito bem. Se Vivienne me der seu chapéu verde, com laço de cetim, mantereí seu segredinho.

Vivienne agitou-se num dilema momentâneo. O chapéu era lindo e só o havia usado uma única vez. Mas quanto valia, comparado à felicidade da pobre e ingênua *madame* La Farge e seus sete filhos? Encarou a prima, com frieza.

— Pode ficar com o chapéu. Apesar da cara de doente com que ele vai deixá-la... Vai parecer um limão estragado! — Contornou o professor. — E quanto a você... Se jurar não abrir mais a boca para me dirigir a palavra, nem pôr essas patas sobre mim outra vez, esqueço esse "incidente".

— Claro! *Merci! Merci beaucoup, mademoiselles!* — Agarrou a mão de Charlotte, beijou-a, depois buscou a de Vivienne, que a arrancou dele.

— Já tive o bastante de seus beijos repugnantes por hoje!

Monsieur La Farge secou a testa com um lenço engomado, e Vivienne pôde até visualizar sua fiel esposa, passando o linho a ferro, sob a luz de uma lamparina, até suas costas doerem. Imaginou-a lavando as roupas dele, cozinhando suas refeições, sem nem sequer ter idéia do canalha com que se casara. Pobre mulher! Irmã Albina tinha razão. Os homens não passavam de uns patifes!

Curvando-se numa mesura nervosa, *monsieur* La Farge escapuliu pela brecha na cerca viva, deixando a relativa segurança que esta proporcionava.

Vivienne o observou com ódio. Aquele libertino, pulha aviltante, sequer lembrava o herói que sua imaginação desenhara.

Suspirou. Junto à desilusão, pelo menos havia um grande alívio. E também a vergonha por ter se deixado vitimar tão fácil. No futuro, seria mais cautelosa ao entregar o coração.

Respirou fundo. Ainda tinha Charlotte para enfrentar.

A reação da prima, todavia, foi muito diferente do que imaginara. Fitou o homem que se afastava, depois se voltou para ela, aflita.

— Como foi? Conte tudo! Gostou? Sempre sonhei ser beijada por *monsieur* La Farge!

— Ahh! Foi horrível! Melhor beijar um porco! — Vivienne esfregou os lábios com as costas da mão. — Se beijar é isso, juro que não quero nunca mais!

— Quando se beija a pessoa certa, é muito agradável — replicou Charlotte, enigmática.

— Verdade? — O melindre de Vivienne cedeu diante da curiosidade. — Quer dizer que já foi beijada? Por quem?

— Por Bertrand St. Germaine.

— Bertrand?! — Vivienne entreabriu os lábios, espantada com a cor que tingiu as faces da prima. — Aquele pedante? Ele mexe até com as criadas na escadaria dos fundos, em Juniper Hill. Eu não suportaria ser beijada por ele!

Charlotte girou a saia, num movimento afetado.

— Então é uma tola. — Ensaçou um sorriso de superioridade. — Acho bom se acostumar com a idéia... Seu pai quer que se case com ele.

Vivienne arregalou os olhos.

— Está mentindo outra vez.

— Não! Ouvi os dois discutindo os detalhes do casamento, da última vez que estivemos em casa.

Vivienne segurou a respiração. Havia uma terrível aura de verdade nas palavras da outra.

— O que mais ouviu? — Agarrou o braço da prima. — Diga!

— Que vai se casar com ele, assim que voltarmos para Juniper Hill, no final do ano letivo. No seu décimo sétimo aniversário, para ser mais exata.

O sangue esvaiu-se do rosto de Vivienne. Como todas as moças de sua idade e posição, crescera sabendo que um dia seu pai lhe arrumaria um casamento "conveniente". Tal eventualidade, porém, parecera-lhe muito distante até então. Era um choque perceber que esse dia nebuloso já estava prestes a chegar.

Nervosa, nem mesmo se perguntou o motivo pelo qual Charlotte não lhe revelara aquilo antes. Muito menos percebeu a sombra de inveja que escureceu os olhos da prima.

— Casar com Bertrand?! Prefiro morrer! Charlotte abriu um "sorriso malévolos".

— Não facilite, priminha... Há uma epidemia de cólera na cidade.

"Não facilite, priminha..."

As palavras de Charlotte ecoavam na cabeça de Vivienne tal qual o tanger de um sino prenunciando uma desgraça. Tensa, ela deslizou a mão entre o azul das cortinas e espiou pela fenda estreita. Os pátios amplos do colégio encontravam-se desertos e, além da segurança das paredes e cercados de ferro, a cidade jazia afligida por uma epidemia letal.

Há dois dias, quando fora ao encontro de *monsieur* La Farge no jardim, um grupo de marinheiros e mercadores da região do porto já se encontrava assolado pela doença. E a inimiga invisível espalhara-se rápida e impiedosa. Desde o dia anterior, as vítimas vinham aumentando assustadoramente. Agora somavam setecentos os mortos. E seu número crescia, incontrolável, a cada hora.

Um ranger de rodas chegou até ela e Vivienne soltou a cortina como se esta a queimasse. Conhecia aquele som. Outro carro repleto de corpos a caminho do cemitério público. Tantos deles haviam passado durante a noite, despertando-a de seu sono agitado.

A despeito das reclamações de Charlotte, tinha passado a madrugada andando de um lado a outro, parando de vez em quando para ajoelhar-se diante da Virgem e orar pelas almas dos mortos. Aquela epidemia a fazia reviver um antigo pesadelo. Perdera a mãe aos quatro anos, vítima do tifo. E uma lembrança vaga de rendas e lavanda, mesclada ao horror da doença, impedira-lhe o descanso.

Vivienne girou nos calcanhares quando a porta abriu-se de súbito para a entrada de Charlotte. Viu a prima sorrir, cheia de segredos, e seus pensamentos téticos transformaram-se em curiosidade.

— O que foi?

— Irmã Clotilde mandou nos chamar. Temos de ir, agora.

Uma ordem da Madre Superiora exigia pronta obediência. Sem demora, Vivienne ajeitou o cabelo e seguiu a outra pelo corredor de teto alto, descendo os degraus polidos da escadaria. Atravessaram um salão protegido do calor opressivo da tarde por pesadas

cortinas, em direção ao saguão obscuro, onde, com infundável paciência, um anjo da guarda de mármore esperava a aproximação delas em seu pedestal suspenso.

A consciência de Vivienne a castigava. Fazendo uma pausa à sombra das asas da estátua, segurou a manga de Charlotte, detendo seu progresso.

— Acha... acha que é algo relacionado a *monsieur* La Farge?

Os olhos da outra cintilaram, com malícia.

— E se for?

Vivienne segurou-a com mais força.

— Se andou dando com a língua nos dentes e prejudicando uma pobre mulher com sete filhos, vai se arrepender. Eu juro!

— O que vai fazer? Obrigar seu pai a me pôr para fora de casa? Só é herdeira de Juniper Hill, priminha, porque ele decidiu se casar com a mais jovem das duas irmãs. Se tivesse conhecido minha mãe antes, sem dúvida nossas posições estariam invertidas!

Charlotte sabia o quanto aquele tipo de comentário exasperava Vivienne e sorriu, afetadamente.

— Fique tranquila. Não é nada sobre *monsieur* La Farge.

— Como pode saber?

— Aconteceu de eu estar passando pela sala de irmã Clotilde e...

— Estava espionando de novo!

— Quer que eu conte ou não?

Vivienne a soltou e fez menção de prosseguir. Charlotte capitulou imediatamente.

— São boas notícias! Seu pai ficou sabendo da epidemia de cólera. Mandou nos buscar.

O coração de Vivienne disparou de alegria. Voltariam para casa, para o pai e Juniper Hill, as terras que ele batizara com o mesmo nome das de seu avô, na França.

Poucos minutos mais tarde, na decoração simples da sala da Madre Superiora, Vivienne teve a certeza de que pelo menos por uma vez, Charlotte havia dito a verdade. A saleta encontrava-se impregnada com o cheiro da terebintina e da polidura à base de limão usada na mobília pesada, além do da cor quente das lamparinas de vidros vermelhos e azuis, as quais lhe evocariam para sempre imagens do Santa Úrsula.

Excitada, não percebeu a preocupação nos olhos de irmã Clotilde. Só uma coisa ocupava seu pensamento. Estava voltando para casa.

A manhã seguinte nasceu quente e vermelha. Antes que a noite se despedisse por completo, Vivienne e Charlotte encontravam-se de pé e alimentadas. Abarrotaram os baús com os mais variados pertences, tomando o cuidado de cobri-los com roupas muito bem dobradas, caso uma das irmãs decidisse fazer uma vistoria nas bagagens. Nenhuma das duas se habituara com a idéia de que seus dias de internato haviam chegado ao fim.

Subiram no coche que as aguardava numa pequena estalagem próxima ao colégio, pouco depois do amanhecer. Irmã Albina entregou-lhes um cesto contendo uma refeição leve e repassou, pela terceira vez, uma série de advertências.

— ... e lembrem-se. Não se metam em conversas com estranhos, nem bebam em copo alheio! E, em qualquer parada da diligência, permaneçam juntas. Seu pai deve aguardá-las na Estalagem do Trevo e, de lá, escoltá-las até em casa.

— Sim, senhora.

Vivienne tentou demonstrar o mínimo de consternação por deixar o Colégio Santa Úrsula tão abruptamente. Afinal, ela e Charlotte tinham estado sob os cuidados das freiras por quase dois anos. Não conseguia ocultar, porém, a profunda alegria de estar voltando para casa e para o pai, em Juniper Hill.

Charlotte, por sua vez, não se esforçou para dissimular sua ansiedade em partir. Rejubilava-se por deixar o internato e a adolescência para trás.

Uma sentinela trancou a porta e tomou seu lugar ao lado do cocheiro. Com um longo toque de corneta e o estalar das rédeas, o veículo deixou o pequeno pátio e ganhou a rua

de pedras.

Irmã Albina distinguiu o rosto iluminado de Vivienne na moldura da janela e sorriu, tristemente. Mais duas de suas meninas mergulhando no mundo e na idade adulta, sem a menor noção do que as aguardava. Pediu uma bênção em nome delas, fungou, comovida, e retornou ao colégio.

À medida que o coche se movimentava, Vivienne ia olhando as ruas desertas e lúgubres. Passaram por fileiras de casas, erguidas detrás dos cercados de ferro trabalhados e adornados de flores. Os canteiros das sacadas estreitas, todavia, jaziam ressequidos e abandonados, as janelas de madeira trancadas. Teriam seus moradores fugido ou tentavam, meramente, guardar-se da praga?, perguntou-se, deprimida.

A carruagem dobrou numa avenida larga, esbarrando num carroto transportando o cadáver coberto de mais uma vítima da cólera. Vivienne estremeceu e fez o sinal da cruz.

Quatro viajantes subiram na diligência na parada seguinte, Pousada Charles, e ela voltou para eles sua atenção, ansiosa por distrair-se da terrível realidade que a cercava. Havia um cavalheiro magricela carregando uma maleta negra e um casal idoso de feições nobres. Também uma jovem muito pálida, vestida de azul, o que lhe acentuava ainda mais as manchas escuras sob os olhos, que sorriu para elas, languidamente. A única que o fez. Os outros já se haviam acomodado e cochilavam com o calor da manhã. Charlotte, tão sonolenta quanto os demais, seguiu-lhe o exemplo, deixando Vivienne à mercê da própria vontade.

Logo a cidade tinha ficado para trás. Já não havia mais nada para olhar, exceto a massa infundável de mangues e as silhuetas curvadas dos carvalhos vestidos de limo. Colocando a imaginação em funcionamento, ela tratou de elaborar histórias baseadas nos contos sombrios que Amélia Thiery costumava "contrabandear" para dentro do colégio. O magricela, decidiu, seria na verdade um notório ladrão, com um resgate em rubis escondidos na maleta de couro. Os dois velhos seriam um casal de monarquistas franceses que escapara ao Terror, escondendo-se em fazendas. Ou talvez um mordomo e uma criada, que teriam envenenado o patrão e roubado seu ouro... Tendo isso em vista, Vivienne decidiu não aceitar qualquer alimento que ambos, eventualmente, viessem a lhe oferecer. Era melhor prevenir do que remediar!

Sorriu das próprias fantasias e, uma vez mais, a moça pálida lhe sorriu de volta. Que era uma dama, Vivienne não tinha dúvidas. Não só pelo talhe e estilo de seus trajes ou suas boas maneiras. Tinha formas delicadas, a face aprazível, ainda que seus traços lhe traíssem a tensão. Seus olhos cansados eram do mesmo tom de azul do vestido e pareciam algo desfocados.

A ela, Vivienne reservou uma história romântica. Com certeza, era uma mulher doce e inocente, fugindo desesperada de um marido desumano, como *monsieur* La Farge, para os braços de um jovem e apaixonado amante. Podia até visualizá-lo: um homem bonito de cabelos claros, feições marcantes e olhos azuis feito safiras... Talvez ele até entrasse no coche, na parada seguinte.

Suspirou. Queria qualquer coisa, *qualquer coisa*, que quebrasse aquela monotonia.

Como se em resposta à sua vontade, a carruagem diminuiu o ritmo.

— Nada disso! — Uma voz alterada chegou até ela, quando fizeram uma pausa diante de uma pequena hospedaria. O rapaz magricela havia saltado do carro e a porta aberta permitiu que Vivienne ouvisse parte de uma discussão.

— Acontece que não tenho mais nenhum passageiro programado daqui para diante!

— Não vamos permanecer nem mais um dia neste antro pestilento! Tem lugares sobrando aí dentro e pagaremos bem por eles!

Vivienne espiou pela janela e entreabriu os lábios, atônita. Jamais vira uma cena daquelas em seus dezesseis anos de vida.

Três mulheres estavam em pé ao lado da carruagem, oferecendo sacos de moedas ao guarda e ao cocheiro. Não podia definir-lhes bem a idade, mas seus rostos

encontravam-se cobertos de pó de arroz, as sobrancelhas finas pintadas e as faces coloridas por um vermelho-vivo. Embora ainda não fosse meio-dia, vestiam trajes de cetim próprios para a noite, forrados de rendas e laçarotes, nada adequados para aquela temperatura úmida. A morena, de carmim, a loira de verde-esmeralda e a ruiva de... dourado?! As roupas eram por demais chamativas para aquela hora do dia, sem contar os decotes ousados que lhes revelavam uma generosa parte dos seios.

Pouco depois, as três entravam no coche, sem se importar com quanto das pernas deixavam à mostra no processo. Vivienne assistiu a tudo, incapaz de conter a própria curiosidade.

— O que está olhando, pirralha? Alguma coisa errada? — investiu a morena, sem rodeios.

— P-Perdão — gaguejou ela, embaraçada. — É que nunca vi vestidos tão... diferentes.

As mulheres a fitaram, feito um trio de corujas num poleiro.

— Ainda está no colégio? — perguntou a ruiva, estudando-a, desconfiada.

— Sim, senhora.

A loira sorriu, revelando a falta de um dente.

— Não te ensinaram a não falar com estranhos?

As três explodiram em gargalhadas e o rosto de Vivienne pegou fogo. Recuou no assento, desconcertada. O barulho acordou Charlotte.

— *Mon Dieu!* — exclamou ela, num sussurro. — Teve coragem de dirigir a palavra a essas três?!

Vivienne enrubescou ainda mais. Imaginava o que aquelas mulheres poderiam ser. Não era nenhuma tola. Mas também fora ensinada a mostrar boas maneiras em público!

— Por que não volta a dormir, Charlotte? — Cruzou os braços, amuada. Desviou o olhar para a moça pálida e percebeu que ela também dormia.

As três mulheres continuaram a tagarelar entre si por mais algum tempo, depois silenciaram, talvez desestimuladas pelo calor intenso. Ainda deviam ter pelo menos mais uma hora de viagem antes da próxima parada e Vivienne permitiu-se um cochilo.

Acordou com uma gritaria. Olhou ao redor, aturdida, ao ouvir o súbito alvoroço. O que poderia ser? Bandoleiros? Salteadores? A confusão, porém, fora gerada por um motivo bem diferente. Uma das três mulheres pôs a cabeça para fora da janela.

— Pare o coche! Pare, eu já disse!

O veículo saiu da estrada e o guarda saltou do banco.

— O que foi?

A prostituta loira apontou um dedo.

— Ponham-na para fora, agora!

Vivienne seguiu a direção que ela apontava e sentiu-se retesar. A moça pálida já não trazia o rosto lívido, mas afogueado. Tinha o corpo largado, os olhos embaciados pela febre.

— Acalmem-se! — O homem abriu a porta. — Para que essa gritaria?

— Olhe esta mulher, seu velho tonto! Tem de colocá-la para fora já!

Vivienne sentou-se na beirada do banco.

— Colocá-la para fora?! É absurdo! Ela está doente!

— Só Deus sabe quanto! Pode ser cólera ou tifo. Não podemos arriscar!

Vivienne tocou uma das mãos da moça. Estava quente e úmida.

— Precisamos levá-la para um médico!

Outras vozes se manifestaram, lamurientas, e o guarda coçou a cabeça.

— Ainda estamos a duas horas da próxima parada. Não há médicos por aqui. — Olhou ao redor. A estrada cortava uma espécie de bosque, sem nenhuma habitação à vista. — Não há nada por aqui.

O rapaz magricela tornou a descer do veículo.

— O regulamento para diligências reza que não é permitido o transporte de pessoas portadoras de doenças contagiosas. Acho que teremos de deixá-la. Conduzi-la, pode nos colocar a todos em perigo.

O casal de idosos concordou, de imediato.

— Não! Por favor! — pediu Vivienne, aflita. — Talvez ela só precise de um pouco de água e ar fresco. Estamos viajando há horas e está muito quente. Se alguém pudesse carregá-la para a sombra de uma árvore... — Olhou a sentinela, suplicante.

Ele hesitou um momento, depois entrou no coche e ergueu a mulher inconsciente nos braços. Quando desceu, Vivienne quis segui-lo, mas Charlotte a deteve pelo braço.

— Por que está interferindo? Não é da sua conta!

— É dever de qualquer um socorrer um doente, e é óbvio que nem todos parecem dispostos a isso por aqui! Traga nossas coisas. Vou dar a ela um pouco de limonada.

Charlotte resmungou um protesto, mas seguiu as instruções, já habituada a não se indispor com a prima.

A mulher foi deitada à beira da estrada e Vivienne ajoelhou-se a seu lado, tentando fazê-la engolir parte do líquido. De súbito, os olhos da moça se abriram, arregalados, depois reviraram, expondo apenas o branco.

— É cólera, estou dizendo! — alguém exclamou de dentro da diligência. — Ela vai morrer em questão de horas e nós também, se a levarmos conosco!

Outras vozes se juntaram à comoção e logo era impossível distinguir o que diziam.

De repente, um tiro eclodiu no ar. O rapaz magro subira no banco da frente e agora apontava a arma ainda fumegante para a cabeça do cocheiro. Lançou um olhar gélido na direção de Vivienne.

— Se quer prosseguir conosco, entre na diligência. Os outros já concordaram em deixar a moça aqui. É a coisa mais sensata a fazer.

— Mas não a mais humana! — rebateu ela, indignada. — Minha consciência não me permite deixar esta pobre mulher abandonada à própria sorte!

— Muito bem. Então fique com ela e mantenha limpa sua consciência.

Vivienne voltou-se para o guarda e o cocheiro, porém eles não lhe devolveram o olhar.

— Se deixarem esse... esse covarde dar as ordens, juro que reportarei o fato às autoridades competentes!

O rapaz riu, de cima do coche.

— Pode reportar a quem quiser, *mademoiselle*. Se ainda não tiver morrido de cólera ao cair da noite.

Fez um gesto para o guarda, que subiu no carro de pronto. Um segundo depois, as rédeas estalavam, pondo a diligência em movimento. O veículo sacudiu sobre as pedras, balançando a porta ainda aberta. Então, uma das três mulheres a puxou e bateu.

— Não!! — gritou Charlotte, em pânico. — Esperem por mim!! — Correu atrás do coche, desajeitada. Tropeçou numa raiz e aterrisou na terra seca.

Vivienne continuou a fitar a carruagem que se afastava, em choque.

CAPÍTULO II

— Oh, meu Deus — choramingou Charlotte, limpando as mãos arranhadas com um lenço. — É tudo culpa sua, Vivienne! Podíamos estar na metade do caminho para St. Anne a esta altura! Sem dizer que essa mulher pode morrer de uma hora para outra!

— Quieta, Charlotte, deixe-me pensar. — Vivienne afastou uma mecha de cabelo da testa. Duas horas haviam se passado desde a partida do coche e nem uma carroça cruzara aquela estrada. Não tinham mais comida, nem água, e já sentia a língua tão seca e esquisita quanto a lagarta que acabara de repelir da saia do vestido.

Fitou o alvo desventurado de sua genuína, ainda que impetuosa compaixão. Com exceção do peito que arfava de leve e da respiração ofegante, a mulher não havia feito um só movimento ou emitido qualquer som desde que o cocheiro a depositara no chão.

Pobre coitada. A predição de Charlotte podia provar-se correta. Todavia, a não ser por sua atitude algo precipitada, concluiu Vivienne, ainda teria feito a mesma escolha. Não que aquele fosse um ato consciente de nobreza; mas um coerente com os valores que absorvera de sua criação. Certas coisas uma pessoa de bem nem sequer consideraria fazer. Abandonar uma mulher moribunda à beira da estrada era uma delas.

Charlotte continuou alternando resmungos e soluços. Vivienne, porém, encontrava-se por demais ocupada abanando a moça com o chapéu para prestar-lhe atenção.

Sentou-se de repente, os ouvidos atentos. Ruído de cascos, vindo da esquerda!

Pondo-se de pé num salto, de uma maneira que irmã Clotilde iria abominar, voou para a estrada à procura do itinerante.

Ainda fora da visão de Vivienne, entrando na curva, um cavaleiro solitário atravessava os campos luxuriantes da Luisiana a meio galope, com o sol intensificando-lhe o tom dourado dos cabelos. Guiando seu garanhão acastanhado sob as sombras dos carvalhos, Josh Deveril tinha o pensamento no Oeste, bem longe dali, os olhos tomados pela lembrança das florestas frescas de pinheiros e dos picos gelados e ofuscantes das montanhas. Alguns homens deixavam-se dominar pelo prazer da bebida, do jogo ou do acúmulo de riquezas. Contudo, eram a aventura e a amplidão indomada do Noroeste, território do Oregon, que o seduziam.

Suspirou. Devia estar viajando fazia uma semana, porém ainda precisava de mais três homens além dos que já havia recrutado. Homens experientes, de valor. Do tipo que cortejava o perigo pelo perigo. Por simples prazer.

Perdido em devaneios, Deveril contornou a curva, rápido. E puxou as rédeas. Tão subitamente que o cavalo chegou a empinar. Uma figura de branco bloqueava o caminho estreito, agitando os braços com determinação, os cabelos de um negro acetinado caindo-lhe pelos ombros em cascata.

— Que diabos?!

Vivienne não se deixou intimidar pelo tom irritado, muito menos pelo fato de ele ser um completo estranho.

— *Monsieur!* Pare, pelo amor do bom Deus! Precisamos de ajuda!

Deveril absorveu a cena: duas estudantes, uma negligenciando a própria segurança, a outra coberta de poeira e aos prantos. Baús e chapeleiras jaziam jogados a margem da estrada, ao lado de uma mulher inerte, corada de febre e aparentemente inconsciente. A situação era muito clara. Vinha seguindo o rastro de um coche havia já algum tempo.

— A que ponto não se chega... — Desmontou, aborrecido. — Têm coragem de abandonar duas crianças e uma enferma por medo de cólera.

Vivienne respirou fundo, vendo-se dividida entre a admiração pelo pronto discernimento do recém-chegado e a indignação por ser chamada de criança.

— Obrigada por ter me atendido, *monsieur* — agradeceu relutante. — Esta mulher precisa ser levada a um médico sem demora.

Deveril avançou um passo, ajoelhando-se ao lado da jovem. Tocou-lhe o pescoço, sentindo-o quente. Ainda assim, ela não lhe pareceu acometida pela cólera, avaliou, livrando-a do chapéu. Uma gripe forte, talvez. Nova Orleans era um verdadeiro ninho de enfermidades naquela época do ano.

— Vamos deixá-la mais a vontade, primeiro. — Abriu de uma vez a frente do vestido em estilo militar e, ignorando as exclamações assombradas das duas garotas,

desabotoou a blusa branca com a destreza de alguém já familiarizado a lidar com trajes de mulher.

Charlotte acompanhou-lhe os movimentos, chocada. Vivienne, curiosa. Talvez ele fosse casado, ora essa, ou então médico. Ou tinha uma amante?

— Pegue o cantil no cavalo.

Vivienne obedeceu ao comando, de pronto.

Fitou-o de esquelha. Seus olhos, notou, eram de um azul pouco comum, com a orla da íris escura e salpicada de dourado, feito lazurita. Os olhos mais bonitos e penetrantes que já havia visto.

Ajudou-o a verter umas poucas gotas nos lábios da moça, sem valia: a água escorreu-lhe pelo lado da boca. Deveril usou um lenço, então, para umedecer o rosto afogueado.

Charlotte aproximou-se da prima, disfarçadamente.

— Ele parece um rufião — cochichou. — Não devia tê-lo parado.

Vivienne tornou a molhar os lábios ressecados da paciente, com um suspiro.

— É uma tola, Charlotte.

Deveril apoiou-se sobre os calcanhares.

— Ela não deveria ter saído de casa nestas condições. Há quanto tempo está desse jeito?

— Não tenho idéia, *monsieur*. Juntou-se a nós em St. Charles e nem sequer chegou a falar.

Ele franziu a testa, surpreso. Pela primeira vez, prestou atenção em Vivienne. Era educada e muito bonita. O rosto delicado não demonstrava angústia. Apenas determinação e uma preocupação controlada, o que subverteu sua primeira impressão.

— Então não conhecem a moça. Achei que era uma parente ou dama de companhia. Como se meteram nisso?

Ela cruzou os braços, na defensiva.

— Queriam colocá-la para fora do coche, e eu objetei.

— Então deixaram vocês também.

— Isso mesmo — interveio Charlotte. — Foi tudo culpa de Vivienne.

— *Mérito*, você quer dizer — corrigiu Deveril, para grande embaraço da moça.

Continuou concentrado na prima dela, Vivienne. Observou-lhe os trajes. Apropriados para uma estudante, mas de fina qualidade. Até a bagagem tinha o toque inconfundível de Paris. Muito provavelmente, a filha mimada de algum fazendeiro rico... Estranho que se deixasse afligir pelo apuro alheio.

— Imagino que seu pai terá algo a dizer à companhia de tráfego?

Os olhos muito azuis de Vivienne cintilaram, ao mesmo tempo em que ela erguia o queixo de leve.

— Não só meu pai, *monsieur*. Pode estar certo disso.

Deveril fitou-a com um misto de admiração e divertimento. Abandonada à margem da estrada no meio de lugar nenhum, dependendo da caridade de um estranho, e ainda com os maneirismos de uma duquesa.

— Para onde estavam indo... *madeimoselle*?

— Meu pai ficou de nos encontrar na Estalagem do Trevo, próxima a St. Anne, esta tarde.

— St. Anne! — Deveril franziu a testa. A pequena cidade ficava bem fora de sua rota. Seria mais um dia de atraso, contudo não podia abandoná-las ao seu próprio destino. Precisava pensar.

— Sei onde conseguir uma carroça, mas vai demorar algum tempo. Primeiro vamos sair da beira da estrada.

Erguendo a jovem inconsciente nos braços, ele a carregou para a sombra, em meio aos carvalhos. Vivienne o acompanhou, seguida por Charlotte, que ainda resmungava

emburrada. Após recolher as bagagens, Deveril munuiu-as com um cantil e sanduíches de queijo.

— Volto assim que puder. Enquanto isso, fiquem atentas. Não sei se estão em segurança. Permaneçam aqui e evitem se expor.

Vivienne concordou com a cabeça e ele voltou a atenção para a moça desacordada.

— Só espero, *mademoiselle*, que nossos esforços não sejam em vão.

— Também eu, *monsieur*. Obrigada. Foi muita gentileza.

Deveril tornou a montar, guiando o garanhão de volta para o caminho por que viera, lamentando-se por mais aquele atraso. Labisse era um bandoleiro, e "apegado" demais a uma garrafa. Caso contrário não hesitaria em convocá-lo para acompanhar as damas até St. Anne.

Chutou o flanco do cavalo, incitando-o a um galope, e desapareceu curva adentro, erguendo uma nuvem de poeira.

Charlotte observou sua partida.

— Ele não vai voltar. Por que o faria?

— Porque é um cavalheiro.

— Um cavalheiro, de calças de couro e camisa de algodão cru?

— Julga-se um homem por seus atos, não por suas vestes. E isso, qualquer dama tem obrigação de saber.

— Pois continuo dizendo que é uma tola e que ainda vamos nos dar mal com a sua teimosia! — Charlotte deixou-se sentar, apanhando um pedaço de pão.

Vivienne voltou a abanar a doente. O ar estava úmido e abafado, dificultando-lhe os movimentos. O que não daria por um banho fresco e revigorante na estalagem, e uma muda de roupas limpas...

Continuou acalentando o pensamento, na esperança de que os minutos corressem mais depressa.

Mais de uma hora tinha se passado quando o viajante retornou, por fim. Trazia uma carroça caindo aos pedaços, onde uma lona velha cobria uma pilha de sacas.

As duas garotas correram para a estrada. Mas Deveril dirigiu-se a Vivienne, sem delongas.

— Pode segurar a junta enquanto acomodo a moça?

— Claro.

Antes que ele pudesse se mover, Vivienne já havia subido no carro e sentado às rédeas com naturalidade.

— Quando eu era criança, costumava guiar carroças como esta na fazenda — confidenciou. — Eben me ensinou a controlar os animais. Meu pai nunca soube de nada, claro, senão teria proibido.

Um sorriso brincou nos lábios de Deveril.

— Quando crescer, meu anjo, vai ser uma mulher e tanto.

Vivienne o encarou, erguendo a cabeça com arrogância.

— Já estou bem crescida, *monsieur*. Minha festa de debutante está marcada para a próxima estação.

Deveril sorriu.

— Preciso alertar a sociedade, então.

Ela piscou, confusa.

Ainda sorrindo, ele saltou para o chão, caminhou até a jovem inerte e ergueu-a nos braços. Na carroça, depositou-a com cuidado sobre as sacas, depois acomodou a bagagem.

Charlotte continuava mal-humorada, porém Vivienne tinha o rosto iluminado pela excitação. Deveril quase podia ler seus pensamentos. Ela não estava com medo e sim gostando da aventura. E pensar que, em poucos meses, a garota perderia aquele frescor e espontaneidade para se tornar mais uma daquelas debutantes tolinhas, flertando por

detrás de um leque.

Pena.

Trocou algumas malas de lado, buscando equilíbrio.

— Tudo certo, menin... *mademoiselles*! Há um abrigo para doentes da febre, próximo a St. Anne. Vamos acomodar essa pobre coitada lá, primeiro. A Estalagem do Trevo lhes fecharia a porta, se suspeitasse que tiveram contato com uma suposta vítima da febre.

Estendeu a mão para Charlotte, porém ela recuou.

— Não vou subir nessa coisa. É horrível.

— Por mim, tudo bem. — Deveril acomodou-se ao lado de Vivienne e tomou as rédeas. — St. Anne fica a apenas umas seis horas a pé daqui. Siga o rastro do coche e deve chegar à estalagem não mais do que uma três ou quatro horas depois do pôr-do-sol. Podemos avisá-los para que a aguardem.

Estalou a língua para os cavalos e bateu as rédeas. O carro arrancou com um gemido e, pela segunda vez naquele dia, Charlotte viu-se correndo atrás de um veículo.

Vivienne entreabriu os lábios, chocada demais para reagir. Um segundo depois, todavia, Deveril detinha a junta. Charlotte desatou a chorar, mas não fez menção de subir na carroceria.

— E se eu também ficar doente? — choramingou.

— Está bem... — Suspirou Vivienne, saltando para a parte de trás. — Pode sentar na frente. De qualquer modo, não confio mesmo em você para tomar conta desta pobre infeliz.

Fizeram o longo percurso em silêncio, com Vivienne umedecendo a testa da moça, vez ou outra, com um lenço úmido.

O resto do tempo, ela dedicou a observar Deveril. Era um homem alto, mas movia-se com uma graça e agilidade impressionantes.

Como seria ser beijada por ele?

Deveril devolveu o olhar nesse mesmo momento. O sol desenhava um halo rosado em torno dos cabelos escuros de Vivienne, e o vestido claro de renda, já úmido do calor, contornava-lhe as curvas quase maduras no corpo esbelto.

Vendo a expressão dele se transformar, de súbito, ela percebeu, sem saber como, que ele já não a via como uma adolescente... Mas como uma mulher.

Quando os olhares se encontraram, Vivienne sentiu o sangue subir às faces. E a consciência da mútua atração brotou entre eles instantaneamente.

Viraram o rosto ao mesmo tempo. Vivienne umedeceu a própria testa com a água fresca.

Estava ficando *mesmo* muito quente.

A Estalagem do Trevo tinha sede num casarão imponente de colunas brancas, com um saguão elegantemente mobiliado, finíssimos papéis de parede importados de Paris e uma clientela de elite. Vivienne e Charlotte encontravam-se tão ansiosas por um banho e pelo jantar, quanto Deveril para retomar seus próprios afazeres.

Havia um empecilho para tais planos, porém. Por mais que o recepcionista se esforçasse, coçasse a cabeça ou torcesse as mãos, não houve como localizar ou ter a menor notícia do pai de Vivienne. E, como nenhuma reserva tinha sido feita, informou o gerente, a estalagem via-se no direito de recusar a estadia de duas adolescentes desacompanhadas.

Indignada, Vivienne encarou o homem de feições cadavéricas do outro lado do balcão de nogueira.

— Há algum equívoco, não tenho a menor dúvida. Meu pai, *monsieur* Claude Rocque, ficou de nos encontrar aqui, esta tarde. Acontece que fomos deixadas para trás pelo coch...

Deveril a apertou no braço, impedindo-a de fazer qualquer revelação

comprometedora.

— Estas jovens estão sob minha escolta e posso dar conta das despesas. — Apanhou a carteira, depositando várias notas sobre o balcão.

— Perdão, *monsieur*, mas não podemos assumir esta responsabilidade...

— Ficarei com um quarto e permanecerei na companhia delas até que *monsieur* Rocque chegue — interrompeu Deveril.

— Quanto às meninas, podemos acomodá-las numa suíte com saleta conjugada. Assim poderão partilhar as refeições quando não estiverem comigo, claro.

O gerente observou as duas garotas em silêncio. Seus trajes eram finos e a mais bonita usava um camafeu antigo, provavelmente de muito valor. Curvou-se numa mesura, ensaiando um sorriso cortês.

— Certamente, *monsieur*...

— Deveril. Josh Deveril.

— Ah.

Vivienne ergueu o olhar, só então se dando conta de que nem sequer havia perguntado o nome dele.

Assim que Deveril assinou o registro, foram conduzidos aos seus aposentos no terceiro andar. A saleta era tão ricamente mobiliada como o saguão, com estofados em tecido rosa e portas acortinadas na parede oposta. Deveril cruzou a sala, escancarando-as.

— Não vai servir. A sacada é uma só para todos os quartos. Qualquer um poderia entrar aqui.

"Ou sair", completou em pensamento.

— Sim, é possível, *monsieur*. — O recepcionista se fez ofendido. — Mas garanto que nenhum hóspede na Estalagem do Trevo faria tal coisa.

O olhar lançado por Deveril dispensava palavra. Vivienne fez menção de explodir numa risada, porém tratou de cobrir a boca e forjar uma tosse. Percebeu os lábios de Deveril reprimindo um sorriso e baixou os olhos, divertida. Gostava de homens com senso de humor.

Mais tarde, quando já haviam se banhado e alimentado, Charlotte deixou-se afundar na cama grande e macia. Em questão de minutos, ressonava. Vivienne, ao contrário, encontrava-se por demais agitada para dormir. Sentia a pele úmida do calor e abriu uma das portas, saindo para a sacada. A noite derramava seu véu diáfano pelo firmamento, filtrando os últimos raios de sol. Certamente, *monsieur* Deveril não se oporia a que ela tomasse um pouco de ar fresco. E o jardim era tão próximo, apenas a um lance de escadas. Ainda estaria nas dependências do hotel. E ele não esperava que ficasse confinada tal qual um canarinho numa gaiola.

Desceu os degraus para o terraço. À esquerda, ficava o jardim ornamental, onde uma fonte borrifava graciosa. À direita, um canteiro de ervas, separado por um muro baixo de pedras. Um aroma de salvas e alecrim enchia o ar e ela o seguiu. Aspirar um pouco daquele perfume era extremamente relaxante. Sem dizer que, ali, era pouco provável que se deparasse com Deveril e sofresse uma reprimenda.

Assim que galgou o pequeno muro, entretanto, ouviu a voz dele. Vivienne recuou contra o tronco de um carvalho frondoso, na esperança de se ocultar em suas sombras.

— Os americanos não têm vez no território de Oregon. Os ingleses firmaram nele sua propriedade há muito tempo.

— Concorde plenamente, Sr. Deveril. Vai haver conflito, sem dúvida.

Ela não reconheceu a voz grave, de sotaque nitidamente britânico. Um segundo depois, dois homens passavam por ela, as feições quase indistintas ao crepúsculo. Deveril e um senhor. Prendeu a respiração, esperando que eles se afastassem para poder escapular de volta ao quarto, despercebida. Todavia, Deveril estancou.

— Ahn... Creio que derrubei meu lenço no caminho. Se quiser prosseguir,

McSweeney, fique a vontade. Eu me encontrarei com você em instantes.

O homem concordou, apanhando um charuto no bolso e desaparecendo em seguida. Deveril tomou a direção dela e Vivienne encolheu-se detrás do casco áspero da árvore, vendo-o passar pelo local e sumir na escuridão. Aguardou um momento, por precaução, sem mover um milímetro, até ter certeza de que estava sozinha. Depois, soltando o ar, aliviada, deu meia-volta para correr.

Em vão. Dedos fortes fecharam-se em seu braço, detendo-a.

— Que pensa que está fazendo? Eu disse para ficar no quarto!

O coração dela disparou. Deveril já não soava tão paciente quanto naquela tarde. Nervosa, brincou com uma mecha de cabelo, enquanto enfrentava o olhar severo.

— E-estava muito quente. Eu... Já ia voltando para o quarto.

— O que ouviu?

— Eu? Nada! Você me assustou. Pensei que estivesse sozinha.

Deveril estudou-lhe a expressão por alguns segundos.

— Consegue mentir sem ficar vermelha, *mademoiselle* Vivienne?

— Às vezes.

Ele deixou escapar uma risada, libertando seu braço.

— Sabe de uma coisa? Deram-lhe o nome errado.

— Como assim?

Ele tomou-lhe o queixo, erguendo-o para ele.

— Deviam chamá-la Vivaldina, raposinha.

O toque das mãos e a proximidade dele hipnotizaram Vivienne. De súbito, já não podia se mover e respirava com dificuldade.

O momento se prolongou. Deveril a fitava, enfeitiçado. A penumbra apagava do rosto de Vivienne seus traços infantis. Observou as linhas bem desenhadas e quase pôde ver como seriam dali a um ano ou dois... De tirar o fôlego. Sedutoras. Femininas. Tentadoras. Desejou estar por perto para testemunhar a transformação.

Uma porta abriu-se em algum lugar e o encantamento teve fim. Deveril deslizou o braço para o dela e puxou-a em direção aos degraus.

— Vou levá-la para o quarto.

Alguns passos depois, tornou a falar.

— O que pretende fazer da vida, agora que terminou os estudos, *mademoiselle*?

— Não sei. Imagino que deva me casar e constituir família. Charlotte contou que meu pai andou fazendo uns arranjos.

— Que obviamente não lhe agradam...

Ela vacilou um instante.

— Ainda não pensei muito no assunto. Você vê, as mulheres têm tão pouca escolha! Cheguei a achar que queria ser freira, mas irmã Albina me convenceu de que eu não tinha lá muita vocação.

— Não. Não consigo imaginá-la fazendo votos de pobreza e obediência.

"Ou castidade...", completou ele, em pensamento. Algumas mulheres não nasciam para morrer sem serem amadas. Vivienne era uma delas.

Ela percebeu que ele reprimia um sorriso e estancou ofendida.

— Não é educado rir de uma dama.

Antes que ele pudesse replicar, um barulho de cascos e rodas de ferro chegou até eles, vindo do pátio. Uma carruagem, sem dúvida. Uma voz grave se fez ouvir e um cavaleiro saiu da estrebaria carregando uma tocha.

Vivienne reconheceu o condutor e seus olhos azuis cintilaram à luz bruxuleante do fogo.

— É Jacques, criado de meu pai!

Suspendendo um pouco a saia, correu de encontro à carruagem, à medida que a portinhola era aberta.

— Papai! Papai!.

Deveril a seguiu, devagar, observando. O homem que desceu do carro, contudo, pareceu-lhe jovem demais para ter uma filha moça. Não havia mais ninguém no coche e o veículo afastou-se em direção à estrebaria. Algo estava errado. Podia sentir isso.

Apertou o passo até alcançar Vivienne, que estancara surpresa.

— Bertrand!? Mas... Onde está meu pai?

O recém-chegado era um rapaz distinto, de estatura média, cabelos loiros penteados com brilhantina e um colarinho alto. Parecia um boneco de vitrine, mais do que um homem de bom senso, exceto pelo olhar preocupado, sombreado por longos cílios negros, e a linha apertada dos lábios.

— *Mademoiselle Rocque*... — Curvou-se numa mesura. — Vivienne, minha criança.

— Trazia na voz tons estudados de alguém prestes a anunciar uma desgraça. Vivienne empalideceu.

— O que foi? Diga de uma vez!

Bertrand limpou a garganta. Era óbvio que não planejava divulgar suas notícias em público, porém ela avançou contra ele, as mãos pequenas agarrando-lhe as mangas.

— Onde está meu pai?

— *Ma pauvre petite*, precisa ser forte. Aconteceu um acidente. Seu pai sofreu uma queda esta manhã. O cavalo... — Balançou a cabeça, em desalento. — Vivienne, seu pai... está morto.

— Não!! Oh, meu Deus, não!

Ela deu um passo para trás, completamente zonza. Sentiu o calor abandonar-lhe o corpo, o frio tomando conta dela, paralisando-a.

Bertrand estendeu-lhe os braços, porém ela não conseguia se mover. Foi o toque gentil de Deveril em seus ombros que atravessou o gelo que ameaçava envolvê-la. E foi para ele que ela se voltou por instinto, enterrando o rosto em seu peito enquanto soluçava convulsivamente.

A intensidade de sua dor o abalou. Deveril envolveu-a nos braços, sentindo-se ele próprio mais indefeso do que jamais fora.

Josh Deveril partiu antes da aurora, quando a luz não passava de uma promessa no Leste. Seus pensamentos, que deveriam estar voltados para os últimos preparativos em prol da expedição, revolviam, em vez disso, em torno do destino de uma garota que nem sequer conhecia. Nada tinha a ver com *mademoiselle* Vivienne Rocque, e no entanto sentia remorsos em deixá-la.

Suspirou fundo. Ela, certamente, não precisava de auxílio. Tinha a prima, amigos, uma próspera plantação em Juniper Hill e um pretendente que não fazia segredo de suas boas intenções. A vida de Vivienne era na Luisiana, enquanto a dele fincaria raízes no Noroeste. Anos se passariam antes que ele tornasse a cruzar aqueles caminhos. Tinha uma missão a cumprir. Uma missão que não podia esperar mais. E, ainda assim, a consciência o torturava à medida que vencia quilômetros sob os cascos do cavalo.

Deitada na cama enorme da Estalagem do Trevo, Vivienne fitava o nada, os pensamentos tumultuados. Era como se estivesse num outro plano, onde imagens do pai, irmã Clotilde e Charlotte mesclavam-se com as de um estranho forte, de cabelos loiros, olhos azuis penetrantes e braços que a abrigavam com calor e ternura.

Uma aflição repentina a fez chutar as cobertas. O quarto estava abafado demais. Até o travesseiro parecia quente, embora ainda úmido das lágrimas que derramara. Agora, os olhos estavam secos e as têmporas latejavam.

Ergueu a cabeça e o quarto girou.

Então começaram os tremores. Tão violentos que mordeu a língua e sentiu o gosto de sangue. Tão intensos que acabaram por acordar Charlotte.

— O que está fazendo, Vivienne? — resmungou a moça, ainda de olhos fechados.

A agitação da prima, contudo, a fez sentar-se, atordoada. Vivienne batia os dentes,

pálida feito cera, o rosto e o corpo encharcados de suor.

— Oh, *Mon Dieu*! O que é isso, agora?! — Assustada, Charlotte buscou a sineta.

Vários minutos se passaram antes que uma camareira de faces rosadas entrasse, trazendo uma bandeja de chá.

— Não imaginei que as senhoritas fossem acordar antes do meio-dia. Mas pelo visto estava eng... — A voz dela falhou quando se voltou na direção da cama. — Minha nossa, há quanto tempo ela está assim?!

— Não sei, acabei de acordar.

— Vou buscar a Sra. Creek. Ela deve saber o que fazer — murmurou a mulher, consciente de que o primeiro passo era manter aquilo em sigilo. Nada podia esvaziar um hotel mais rápido do que a ameaça de uma doença infecciosa. E se os hóspedes se fossem... Podia dar adeus também ao emprego.

Cerca de meio-dia, enquanto Deveril dava ordens nas proximidades do porto, Vivienne delirava. Rostos distorcidos assomavam diante dela, desaparecendo em seguida. Vozes sussurravam, as palavras embaralhando-se num só eco. Tinha a impressão de que Deveril lhe falava, mas, quando abria os olhos, via apenas uma mulher estranha de cabelos ruivos e meio grisalhos. Tentava falar também, porém o esforço era grande demais e tornava a se perder num mundo turbulento de sonhos.

Ao cair da noite, não apresentara nenhuma melhora e a governanta convenceu o gerente a chamar um médico. Só uma coisa podia ser mais desastrosa para um estabelecimento hoteleiro do que a propagação de uma calamidade daquelas: a morte de um hóspede. A Estalagem do Trevo não podia correr riscos.

Bertrand tampouco. Seu gosto geralmente se voltava para mulheres experientes, e seu interesse por Vivienne originava-se mais em sua vultosa herança do que em seu charme juvenil. Todavia, ela se tornara uma verdadeira beldade nos últimos meses... E agora ele a queria.

Praguejou baixinho, vendo sua chance de se tornar senhor de Juniper Hill oscilar feito a chama de uma vela sob um sopro de brisa. Vivienne não podia morrer. Tinha de sobreviver para se casar com ele.

Enquanto aguardava no corredor, um homem abatido e atarracado deixou a suíte, carregando sua maleta médica.

Bertrand pôs-se à frente dele, detendo-o.

— Como está ela, doutor? Vai se recuperar logo?

— É parente da jovem?

— Sou noivo de Vivienne — afirmou sem hesitação. — Vamos nos casar no mês que vem.

O homem o estudou, atento. Uma frieza daquelas não condizia com um homem apaixonado.

— Eu não faria planos. — Ergueu as sobrancelhas grossas. — Creio que *mademoiselle* Rocque não passa desta noite. Um dos piores e mais fulminantes casos de malária com que já me deparei. Uma pena.

Um misto de raiva e descrença tomou conta de Bertrand.

Uma vez sozinho, rumou para o jardim, acendendo um charuto. Passara a vida na expectativa de conquistar Vivienne Rocque e Juniper Hill, a plantação que ela herdara agora com o falecimento prematuro do pai. E, de repente, estava ameaçado de não conseguir coisa alguma!

Vagou pelo pátio, terminou o charuto e atirou-o num canteiro. Se ainda fosse Charlotte a vítima da febre... Charlotte, cujos lábios estavam sempre apertados pela inveja. Charlotte, que lembrava Vivienne em tudo e que, ainda assim, não passava de uma sombra pálida da prima. Que ironia ser ela a sobrevivente!

Bertrand estancou de súbito, o rosto iluminando-se com a idéia. A notícia de que Vivienne encontrava-se à beira da morte o atordoara, mas havia uma possibilidade de que

conseguisse levar seus planos adiante por meio da prima dela.

Charlotte era a chave e só precisava pensar numa estratégia de conquista e armar-se de uma boa dose de charme.

Sorriu. Quanto mais examinava a hipótese, mais as esperanças se renovavam.

Com passadas confiantes, Bertrand tornou a entrar. Galgou as escadas para o segundo pavimento, tomou assento no corredor e aguardou, até que a camareira deixou a enfermaria. Ao vê-la desaparecer corredor adentro, bateu à porta da sala de espera.

Charlotte veio abri-la.

— O que quer? — Tinha os olhos vermelhos e, em meio ao nervosismo, mordera o lábio, que agora estava inchado.

Bertrand jamais a vira tão pouco atraente. No entanto, tomou-lhe a mão, pressionando-a entre as dele.

— Minha querida Charlotte... Precisamos conversar. — Entrou, sem cerimônia.

Recuando, ela enxugou o rosto com as costas da mão. Apesar da inveja que sempre tivera de Vivienne, gostava da prima tanto quanto sua natureza lhe permitia. No momento, contudo, as lágrimas eram por si mesma. O que seria de sua vida, agora que tio Claude estava morto e Vivienne seguindo o mesmo destino? Fungou, deprimida, assoando o nariz.

— Minha pobre criança!

Bertrand a envolveu pelos ombros, o que a surpreendeu agradavelmente. Certa vez, na biblioteca de Juniper Hill, ele a tinha beijado e ousado fazer algumas carícias. Desde então, sonhava acordada com a repetição da experiência.

Mas não nas atuais circunstâncias. Ainda assim, podia sentir o calor do corpo dele reconfortando o seu, e predispondo-a a partilharem novamente de intimidade.

Bertrand estava bem consciente de seu efeito sobre ela. Charlotte sempre o seguia, feito um animalzinho de estimação. Uma vez divertira-se testando suas reações, todavia ela não chegara a interessá-lo sexualmente.

Virou-a para ele, segurando-a pelo rosto.

— É corajosa, Charlotte?

Ela lançou um olhar temeroso na direção da porta fechada da enfermaria.

— Oh, Bertrand! Ela morreu?

— Ainda não, *ma petite*, mas com certeza isso não vai demorar. Por isso perguntei se é corajosa... *Monsieur* Rocque havia planejado um bom casamento para você, contudo não a beneficiou em seu testamento. Sei disso, pois fui a testemunha da assinatura.

As lágrimas secaram no rosto borrado da moça.

— O que está dizendo? — Agarrou-o pelas mangas. — O que será de mim, então?!

— Vivienne e eu deveríamos nos casar este verão. O contrato estava inclusive assinado. Teríamos vivido felizes para sempre em Juniper Hill... nós três. Porém, ela mesma não fez nenhum testamento. Quem poderia imaginar uma dupla tragédia dessas?

Charlotte piscou, em estado de choque. Não conseguia falar. Bertrand acariciou-a no rosto.

— Com Vivienne morta, todos os seus bens reverterão para um primo distante de *monsieur* Rocque que vive nas proximidades de Paris. Alguém que não tem nenhum laço de sangue ou afeição por você.

Os olhos dela tornaram a ficar embaçados pelas lágrimas, à medida que ele prosseguia.

— Pense bem no que se tornaria: uma escrava dos caprichos de um velho sovina.

Charlotte começou a tremer. Bertrand percebeu que a tinha nas mãos e apertou-lhe os ombros rígidos.

— Ou talvez ele a expulse da propriedade. Afinal, não tem nenhuma obrigação para com você. Quem irá lhe dar comida, roupas e um teto, então? Será abandonada sem dinheiro algum, e tudo por uma manobra ingrata do destino.

— Não é justo! — ela se revoltou, lívida. Isso não é justo!!

— Claro que não. Mas também não seria se Vivienne herdasse tudo e você, minha querida Charlotte, continuasse dependendo da caridade dela até para comer. — A mão dele deslizou de leve para o corpete do vestido, circundando um dos mamilos. Ela estremeceu e recostou-se nele, ofegante. Não era nenhuma beldade, considerou Bertrand, mas poderia ser um brinquedo interessante. Baixou a voz: — Nunca imaginou trocadas suas posições? Você como dona de Juniper Hill em vez dela?

Charlotte tentou virar a cabeça, porém ele já havia visto o brilho dos olhos verde-escuros. Puxou-a mais para si, envolvendo-a nos braços.

— O que não daria, Charlotte, para ser a senhora de Juniper Hill?

De súbito, ela compreendeu aonde ele queria chegar, e seus pensamentos arrastaram-se num turbilhão. Por que um parente unha-de-fome dos Rocque tinha de ficar com a herança, deixando-a em circunstâncias piores do que antes?

Era como estar num caminho estreito entre dois abismos.

Trêmula, buscou Bertrand com o olhar. Ele lhe sorria, e seu sorriso era cheio de promessas.

Deixou-se abraçar, subitamente tonta com a perspectiva que se descortinava diante dela. Podia ter Bertrand e Juniper Hill. Aquilo que sempre sonhara.

Tudo o que tinha a fazer era assumir o lugar da prima.

CAPÍTULO III

Um ruído surdo e contínuo levou Vivienne de volta aos sonhos. Um cavaleiro, pensou, todo dourado brilhando ao sol.

Mas ninguém veio em seu socorro. Estava só no braço sombrio de um rio, onde formas escuras resvalavam pelas águas densas de um mangue.

Agora o som era o ribombo abafado dos tambores de escravos, chamando uns aos outros nas vozes misteriosas da África. Continham uma mensagem para ela.

Se conseguisse entendê-la...

Franziu a testa ante a batida cadenciada e o movimento só fez aumentar sua agonia. Atordoada, percebeu que os tambores eram, na verdade, o pulsar do sangue em suas têmporas.

Mexeu a cabeça, soltando um gemido.

— Acho que ela está acordando.

— Deus seja louvado.

A voz era baixa, porém reverberou na cabeça de Vivienne feito o badalar de um sino. Ela se obrigou a abrir os olhos, e as águas ameaçadoras do pântano desvaneceram. À luz de uma única lamparina, enxergou um teto alto, totalmente desconhecido.

— Tome, *ma petite*, beba isso.

Uma caneca de folha de flandres esmaltada oscilou à frente dela antes de ser levada a seus lábios, ao mesmo tempo em que um toque gentil erguia seus ombros do travesseiro úmido. Vivienne sorveu o líquido refrescante com sabor de limão e ervas, mas quando tentou falar, tudo o que conseguiu emitir foi um murmúrio rouco.

E o esforço a deixou exausta. Sentiu as pálpebras se fecharem pelo que lhe pareceu alguns segundos. Quando tornou a abri-las, todavia, deu-se conta de que era de manhã. A aurora filtrava-se, rosada, pelas cortinas que cobriam as janelas na parede oposta. Estava numa sala caiada, bastante estreita e espartana ao extremo, com uma série de

macas de ferro vazias alinhadas ao lado da sua.

Vivienne tentou sentar-se e olhar ao redor, porém seus músculos não obedeciam. Por um segundo pensou, aterrorizada, que estava parálitica. Mas então viu a finura dos próprios braços e se deu conta de que não conseguiria se movimentar sem ajuda. Estava fraca demais.

Que lugar era aquele? Há quanto tempo estava ali? E por quê?

Dominou o pânico e obrigou-se a lembrar. A sala era, sem dúvida, uma espécie de enfermaria. Fechou os olhos e fragmentos nebulosos de lembranças começaram a juntar-se até adquirir sentido. Lembrou-se dos mortos e das ruas desertas, da jornada acidentada no coche. A moça doente... As imagens brotavam, atordoantes. *Monsieur Deveril* tinha vindo resgatá-las e, na Estalagem do Trevo, Bertrand...

Não!

Vivienne ergueu-se de um salto, o corpo banhado de suor.

"Vivienne, seu pai... está morto." Morto. Morto...

Desesperada, ela tentou acreditar que as palavras de Bertrand eram resquícios de um pesadelo, ou mais um delírio da febre. O gelo dentro dela, todavia, atestava o contrário.

Um farfalhar de saias veio da porta e uma senhora gorda de cabelos brancos entrou, carregando uma pequena bandeja. Olhos azuis muito meigos arregalaram-se, surpresos.

— Ora, ora! Não deveria estar sentada, *ma petite*! Seja uma boa menina e deite-se já!

Vivienne tossiu de leve e as palavras que não conseguira pronunciar na noite anterior saíram num sussurro.

— Fiquei doente, não é?

— Muito.

A mulher aproximou-se, afobada, pousando a bandeja num aparador, ao lado da maca. Em seguida afofou os travesseiros e acomodou sua paciente com delicadeza e segurança. Trajava um vestido azul remendado, porém imaculadamente limpo, ainda que cheirasse a sopa e camomila.

— Até a noite passada estava desenganada, minha querida. Agora tome este caldo. Depois vou banhá-la e mandar chamar o Dr. Le Veque.

Antes que Vivienne pudesse protestar, a enfermeira levou-lhe uma colherada de sopa aos lábios, obrigando-a a engolir o líquido morno para não engasgar. Não tinha forças para resistir, e a fraqueza a desesperou. Num esforço, virou a cabeça e parte do caldo escorreu por seu queixo.

— Por Deus, *madame*, que lugar é este e há quanto tempo estou aqui?

— Esta é a Casa de Saúde Sacre Coeur, *mademoiselle*, fundada pela viúva Voison. Está conosco há seis semanas, sofrendo de febre terciária e uma inflamação no cérebro.

— *Seis semanas?!*

— *Oui.*

Vivienne demorou a assimilar a informação. Quando o fez, soltou uma exclamação abafada. Estava num hospital de caridade, lugar de mendigos e indigentes!

— Mas não sou pobre! Como pode ser isso? Por que não me levaram para minha fazenda, Juniper Hill, onde eu poderia ser tratada por meus criados?!

A mulher a fitava, patética, e Vivienne a encarou com raiva.

— Exijo falar agora mesmo com o responsável por este lugar! E onde está minha prima, Charlotte Thibideau?!

— Mas...

Um ruído na porta chamou a atenção para um senhor baixo que entrava. Ele fez uma pausa na soleira, observando a comoção através de um pincenê.

A enfermeira ensaiou uma reverência.

— Está acordada, Dr. Le Veque, e fazendo perguntas.

O homem se aproximou da maca, examinando Vivienne quase com severidade.

— Meus parabéns, *mademoiselle*! Eu não imaginava, sinceramente, que fosse sobreviver a esta noite.

Fraca como estava, Vivienne empertigou-se.

— Parece até desapontado, *monsieur*.

Para surpresa dela, o médico sorriu, juntando as mãos, satisfeito.

— Pelo que vejo, já se encontra bem lúcida. Chegamos a imaginar que... — Parou, franzindo a testa diante dos gestos que a enfermeira fazia fora do ângulo de visão da paciente. — O que foi?

— A menina perguntou sobre os criados dela, e por que motivo não foi levada para sua... fazenda, onde pudesse se recuperar.

— Isso mesmo — interveio Vivienne, embora quase sem forças. — Também quero saber onde estão meu cordão de ouro e o camafeu que uso desde os sete anos de idade.

O médico apanhou uma cadeira, posicionou-a ao contrário e sentou-se, cruzando os braços sobre o espaldar. Continuou a observá-la, introspectivo, os olhos castanhos quase tristes.

— Conte-me, *mademoiselle*, se puder, quem é e de onde veio.

— Meu nome é Vivienne Louise Rocque. Meu pai e... — a voz dela falhou — era Claude Henri Rocque, senhor de Juniper Hill. Eu e minha prima, Charlotte Thibideau, vínhamos voltando do Colégio Santa Úrsula, em Nova Orleans, por causa da epidemia. Estávamos alojadas na Estalagem do Trevo quando recebi notícias do falecimento de meu pai. — Engoliu em seco. — Depois disso, *monsieur*, não me lembro de mais nada até que acordei nesta sala.

Fez-se um silêncio tão profundo que o tique-taque do relógio de bolso do médico tornou-se perfeitamente audível. Ele se voltou para a enfermeira.

— Prepare cinco gotas de láudano. — Tornou a fixar o olhar em Vivienne, sério. — *Mademoiselle*, receio que a febre tenha deixado algumas sequelas. Neste caso, costumo receitar uma sonoterapia leve, alimentação adequada e uma boa dose de ervas amargas. Com o tempo e sua excelente capacidade de recuperação, não vejo motivo para que não volte ao seu estado normal.

— Mas... Não entende? Não quero ficar aqui! Quero ir para casa!

A comiseração na expressão do doutor era genuína.

— *Mademoiselle*, sinto dizer, mas está padecendo de uma confusão causada pela doença. Não tem nenhuma fazenda e nem criados. Na verdade, não tem nem mesmo um lar.

Ela tentou se erguer sobre os cotovelos, em vão. As cobertas pareciam de chumbo.

— Está louco, doutor?! Estou dizendo que sou Vivienne Louise Rocque, herdeira de Juniper Hill! Se não acredita, mande chamar minha prima, *mademoiselle* Charlotte Thibideau, e ela lhe confirmará tudo!

A enfermeira retornou nesse instante, levando aos lábios dela uma poção amarga.

— Engula, *ma petite*.

Vivienne obedeceu, resignada. Falar esgotara suas energias. O médico tomou-lhe o pulso, reservado.

— Descanse, agora. Vamos dar tempo ao tempo. Quando acordar, as coisas vão estar mais claras.

O sedativo teve efeito quase imediato e, quando Vivienne adormeceu, Le Veque voltou-se para a enfermeira.

— Uma dracma a cada quatro horas. É essencial que ela permaneça calma. Só assim o cérebro pode se recuperar.

— Perfeitamente, doutor.

O médico mirou o rosto pálido recostado ao travesseiro.

— Espero que daqui a alguns dias ela já tenha superado esta fase de delírios e

possa revelar sua verdadeira identidade.

— E se isso não acontecer?

Ele suspirou profundamente.

— Então não teremos alternativa. Precisaremos interná-la definitivamente.

Deveril cruzou o jardim da Estalagem do Trevo com passadas seguras, detendo-se vez ou outra para inspecionar a área. O orvalho salpicava a relva e emoldurava as pequenas teias entre os oleandros.

Galgou os degraus em curva para o segundo pavimento, em silêncio, adentrando o prédio por uma das portas destrancadas. A sala encontrava-se vazia e na penumbra. Fez uma pausa para secar as botas, ajeitar o cabelo e a gravata, depois avançou em direção ao saguão e desceu as escadarias para o refeitório.

Uma vez na claridade da sala pintada de branco e dourado, cerrou as pálpebras de leve. O gesto, somado às linhas de fadiga nos cantos dos olhos azuis, intensificou-lhe o ar sonolento de quem acabara de acordar.

— Por aqui, *monsieur* Deveril.

Ele seguiu o garçom até uma mesa sob uma janela em arco, onde um rapaz forte e de boa aparência o aguardava.

— Bom dia, Waggonner. — Ocupou uma das cadeiras vazias. — Onde estão Ethan e o Sr. McSweeney?

— Ethan provavelmente ainda está dormindo. — Olhos castanhos claros fixaram-se em Deveril. — Mas McSweeney levanta cedo. Na verdade, acho que o escutei passar por minha porta pouco antes do amanhecer. Não ouviu?

Deveril aceitou uma xícara de café do garçom, olhando o companheiro de relance.

— Não. Dormi o sono dos justos.

Foram servidos pratos de presunto e salsicha com ovos mexidos, acompanhados por canjica, biscoitos e melado. O café da manhã farto foi consumido com gosto, embora as outras duas cadeiras permanecessem vazias. Deveril notou os constantes olhares de Waggonner para a entrada e sorriu.

— Ansioso pela chegada dos suprimentos ou está de flerte com alguma das garçonetes?

— Tenho compromissos em St. Anne e queria falar com McSweeney antes de ir embora. Se o vir, diga-lhe que estarei de volta para a ceia.

— Pode deixar.

Waggonner afastou a cadeira e pôs-se de pé. Deveril recostou-se no espaldar, aparentemente tranquilo. Apenas quem o conhecesse a fundo teria notado a linha rígida nos lábios ou a tensão dos ombros largos sob a casaca bem talhada.

Mantinha essa postura, quando um jovem magricela de cerca de dezessete anos irrompeu refeitório adentro rumando para a mesa. Os olhos inchados, o bocejo reprimido, assim como a gravata torta, diziam tudo.

— Bom dia, Ethan. Dormiu bem?

— Feito uma pedra. — O rapaz deixou-se sentar numa cadeira e apanhou o guardanapo. Concentrou-se em se servir da variedade de pratos, perdendo o olhar especulador do tio.

— Espero que não tenha esquecido o que conversamos.

— Não, senhor.

— Ainda bem, pois logo será testado.

Ethan ergueu a cabeça, decidido.

— Não vou decepcioná-lo. Onde estão os outros?

— Waggonner foi para St. Anne.

— E o Sr. McSweeney?

Deveril passou os biscoitos ao sobrinho.

— McSweeney está morto. Foi assassinado no jardim, ontem à noite.

Ethan havia acabado de tomar um gole de café quente. Engoliu-o com determinação, pousando a xícara com firmeza, ainda que tivesse o rosto branco.

— Quando foi isso? Quem encontrou o corpo?

Deveril fitou-o, atento.

— Ainda não encontraram.

Ethan limpou a boca com o guardanapo.

— Muito bom, Ethan. Muito bom mesmo. — Deveril estendeu-lhe a mão. — Estou certo de que vai se provar indispensável na expedição.

Um sorriso fraco suavizou a palidez do rapaz.

— Quer dizer que... estou nela?

— Até o pescoço. — Deveril empurrou a cadeira e ergueu-se. — Preciso verificar o embarque dos suprimentos. Devo voltar no fim da tarde.

Estava prestes a deixar o refeitório, quando o gerente apareceu, torcendo as mãos, nervoso. Deveril ergueu as sobrancelhas de leve.

— Algum problema, *monsieur* Du Bois? Parece que viu um fantasma...

O homem olhou a sala semideserta antes de falar num tom discreto, porém angustiado:

— Uma tragédia, *monsieur* Deveril. Um estranho foi encontrado no jardim... assassinado!

A expressão de Deveril não traiu seu conhecimento.

— Sinto muito. É mesmo uma tragédia — concordou, inexpressivo, antes de se afastar.

Vivienne encontrava-se na horta da casa de saúde colhendo legumes para a sopa do jantar quando o ranger das rodas do cabriolé do Dr. Le Veque chegou-lhe aos ouvidos. Ele devia estar de saída, deduziu, esperando livrar-se da aula de catecismo. Pouco depois, todavia, o médico caminhava pela trilha na direção dela.

Com um suspiro, Vivienne ergueu-se, limpando as mãos na saia propositadamente, de modo a deixar duas grandes manchas de terra no tecido. Odiava aquela roupa verde-ervilha. Mas era a única que possuía para o trabalho diário e sabia que não conseguiria outra até que aquela estivesse imunda.

Le Veque saudou-a com uma reverência antes de estudar seu rosto pálido. Ela não devia estar tão abatida. Aquilo só podia ser reflexo da cor ingrata de seus trajes. E, claro, Vivienne encontrava-se ainda muito magra.

— *Bonjour, mademoiselle.*

Ela curvou-se numa mesura graciosa, reprimindo a rebeldia.

— *Bonjour, monsieur le docteur.* Ele parou a alguns passos para observá-la.

— Será que pode me dizer agora, criança, qual o seu nome, de onde veio e como chegou aqui?

— *Oui, monsieur.* — Mantendo a cabeça baixa, Vivienne obrigou-se a aparentar calma, apertando as mãos. — Meu nome é Charlotte Thibideau. Sou órfã, não tenho ninguém. — Engoliu em seco, as mentiras queimando como se fossem lava em sua garganta. — Fui vítima da febre terciária enquanto viajava num coche, vindo de Nova Orleans. Estranhos me trouxeram para a casa de saúde, gentilmente, para que eu me restabelecesse.

Le Veque abriu um sorriso.

— Muito bom! Estou satisfeito com seu progresso. Está recuperando suas faculdades mentais e, com o tempo, o mesmo acontecerá com sua energia física. Obviamente precisamos ficar atentos a qualquer sinal de reincidência da febre. Ela pode chegar repentina... e violentamente.

Vivienne ergueu o queixo, desafiante. Não sofreria nenhuma recaída. Tinha certeza. Sua resistência e determinação não permitiriam.

— Eu lhe asseguro, doutor: sinto-me bastante forte.

— Certo, certo. A Sra. Savard me contou que tem bastante disposição para o trabalho. Talvez possa ficar na Sacre Coeur e aprender o ofício de enfermeira quando estiver totalmente recuperada.

Vivienne sorriu docemente, segurando a língua. "*Nem morta!*", pensou, curvando-se em nova reverência. À medida que o médico se afastava, colheu uma pimenta madura. "*Assim que eu estiver recuperada, monsieur le docteur, pego o caminho de volta para Juniper Hill. Nem que seja a pé!*" Arrancou outra pimenta, desta vez com fúria. "*E quando eu chegar, minha querida prima Charlotte terá muitas explicações a me dar.*"

Uma pontada de insegurança a fez reconsiderar. Talvez Charlotte não fosse a culpada. Talvez estivesse morta e enterrada em algum lugar. Ou, então, por que não teria vindo à procura dela?

Um pássaro entoou seu canto. Vivienne permaneceu tão embrenhada na turbulência das próprias emoções, que nem sequer percebeu o cabriolé do médico afastar-se em direção aos portões. Enchendo a cesta rapidamente, caminhou de volta para a varanda da cozinha, notando que a ansiedade, mais do que a tarefa leve, a tinham exaurido. Não estava tão forte quanto imaginava.

Quando abriu a porta, já arrastava os pés. E foi apenas por ter enganchado a saia numa lasca do batente que girou o corpo e avistou o visitante a cavalo.

O sol fez brilhar, através das árvores que orlavam a vereda ao longe, os arreios de ferro de um garanhão castanho. Vivienne viu de relance o cavaleiro e algo familiar em sua postura a fez franzir a testa. Olhou mais atentamente. Os cabelos dourados contrastavam com a pele morena e seu perfil... O coração dela disparou.

— *Deveril.*

Largando a cesta sem se preocupar com seu conteúdo, pôs-se a correr pelo pátio com toda a velocidade de que foi capaz.

Deveril não se deu conta de que sua aproximação fora notada e manteve o olhar fixo em seu destino. Um lugar melancólico, de um abandono propício. Ao final do caminho, uma trilha tomada de ervas daninhas levava à casa de saúde: um sobrado amplo que, uma vez propriedade particular bem conservada, agora se escondia atrás das árvores ressequidas.

Quando alcançava a entrada, um cabriolé aproximou-se, descendo o caminho acidentado. Deveril desmontou, soltando as travas dos portões. Le Veque reconheceu-o, de pronto.

— *Bonjour, monsieur Deveril.* Veio saber da paciente que nos trouxe aquele dia, não?

— Boa tarde, doutor. Sim, tenho me perguntado como ela anda.

O médico suspirou.

— Sinto informar que a pobre mulher morreu sem nem mesmo nos revelar seu nome. Mas, graças ao senhor, ainda fomos capazes de aliviar seu sofrimento. Nada pudemos descobrir sobre sua identidade. Estava registrada na lista do coche como Srta. Mary Smith, de St. Louis, mas as autoridades não conseguiram contatar a família.

— É uma pena.

— Também acho. Temos visto muitos casos assim, ultimamente.

Deveril sentiu a morbidez do lugar abatê-lo. Não tinha por que permanecer ali.

— Se me disser o custo dos cuidados que dispensou a ela, eu o reembolsarei.

— A quantia que nos deixou foi mais do que suficiente. Ela não viveu mais que um dia. Eu é quem preciso reembolsá-lo. — Le Veque remexeu o bolso da casaca, porém Deveril o deteve com um gesto.

— Aceite o excedente como donativo para sua instituição, doutor. Estou certo de que fará bom uso dele. Tenha um bom dia.

Deveril pôs-se de lado, permitindo a passagem do carro. Fez uma pausa, pensativo, depois recolocou as trancas nos portões antes de montar. Deixou que o cavalo trotsasse,

lamentando o fim da pobre moça e perguntando-se o paradeiro das duas garotas que resgatara junto dela, no meio da estrada. O que estariam fazendo agora?

Provavelmente preparando seu enxoval, pensou, revendo com clareza um rosto bonito de olhos azuis e intensos. *Mademoiselle* Vivienne Rocque. Uma menina excepcional, com qualidades excepcionais: generosidade e determinação. Um dia ela se tornaria uma mulher admirável.

Engraçado como não se recordava bem das feições da outra. Taciturna e lamuriante. Era apagada feito o corpo de uma vela, enquanto a prima era a própria chama.

Perdido em devaneios, Deveril incitou o cavalo, alheio à pequena figura que se aproximava aos tropeços pela trilha pouco clara. A respiração de Vivienne saía em espasmos, as pernas fraquejavam, os cabelos grudavam-lhe no pescoço e testa úmidos. Reunindo um resto de força, ela se pusera naquela desesperada corrida. A distância entre eles, todavia, aumentava a cada segundo.

Deveril entrou numa curva e Vivienne tropeçou, indo ao chão. De joelhos, ainda o assistiu sair a galope. Desacorçoada, mal podia acreditar que estivera tão perto de sua salvação.

— Não, *Mon Dieu*, espere!

Deveril não podia ouvi-la. Em um segundo, desaparecia de vista.

Vivienne deixou-se ficar no solo, quase desfalecendo. Sua única chance de escapar àquele pesadelo se fora. Pressionou as palmas contra as faces quentes banhadas de lágrimas, pedindo ajuda a Deus.

E ela veio. Inesperadamente. Inacreditavelmente. Enquanto enxugava os olhos, ouviu o barulho de cascos.

Deveril estava voltando.

Transtornada por uma nova onda de vigor que lhe varreu a fadiga, Vivienne pôs-se de pé e correu pelo campo gritando e agitando os braços.

Desta vez, Deveril a avistou. Segurava o final de uma corrente, onde deveria pender seu relógio, agora perdido, quando notou um movimento mais à frente. Estreitou os olhos ao ver uma menina subir na cerca, consideravelmente atrapalhada pelas saias longas de um medonho vestido verde. Sua surpresa foi ainda maior quando ela o chamou pelo nome.

— *Monsieur Deveril*. — Engasgou, em busca de ar. — Estou tão feliz em vê-lo!

Saltando do cavalo num movimento ágil, ele caminhou até ela, ainda sem reconhecê-la.

— Boa tarde, *mademoiselle*...

O rosto abatido e miúdo a sua frente não lhe era familiar. Mas aqueles olhos... Eram tão vivos, tão ardentes, da matiz de safiras. Uma pausa constrangedora se arrastou, enquanto ele vasculhava a mente à procura de um nome.

— Perdão, eu...

Vivienne empalideceu, agarrando-o pela manga.

— Não diga que não me reconhece, *monsieur*... Oh, andei doente, por isso estou assim! Mas deve se lembrar das duas primas que encontrou à beira da estrada, às voltas com uma vítima da febre. Levou-nos para a Estalagem do Trevo, perto de St. Anne!

Chocado, Deveril finalmente se deu conta de que aquela jovem raquítica era uma das moças que socorrera havia seis semanas. Esforçou-se por ocultar sua surpresa.

— Lembro-me, claro, *mademoiselle*. Só não sei ao certo com qual das duas estou falando...

— Mas sou Vivienne Rocque! — exclamou ela, estupefata. Percebeu a hesitação nos olhos azuis e a história toda lhe veio aos lábios em poucas e nervosas sentenças: desde a febre que a vitimara pouco depois da partida dele, o despertar na casa de saúde sob o nome de Charlotte, até sua inabilidade em convencer Le Veque e a enfermeira de

sua verdadeira identidade. — Entende, agora? Foi tudo um terrível engano!

Deveril fitou-a, reticente.

— E acha que eu posso desfazê-lo?

— Claro!

— Não sei, *mademoiselle*. Chegou a contar a alguém sobre aquele nosso encontro no jardim da estalagem, quando eu a beijei ao luar?

Ela o fitou como se ele houvesse enlouquecido.

— Mas, *monsieur*... Não me beijou em nenhum momento! Apenas ralhou comigo, chamou-me de Vivaldina e me levou de volta ao quarto!

Deveril sorriu. Ela havia passado no teste.

Ao testemunhar a transformação no rosto moreno, Vivienne sentiu-se revigorar. Sabia que tinha encontrado pelo menos uma pessoa disposta a acreditar nela. O pesadelo chegara ao fim. Estava salva.

Observando-a, Deveril pensou na urgência de sua missão, nos atrasos que esta já sofrera, nos dias que poderia perder tentando convencer o Dr. Le Veque de que Vivienne continuava mentalmente sã. Pensou também nas agruras pelas quais ela devia ter passado nas últimas semanas e que a haviam transformado àquele ponto. Vivienne permanecia alheia ao seu conflito interior. Parecia já antecipar seu retorno a Juniper Hill e um sorriso trêmulo brincava em seus lábios.

Foi esse sorriso que pesou a seu favor. Afinal, refletiu Deveril, ainda contava com mais cinco dias para pôr em marcha a expedição.

Uma vez a decisão tomada, ele tratou de colocá-la em prática. Olhou ao redor, cauteloso. Não havia ninguém à vista.

— *Mademoiselle*, confia em mim o bastante para vir comigo agora? Só com a roupa do corpo?

O sorriso de Vivienne se alargou, iluminando-lhe as feições.

— É óbvio que sim! Já me provou seu caráter uma vez. Eu o seguiria até o inferno, se preciso fosse!

— Ótimo. Posso alugar uma charrete em St. Anne, mas por enquanto vai viajar com algum desconforto. — Deveril ergueu-a, acomodando-a sobre o dorso do cavalo antes de montar.

Afastaram-se a galope, despercebidos por quem quer que fosse, ainda que a inquietação dele aumentasse a cada quilômetro percorrido.

Vivienne, ao contrário, estava tomada de otimismo. Tudo daria certo. Logo chegaria em casa.

Algum tempo depois, Deveril saiu da estrada de terra e tomou um atalho sinuoso.

— Vamos parar no Chat Rouge para que possa se refrescar um pouco — esclareceu.

Não muito distante, Vivienne avistou uma taverna rústica e com aparência de abandono. Estranho lugar para um estabelecimento daqueles, pensou. Não era de admirar que não atraísse muita clientela.

Justamente por esta razão, Deveril tinha escolhido o Chat Rouge. Ali não teria que dar explicações ao proprietário, nem a ninguém.

A taverna era humilde e escura, porém as fatias grossas de presunto e queijo e os pães recém-saídos do forno deixaram Vivienne com água na boca. Havia também dois tipos de bolo e três de torta.

Ela analisou as opções, indecisa.

— Estou tão faminta que poderia dar cabo de tudo!

— Vá em frente. — Deveril sorriu. — Quem sabe assim crie um pouco de recheio em volta desses ossos.

A despeito da fome, Vivienne só consumiu alguns bocados de comida. Suas energias pareciam esvaír-se mais rapidamente agora, ele notou, preocupado. Era como

assistir à chama de uma vela se extinguindo em seu final. Ela não conseguiria ir muito longe naquele estado.

— O que comeu não manteria viva uma borboleta, *mademoiselle* — comentou, enquanto passava manteiga num pedaço de pão. — Já é tarde e sua recuperação é muito recente para seguirmos viagem. Creio que seria mais sensato pernoitarmos aqui, ou pode sofrer uma tragédia.

— Aqui? — Vivienne entusiasmou-se com a perspectiva. A taverna era pitoresca, com seu teto de vigas escurecidos pela fumaça. E a idéia de repousar num quarto aconchegante sob o telhado oblíquo era, no mínimo, tentadora. — Eu adoraria!

Deveril a fitou, mal ocultando sua surpresa. O ambiente do Chat Rouge podia ser tolerável durante o dia. Ao cair da noite, contudo, transformava-se num astro de contrabandistas e ladrões, além de ser um conhecido ponto de espionagem para britânicos, franceses, americanos e espanhóis.

— Este lugar atrai uma clientela pouco recomendável, *mademoiselle*. Tão logo quanto possível, estaremos reservando uma suíte na Estalagem do Trevo, em St. Anne. Vai estar mais segura e confortável lá.

Vivienne concordou. Estava exausta e mal aguardava a hora de adormecer num colchão macio. Dormiria tranquila depois de um longo tempo. E feliz. Deveril lhe devolvera a esperança, a alegria de viver.

Ergueu a cabeça e percebeu que ele a observava, absorto. A expressão tão diferente de sua seriedade habitual a fez sorrir. Deveril sorriu de volta, descontraído, os olhos acompanhando o gesto e tornando-o mais jovem, mais bonito.

Seu sorriso, entretanto, veio e se foi rapidamente. Como se ele houvesse baixado a guarda e se arrependido disso.

Vivienne perguntou-se que preocupações o faziam tão solene todo o tempo. Mas não tinha o direito de perguntar.

Ele afastou a cadeira, dizendo:

— Vou falar com o proprietário. Talvez ele possa nos arranjar uma carroça.

Após acomodá-la num quarto pequeno, saiu em busca do velho amigo, Jean Labisse. Mesmo que a garota suportasse a cansativa jornada a cavalo, pensou, uma chegada *triumfal* à Estalagem do Trevo, com Vivienne junto dele na sela feito a heroína de um conto de fadas, chamaria demais a atenção.

Uma hora depois, ao retornar com uma charrete velha, encontrou-a revigorada pelo breve descanso. Ajudava-a a subir no veículo quando o dono da taverna veio ao encontro deles, alvoroçado. Devia ser um pirata, concluiu Vivienne, entusiasmada, observando o bigode farto e o brinco de ouro em uma orelha.

— *Monsieur* Deveril! Acabei de receber uma mensagem para o senhor. De Baptiste.

— Então diga, Labisse.

O homem fitou Vivienne, reticente.

— É particular. E urgente.

Deveril respirou fundo.

— Vamos entrar.

Deixando-a só, eles retornaram à taverna. Deveril não chegou a sumir de vista e Vivienne não pôde deixar de notar a tensão em sua expressão. Ao vir ao encontro dela, todavia, ele reassumiu sua naturalidade.

— Más notícias, *monsieur*? — arriscou, observando-o enquanto ele montava.

— Não. Ao contrário.

Deveril estalou as rédeas e ela soube que o assunto estava encerrado. O cavalo arrancou num trote vigoroso, cortando a paisagem verde e exuberante sob o sol forte. Vivienne sorriu para o azul ofuscante do céu, e um misto de alívio e excitação desfez as lembranças amargas das últimas semanas.

Sulcada por chuvas recentes, a estrada exigiu o máximo da habilidade de Deveril

para que a velha charrete não se despedaçasse. Num ponto mais crítico de trepidação, ele amparou Vivienne com o braço. Instintivamente, ela apoiou a cabeça em seus ombros e foi-lhe difícil soltá-la. Apertou-a de leve antes de endireitar o corpo.

— O carro não é lá essas coisas... Não vamos chegar à estalagem em grande estilo.

— *Monsieur*, estou tão feliz de ter escapado daquele hospício e tão ansiosa em voltar para Juniper Hill, que não me importaria se me levasse para casa num carrinho de mão!

Ele soltou uma risada. Adorava aquele jeito corajoso e bem-humorado com que ela via a vida. E admirava sua fibra!

Suspirou, atribuindo aquela onda repentina de emoção ao próprio cansaço.

Tomavam uma segunda estrada quando Vivienne reparou que, embora a charrete estivesse em péssimo estado, o cavalo tinha a força e a beleza dos melhores puros-sangues. O contraste era gigante e deixou-a intrigada. Deveril continuava cercado de mistérios.

Observou o perfil bem desenhado. Era um homem bonito, além de determinado e cavalheiro. Em nenhum momento a tratara sem delicadeza. No entanto, isso era tudo que sabia dele, enquanto Deveril já conhecia praticamente toda sua história.

Mordeu o lábio, buscando conter em vão a curiosidade.

— Vem a St. Anne a negócios, *monsieur*, ou vive de rendas?

Vindo dela, aquele tipo de sondagem não era de admirar. Ele sorriu, divertido.

— Nem uma coisa nem outra, *mademoiselle*. Sou um vagabundo e aventureiro.

— Acho que está fazendo troça de mim.

— Engano seu. Muita gente me classificaria desta maneira. — Não havia razão para que ela não ficasse sabendo da excursão ao Nordeste, pensou. Quanto mais gente acreditasse que seu objetivo principal era negociar com tribos indígenas, melhor. Desse modo, podia manter oculto o verdadeiro propósito da missão. — Em uma semana, estarei liderando uma expedição de Nova Orleans para o território do Oregon — contou.

— Ah. — Vivienne olhou as mãos. — Quando eu tinha sete anos, meu tio Philipe foi explorar as Montanhas Rochosas. Não voltou mais.

— É uma vida arriscada. Só para heróis. Ou vagabundos e aventureiros.

Ela riu e projetou o corpo para frente, num gesto típico de ansiedade. Sozinhos ou em grupos, homens como tio Philipe avançavam em direção ao distante Pacífico em número cada vez maior. E isso a fascinava.

— Por quê, *monsieur*? O que tem lá que atrai os homens?

— Para alguns, a emoção de desbravar regiões desconhecidas ou de ser o primeiro a ver maravilhas das quais só os índios detêm o privilégio. Para outros, apenas uma tentativa de fazer fortuna.

— Ouro, prata e peles de castor... — comentou ela, fingindo experiência. — Meu pai diz que... — Sentiu a voz falhar, sufocada pela dor. A consciência da perda veio, impiedosa, e ela apertou as mãos como se, com isso, pudesse dominar as emoções. Engoliu com dificuldade, controlando-se. — Meu pai... *dizia* que mais de cem mil castores são caçados a cada ano para suprir a demanda de peles para a confecção de chapéus.

— Verdade. E os caprichos da moda os têm dizimado. Mas parece que a nova mania agora são chapéus de seda, o que pode salvar as pobres criaturas da extinção. Ainda que leve os comerciantes à bancarrota. Quanto aos rumores da riqueza de minérios, ainda não estão confirmados. — Balançou a cabeça. — É a rota para os portos do Pacífico e o comércio com a China que os atrai no momento. Embora a terra seja o verdadeiro tesouro.

Vivienne não desconhecia a disputa entre ingleses e americanos pelo território de Oregon, e a luta lhe parecia totalmente descabida. Desde a aquisição da Luisiana, o território americano atravessava os desertos, estendendo-se até as distantes Montanhas Rochosas. Era terra mais que suficiente. Cansada demais para continuar a conversa, ela

se deixou recostar no banco. Pouco depois, saíam do desvio para a estrada principal de St. Anne, de onde já se podia avistar as colunas brancas da Estalagem do Trevo.

Deveril achou por bem, então, usar de franqueza.

— *Mademoiselle*, nossa situação é um tanto delicada, para não dizer constrangedora. Considerando as circunstâncias em que saiu da estalagem da última vez, e para proteger sua reputação, acho melhor não se manter muito à vista. Talvez até precise adotar outro nome. Assim, duvido que alguém vá reconhecê-la. "Muito menos nesse estado e vestida dessa maneira", completou ele, em pensamento.

— Como quiser, *monsieur*.

— É bom que continue inteligente e audaciosa. — Ele sorriu, satisfeito. — Se seguir minha orientação, prometo que saímos dessa sem muitas dificuldades.

Uma vez na estalagem, Deveril passou as rédeas para um dos cavaleiros. Ao entrarem no saguão de teto alto, percebeu que Vivienne tremia ligeiramente e colocou a mão fria sobre o braço dela; voltar ali podia ser um martírio para ela, entretanto não havia outra pousada no caminho até a fazenda. Nenhuma adequada a uma moça de família, pelo menos.

A suposição de Deveril de que ninguém na estalagem a reconheceria naquelas condições provou-se correta, ainda que a expressão fugidia do recepcionista indicasse que ele próprio, Deveril, acabara de perder a reputação ganha da última vez. Na verdade, a crítica implícita no olhar do corpulento *monsieur* Dumas não passava de inveja pelo número de jovens "desprotegidas" que lhe caíam nas mãos.

Vivienne foi registrada como Srta. Rambeaux e conduzida rapidamente ao quarto para um banho demorado e refrescante. Nem mesmo os cochichos da camareira a respeito de um homem encontrado morto no jardim da estalagem perturbou seu estado de espírito. No dia seguinte, já estaria em casa!

Uma hora depois, encontrava-se abrigada numa saleta reservada diante de um banquete de frango assado com cebolas, pêras escaldadas e merengue. Deveril observava-a por detrás do arco do copo. Uma vez mais, Vivienne mal tocou na comida antes de pousar os talheres. Atento, ele a serviu com mais vinho e ela recusou, num gesto cansado.

— Obrigada, não costumo beber.

— Também não costumo oferecer vinho a donzelas — replicou ele, com delicadeza. — Mas ficaria satisfeito se aceitasse desta vez. Pense na bebida como um remédio. Vai lhe devolver um pouco de cor ao rosto.

Ela aceitou o copo e bebericou o vinho. Era gratificante ser assistida tão assiduamente. Ficava à vontade com *monsieur* Deveril. Gostava dele.

Claro que seus sentimentos baseavam-se apenas em gratidão, pensou, dando outro gole na bebida. Ainda assim faziam-na perceber o quão inconsciente tinham sido suas emoções por *monsieur* La Farge, embora, na época, elas lhe parecessem bastante reais e sérias. *Uma paixão aguda*, concluiu. Outra tolice, resultado de sua inexperiência. Estivera exposta a tantas aventuras e desventuras nos últimos tempos, que parecia impossível que apenas algumas semanas se interpunham entre a pessoa que havia sido e a que era agora.

Deveril foi até as venezianas e abriu-as um pouco. A saleta dava para o jardim onde, da última vez, ele apanhara Vivienne esgueirando-se ao crepúsculo. Permaneceu perdido em pensamentos, enquanto ela se empenhava em beber o vinho.

— Acho que sua receita já surtiu efeito, *monsieur*... — disse Vivienne, já sonolenta. Meio entorpecida, esvaziou o copo num só gole, sentindo um calor agradável se espalhar pelo corpo.

Um pouco de ar fresco era o que precisava, concluiu. Ergueu-se rápido demais e a sala rodou perigosamente. Uma vez retomado o equilíbrio, avançou na direção de Deveril. A fadiga somada ao efeito do álcool, entretanto, sabotaram-lhe o controle e ela tropeçou,

sendo imediatamente amparada por braços fortes.

— Acho que exagerei na dose — caçoou ele, notando as faces de novo rosadas e o olhar embaciado de Vivienne. Reparou também no perfume que emanava dela, no quão morna e delicada era sua forma esguia no círculo de seu braço. Vinha se obrigando a lembrar, havia já algum tempo, de que ela era uma menina; que seu crescente interesse não passava de benevolência. Mas sentia o próprio corpo contrariar essa justificativa. Vivienne era uma mulher. E uma mulher difícil de se ignorar.

Respirou fundo. Estava acostumado a controlar as próprias reações. Sua vida e a vida de outros dependiam dessa habilidade.

"É hora de a camareira entrar em cena e colocar essa garota na cama", raciocinou, sensato, antes de tocar a sineta.

— Está quase dormindo em pé, *mademoiselle*, e precisamos levantar cedo, amanhã.

— Eu sei. — Vivienne disfarçou um bocejo. — Estou mesmo cans... — Estancou, arregalando os olhos e dando um passo para trás. Lá fora, detrás do tronco de uma árvore rodeada por um banco de concreto, uma sombra azulada, da altura de um homem, movimentou-se na penumbra.

— Olhe, *monsieur*!

Ele buscou onde ela apontava. Truman Waggonner acabara de sair do refeitório e agora fitava as estrelas, baforando um charuto. Nada de excepcional. Ao voltar-se para Vivienne, porém, encontrou-a lívida.

— O que foi?

— Não está vendo? — balbuciou ela. -- Perto do banco... Um fantasma, uma... uma aparição!

— Acho que precisa de uma descanso, *mademoiselle*. O "fantasma" é apenas a fumaça de um charuto.

Vivienne recuou ainda mais, nem um pouco convencida com a explicação.

— Não sei se está a par do que aconteceu aqui recentemente, *monsieur*, pois tentaram abafar o caso. Mas um inglês foi assassinado no jardim. E encontraram o corpo bem ali, atrás daquele banco.

Deveril observou-a, introspectivo.

— Assaltantes, imagino...

— Não. Estava com a carteira, os documentos e várias moedas de prata. Pelo menos foi o que a camareira me contou. — Ela baixou a voz. — O mistério é que também trazia dois papéis. Um no nome de um tal Dunn, outro no de um *monsieur* McSweeney.

Deveril estreitou os olhos.

— McSweeney... Esse nome não me é estranho.

— Pois é. — Vivienne respirou fundo. O nome também lhe parecia familiar, mas estava certa de nunca ter conhecido tal pessoa.

A camareira entrou, em resposta à sineta, pondo um fim na conversa.

Só mais tarde, quando se despia, é que algo brilhou na mente de Vivienne. Em sua primeira estadia na pousada, quando saíra do quarto às escondidas naquele fim de tarde, tinha ouvido Deveril conversando com um homem. Um homem que ele chamara de McSweeney. Provavelmente o que havia sido assassinado naquele mesmo jardim.

Mordeu o lábio. Alguma coisa lhe dizia que não se tratava de nenhuma coincidência.

CAPÍTULO IV

— Olhe! Lá está! — Vivienne prendeu a respiração enquanto Deveril afrouxava as rédeas e direcionava a parelha através dos portões abertos de Juniper Hill. Numa colina ao fim da trilha, um imenso sobrado avarandado de colunas brancas brilhava ao sol tímido do fim de tarde. Ela abriu um sorriso trêmulo e as imagens se embaçaram com as lágrimas.

Na excitação da volta, esquecera-se por completo do misterioso McSweeney assassinado na estalagem. Sempre amara aquela fazenda, desde o verde infinito da relva e dos campos cuidadosamente cultivados até a invasão bem-vinda de um braço de rio, à distância. Aos nove anos de idade, tinha entrado para o colégio interno, passando os Natais e Páscoas na casa de Nova Orleans que o pai vendera havia pouco tempo. A Juniper Hill, vinha apenas esporadicamente. Mas agora ali estava. Finalmente.

Lembrou-se, então, de que as coisas já não seriam como antes. O pai dela não estaria em seu gabinete aguardando sua chegada. Nunca mais poderia sentar-se abraçada a ele no sofá de couro e ouvir seus conselhos, ou revelar seus sonhos e planos. Acabaram-se os jogos tranquilos de xadrez e os passeios a cavalo pelos domínios da fazenda. Sem a autoridade velada de Claude Henri Rocque, Juniper Hill parecia uma concha vazia.

A amarga consciência da realidade a fez soluçar, e as lágrimas rolaram, quentes, num desabafo que não conseguiria conter.

Ela virou a cabeça, mas Deveril notou seu estado. Lutou contra o ímpeto de confortá-la num abraço. Vivienne era uma criatura orgulhosa, e já rejeitara sua piedade uma vez. Por isso empenhara-se em distraí-la, durante a tediosa jornada, com histórias das Montanhas Rochosas e do majestoso território do Oregon. A princípio tinha alcançado seu intento, mas à medida que eles se aproximavam das terras, ela fora ficando cada vez mais tensa. Agora chorava em silêncio, e ele sabia que qualquer demonstração de afeto tornaria as coisas mais difíceis. Manteve o olhar fixo na estrada, respeitando-lhe a privacidade e tentando se concentrar na fazenda.

A prosperidade de Juniper Hill saltava aos olhos, desde os arredores bem cuidados da casa até os campos férteis à distância. Caiados de branco, os alojamentos dos escravos eram conservados, e pelo menos os trabalhadores à vista pareciam saudáveis e bem alimentados.

Muitos se encantariam com o viço e a beleza das plantações. Mas não ele. Toda aquela opulência resultava da exploração pérfida da escravatura. Um paraíso em flor sem saída ou liberdade ainda era uma prisão, um castigo, um inferno. E essa opinião o tornara impopular inúmeras vezes, em diversos lugares.

Um lampejo de luz chamou a atenção para o andar superior da casa e ele o reconheceu instantaneamente. Um binóculo refletindo a luz do sol. Alguém observava a aproximação deles.

Deveril não deu indicação de haver notado, mantendo as mãos firmes nas rédeas.

Vivienne enxugou os olhos com um lenço de barra rendada. Precisava ser forte e comportar-se como uma mulher adulta. Afinal, todos na fazenda deviam estar esperando dela uma orientação. *Tinha* de ser forte.

Com determinação, combateu a tristeza e os últimos sinais de seu momentâneo descontrole. Concentrou-se em pensamentos positivos e lembranças felizes da infância, até a amargura dar lugar ao otimismo. A fazenda jamais seria a mesma sem a presença do pai, todavia ainda era sua querida, sua amada Juniper Hill.

Deveril olhou-a de relance, percebendo a mudança de sua expressão. Vivienne continuava combatendo a exaustão e o calor intenso com valentia, o orgulho sobrepujando a dor e a fraqueza física. Trazia as faces rosadas e os olhos azuis brilhantes. Mas não suportaria por muito tempo.

Suspirou. Uma vez que ela estivesse entregue à família, poderia recuperar-se com conforto. E ele finalmente levaria a missão adiante.

Tornou a fitá-la furtivamente. Agora Vivienne parecia radiante com a chegada. Deus, ela era linda. Mesmo ainda abatida pela doença. Por um segundo, desejou pôr de lado os compromissos, demorar-se por um tempo nas redondezas e vê-la desabrochar feito uma flor...

Mas assuntos urgentes requeriam sua atenção. Certamente não era o melhor momento para bancar o adolescente apaixonado. Sem dizer que, com todos os trejeitos e ares de maturidade, Vivienne não passava de uma menina.

Deveril obrigou-se a desviar o pensamento dela e puxou as rédeas de leve, conduzindo a charrete para o alto da pequena colina. No pórtico claro, uma jovem escrava limpava a maçaneta de cobre da porta de entrada. Vivienne empertigou-se, a ansiedade anulando o cansaço. Sem dúvida aquela era Naomi, sua amiga de infância e antiga dama de companhia.

O carro parou em frente aos degraus em forma de leque. Antes que Deveril se desse conta, Vivienne já suspendia as saias e saltava para o chão.

— Naomi! — Correu escada acima, aos tropeços. — Naomi, cheguei! Voltei para casa!

Mal ela havia alcançado a varanda, a outra correu para dentro, batendo a porta num estrondo. Um segundo depois, o inconfundível clique da fechadura fez-se ouvir.

A primeira reação de Vivienne foi de puro choque. Depois, olhando os próprios trajes e lembrando-se do estado em que se encontrava, riu.

— Naomi... — Bateu na porta repetidamente, sem nenhuma resposta. — Sou eu, *mademoiselle* Vivienne!

Enquanto isso, Deveril passava as rédeas e uma moeda de prata para as mãos de um jovem cavaleiro sem um dente e de pele tão escura e brilhante quanto ébano polido.

— Cuida disso para mim. Não devo demorar.

Galgando os degraus rasos de dois em dois, ele se juntou a Vivienne. Encontrou-a desconcertada, o rosto ligeiramente pálido. Bateu na porta com firmeza e foi atendido de pronto. Um mordomo se apresentou, o rosto escuro distante e impassível. Parecia mais um soldado repelindo invasores do que um criado recebendo visitantes inesperados.

— Receio que *monsieur* e *madame* St. Germaine não estejam para visitas esta tarde.

O ensaio de sorriso nos lábios de Vivienne se desvaneceu.

— Zachariah? Não me reconhece? Sei que estou magra, mas...

O mordomo fez menção de fechar a porta. Deveril impediu o gesto com o ombro e, abrindo passagem, impeliu-a para dentro. Ela estancou, olhando ao redor, abismada. Acima deles, um candelabro de cristal tilintou sob a brisa leve vinda da entrada. Vivienne ergueu a cabeça para olhá-lo e sua perplexidade aumentou.

Deveril examinou o hall espaçoso que seguia até os fundos da casa, onde portas francesas deixavam entrever os jardins. Cortinas de brocado cor de pêssego adornavam as janelas altas, formando um débil contraste com a seda creme das cadeiras e sofás. Não avistou nada que pudesse justificar a reação de horror de Vivienne.

Segurou-a pelo braço, num gesto de apoio.

— O que foi? O que há de errado?

Vivienne sentia-se como se houvesse saído da realidade para um pesadelo.

— Errado? — repetiu com voz sumida, zozza. — Tudo! — Fez um gesto indicando as janelas e a mobília. — As cortinas... eram verde-esmeralda. E onde está o aparador entalhado que ficava naquela parede? Minha mãe o herdou do avô! E as cadeiras que ela mesma forrou e bordou? — Voltou-se para Deveril, horrorizada: — Foi tudo mudado, *monsieur*, até o candelabro!

Preocupado com a crescente histeria de Vivienne, ele se dirigiu ao mordomo:

— Eu trouxe *mademoiselle* Rocque de volta. Ela pegou a febre no caminho do colégio para cá e esteve muito doente. Precisa de um banho e de um bom descanso.

Zachariah ergueu as sobrancelhas grossas.

— *Mademoiselle Rocque*? Deve haver algum engano, *monsieur*. Porque...

Foi interrompido por um chamado severo, vindo do alto da escadaria curva.

— Eu cuido disso, Zachariah. Vá buscar sua patroa. — Bertrand começou a descer os degraus sem pressa, embora seus olhos permanecessem incisivos e alertas.

Vivienne avançou para o pé da escada.

— Bertrand! O que está fazendo aqui? E por que tudo está tão mudado?

— Mas, minha querida, há anos não se muda nada por aqui. — Ele venceu a distância entre eles e tomou-a pelas mãos. — Estou encantado em ver que tudo não passou de um terrível engano. O médico disse que não sobreviveria à febre. Se soubéssemos...

Bertrand esforçava-se para manter o controle, mas as linhas em seu rosto traíam-lhe a tensão.

Vivienne lembrou-se do dia em que o cavalo cinzento dele o atirara para longe. Bertrand liquidara o animal com um tiro, alegando que o garanhão tinha quebrado uma perna. Era mentira e diante de tanta crueldade ela decidira jamais se unir a ele.

Agora Bertrand posava de senhor de Juniper Hill.

— O que está fazendo aqui? Não entendo.

Ele curvou-se para beijá-la de leve nos lábios.

— Bem-vinda, minha querida Charlotte.

— Charlotte?! Mas sou Vivienne! Por que está me chamando de Charlotte? — Ela buscou Deveril com o olhar, aturdida. Ele ouvia a tudo, os lábios comprimidos, a expressão de incredulidade.

Uma porta se abriu atrás dela nesse instante e Bertrand sorriu.

— Ah, aí está você, meu anjo. Temos visitas. Melhor se preparar para uma surpresa muito agradável...

Vivienne olhou através do espelho de moldura dourada. Então se sentiu gelar. Em sua direção vinha uma cópia de si mesma, elegantemente trajada num vestido cinza-escuro, os cabelos negros presos num coque baixo.

Um zumbido em seus ouvidos deixou-a completamente tonta. Deus! Estava perdendo o juízo... Fitou o reflexo no espelho. A jóia que havia perdido, um camafeu oval, adornado por uma cruz cravejada de brilhantes descansava sobre o corpete de seda escuro usado pela outra moça.

— Mas... — Virou-se tão abruptamente que perdeu o equilíbrio e só manteve-se em pé porque Deveril a amparou. Estava fraca, e os rigores da viagem pareciam tê-la vencido agora. Mas não tanto que não pudesse reconhecer a prima.

A expressão da recém-chegada alternava-se entre o rubor e a palidez, enquanto ela avançava, relutante.

— Charlotte — ouviu-a murmurar, estendendo os braços. — Mas... é um milagre! Pensamos que estivesse morta e enterrada há mais de um mês!

Vivienne mal podia acreditar na encenação.

— Tem coragem de continuar com essa farsa, com essa hipocrisia bem na minha frente?! *Eu* sou Vivienne, não você! Isso tudo é uma grande mentira!! — Desesperada, sentiu-se fraquejar. — Você não presta, Charlotte. Tomou meu nome, minha herança, tudo!! Até mesmo o camafeu que está usando foi tio Philipe quem me deu!!

O acesso de fúria acabou por esgotá-la e, mortificada, Vivienne viu sua explosão terminar num choro convulsivo. Por um momento, não se ouviu nada além do tilintar do candelabro e os soluços que a sacudiam.

Bertrand a observou por um instante antes de balançar a cabeça, com falso pesar.

— Ela sempre agiu com certa estranheza, mas nunca assim.

Deveril observava a cena cheio de apreensão. A única prova da verdadeira identidade de Vivienne era sua própria palavra. Seria tudo aquilo fruto de uma mente

atormentada, ou mais um delírio provocado pela febre? Fitou o rosto transtornado e pálido a sua frente, notando as sombras sob os olhos e as linhas de pura exaustão que o sulcavam. De uma coisa estava certo: ela não tinha como seguir viagem naquele estado. Mal podia parar em pé.

Bertrand balançou a cabeça, fingindo consternação.

— Ela está à beira da histeria. Mais uma sequela da febre, sem dúvida.

— Pode ser — disse Deveril, com cuidado. — Ouvi dizer que pode causar distúrbios mentais.

Vivienne não quis acreditar no que tinha ouvido. Deveril estava se voltando contra ela? Levou as mãos à cabeça, desesperada, o corpo sacudido por soluços, que em vão tentava controlar. Sua vontade e determinação arrefeciam, vencidas pela fraqueza e pelo cansaço. O zumbido ia e vinha, a cabeça parecia prestes a estourar. Sentia-se atordoada e, estranhamente, cada vez mais desligada do que acontecia ao redor. Era a sala rodando, ou ela mesma? Os lábios de Deveril ainda se moviam, porém, o ruído em seus ouvidos bloqueava qualquer outro som. Charlotte e Bertrand pareciam distantes, como dois bonecos num palco cada vez menor.

De súbito uma névoa embaçou-lhe a visão. A sala girou uma vez mais e ela sentiu o equilíbrio falhar.

A voz de Charlotte ecoou, abafada:

— Receio que a viagem tenha esgotado minha prima. Vou mandar os criados prepararem um quarto de hóspedes.

Antes do final da frase, Vivienne perdeu os sentidos. Deveril ergueu o corpo inerte nos braços antes que desabasse ao chão. Por um segundo, sua preocupação foi sobrepujada pela surpresa. Parecia impossível que ela fosse tão leve, tão pequena. Vivienne era tão cheia de vida que a imaginara menos frágil.

Seguindo Charlotte, carregou-a escadaria acima até o segundo piso, repentinamente desgostoso consigo mesmo por tê-la deixado expor-se além das forças. Devia ter imaginado que Vivienne não resistiria a tantas provações.

Vivienne tinha vaga consciência de estar sendo levada para a ala dos quartos de encontro a um peito largo e protetor. Mas a lassidão que a assolava era tanta que não conseguia se mover, tampouco falar.

Sentiu-se colocada com cuidado numa cama macia. Depois ouviu Deveril murmurar seu nome. Nada mais.

Minutos ou horas mais tarde, alguém pressionou um copo em seus lábios e ela sentiu cheiro de láudano. Desesperada, tentou cuspir. Não podia cair, indefesa, na teia que Bertrand e Charlotte lhe haviam preparado. Precisava lutar com o resto de energia que ainda possuía. Mas o líquido veio-lhe à boca rápido demais e ela o engoliu automaticamente.

E esse foi seu último momento de lucidez antes de acordar com a brisa leve da manhã soprando pelas janelas abertas. Sentiu a bacia de linho do travesseiro perfumado e o aroma de rosas e frutas, típico do verão em Juniper Hill. Enroscou-se mais sob as cobertas com um sorriso de contentamento. Tinha sido um pesadelo. Se abrisse os olhos, veria as cortinas azul-claras nas janelas e a bonita penteadeira branca que o pai mandara vir de Paris quando completara dezesseis anos.

Mas algo estava errado. Abriu os olhos e prendeu o ar. Estava deitada numa enorme cama de dossel rosa antigo. Aquele não era seu quarto. Por que estava ocupando um dos aposentos para hóspedes?

Um murmúrio na saleta ao lado a fez sentar-se. Reconheceu o tom estridente de Charlotte:

— Não vai dar certo, estou dizendo! Oh, eu jamais deveria lhe ter dado ouvidos!

— Vou cuidar de tudo — replicou Bertrand com condescendência. — Tenho um plano.

— E quanto a *monsieur* Deveril? Ele já esteve aqui hoje e prometeu voltar amanhã para saber do estado dela.

— Duvido. Mas se ele voltar... deixe-o comigo.

— É o que vou fazer! — As palavras foram pontuadas com um bater de porta.

Vivienne deslizou para fora da cama, o coração aos saltos. Pelo menos *monsieur* Deveril não a abandonara. Testou as pernas com cuidado. Um descanso podia fazer maravilhas, notou. Sentia-se muito mais forte. Quando Deveril retornasse, tornaria a convencê-lo de que continuava perfeitamente lúcida. E ele iria ajudá-la. Tinha de ajudar!

De súbito, a porta do conjugado foi aberta e Bertrand parou para fitá-la com um sorriso perverso nos lábios. O brilho cruel de seu olhar fez Vivienne puxar o cobertor até o pescoço.

Tensa, viu-o cruzar o quarto na direção dela. No segundo seguinte, arrancava-lhe o cobertor das mãos, expondo as formas femininas que a camisola de renda fina revelavam. Sempre a vira de uniforme, e este não lhe fazia justiça.

— É muito mais bonita do que eu imaginava...

Ela olhou ao redor em busca de uma saída. Mas Bertrand avançou, agarrando-a pelos ombros e pressionando o corpo contra o dela.

— Ai!

A exclamação involuntária de dor o fez soltá-la. Vivienne tocou o peito, onde um arranhão era visível. Bertrand levou a mão às dobras da gravata, presas por um alfinete de ouro e rubi. Ela se retesou de ódio. Pertencia a seu pai, e Bertrand o havia usurpado, assim como fizera com todo o resto. Diante de sua revolta, Bertrand soltou uma risada seca.

— Ficaria chocada se pudesse ver a própria expressão agora, minha querida. Na verdade, eu estou chocado. Não supunha que fosse tão bela... — A voz dele soou rouca de desejo. — Vamos ser grandes amigos. Não vamos?

— Não seja imbecil! — Ela se esquivou do contato odioso. — Somos inimigos, Bertrand. Não se iluda.

Embora se afastasse um pouco, Bertrand permaneceu ao lado dela, na cama.

Passeou o olhar pelo pescoço alvo antes de se deter no vale entre os seios.

— Você é quem está se iludindo, Vivienne. Vamos ser amigos, sim... Amigos muito íntimos.

Não havia dúvida quanto às intenções dele. Uma onda de náusea quase a fez correr, mas não teria a menor chance de fugir. Bertrand estava alerta. Olhou de relance a porta ainda aberta. Se o distraísse, talvez conseguisse escapar.

Moveu-se devagar, atraindo-o para o centro do quarto.

— Espero que tenha gostado das acomodações — ele elaborou, voltando-se para as janelas, de onde avistava os jardins.

Vivienne não perdeu tempo e precipitou-se para a porta. Mas Bertrand a alcançou antes disso, agarrando-a pelo braço dolorosamente e arremessando-a contra a parede. A pancada expulsou o ar dos pulmões fazendo-a escorregar para o chão, abatida. Não conseguia sequer se mover.

Ele trancou a porta antes de vir até ela, com uma risada destituída de humor.

— Pensou mesmo que eu fosse ser tão descuidado? Era apenas um teste, anjinho... Pelo qual não passou. Mas logo, logo, quando me conhecer melhor, não vai ficar tão ansiosa para se afastar de mim.

Vivienne ergueu-se com dificuldade. Bertrand estava tão próximo, que podia sentir sua respiração morna no rosto. Ele tentou tocá-la nos cabelos e ela o repeliu, com raiva.

— Não me toque! Não encoste em mim ou eu o mato!

— Não está em condições de fazer ameaças, *ma chérie*... Mas confesso que esse fogo todo me atrai. — Ele moveu-se de repente, prendendo os braços dela contra a parede. — Assim como sua língua afiada.

— Afaste-se de mim! Seu aproveitador! — Ela tentou se libertar em vão. Bertrand era forte e estava muito próximo, a boca a milímetros da dela. Virou a cabeça, enojada, e ele aproveitou para beijá-la no pescoço com um riso abafado.

— Esqueceu que é do sexo frágil. Posso fazer o que quiser com você. Mas se jogar o meu jogo, *ma petite*, eu lhe darei qualquer coisa. Qualquer coisa.

Ela parou de se debater, tentando ganhar tempo.

— O que quer em troca?

— Nada que não me daria espontaneamente, se houvesse retornado para casa a salvo. O contrato do casamento já estava assinado, você sabe. Seria minha esposa agora, Vivienne. Mas ainda pode ser... Por que não? — A respiração dele tornou-se ofegante. — Quero você, Vivienne... E vou tê-la!

Ela viu o desejo nos olhos escuros e perguntou-se, desesperada, como poderia livrar-se. Lembrava bem das palavras do avô. Podia-se sempre derrotar o inimigo, se o conhecesse a fundo.

Ignorando a náusea que ameaçava dominá-la, Vivienne estudou seu adversário. Respirou fundo, obrigando o corpo a relaxar, enquanto erguia as sobrancelhas, com um ar de enfado.

— E se eu preferir ser sua mulher, em vez de sua amante? Afinal de contas, eu sou a verdadeira herdeira. Por que deveria renunciar a minha posição em favor de Charlotte?

Bertrand umedeceu os lábios antes de soltar um longo suspiro.

— Pode ser que a reconquiste... se cooperar. Até cheguei a pensar na hipótese durante a noite. Eu poderia persuadir Charlotte a aceitar uma anulação. Se não, algum incidente talvez ajudasse.... E, depois de um intervalo respeitoso, você se tornaria minha esposa.

— Não! — Vivienne entrou em pânico. — Eu te desprezo, Bertrand. — Empurrou-o com violência, incapaz de conter a repulsa. — Vou ter com as autoridades e os expulsarei de Juniper Hill!

— Pense bem, *ma chérie*... — Ele avultou-se sobre ela, ameaçador.

Desesperada demais para usar de estratégias, Vivienne ergueu o braço e o esbofeteou no rosto. Bertrand levou a mão aos lábios, empalidecendo ao ver sangue nos dedos. Por um segundo, ela pensou que fosse levar o troco. Mas ele apenas enxugou a testa úmida no lenço com monograma, fulminando-a com o olhar.

— Foi mimada demais para o meu gosto, *mademoiselle* Rocque. Precisa aprender a ser mais humilde.

Bertrand era mais forte do que ela imaginava. Agarrou-lhe o braço com violência e, por mais que ela se debatesse, não conseguiu se libertar. Em poucos segundos ele a dominava, torcendo-lhe o braço às costas até ouvi-la gritar. Puxou-a pelos cabelos, então, arrastando-a até as escadas.

Vivienne cerrou os dentes numa tentativa inútil de aplacar a dor cruciante no ombro. Era como se ele fosse lhe arrancar o braço, e a escadaria parecia interminável. Demorou a perceber que tinham passado do andar dos criados e que agora galgavam os degraus estreitos que levavam ao sótão.

Sem soltá-la, Bertrand impeliu-a aos empurrões por um corredor escuro e cheirando a mofo até uma porta maciça. Abriu-a, revelando um cubículo asfíxiante, e jogou-a no chão empoeirado com um sorriso maquiavélico.

— Não sou muito paciente, *chérie*, mas vou deixá-la pensar na minha generosa proposta. Alguns dias de meditação num lugar tão... acolhedor, vai ajudá-la a decidir a seu favor.

— Nunca! É um canalha, mentiroso e ladrão!

— Bem... — Ele suspirou. — De qualquer modo, estes serão seus aposentos daqui para frente. A menos que mude de idéia. — Balançou a cabeça. — Bolor, escuridão e este calor insuportável quando poderia estar confortavelmente instalada no quarto rosa.

Já imaginou? Uma brisa fresca soprando pela janela, limonada, água perfumada na banheira de cobre, lençóis de linho e um colchão macio em vez do chão ou desse catre mofado — Caminhou para a saída, devagar. — Cabe a você decidir. — Saiu, fechando a porta atrás de si.

Vivienne ouviu a chave ser girada e precipitou-se para a maçaneta, em pânico. Estava presa! Recostou-se à parede, olhando ao redor. A escuridão era quase total, a não ser pela parca iluminação filtrada pelas frestas do respiradouro. Enquanto acostumava os olhos à penumbra, considerou a situação. Não havia quem pudesse ajudá-la. Não tinha parentes na América, exceto Charlotte e tio Philipe... se é que ele ainda vivia. Tinha desaparecido numa exploração ao rio Missouri havia muitos anos e, embora ela alimentasse esperanças quanto à sua sobrevivência, acreditava-se que estivesse morto.

Suspirou. Quanto a Charlotte... essa personificava a ganância. Além de não ter personalidade para escapar do domínio de Bertrand.

Só lhe restava *monsieur* Deveril, que já a havia salvado duas vezes, como se fosse um cavaleiro dos tempos do rei Arthur.

Mas isso tinha sido antes da convincente encenação de Bertrand e Charlotte. Agora ele já devia estar longe dali.

Sentiu uma lágrima correr pelo rosto e enxugou-a com raiva. Não tinha tempo para chorar. Podia contar apenas com os próprios esforços para escapar dali. Ainda não se sentia totalmente recuperada e era como se seu braço estivesse solto do tronco. Mas a coragem não a havia desertado. Iria desmascarar Bertrand e Charlotte e os poria atrás das grades.

Pensou na prima. Bertrand dispusera-se a se livrar dela sem pensar duas vezes. E não teria escrúpulos em fazer o mesmo com ela. Tinha apenas duas escolhas: ou morrer de fome, ou casar-se com um ladrão assassino...

Vivienne olhou ao redor em busca de qualquer coisa que a ajudasse numa fuga. Algo com que pudesse bater em Bertrand, por exemplo. Imaginou-se o golpeando na cabeça e engoliu em seco. Tinha outra saída?

O sótão, todavia, encontrava-se praticamente vazio, com um catre e um colchão encaroçado a um canto, um urinol e uma bacia lascada.

Um brilho de metal próximo à cama chamou-lhe a atenção. Foi até ele e abaixou-se. Um grilhão, com uma corrente, atado ao pé da cama. Estremeceu. Então estava numa espécie de cela da qual jamais tomara conhecimento!

Olhou o teto, mais determinada do que nunca a escapar. Nem mesmo subindo no catre alcançaria o respiradouro. Mas se pudesse arrancar a algema dali ou parte da corrente... Obteria uma arma formidável. Correu os dedos pelos elos, sentindo-os sólidos e bem torneados. Serviço do ferreiro de Juniper Hill, sem dúvida. Forçou a corrente para baixo. Se conseguisse deslizá-la pelo pé da cama...

Tão absorta estava na tarefa, que não percebeu a porta sendo aberta. Só a iluminação débil vinda do corredor alertou-a para o fato de não estar mais sozinha. Voltou-se, assustada, vendo Naomi parada à soleira com uma bandeja nas mãos, o rosto negro, de uma beleza exótica, inexpressivo. Um segundo depois, a porta foi trancada atrás dela.

— Trouxe comida, *mademoiselle* Vivienne.

Vivienne entreabriu os lábios, ultrajada.

— Então sabe quem eu sou! Por que não diz a *monsieur* Deveril? — Enquanto falava, tratou de ocultar a corrente com a saia da camisola.

Naomi limitou-se a pousar a bandeja sobre o catre.

— Não vai conseguir arrancar a algema.

Vivienne ergueu o queixo, num desafio.

— Vou trabalhar dia e noite, se preciso.

— Não vai conseguir. — Naomi ergueu o punho do vestido, ilustrando as palavras.

Tinha o pulso ferido, com cicatrizes esbranquiçadas onde a pele começava a se recuperar.

Vivienne soltou uma exclamação de horror.

— Quem lhe fez isso? Bertrand? Por quê?

A garota baixou a manga, impassível.

— Ele é senhor da fazenda, agora. É de seu direito — disse, a voz baixa e contida.

— É meu dono, assim como é dono desta casa e destas terras. Se a sinhazinha estivesse no lugar dele, teria sido diferente?

— Mas... Aqui sempre teve abrigo, comida, roupa... E os criados da casa aprenderam a ler e a escrever, não é verdade? Eu... nunca pensei que... — Vivienne fitava a moça, constrangida. — Nasceu na fazenda, Naomi. Assim como sua mãe. O que faria longe de Juniper Hill?

— Não sei. Talvez trabalhasse como dama de companhia. Ou arranjasse um emprego numa pousada. O mesmo trabalho que aqui, provavelmente... Mas qualquer coisa que eu fizesse, seria escolha minha — Olhou ao redor. — Sou uma prisioneira, *mademoiselle* Vivienne. Como a sinhazinha aqui no sótão.

— Então me ajude! Ajude-me a escapar e eu porei um fim nisso!

— Ele me mataria.

— Então fuja comigo.

— Ele poria os cachorros atrás de nós. E quando nos trouxesse de volta, seria muito pior.

Vivienne estremeceu com o pensamento, mas se manteve firme.

— Não, se escaparmos à noite. Não dariam pela nossa falta até de manhã. Enquanto isso, nós iríamos atrás de *monsieur* Deveril. Na certa ele continua na Estalagem do Trevo, em St. Anne. Não hesitaria em nos ajudar.

Naomi balançou a cabeça diante do exagerado otimismo da outra garota.

— Seu *monsieur* partiria antes que chegássemos lá. E mesmo que conseguíssemos alcançá-lo... acha que se importaria comigo?

— Claro que sim! É minha criada!

— Não. Sou sua escrava.

Vivienne prendeu a respiração.

— Mas...

— Não vai me tornar livre chamando-me de criada, sinhazinha. — Naomi suspirou, remexendo o bolso do vestido. — Tome, madame mandou que eu lhe devolvesse.

Vivienne apanhou o camafeu de ouro e brilhantes, surpresa. A consciência de Charlotte devia estar pesando, pensou, com um nó na garganta.

Enquanto buscava palavras, a outra moça retirou-se, deixando-a a sós com seus pensamentos. Embora tivesse sido praticamente criada por religiosas, crescera num meio regido pelo sistema escravagista. A relação entre senhores e escravos sempre havia norteadado seu mundo; jamais o questionara. Se não houvesse sido vítima da malária e caído na armadilha de Bertrand, seria agora a senhora de Juniper Hill. Seria dona de Naomi e de muitos outros escravos.

Vivienne deixou-se deitar no colchão. Essa situação não podia estar certa. Não era mais nenhuma criança para aceitar os fatos com tanta passividade.

Várias horas se passaram, o bastante para que ponderasse sobre a questão. Ao final da tarde, sentia-se cansada mas cheia de determinação. Algum dia, implantaria grandes mudanças em Juniper Hill.

Esgotada mental e emocionalmente, mergulhou num sono inquieto. Sonhou que estava dançando. A música suave enchia-lhe os ouvidos e ela rodopiava sozinha, até que braços fortes a enlaçaram. Deveril. Sabia disso antes mesmo de erguer o rosto para o dele. Ele sorria, conduzindo-a para as portas abertas de uma sacada.

A cena mudou de súbito, colocando-a na cama de dossel cor-de-rosa. Desta vez,

Deveril a fitava com olhar de desejo. Eram as mãos dele que deslizavam para tocá-la no pescoço, abrindo a camisola transparente. Os dedos dele que capturavam seus seios, envolvendo-os com calor. Ela ardia no fogo da excitação, e ergueu o rosto, esperando, ofegante pelos lábios dele...

Uma pomba arrulhou lá fora e ela despertou, atordoada e frustrada pela cena deliciosa não ter passado de um sonho. O sol batia em cheio naquele lado da casa, agora, e o sótão exíguo parecia ainda mais sufocante. Ciscos de poeira dançavam à luz vinda do respiradouro e um odor forte de madeira úmida enchia o ar. Vivienne imaginou-se desidratando até a morte e estremeceu. Pelo menos à noite, quando lhe trouxessem comida, parte daquele ar quente deixaria o cubículo.

Mas o tempo passou e ninguém veio. As faixas de luz que incidiam no chão passaram do dourado para o rosa antes de se dissolverem por completo, fazendo-a perguntar-se, desesperada, se a abandonariam ali, para que morresse. Que ironia, pensou, perecer como uma criminosa em sua própria casa!

Vivienne respirou fundo, obrigando-se a não fraquejar. Dali em diante, não seria mais tão negligente com respeito a coisas que sempre tomara por certo: alimento, abrigo, segurança... e liberdade.

A noite não demorou a cair. Sob o efeito do calor e da fraqueza, sua mente fervilhava com imagens confusas. Alguém tinha vindo salvá-la... Um homem loiro... Deveril! Estava na sela do cavalo com ele. Mas o animal parecia cansado, a respiração saindo em espasmos e arrepiando-a dos pés à cabeça. O som perturbou-lhe os nervos até que ela pensou que fosse gritar de agonia. Mas sua voz não saía. Depois veio o ruído abafado de cascos na terra seca. O mesmo do cortejo que seguira o enterro da mãe dela. Soube, então, que jamais conseguiria escapar. Estava perdida.

A porta se abrindo a trouxe de volta à realidade. O som lúgubre do sonho fora provocado por um barulho que vinha de fora, lento e ritmado. Ela começou a suar frio.

Naomi entrou em silêncio, guiada pela luz de um único círio. Trazia uma expressão sombria no olhar e Vivienne engoliu em seco.

— Naomi? O que... o que está acontecendo lá fora?

A moça fechou a porta, a chama trêmula da vela desenhando sombras em seu rosto.

— *Monsieur* Deveril tem feito muitas perguntas, *mademoiselle*. — Ela se aproximou, fitando Vivienne com gravidade. — O que ouve é o barulho de pás trabalhando na terra. Tornou-se perigosa demais para ser mantida viva. Estão cavando sua sepultura.

CAPITULO V

— Diga a *monsieur* St. Germaine que *monsieur* Deveril veio lhe falar.

Deveril deixou-se ficar no hall arejado da casa, sentindo cada nervo do corpo retesado. O sexto sentido que lhe salvara a vida inúmeras vezes tornara a alertá-lo sobre algo de muito grave ocorrendo em Juniper Hill.

Agora podia tomar a premonição por certa. Um rápido reconhecimento das dependências da fazenda antes do amanhecer tinha lhe revelado alguns detalhes interessantes. Vira, inclusive, o aparador entalhado que Vivienne descrevera antes de perder os sentidos. Seu envolvimento na questão agora se tratava, antes de tudo, de uma questão de justiça.

As feições do mordomo permaneceram impassíveis, e Deveril apertou os lábios.

— Não tenho nenhuma intenção de partir enquanto não for atendido.

— Infelizmente, monsieur, isso não vai ser possível. O senhor foi à Nova Orleans a negócios.

— Então apresentarei meus cumprimentos a madame St. Germaine.

— Madame encontra-se indisposta.

Deveril endireitou o corpo, postando-se com irritação.

— Já "enrolou" demais, meu caro. Diga a sua senhora que não deixarei a fazenda enquanto não ver com meus próprios olhos a moça que trouxe aqui há dois dias.

Intimidado, o homem retirou-se depressa. Retornou um minuto depois.

— Madame concordou em recebê-lo.

Deveril deixou-se guiar até a sala e fez uma pausa. As cortinas cobriam completamente as janelas longas, e o ambiente adquirira o ar sombrio de uma caverna.

Charlotte encontrava-se no lado oposto, sozinha. Bertrand a treinara cuidadosamente, porém, ela ainda temia aquele momento.

— Sinto por meu marido não estar em casa para recebê-lo, *monsieur*...

Ele dispensou as desculpas com um gesto.

— Não é seu marido que desejo ver, madame, mas a jovem que chegou aqui, sob minha proteção, anteontem.

— Receio que isso não seja possível, senhor.

— Não estou disposto a tolerar puritanismos. Falarei com ela em sua companhia, da porta do quarto, se preciso. Mas lhe asseguro: não deixarei a fazenda enquanto não estiver tranquilo quanto à segurança de Vivienne.

Charlotte ergueu-se do sofá. Quando se aproximou, a luz vinda da porta ainda aberta caiu sobre ela. Deveril percebeu então os olhos vermelhos, os trajes totalmente negros.

— Não estou tentando impedi-lo de nada, *monsieur*. Mas o que me pede é impossível. Sinto informá-lo de que minha prima sucumbiu a uma recaída da febre durante a noite. Está morta.

— Morta!?! — Deveril estreitou os olhos, aturdido. Já havia levado um tiro uma vez, e o impacto o fizera rolar uma ribanceira. Agora era como se estivesse acontecendo novamente. O misto de choque e descrença, todavia, transformou-se de súbito em raiva. — Está mentindo.

Charlotte empalideceu, mas sustentou o olhar.

— Não. Meu marido achou por bem que a enterrássemos imediatamente. Por causa dos riscos de contágio. Vivienne foi sepultada na colina, junto ao resto da família. Logo depois do jardim, *monsieur*, se quiser lhe prestar uma última homenagem.

Deveril engoliu em seco e, com uma reverência rápida, deixou a sala. Os lençóis de água naquela região eram muito comuns, refletiu, atordoado, e a cremação, com uma permissão especial de Igreja, era uma regra mais que uma exceção. Tenso, atravessou o gramado em direção à colina artificial, esperando que aquilo não passasse de um ardil para afastá-lo da casa.

Mas ali estava, à sombra das árvores. Uma escultura oblonga de terra recém-manuseada, entre duas velhas lápides e secundada por um pequeno mausoléu de mármore.

Permaneceu de pé em frente ao túmulo, a mente vazia de pensamentos. Quando partiu, tinha a cabeça baixa, o andar lento.

Charlotte observava-o do solar. Viu-o montar e se afastar a galope. Tinha os nós dos dedos brancos quando finalmente os soltou da cortina. Tudo tinha acontecido exatamente de acordo com os planos de Bertrand.

Então, por que se sentia tão inquieta?

No meio da noite, três figuras deslocaram-se silenciosamente através dos campos da fazenda em direção às sombras que guardavam o jazigo da família Rocque. Não havia lua e o vento soprava em lufadas trazendo o cheiro do mar para Juniper Hill. Em algum

lugar do golfo, Deveril sabia, formava-se uma tempestade. Outro obstáculo para a missão já em atraso. Enquanto isso, tinha mais um caso a investigar.

Tirou a pá do saco que havia trazido e Ethan juntou-se a ele, próximo ao tronco de uma velha árvore, espiando cautelosamente por cima de seus ombros.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Abrir uma sepultura... de madrugada?

Deveril olhou-o com desdém.

— Está com medo?

— Não! Mas podem nos ouvir e soltar os cães.

— O vento vai nos ajudar. E nenhum cachorro esperto sai numa noite como esta... Olhe só o céu. Vai chover torrencialmente daqui a pouco. Waggonner... — chamou em voz baixa.

Um terceiro homem saiu de trás de um dos mausoléus. Também carregava uma pá.

— Você e eu cavamos enquanto Ethan fica de guarda.

Truman Waggonner era o mesmo rapaz vistoso e moreno do café na Estalagem do Trevo. Com seus vinte e poucos anos, tornara-se o mais novo membro da expedição ao Noroeste, depois de Ethan. Deveril não o conhecia muito a fundo. As apresentações e a reputação do jovem, porém, eram das melhores. E, no momento, não podia prescindir da força daqueles braços.

Waggonner fitou o monte de terra fresco, reticente.

— Não vai gostar disso, companheiro — murmurou, em seu forte sotaque de New England. — Ainda mais se essa francesinha o conquistou como estou pensando...

Deveril comprimiu os lábios. Como podia explicar a um quase estranho o que não conseguia explicar a si mesmo?

— De qualquer modo, tenho de me certificar.

Suspirou. Seu interesse na garota que havia amparado não justificava aquela urgência que o movia. E que o trazia ali, naquela noite. Ethan chegara a rir, chamando-o de louco. Ainda assim, tinha se prontificado a acompanhá-lo.

A terra ainda permanecia leve e a sepultura revelou-se surpreendentemente rasa. Deveril cavava duas pás para cada uma de Waggonner e não demorou muito a encontrar o que temia. Quando a ponta da ferramenta bateu numa madeira, ele endireitou o corpo, fazendo sinal para que o companheiro parasse. Hesitante, prosseguiu com a tarefa, afastando os últimos montes de terra.

Por um momento, não se ouviu nada além do assovio do vento e do farfalhar das folhas das árvores.

Deveril respirou fundo. Até então tivera esperanças de que tudo não passasse de uma farsa elaborada, de que Bertrand St. Germaine houvesse simulado um enterro para despistá-lo e impedir que voltasse a Juniper Hill com perguntas indiscretas. Mas agora...

Descendo à cova, posicionou-se ao lado do caixão. Tinha de ter certeza. Usando a pá como alavanca, forçou a tampa do esquife. As dobradiças gemeram em protesto, mas a caixa cedeu. Com a proteção do próprio corpo e das paredes de terra, acendeu uma vela de sebo e abriu a tampa do ataúde alguns centímetros.

Praguejou entre os dentes e a soltou com um baque. Esperava não encontrar coisa alguma... Era como levar uma punhalada.

Correu os dedos pelos cabelos, chocado demais para analisar a intensidade da própria reação. Todos os seus instintos se rebelavam. Vivienne Rocque era um poço de determinação, bravura e vida. Não conseguia conceber a idéia de ela estar ali dentro, com toda sua luz e energia para sempre apagadas.

Segurou a vela com firmeza e abriu a tampa uma vez mais. Na superfície, Waggonner trocou de posição, inquieto, enquanto Ethan segurava o ar e observava, embora Deveril lhe bloqueasse parcialmente a visão.

De súbito, ele se ergueu, esmurrando o ataúde.

— Pelo amor de Deus, homem, o que encontrou? — exigiu Waggonner.

Deveril postou-se lateralmente, de modo a dar aos dois uma resposta. Não havia nada para ver, exceto pedaços de pano envoltos num cobertor velho, amarrado ao meio por uma corda.

— Eu sabia... — Saiu da cova, o rosto iluminado por um sorriso de alívio. — Eu sabia, eu sabia!!

Tornaram a encher a falsa sepultura, deixando-a como a haviam encontrado. Depois seguiram para o local onde tinham escondido as montarias. O cavalo de Deveril relinchou baixinho ao reconhecê-lo e ele acariciou-lhe o focinho antes de subir na sela e sair a galope.

Uma lua enevoadada surgiu de trás das sombras das colinas, cobrindo a noite de prata. Ao chegar à estrebaria da estalagem, Deveril se deu conta de que ainda sorria. As intrigas e riscos de sua missão haviam sido relegados a segundo plano. Seus pensamentos voltavam-se todos para a francesinha rebelde de olhos azuis da cor do mar, cabelos negros e língua afiada. Que combinação!

Suspirou profundamente enquanto desmontava e guiava o cavalo até seu estábulo. Bertrand St.Germaine não teria se empenhado tanto naquela farsa se pretendesse assassinar Vivienne. Não. Devia ter outros planos. E dismantelar planos secretos era uma de suas especialidades, Deveril sorriu. Não tinha idéia de onde Vivienne podia estar, mas sabia que continuava viva. E ele iria encontrá-la.

A tarefa não era tão simples como ele havia tão otimistamente suposto. A princípio, Deveril imaginou que Vivienne pudesse continuar escondida na própria casa, em Juniper Hill. Quando tentativas de persuasão, suborno e ameaças não forneceram as chaves de seu paradeiro, ele optou por nova visita noturna, entrando pela varanda superior no meio da noite, quando todos dormiam. Acostumado aos riscos desse tipo de reconhecimento, rondou pelas sombras dos cômodos, todo vestido de preto, movendo-se com habilidade e silêncio.

Não encontrou pista alguma, até se deparar com uma porta suspeita ao fim de um corredor; depois um cubículo. A luz bruxuleante da pederneira clareou os arredores, revelando um velho catre... e uma corrente amarrada a um grilhão. O sótão tornou a mergulhar na penumbra, porém algo pequeno e branco chamou a atenção dele antes disso. O lenço que emprestara a Vivienne no dia em que haviam chegado a Juniper Hill!

Agarrou-o e levou-o ao rosto. O pedaço amarrotado de linho irlandês ainda continha o leve aroma do charuto que carregara no bolso... mesclado agora a um perfume suave. O perfume dela.

Vivienne! Fechou os olhos, tomado de dor mais que de raiva. Imaginava-a assustada, machucada, humilhada. O sótão era úmido e abafado, porém o suor que o banhava não vinha disso. Se Bertrand St. Germaine estivesse ali, teria prazer em estrangulá-lo em sua própria cama. Mas o falso senhor de Juniper Hill saía a negócios... Negócios que deviam estar diretamente relacionados à Vivienne.

Praguejou, sentindo um ódio crescente. Mas um dia iriam ajustar as contas. E Bertrand pagaria caro. Muito caro.

Deveril tornou a acender a pederneira, de modo a guardar na memória cada detalhe do pequeno cárcere, disposto a manter viva a raiva que alimentaria até o confronto inevitável com St. Germaine. Deixou a casa, então, da mesma maneira como havia entrado, saindo pela varanda e descendo pela coluna latada, em frente ao jardim repleto de roseiras. Não importava o quanto Bertrand pudesse ser discreto, nem que Vivienne estivesse drogada. Sua beleza luminosa não passaria despercebida. Alguém, em algum lugar, se lembraria de tê-la visto.

Deveril não dormiu nessa noite. Cavalgou pela madrugada cinzenta e enevoadada até a margem do riacho onde se encontraria com os companheiros. O ponto de encontro era uma choupana em ruínas há muito abandonada.

Notando que era o primeiro a chegar, escondeu o cavalo entre duas paredes, tudo o

que restava do antigo estábulo.

Quando um dos homens finalmente se juntou a ele, já era dia claro. O rosto abatido pela fadiga e o desânimo do sobrinho bastaram para aumentar-lhe a frustração.

— Parece que não teve uma noite muito agradável? Ethan esfregou os olhos.

— Foi uma tortura! E a troco de nada. Não há sinal deles em nenhum ponto de estrada para Nova Orleans.

Waggonner apresentou-se menos de cinco minutos depois, surpreendentemente bem-disposto, embora também não viesse com boas novas. Deveril observou-lhe as botas polidas, as roupas limpas e encarou-o, os olhos frios, ainda que sua expressão permanecesse inalterada.

— Você me intriga, Waggonner. Não consigo imaginar como pode ter vasculhado essa estrada a noite inteira e ainda aparecer assim, feito um noivo à beira do altar.

Waggonner tocou o colarinho da camisa.

— Conheço a menina que mora no andar de cima do alfaiate em St. Anne. Deixou que eu tomasse um banho no caminho de volta.

Desviou o olhar e Deveril permitiu que o assunto morresse, apesar de não ser esquecido.

Baptiste foi o último a chegar. Veio a pé e Deveril o reconheceu a distância, só pela barriga roliça e a inconfundível marcha de marinha. Uma vez dentro da choupana, o homem saudou os companheiros coçando a barba grisalha.

— Fiz umas perguntas — contou, com seu sotaque franco-canadense. — *Monsieur St. Germaine* assinou o livro de registros no hotel e não deu mais as caras até partir de carruagem na manhã seguinte. Maldito almofadinha. Parece que sumiu no ar.

Deveril permaneceu sombrio.

— Não há nada de mágico em Bertrand St. Germaine. Pode sangrar e morrer como qualquer outro animal.

Deu as costas e Ethan sentiu um arrepio descer a espinha. As palavras do tio não eram apenas um comentário à toa.

Eram uma promessa.

A pequena pousada ficava afastada da estrada, no meio do caminho entre Nova Orleans e Juniper Hill. Não se tratava de um estabelecimento muito bem frequentado, mas a construção era sólida, a comida razoável e os proprietários, discretos. Diziam ser um covil de piratas. Os cinco indivíduos ruidosos da taverna, todavia, pareciam incapazes de roubar mais do que um beijo da atendente, enquanto pestanejavam sobre as canecas de cerveja. O último lugar onde se esperaria encontrar um cavalheiro. E um bom abrigo contra as chuvas.

Ainda assim, Bertrand preferiu não se arriscar em demasia. Enquanto jantava sozinho numa saleta privada, Vivienne e Naomi encontravam-se trancadas num dos aposentos do andar superior, onde a única janela estreita não oferecia chance para que uma das duas pudesse escapar. Não que esperasse que elas fossem tentar uma fuga. Vivienne continuava enfraquecida, e a outra era dócil demais, ou esperta demais, para fazê-lo.

Suspirou, satisfeito consigo mesmo. A fim de não deixar pistas, no caso do tal Deveril vir a seu encalço, havia se dirigido primeiro ao Norte num coche particular e se registrado numa estalagem. O homem que ocupara o quarto em seu lugar, contudo, era um antigo conhecido que agora tornava a prestar-lhe um serviço. O coche tinha partido menos de uma hora depois, com nova parelha de animais, levando Vivienne, sedada, ao lado de uma criada absolutamente muda e obediente. Assim tomaram a estrada de volta, passando a primeira noite no velho solar de sua propriedade, entre lençóis cheirando a mofo e papéis de parede deteriorados.

Na manhã seguinte, estariam em Nova Orleans. Lá, Vivienne conheceria seu novo e definitivo lar. Uma casa nobre, embora não do estilo ao qual estava habituada. Mas isso

não se tornaria um problema. A Srta. Calhe Hoecker, uma antiga e estimada amiga, saberia como manter a disciplina.

Bertrand abriu um sorriso maquiavélico. Vivienne poderia se cansar de tagarelar sobre sua identidade usurpada, seu patrimônio roubado, ou sobre as ameaças que sofrera. A Srta. Hoecker já tinha ouvido centenas de histórias do gênero. Não acreditaria em uma só palavra.

Vozes soaram além da porta.

— Como é, Bess? Essa cerveja sai ou não sai?

A uma resposta malcriada e estridente da moça seguiu-se uma explosão de gargalhadas. Bertrand serviu-se de mais um copo do modesto Borgonha cedido pelo taverneiro, surpreso ao constatar que tinha dado conta da garrafa. Não era de admirar que se sentisse tão relaxado, com a tensão dos últimos dias cedendo a uma agradável sonolência.

Pensou em si mesmo como um homem de bem, envolvido naquela situação por uma ironia do destino. A teimosia de Vivienne em não cooperar e as intermináveis perguntas de Deveril o haviam forçado a pôr em prática aquele plano. No dia seguinte, após uma visita discreta à Srta. Hoecker e um exorbitante pagamento em ouro, aquela garotinha insolente e adorável estaria confinada para sempre atrás das janelas de barras e das paredes altas da Casa de Saúde Ironwood para doentes mentais incuráveis...

Adorável e incorrigível Vivienne, suspirou Bertrand, dando um último gole. Uma pena. Um desperdício.

Mas ainda havia aquela noite... Uma oportunidade de ouro. Afinal, um homem precisava de uma válvula de escape para aliviar as tensões. E nenhum dos companheiros embriagados da taverna iria interferir.

Ergueu-se com uma certa dificuldade e venceu os metros que o separavam da escada estreita que levava ao andar superior. Galgou os degraus com cuidado, passou pelo próprio quarto e seguiu corredor adiante em direção ao outro único aposento. Não havia luz debaixo da porta e o silêncio era total. Bertrand sorriu enquanto introduzia a chave na fechadura e entrava.

Na penumbra, ele a distinguiu sob os lençóis puídos. Avançou um passo e o chão rangeu. Estancou, ouvindo o som de uma respiração pausada. "Primeiro você, minha doce Vivienne...", pensou, voltando-se para trancar a porta.

Mas a escuridão sobreveio de repente junto com uma dor dilacerante. Ele desabou no chão, inconsciente.

— Funcionou! Naomi, deu certo! — Vivienne exclamou, exultante, ainda segurando a peça de madeira maciça que desenroscara do espaldar de uma das camas.

Naomi jogou longe as cobertas, expondo a trouxa de roupas que haviam usado para simular Vivienne. Estava pronta para partir, a não ser pelos pés descalços. Deslizando em silêncio para o lado da companheira, fitou o corpo inerte a sua frente.

— Ele está morto?

— Eu... espero que sim.

Naomi percebeu o tremor na voz dela e abaixou-se. Havia um enorme galo úmido de sangue na base do crânio de Bertrand, porém, ele continuava a respirar pausada e regularmente.

— Não chegou a matá-lo, não se preocupe. Mas ele só vai acordar amanhã. Acho que começamos bem.

Vivienne ajoelhou-se ao lado dela, inspecionando os bolsos do rapaz.

— Olhe! — Tirou um grosso maço de notas de dentro do casaco, depois um pequeno saco de couro repleto de moedas de ouro e prata. — Podemos até viajar de primeira classe! — Riu. Quando tentava retirar de Bertrand a corrente de ouro com o relógio e um berloque cravejado de esmeraldas, Naomi a impediu.

— Isso não. Pode ser identificado muito fácil.

Vivienne ergueu o queixo de leve.

— Era de meu pai, Naomi. Acha que vou deixar o relógio com esse canalha? Pegue sua capa. Melhor andarmos depressa.

Enquanto Naomi calçava os sapatos, ela apanhou uma caneta sobre a escrivaninha, mergulhando-a no tinteiro. Escreveu rápida e decididamente, ignorando a fraca iluminação vinda da janela. Ao terminar, dobrou o papel com cuidado e entregou-o, juntamente com o saco de moedas, à companheira.

— Fique com isso caso nos separemos ou... ou se acontecer algo comigo.

— O que é?

— Esta carta lhe dá a liberdade que lhe foi tirada. Se... *Quando* eu recuperar minha herança, posso tratar legalmente desse assunto e de outros que precisam ser retificados. Mas, por enquanto, é tudo o que posso fazer.

Naomi virou o papel nas mãos, emudecida. Sabia ler e escrever como todos os outros escravos domésticos de Juniper Hill, contudo a fraca luminosidade a impedia de fazê-lo nesse momento. De qualquer modo, tinha poucas razões para crer no conteúdo daquela carta. Devia ser apenas um truque de Vivienne para ganhar sua colaboração.

Baixou a cabeça, guardando o papel dentro do saco.

— Acha mesmo que as irmãs do Santa Úrsula vão nos socorrer?

A nós duas? A pergunta causou estranheza a Vivienne.

— Claro que sim! Além de me ajudarem a provar minha identidade.

Naomi desejou que a confiança de Vivienne tivesse fundamento. Por experiência própria, sabia que gente importante só auxiliava gente importante. Melhor não alimentar muitas esperanças.

Amarrou o laço da capa humilde.

— Estou pronta.

Vivienne abriu a porta e as duas deslizaram para fora do quarto. Uma vez no corredor escuro, trancou a fechadura, de modo a adiar a descoberta do homem ferido. Com um gesto pedindo silêncio a Naomi, desceu as escadas, satisfeita em ter os movimentos abafados pela cantoria na taverna. Pé ante pé, caminharam para a saída que levava à estrebaria ao som de um refrão desafinado e indecoroso.

Para sorte das duas, as dobradiças da porta dos fundos encontravam-se bem lubrificadas e foi fácil abri-la. Fora, pesadas nuvens encobriam a lua e a escuridão era quase total. A chuva parecia ter cessado temporariamente, mas, sem dúvida, viajariam sob a ameaça de um temporal. O que ajudaria a apagar os rastros. Desde que já estivessem bem distantes dali.

Quando se afastavam rente às paredes, ouviram o som abafado de cascos na terra e se ocultaram atrás de uma pilha de toras. Bem a tempo. Um homem se aproximou da estrebaria, conduzindo um burro de carga e, estranhamente, bateu duas vezes na parede áspera; depois mais duas.

Em instantes, uma passagem secreta se abriu nos tijolos. Boquiabertas, Vivienne e Naomi observaram o estranho descarregar o animal, entregando os fardos para alguém lá dentro. De súbito, um deles caiu, espalhando centenas de moedas de ouro no chão. O homem juntou-as apressado, antes de desaparecer pousada adentro. Um garoto veio levar a montaria ao estábulo, e em seguida a passagem secreta se fechou, sem deixar qualquer sinal na parede.

As duas se entreolharam ao chegarem à única conclusão possível. Aquela não era uma estalagem qualquer, mas um antro de ladrões ou contrabandistas.

A porta da taverna foi aberta e dois homens saíram para verificar o tempo. Moviam-se pouco à vontade dentro dos sobretudos, como se não estivessem acostumados ao seu uso. O mais velho era robusto e barrigudo, o rosto coberto por um barba cerrada. O outro, mais alto, era sem dúvida o homem que acabara de entrar pela passagem lateral. Observou as árvores açoitadas pela ventania e fez um comentário qualquer. O velho estava

voltado na direção delas e o vento acabou por trazer-lhe as palavras.

— Vem um temporal aí... E duvido que passe até amanhã.

— *Oui*. Não vamos chegar a tempo para a reunião — respondeu o outro, num forte sotaque franco-canadense. — Mas o capitão Deveril não vai nos esperar com um tempo desses.

Vivienne prendeu a respiração. Não era possível que estivessem falando do homem que ela conhecia! O que *monsieur* Deveril poderia ter com aqueles dois?

Deveril, todavia, não era um nome comum por aquelas bandas. No jardim da Estalagem do Trevo, havia imaginado que ele estivesse envolvido em alguma atividade suspeita, mas descartara a hipótese posteriormente. Talvez mesmo um bandido pudesse ser galante diante de uma dama em desespero, ponderou, reticente.

Endireitou os ombros. Agora não importava. Ela e Naomi estavam a caminho do Colégio Santa Úrsula, onde as freiras lhes dariam abrigo e ajuda. Provavelmente jamais tornaria a ver Deveril, pensou, tomada por uma estranha melancolia.

Os homens tornaram a entrar, porém, as duas permaneceram escondidas, receando serem descobertas numa fuga precipitada. Vivienne esfregou a perna, tentando aliviar uma cãibra.

— Acho que podemos ir agora. Precisamos estar longe daqui quando Bertrand acordar. — Afoita, ergueu-se e deu um passo para trás pisando, sem querer, na pilha de toras atrás delas. Foi o bastante para que, com um barulho horrível, o monte começasse a desabar perigosamente, rolando para o chão da estrebaria.

Num reflexo imediato, Naomi a puxou para o lado, livrando-a de uma das toras que chegou a atingir-lhe os quadris. Voaram para o portão de saída, ao mesmo tempo em que a porta secreta tornava a ser aberta.

— Quem está aí?!

Mergulharam na vegetação densa ao lado da taverna e Vivienne olhou para trás. A silhueta forte de um homem desenhou-se na entrada lateral, enquanto a porta da taverna também se escancarava. Ofegantes, as duas foram até os arbustos que ladeavam a estrada, o ruído dos passos sobrepujado pela comoção na pousada. Vivienne fez menção de começar a correr, porém Naomi a deteve.

— Por aí não! Siga-me. É nossa única chance.

Um segundo depois, disparavam para dentro do bosque envolto em sombras. Aterrorizadas, abriram caminho entre as árvores sem perceber que sua presença nos arredores fora ignorada e o incidente com as toras atribuído a um serviço malfeito de um dos lacaios. Havia uma clareira mais adiante e o azul-pálido do vestido de Naomi se fez avistar com mais nitidez. Vivienne a alcançou e as duas continuaram a correr no escuro, enroscando-se nos galhos baixos e nas macegas.

Prosseguiram aos tropeços por mais algum tempo, tentando se esquivar da vegetação abundante, até que Vivienne começou a sentir os efeitos da tensão e da fraqueza causada pela doença recente. Buscou o ar, certa de que não iria muito longe. A lama ensopava-lhe os sapatos, chapinhando a cada passo, e logo o solo mostrou-se tão escorregadio que foram obrigadas a diminuir o ritmo.

De súbito, Naomi tropeçou numa raiz exposta e foi ao chão. Vivienne jogou-se a seu lado, ignorando o lodaçal.

— Meu tornozelo! — choramingou a moça, cerrando os dentes.

Vivienne tocou-o de leve.

— Foi só uma torção, acho. — Ergueu a cabeça, atenta. Não havia sinal de que estavam sendo perseguidas. — Vamos descansar aqui até que melhore.

As palavras dela trouxeram uma expressão atônita ao rosto da outra menina.

— Não vai me deixar aqui?

— Claro que não! Por que esse espanto? Estamos nisso juntas, não estamos?

Removendo o cinto do vestido, improvisou uma atadura e imobilizou o tornozelo de

Naomi. Terminada a tarefa, acomodou-se no chão, olhando ao redor. A lua saíra de trás das nuvens densas clareando um pouco o bosque cerrado e revelando as águas escuras e sinistras de um mangue.

— Oh, não... — murmurou, desalentada. — Estamos num pântano! Vamos ter de voltar.

— Escute! — Naomi ergueu-se, testando o tornozelo. Vivienne franziu a testa, atenta. A princípio não ouviu coisa alguma, exceto o som da própria respiração. Mas gradualmente tomou consciência de uma ressonância estranhamente rítmica. "Não é nada... Só meu batimento cardíaco", tentou se enganar. Mas o solo sob ela começou a vibrar com cada batida, arrepiando-a dos pés à cabeça. A noite encheu-se desse ressoar contínuo e cadenciado, provocando ecos. A voz dos tambores proibidos dos escravos, chamando do fundo do pântano.

A percussão surda ganhou intensidade, reverberando assustadoramente até parecer vir de todas as direções. A folhagem densa farfalhou perto delas e a figura alta e ameaçadora de um homem surgiu da escuridão.

Vivienne e Naomi recuaram, lívidas, quando ele avançou, posicionando-se sob a luz azulada que incidia entre as árvores. A lua iluminou-lhe a pele negra do rosto, o cabelo tosado, as feições rudes e assustadoras. Impossível definir-lhe a idade.

Os tambores cessaram de repente. Por um momento interminável, o homem permaneceu diante delas em silêncio, os braços cruzados diante do peito. Vivienne engoliu em seco, sentindo-se como uma ré no Juízo Final.

Quando ele falou, seu timbre grave e ressonante assustou a ambas:

— Quem são vocês e por que estão aqui?

Vivienne foi a primeira a encontrar a voz.

— Somos apenas duas meninas em busca de abrigo no Colégio Santa Úrsula, de Nova Orleans.

Ele inspecionou os trajés sujos e rasgados sob a luz pálida.

— Falam a verdade, ou são criadas em fuga?

Naomi lançou um olhar a Vivienne, depois se voltou para o negro.

— Não. Somos... livres.

Ele riu, e seu riso ecoou, atemorizante, na quietude da noite.

— Acho que estão livres no momento. Mas vou ajudá-las. Eu e meus amigos.

Surgindo das sombras, várias formas aglutinaram, juntando-se a eles. Homens e mulheres cujas faces eram o retrato vivo da África.

O homem sorriu para Vivienne e Naomi.

— Meu nome é André — revelou, sucinto. — E este é meu povo. Bem-vindas ao Santuário.

CAPÍTULO VI

— Vamos levar as moças pelo rio.

Ao pronunciamento de André, a comoção foi geral, porém aparentemente favorável. A única reação contrária foi de um homem magro, de faces encovadas, que avançou um passo, apontando Naomi.

— Esta, sim. Não a outra!

Vivienne recuou um passo ao se ver alvo de tanta hostilidade.

— Ela é branca — prosseguiu ele. — Não pode usar o Santuário como abrigo.

André voltou-se para os outros.

— O Santuário é o refúgio dos desabrigados. Lucius já falou o que pensa. O que me dizem vocês?

Não houve resposta, até a manifestação de uma mulher. Era de meia-idade, tão alta e magra quanto André.

— Confio na sua intuição — disse em voz alta. — Mas se Lucius e alguém mais têm dúvidas, então o velho Ju-Bah deve decidir.

— Muito bem. — André concordou com a cabeça. — Ju-Bah sabe o que há nos corações delas. Vai avaliar meu julgamento.

Um murmúrio de consentimento percorreu o grupo.

— Ju-Bah decide — repetiu alguém, antes que tornassem a desaparecer nas sombras.

Todos, menos a mulher.

— Eu sou Elinka — disse. — Vão nos seguir, pisando onde eu pisar. E não devem falar enquanto eu não disser que é seguro. — Deu as costas, e Vivienne e Naomi não tiveram escolha senão obedecê-la.

A trilha era pantanosa e praticamente invisível. A certa altura, Vivienne errou o passo e ficou com meia perna afundada na lama. Não abriu a boca, contudo, recebendo de Elinka um olhar de aprovação. Na verdade, não tinha como quebrar aquele trato de silêncio e admitir que o medo, mais que a coragem, a mantinha calada.

Com passos seguros e ligeiros, Elinka as guiou através da vegetação densa. Para Vivienne, o cenário era um só: um mundo selvagem e assustador onde o perigo se ocultava em cada sombra e a morte espreitava das águas escuras do pântano. Ouviu algo rastejar, depois chapinhar, e correu atrás dos outros, pressentindo a presença de répteis.

Estranho, pensou, que a lua, apesar de oculta a maior parte do tempo, surgia hora à frente deles, hora às suas costas. Pareciam andar em círculos pelo mangue. Sentiu o estômago se apertar. Talvez a intenção de Elinka fosse confundi-las, impedindo que gravassem o caminho. E essa estratégia era maquiavélica. Daquela maneira, ela e Naomi jamais encontrariam a trilha de volta, se precisassem.

A jornada parecia interminável. Vivienne já mal sentia as pernas quando Elinka caminhou por um tronco caído de árvore e as duas foram obrigadas a fazer o mesmo, ainda que sem a menor segurança. Uma vez em terra firme, a estranha marcha teve prosseguimento. Pouco depois, o grupo mergulhava numa espécie de túnel de raízes e galhos, nem um pouco apropriado para as vestes longas de Vivienne e Naomi.

As duas lutavam para acompanhar Elinka sem enganchar as saias nas plantas secas quando avistaram, por fim, um amontoado de casebres mesclando-se à paisagem enevoada, quase fantástica. Um mar de madeira lascada subindo pelos troncos limados, pelos galhos das árvores, tecendo tetos e paredes. Uma civilização incrustada num deserto vivo.

Elinka as conduziu até uma das choupanas fendadas.

— Se Ju-Bah consentir na sua presença no Santuário, ficam aqui comigo.

André juntou-se a elas, pouco depois, trazendo uma expressão solene no rosto escuro. Fez uma reverência antes de começar a falar grave e pausadamente:

— Estive com Ju-Bah. Ele mandou que eu desse as boas vindas a elas. Por três dias elas serão suas convidadas de honra.

Vivienne sentiu na pele o alívio de Elinka e dos demais que aguardavam, diplomaticamente, nas sombras. Seguro de sua liderança e da decisão de socorrer as duas, André permaneceu impassível, ignorando a súbita retirada de Lucius, que até então se consumira em contrariedade.

Elinka ergueu o pano de vela que cobria a entrada do casebre, indicando que Naomi deveria permanecer do lado de fora, enquanto Vivienne entrava, sozinha. Não havia nada lá dentro, exceto um banco de três pés moldado em um tronco de árvore e um estrado

tomado de limo, coberto com um pano de saco.

Vivienne olhou ao redor, estremecendo com a atmosfera lúgubre do lugar. Era como se as paredes úmidas houvessem absorvido as emoções dos que haviam estado ali. Percebeu que Elinka questionava Naomi lá fora, porém não teve como decifrar a conversa. Tudo o que podia fazer era analisar a estranheza de sua situação. Era uma fugitiva entre milhares de fugitivos. Uma intrusa cuja vida encontrava-se nas mãos daquela gente sofrida, e não raro revoltada como Lucius. As posições estavam agora invertidas. Perigosamente invertidas.

Naomi entrou no casebre pouco depois. Sem nada falar, deixou-se sentar no catre, livrando-se das botinas e das meias. Deitou-se, então, dando as costas para Vivienne.

Ainda que acostumada com tal comportamento desde os tempos de infância, quando conviveu com as crianças escravas, Vivienne compreendeu, surpresa, que o que sempre tomara como reserva não passava, na verdade, de um gesto puramente defensivo. E não tinha idéia do que ia por trás dele. No sótão sufocante de Juniper Hill, Naomi baixara a guarda pela primeira vez, expondo sua amargura, súbita e rapidamente, tal qual um relâmpago numa tarde de verão. Depois tornara a se recolher no abrigo remoto de seu íntimo.

Vivienne suspirou, desalentada. Um sexto sentido lhe dizia que a estranheza da companheira agora advinha daquela conversa sussurrada com Elinka.

Exausta demais para se despir, tirou as botas e as longas meias, acomodando-se no catre largo e duro, ao lado de Naomi.

Incapaz de se livrar da tensão, porém, tocou o ombro da moça.

— Não disse a eles quem sou, não é? Nem que é minha escrava, em Juniper Hill?

Naomi bateu no bolso onde guardava o papel que Vivienne tinha assinado, restituindo-lhe a liberdade.

— Não estamos nisso juntas? — repetiu as palavras dela.

Vivienne expirou, aliviada.

— Quem é Ju-Bah?

Naomi rolou no estrado, voltando-se para ela.

— Nunca ouviu falar nele? Todo escravo na Luisiana conhece Ju-Bah. A mão de Deus o tocou. Ju-Bah sabe o que é, o que foi e o que vai ser.

— Acha que Ju-Bah também sabe sobre mim?

— Sabe. Ju-Bah sabe tudo.

— Mas Lucius não sabe — lembrou Vivienne, hesitante. — Se soubesse, não me deixaria ficar.

Naomi tornou a dar-lhe as costas.

— Se Lucius soubesse, ele te matava.

Nos dois dias que se seguiram, Vivienne aprendeu muito sobre o Santuário e seus habitantes, condenados a viverem como eternos nômades. A prudência ditava que o acampamento mudasse de local de tempos em tempos, devido à constante perseguição de cães, e mesmo por caprichos da natureza, como tormentas devastadoras ou a invasão de crocodilos. Centenas de refugiados iam e vinham, sempre sob a guarda e a liderança de um grupo pequeno e imutável. A promessa de um abrigo seguro destinado aos que tinham sede de liberdade passava de boca em boca, de escravo em escravo, atraindo-os para o Norte.

André era o líder, e com sua habilidade de organização mantinha as bases do Santuário. Mas a força espiritual de seus ocupantes advinha do misterioso Ju-Bah.

E de uma mulher chamada Fancy. Com um turbante estampado em marrom sempre amarrado em torno da cabeça. Fancy era uma fortaleza, dona de inegável carisma. Inspirava a admiração em todo seu povo, e Naomi passou a imitá-la nos menores gestos. O turbante azul que agora envolvia os cabelos da moça provava a sua necessidade de identificar-se com os costumes de sua raça.

Embora a adoração cega da garota irritasse Vivienne, ela também admirava a mulher. Fancy parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, coletando e divulgando informações, supervisionando o cuidado aos doentes e o suprimento de roupas e alimentos. Sua atuação era um exemplo de virtude e resistência.

Em compensação, devotava o máximo desprezo a Lucius. O homem aproveitava-se de todas as oportunidades possíveis para perturbá-la, deixando-a temerosa e estarrecida com a intensidade de seu ódio. O que tinha feito para merecer tal tratamento? Jamais na vida fora vítima de tanta hostilidade.

Não até cair na armadilha de Bertrand St. Germaine.

Ainda pensava em Lucius quando seus caminhos se cruzaram. Vivienne tentou desviar dele, porém o negro a empurrou com violência, jogando-a na lama e fazendo-a derrubar a cuia cheia de raízes que levava para Elinka.

— Branca imprestável! — xingou em voz alta.

Ela o encarou, chocada demais para falar, e ele deu-lhe as costas, afastando-se a passos largos. Vendo-se observada por muitos companheiros do acampamento, Vivienne ergueu-se, constrangida. Juntou as raízes e preparou-se para refazer a tarefa, o vestido ensopado de lama, a revolta ardendo dentro do peito.

André juntou-se a ela, pouco depois.

— Sua roupa está suja, *mademoiselle*.

— Viu o que ele fez comigo? Não foi nenhum acidente. Por que me atormenta desse jeito? O que fiz para que me detestasse tanto?

— Não é a você que Lucius despreza. Mas tudo o que representa.

Vivienne corou.

— Meu pai sempre tratou muito bem nossos criados.

— Acha que chamando os negros de criados elimina nossa condição de escravos ou nos protege de abusos?

— Nunca se explorou um negro em Juniper Hill!

André sustentou o olhar.

— Tirar a liberdade de um homem não é exploração?

Vivienne sentiu o sangue abandonar seu rosto. Não era mais uma criança, alheia ao que acontecia ao redor. Tinha consciência da situação injusta que viviam e da necessidade de mudá-la.

André a observou por alguns instantes antes de despedir-se com uma reverência.

A revolta de Lucius tornou-se mais compreensível para Vivienne naquela mesma noite. Segundo Naomi, ele perdera a mulher e o filho enquanto trabalhava nos campos. Os dois haviam sido vendidos. E Lucius, surrado até a inconsciência por protestar.

A madrugada correu e Vivienne permaneceu desperta, face a face com a amarga realidade que a confrontava.

A manhã não demorou a chegar. Vivienne virou-se sobre o catre, olhando ao redor, sonolenta. Elinka não estava mais ali e o dia lá fora parecia estranho. Intrigada, ergueu o pano que cobria a entrada. Uma neblina densa descera durante a noite e o acampamento emergia da névoa, como uma ilha num mar branco e agitado.

Ou como a cidade perdida de Lyonesse que, segundo a lenda, ressurgia a cada cem anos do fundo do oceano. Era quase como se fosse ouvir o repicar dos sinos anunciando sua reaparição.

Interrompeu os devaneios quando Elinka veio até ela. Parecia que a neblina envolvia seu corpo esguio tal qual uma seda.

— Vá buscar Naomi — ouviu-a instruir com voz macia. — Ju-Bah quer vê-las antes de irem embora.

Cinco minutos depois, as três encontravam-se em pé diante de uma choupana de telhado em forma de cone. Em silêncio, outros se aproximaram, postando-se a alguma distância. O pano da entrada foi afastado e André apareceu.

— Ju-Bah está vindo. Não falem até que ele peça.

O grupo ficou à espera. Então um homem saiu do casebre. Bastante idoso, porém surpreendentemente ereto para a idade, de pele escura, cabelos e barba brancos. Caminhou devagar, mas com segurança, ostentando uma postura altiva. Irradiava poder e Vivienne prendeu a respiração involuntariamente. Não havia nada de assustador na figura de Ju-Bah, e ainda assim a energia que emanava dele a surpreendera. Nunca conhecera alguém assim.

— Pode vir — disse ele, num tom baixo e autoritário. Antes que elas se aproximassem, porém, o ancião ergueu as mãos, dirigindo-se a seu povo.

— André foi sábio trazendo as duas fugitivas para o Santuário. Elas foram enviadas a nós. Um dia vamos colher os frutos da compaixão de André. Elas foram nossas convidadas por três dias e três noites. Agora devem partir em busca de seus destinos.

Apenas quando Elinka as incitou a andar, é que Vivienne percebeu a membrana fina e esbranquiçada que cobria os olhos do homem. Ju-Bah era cego. Mesmo assim, caminhou direto até Naomi, tocando-a na testa.

— Os pais de seus pais foram reis em sua época — revelou com a voz profunda e vibrante que fez as palavras reverberarem no ar. Todos os outros sons pareceram abafados por ela.

Vivienne sentiu os joelhos fraquejarem. Havia algo naquele lugar. Uma força oculta e superior. Deviam ajoelhar-se? Olhou para Naomi em busca de uma resposta e viu uma camada de suor cobrindo-lhe o rosto, os olhos negros arregalados de pavor.

— O que vê para mim, pai Ju-Bah? — ouviu-a indagar num murmúrio.

Os olhos opacos do velho pareceram iluminar-se.

— Um caminho difícil e tortuoso, com perigo e segredo ao fim da jornada. Mas siga o chamado do lobo e vai encontrar a felicidade. Mais felicidade do que jamais imaginou, filha. E trabalho. — Deixou a mão cair ao lado do corpo. — É isso que vejo.

Voltou-se para Vivienne e estendeu a mão nodosa. Tímida, ela a tomou, sentindo o coração acelerar loucamente. Para sua surpresa, Ju-Bah soltou uma risada fraca.

— O que vejo? Tomou uma pedra da tina e pensa que esvaziou ela. Mas um dia vai descobrir que a tina ainda está cheia. Precisa ajudar a entornar ela.

O homem se fechou numa redoma de silêncio depois disso, e a pulsação de Vivienne se acalmou. Parecia não haver mais nenhuma mensagem para ela. Ainda assim, não se deu por satisfeita.

— *Monsieur* Ju-Bah, *s'il vous plait...* Preciso saber se algum dia eu vou recuperar o que é meu por direito.

Uma vez mais o negro velho riu, soltando a mão dela.

— Tudo o que desejar vai ter, filha. Até o que ainda não sabe que deseja. Mas, antes disso, tem muita coisa pela frente. Aventura, perigo e risco de morte.

Vivienne empalideceu e a expressão de Ju-Bah se suavizou, quase como se ele pudesse ver a reação dela.

— Coragem, filha. Mande embora o medo. Alma boa vai proteger você e guiá-la pela escuridão. Mas o ouro engana e o enigma não vai ser decifrado até o coração se revelar.

Vivienne franziu a testa, confusa. Sabia, entretanto, que a audiência tinha terminado.

— *Merci, monsieur* — agradeceu, num sussurro.

O velho Ju-Bah deu as costas e retornou à choupana com a dignidade de um rei, os passos seguros. Vivienne e Naomi permaneceram paradas, até que Elinka as tocou, rompendo a magia.

— Precisamos nos apressar. André está esperando.

Seguiram pelas trilhas ladeadas de junco, adentraram o túnel de vegetação cerrada, depois os mangues traiçoeiros. Vivienne olhou por cima dos ombros e viu, com uma estranha sensação de perda, o Santuário desaparecer aos poucos em meio à neblina.

Antes que imaginasse ser possível, emergiram na margem da estrada. A alguma

distância, o telhado da Chat Rouge já podia ser avistado entre as árvores. E não haviam demorado nem quinze minutos para chegar ali.

Ao ver a expressão assombrada de Vivienne, Elinka abriu um sorriso e ela se deu conta de que estivera certa quanto à estratégia dos negros. Daquela vez, não tinham andado em círculos. Elinka as guiara pelo caminho mais curto, o que representava um tributo às duas; uma prova de confiança. Sorriu de volta, contente.

Uma carroça velha, abarrotada de frutas maduras, descia a pequena trilha guiada por um homem de chapéu de palha, calças surradas amarradas com uma corda na cintura e camisa de algodão cru. Tinha os ombros curvados e um ar de humildade e resignação. As duas só se deram conta de quem se tratava quando o veículo estancou à frente delas: André.

— Como consegue se disfarçar tão bem? — exclamou Vivienne, admirada.

— Não me reconheceram, *mademoiselles*? Então podemos viajar em segurança. Subam, vamos. Não podemos nos atrasar.

Elas obedeceram de prontidão. Vivienne notou, mais tarde, que o disfarce de André não se limitava aos trajes. O modo como se movia e se comportava era o de alguém acostumado a viver na defensiva. Como se um chicote pudesse estalar a qualquer momento. O pensamento causou-lhe uma dor aguda e, a custo, conteve o choro.

No fundo, não havia diferença entre André e Lucius, refletiu, enquanto tomavam o caminho de Nova Orleans. Embora pouco falasse, muito aprendera sobre ele. André nascera para a liberdade, ainda que seus pais fossem escravos. Fora criado em Ohio com certo conforto e privilégios, o que não amenizara sua indignação quanto à condição de seu povo. Não podia viver em paz enquanto os seus apodreciam no cativeiro. Assim, tornara-se um dos primeiros "guias", organizando refúgios nas florestas e pântanos, onde outros trabalhavam e o ajudavam a planejar a fuga de escravos. Tinha a cabeça a prêmio e, sem dúvida, estava se arriscando muito ao levá-las para a cidade. Por que o fazia, porém, Vivienne não tinha idéia.

O sol começou a clarear o horizonte, pintando o céu de um cinza-pálido. Entraram pelos subúrbios de Nova Orleans, atravessando as regiões mais pobres, e Vivienne tratou de se concentrar no que havia pela frente. Tinha fé nas predições do velho Ju-Bah. Charlotte e Bertrand seriam desmascarados e ela teria Juniper Hill de volta. Quanto às outras profecias, não soubera interpretá-las. Que enigma era aquele citado por pai Ju-Bah? O que significariam as pedras a que ele se referira?

Ao se aproximarem do mercado, sentiu crescer a excitação. Haviam alcançado Nova Orleans em segurança e tudo ia acabar bem. Que perigos poderiam aguardá-las dentro das paredes do Colégio Santa Úrsula?

A carroça cruzou a cidade e logo tinham chegado a seu destino. Apesar de muito cedo, a praça do mercado já fervilhava, numa profusão de cores, sons e cheiros. As pessoas moviam-se, afobadas; atacadistas, varejistas, donas de casa e criados, todos rodeando e examinando as mercadorias: cestos e barris repletos de frutas, legumes e verduras, gaiolas de aves, peixes frescos, camarões rosados recém-pescados das águas salgadas do golfo. Cachos de bananas e réstias de alho pendiam das barracas.

André estacionou a carroça em uma das baías, ao fim da praça, e inclinou o chapéu de palha sobre a testa.

— Vão ficar aqui.

Vivienne amarrou melhor o chapéu sob o queixo antes de saltar. Apanhou uma cesta de flores na carroceria e Naomi fez o mesmo com uma contendo botões, a qual equilibrou na cabeça sobre o turbante ocre.

Vivienne rodeou o carro e sorriu para André, agradecida.

— Obrigada por tudo. Não vamos nos esquecer de sua generosidade. Um dia iremos retribuí-la.

Ele a fitou, sério.

— Só quero uma retribuição: que mantenha sua palavra quanto a nossa causa.

— Juro pela alma de meu pai. Não duvide disso.

Diante da emoção na voz de Vivienne, André não teve dúvidas. Possuía um sexto sentido aguçado para avaliar as pessoas. Desde o princípio, havia percebido a força e a dignidade daquela jovem. Se ela fosse bem-sucedida em seu propósito, se tornaria uma importante aliada.

Voltou-se para Naomi.

— E de você, *mademoiselle*, o que posso esperar?

Naomi baixou a cabeça. André a intimidava, de certo modo.

— O que quer de mim?

— Que um dia nos ajude em nossa empreitada.

Ela o encarou, solene.

— Prometo que sim.

Sorrindo pela primeira vez à sombra do chapéu, André estalou a língua para os cavalos, pondo o carro em movimento.

Vivienne e Naomi misturaram-se à multidão, atravessando a praça do mercado em direção a uma das travessas. A caminhada até o colégio era longa e, a princípio, Vivienne temeu que pudessem cruzar com Bertrand em algum ponto. Mas conforme iam deixando para trás as barracas de mascates, os pirralhos e mendigos, sentiu a confiança se firmar, assim como o sol no céu azul. Bertrand e Charlotte não deviam andar por ali. E, mesmo que se encontrassem, dificilmente as reconheceriam naqueles trajes.

Quando alcançaram uma região mais nobre, a atmosfera mudou. A epidemia parecia ter sido controlada e havia pessoas nas ruas. Mulheres e cavalheiros impecavelmente vestidos circulavam em suas charretes luxuosas, ignorando a presença das duas floristas. Quando Vivienne e Naomi decidiram sentar-se na mureta de uma residência para comer algumas frutas, porém, um criado veio enxotá-las dali, apressado.

— Fora daqui, vocês. O patrão não quer ver gente vadia rodeando a casa.

Vivienne fez menção de reagir, mas lembrou-se das circunstâncias e calou-se, resignada. Tinha a garganta seca, mas não ousou pedir um pouco de água. Começava a ver a humanidade com outros olhos. Os pobres e desamparados não lhe seriam mais invisíveis. Quando chegasse ao Santa Úrsula, podia se oferecer para ajudar irmã Albina no serviço de caridade enquanto esperava a perfídia de Charlotte e Bertrand vir à tona.

Distraída, virou a esquina da rua que levava ao colégio, deparando-se com duas mulheres que tentavam, inutilmente, puxar uma carroça velha. No desespero, não haviam reparado que uma das rodas encontrava-se fora do eixo. Depois de dizer-lhes rapidamente o que acontecia, ela e Naomi tomaram depressa seu caminho.

As paredes de pedra altas e cercadas de ferro do colégio assomaram a distância, trazendo lágrimas aos olhos de Vivienne.

— Oh, Naomi! Conseguimos! Agora estaremos seguras.

Com as energias renovadas, ela correu até a entrada, obrigando Naomi a acompanhá-la.

Ao deparar-se com os portões trancados, entretanto, franziu a testa, olhando ao redor. Ervas daninhas tomavam conta dos sulcos entre as lajes da calçada e os arbustos e árvores pendiam ressequidos, detrás das grades de ferro. Notou o metal manchado dos portões de carvalho, o capacho sujo de poeira, e um arrepio de apreensão percorreu-lhe o corpo. Fora ingênua demais acreditando que o reduto sagrado do Santa Úrsula permaneceria inviolável diante da peste que varrera a cidade.

Desceu correndo os degraus rasos e contornou o colégio, em direção aos portões do pátio. Encontravam-se destrancados e ela sorriu. Talvez as freiras não usassem mais a entrada da frente, pensou, entrando sem rodeios.

Foi como pisar num castelo de horrores. O perfume do incenso e a fragrância das flores não mais existia. O que sentiu foi um cheiro sufocante, misto de vísceras podres,

lixo, suor e álcool. Sob o facho de luz que incidia de uma janela quebrada, Vivienne pôde ver as paredes cuspidas, os lambris cruelmente riscados com nomes e iniciais. Fragmentos de vidro estalaram sob seus pés e ela fitou o chão, os olhos custando a se acostumarem com a escuridão. O assoalho antes polido do corredor encontrava-se opaco, manchado pela sujeira e repleto de garrafas quebradas, papéis amassados. E havia mendigos ali. Em um nicho, a imagem de São Miguel jazia, despedaçada.

Olhava os estragos, estarecida quando ouviu passos pesados atrás de si. Antes que pudesse se virar, um braço peludo a agarrou pela cintura enquanto o outro se fechava em torno de sua garganta, feito uma barra de ferro. Um bafo de álcool inundou-lhe as narinas, sufocando-a.

— Olha só o que achei aqui...

Vivienne se debateu, inutilmente. Não conseguia sequer respirar e o sangue martelava-lhe os ouvidos com a pressão. Dois marinheiros corpulentos saíram, cambaleantes, de um corredor lateral. Estavam bêbados, sujos e cheiravam a graxa e rum. O mais novo, de cabelos e barba escuros, cutucou o companheiro nas costelas.

— Ora, ora... — Arrastou-se até Vivienne, trôpego. — Sabe que, ontem à noite, antes de dormir na capela, eu rezei. Como um bom menino. Do jeitinho que a minha velha ensinou. — Sorriu para os outros dois, exibindo uma fileira de dentes amarelos e manchados. — A mãezinha sempre dizia que o homem lá em cima atendia todas as preces. Eh-eh... Não é que Ele atendeu *mesmo*!

Os três a rodearam, apalpando-a nos braços e beliscando-a, ofensivamente. Vivienne tentou se esquivar, enojada.

— Não me toquem, seus animais! O que estão fazendo aqui?

O barbudo ergueu as sobrancelhas, fingindo admiração.

— Ora essa, gracinha. Herdamos o lugar. Olhe só para nós... Já viu rapazes mais humildes?

Os três explodiram em gargalhadas e ela comprimiu os lábios.

— O que fizeram com as irmãs, seus patifes?

— Nada! Mas não sobrou nem umazinha. Foram todas "ao encontro do Senhor"...

Os homens tornaram a rir, enquanto Vivienne empalidecia.

— O que estão dizendo? Morreram?! — Fitou-os, incrédula, sentindo-se assolada por uma onda de desespero. Irmã Clotilde, irmã Albina... Todas as outras... Levou a mão ao estômago, em choque.

— Brincadeirinha — riu um deles. — Também não é assim! Nem todas bateram com as botas. Muitas voltaram para o lugar de onde vieram — contou, com dificuldade, virando a pequena garrafa que tirara do bolso de uma só vez.

Vivienne fechou os olhos, em pânico. A maioria das freiras era francesa. Se haviam mesmo obtido permissão para regressar do Novo Mundo... Então todos os seus planos e esperanças tinham sido em vão!

Permaneceu imóvel, tão inerte quando a efígie arruinada de São Miguel, até que gritos estridentes chegaram a seus ouvidos, vindos de fora.

— Naomi!

Com as reações alteradas pelo álcool, os homens não tiveram como impedi-la de se livrar com um safanão e correr de volta aos portões. Do lado de fora, Naomi segurava um garoto pela camisa.

— Solte-me! — gritou o moleque magricela, de cabelos muito loiros e rosto encardido.

— Esta peste tentou tirar o saco de moedas do meu bolso — explicou Naomi, ofegante. — E minha maçã também! — Sacudiu-o pelo colarinho. — Ladrãozinho sem-vergonha!

Vivienne observou-o, intrigada. Ele não lhe era estranho.

— Ele deve estar com fome.

— Não esse aqui! Ele...

Naomi se interrompeu quando os três bêbados cambalearam para fora e, entre gargalhadas ásperas, um encorajava o outro.

— Ela ainda está aqui! E tem outra junto!

— E... E tão boa quanto!

— Não vão escapar, não, docinhos...

Vivienne prendeu a respiração. Aqueles três iriam colocá-las em apuros.

Olhou a entrada do pátio. As duas mendigas com quem haviam cruzado há instantes tinham conseguido arrastar a carroça quebrada até o portal do colégio, talvez na esperança de conseguir alguns despojos. Agora o veículo bloqueava a passagem.

Tornou a se concentrar nos homens. Não tinham saída a não ser que conseguissem escapar pelas grades de ferro altas que cercavam o Santa Úrsula.

Agarrou Naomi pelo braço.

— Vamos!

Juntas, as duas dispararam pelos pedregulhos escorregadios, ultrapassando a cerca viva que separava o pátio do jardim ensolarado. A paisagem não chegou a despertar em Vivienne nenhuma lembrança das tardes preguiçosas que passava sonhando sob os caramanchões. Muito menos do encontro desastroso com *monsieur* La Farge. Continuaram em disparada pelos jardins, pisoteando plantas e flores.

Em vão. Antes mesmo que chegassem às grades, perceberam que eram altas demais. Estavam perdidas!

Sem parar de correr, contudo, Vivienne olhou por cima dos ombros, vendo os três bêbados ao encalço delas. De súbito, colidiu com o garoto que tentara roubar Naomi.

— Mas...

— Por aqui, vamos!

O menino a agarrou pela mão e, afobado, puxou-a bem para o meio da cerca viva. Sem alternativa, elas o seguiram. Na certa ele conhecia alguma passagem secreta entre as estátuas e os arbustos do jardim que abria para a esquerda.

As grades de ferro altas, todavia, eram o que os aguardava. Vivienne estancou, estarrecida. Não havia como escapar por ali!

Engano seu. Com num passe de mágica, o garoto deslocou uma parte das grades trabalhadas, abrindo uma espécie de portão disfarçado. Sorriu para elas, orgulhoso.

— Eu mesmo cortei o ferro para pegar laranja. Peguei uma serra do velho John e a devolvi antes de ele perceber.

Numa manobra ágil, passou para o outro lado. Vivienne o fez em seguida, sem conseguir deixar de sujar as mãos e o vestido de terra. O espaço era mínimo e Naomi não foi tão feliz. O excesso de pano da saia, somado aos quadris largos, a fizeram entalar entre as grades. Vivienne tentou puxá-la, sem sucesso, e a moça buscou os outros dois com o olhar.

— Vão embora daqui, me deixem!

Vivienne não se deixou abater.

— Volte e tire a anágua, rápido! — Torceu as mãos, olhando ao longo da cerca à procura dos homens. Deviam estar chegando.

Naomi livrou-se da anágua, jogou-a para fora e fez nova tentativa. Somente com a ajuda de Vivienne e do garoto conseguiu ultrapassar os ferros. Num piscar de olhos, o portão secreto foi recolocado, não deixando nenhum vestígio.

Num acordo mútuo e silencioso, os três bateram em retirada, cortando a praça que ainda fervilhava de gente. Dobraram na primeira esquina, Naomi com a anágua enrolada sob o braço. O medo da captura e o regozijo pela fuga os fizeram manter o ritmo até pelo menos três quadras do colégio.

Pararam à sombra de uma velha árvore, a respiração saindo em espasmos. Assim que retomou o fôlego, Naomi voltou-se para Vivienne.

— Não devia ter me esperado. Podia ter sido apanhada.

— Não teria feito o mesmo por mim?

— Teria — admitiu ela, em voz baixa. — Teria, claro. Mas não se fosse algum tempo atrás.

Fez-se um silêncio constrangedor, enquanto as duas se fitavam.

— Entendo — murmurou Vivienne, antes de tentar limpar o vestido. — Mas o que passou está esquecido. Só gostaria de saber o que vamos fazer agora...

— Acho que vai ter de desistir da idéia de recuperar Juniper Hill.

— Nunca!

— Mas o que podemos fazer?

Os olhos de Vivienne cintilaram.

— Posso tentar encontrar meu tio Philipe. É o único que pode me identificar agora.

— Arregaçou a manga do braço direito, expondo uma marca de nascença em forma de coração. — Com esta marca e o camafeu que ganhei dele de presente, ele me reconheceria nem que houvessem passado séculos.

— Então tem de encontrá-lo de qualquer maneira.

Vivienne tornou a baixar a manga com um suspiro.

— Há um porém. Não sei exatamente onde ele deve estar. Tio Philipe teve uma discussão com meu avô, que queria que o filho se tornasse padre. Depois disso, meu tio partiu com um caravana de caçadores e comerciantes para explorar o território do Oregon. — Suspirou desanimada. — Se conseguíssemos chegar lá, de alguma maneira... Não deve ser tão difícil assim encontrá-lo.

Naomi e o menino concordaram com a cabeça e Vivienne concentrou-se no pirralho.

— Como chama?

— Esqueceu? Deu-me umas laranjas, uma vez, e eu disse que meu nome era Tom. Só Tom.

Agora ela se lembrava. Pelo visto, as freiras estavam certas ao afirmar que as boas ações eram recompensadas. Talvez pudesse tirar um pouco mais de proveito daquele golpe de sorte.

— Obrigada pela ajuda, Tom. Bem, meu avô sempre dizia que uma campanha de ataque bem-sucedida era sempre a melhor planejada... Eu e minha amiga precisamos de um lugar para ficar por uns dias. Conhece alguma hospedaria ou estalagem que esteja precisando de camareiras ou arrumadeiras? Tenho certeza de que nos daríamos bem nesse tipo de tarefa.

O menino sorriu.

— Eu já disse daquela vez que, se precisasse de ajuda, era só me procurar no Pretty Polly's. É lá que eu moro.

— Mas não conheço nenhuma Pretty Polly. Aliás, Polly nenhuma.

— Tenha dó! — O garoto fez uma careta, impaciente. — Pretty Polly não é uma pessoa. É um lugar! E minha mãe está sempre procurando moças para trabalharem lá.

Era como se o céu estivesse se abrindo para elas. Vivienne sentiu a confiança voltar. As lutas e as provações das últimas semanas agora pareciam ter acontecido há muito, muito tempo atrás. Com o futuro imediato sob controle, não tinha dúvidas de que sairia vitoriosa naquela empreitada.

— Parece a solução perfeita! — Imaginou-se num vestido de cintura marcada e avental embabadado sobre a saia, e sorriu para Naomi. — Pretty Polly... Lá vamos nós!

Se o Pretty Polly's era bastante diferente do que Vivienne esperava, pelo menos fazia jus ao nome. O máximo que ela havia imaginado era uma taverna de frente para o mar. Surpreendentemente, ficava numa das áreas mais ricas de Nova Orleans. A construção era imponente, com pincas de flores coloridas caindo das sacadas de ferro treliçado. Cortinas de renda e veludo eram visíveis por detrás das vidraças limpas, ao lado das lanternas adornando a porta dupla da entrada.

Voltou-se para Tom, incrédula.

— Você mora aqui?

— Moro. Nasci aqui.

Tom galgou os degraus rasos e empurrou uma das portas com a familiaridade de um antigo residente. Vivienne e Naomi o seguiram. O saguão era alto, elegantemente mobiliado sobre o chão marchetado de mármore com consoles franceses e espelhos de moldura douradas ornando com o candelabro de cristal. Vivienne notou cada detalhe, desde a escadaria em curva ao fundo até o fato de não haver um só cisco de poeira no lugar. Os criados deviam trabalhar até de madrugada ali, pensou, com certa preocupação. E ela e Naomi não tinham muita experiência em faxinas...

De qualquer modo, se fossem contratadas, dariam o melhor de si. Nem que ficassem por apenas alguns dias. Deviam seguir para o Oregon.

Com naturalidade, Tom mostrou o caminho até uma cortina de baeta verde que ocultava uma entrada sob a escadaria.

— Que tal um lanchinho na cozinha?

Vivienne o acompanhou, hesitante.

— Sua mãe é a governanta aqui, Tom?

Antes que o garoto respondesse, ouviu-se um gritinho de horror:

— Tommy! O que pensa que está fazendo?

O garoto estancou, o rosto vermelho.

"Eu sabia que era bom demais para ser verdade", Vivienne lamentou-se em pensamento, com o coração aos saltos. Agora não tinham como escapar.

Ao lado de uma tapeçaria, no corredor para a copa, uma mulher fitava os três, estupefata, a mão adornada de anéis no peito do vestido marfim enfeitado de renda *chantilly*. Seus traços suaves lembravam a imagem de um camafeu; os cabelos escuros presos num coque solto no alto da cabeça deixavam à mostra o pescoço alvo, de onde pendia um longo colar de pérolas e ouro.

Tom baixou os olhos e a moça caminhou até eles, transtornada.

— Não acredito no que estou vendo! O que significa is...

— Por Deus, madame, não queremos incomodar. Tom nos salvou de um bando de rufiões e nos trouxe para cá. Estamos procurando um emprego e um lugar para ficar.

A mulher encarou o filho, depois se voltou para estudá-las com os olhos semicerrados.

— Pode ser... — disse com a voz melodiosa tão refinada quando a própria aparência. — Limpas e vestidas decentemente, acho que as duas podem servir.

— Oh, muito obrigada, madame! Não vamos desapontá-la. Nossa eficiência vai provar nossa gratidão, pode estar certa.

A mulher piscou, confusa, e Tom explodiu numa gargalhada.

— Não fique com essa cara, mãe. Elas só querem trabalhar como criadas. Achei as duas no colégio, procurando as freiras.

Mãe! Vivienne e Naomi olharam o menino, a mulher, depois uma a outra. Talvez não tivessem ouvido bem. Mas tinham. A surpresa não terminara ali.

— Thomasina Wentworth! Não a quero mais andando por aí feito uma criança abandonada, muito menos vou permitir que continue usando esse inglês vulgar aqui dentro! — A mulher tomou Tom pela orelha, puxando-a com força. — Agora vá já para cima. Nounou vai lhe dar um banho e vesti-la decentemente.

— Mas...

— Nada de *mas*! Eu mesma cuido destas duas.

Amuada, a criança galgou a escadaria.

— Thomasina? — murmurou Vivienne, franzindo a testa. — Mas... pensamos que...

A mulher ignorou sua confusão, olhando as escadas para certificar-se de que tinha sido obedecida.

— Vivem me dizendo que minha filha vai superar essa fase de traquinagem, que não devo ficar transtornada. Só gostaria de saber quando vai ser isso...

Vivienne e Naomi permaneceram em silêncio e a mulher pareceu lembrar-se delas, por fim.

— Meu nome é Prudence Wentworth. Vou apresentá-las para as outras meninas mais tarde. Antes quero que conheçam a casa. Quem sabe mudam de idéia quanto ao trabalho!

Intrigadas, as duas viram-se conduzidas, não para os aposentos dos criados, mas escadaria acima, em direção aos quartos do segundo andar.

— Este aqui está vago — informou Prudence. — Acho que podem ficar nele. Se mudarem mesmo de idéia, o que não acho difícil, eu não vou ter que mudá-las para outro lugar.

Vivienne ouvia a tudo, a cabeça girando, certa de que tinham vindo parar num hospício.

CAPÍTULO VII

A tempestade caía impiedosamente e o vento soprava em lufadas, quase arrancando a capa de Deveril. Ele a puxou contra o corpo e instigou o potro castanho com os joelhos, obrigando-o a se embrenhar em um bosque cerrado.

A escuridão era total agora e ele não trouxera nenhuma lanterna. Mas não haveria problemas. Explorara o lugar pela manhã, memorizando cada detalhe.

Tirou do bolso uma máscara improvisada feita de uma meia escura, e colocou-a. Bem a tempo. Em meio à tempestade, outro som que não o da chuva se fez ouvir. Rodas de carruagem rolando no solo encharcado da estrada deserta.

A chuva dissipou-se pouco a pouco, depois cessou repentinamente, substituída por uma calma quase sinistra. De dentro da capa, Deveril sacou duas pistolas de cano longo, espiando entre a folhagem. Ao longe, em meio às árvores, viu balançarem as lanternas do veículo que se aproximava com lentidão.

Sorriu. Que chovesse canivetes... Nada interferia na pontualidade de D'Arcy.

Esporeou o cavalo de leve e o animal saltou para o meio da estrada. A carruagem nova custou a parar, ainda que o condutor puxasse as rédeas, sobressaltado.

Deveril ergueu uma pistola e atirou no ar.

— De pé! — gritou. — Renda-se!

O homem tentou sacar uma arma, mas os cavalos, assustados, empinaram perigosamente, obrigando-o a controlar a junta. Mesmo assim, uma das rodas atolou numa vala, deixando-o numa posição ainda mais vulnerável.

— Mãos para cima! — ordenou Deveril, e o condutor obedeceu de pronto.

As cortinas das janelas estavam cerradas, impedindo a visão de dentro da carruagem. Pistolas em riste, Deveril manobrou o corcel até mais perto, gritando para que o passageiro descesse. A portinhola se abriu, revelando um rapaz alto e magro, vestido com elegância, as botas cuidadosamente polidas. Ele parou junto à luz da lanterna, e Deveril viu que usava um anel de esmeraldas.

— Mas... o que acontece? — queixou-se, ajeitando as dobras da gravata. — Será que alguém pode me explicar o porquê de todo esse barulho?

— Já vai saber. Passe o anel e as outras jóias. Rápido!

O rapaz obedeceu, olhando por cima dos ombros para o interior do carro.

— Francamente, meu caro Fitzsimmons, não sei o que vai ser deste mundo. Não quando homens de bem, como nós, são abordados dessa maneira em plena via pública!

— Cale a boca, idiota! — rosnou uma voz de dentro do veículo.

Deveril ficou alerta. Um segundo passageiro não estivera nos planos. O perigo aumentara consideravelmente, mas não tinha como recuar agora.

O almofadinha remexeu a casaca, extraíndo dela uma pequena bolsa cujo conteúdo tilintou ao ser manuseado. Nada se ouvia do outro passageiro. Deveril tomou o saco de moedas e guardou-o em um dos bolsos.

— Agora o anel e o relógio!

— O relógio não é problema — afirmou o rapaz, passando a peça presa a uma corrente para Deveril, com ares de pouco-caso. — Vive atrasando e já me disseram que é de péssimo gosto... Agora, o anel... Desculpe-me, meu caro, mas é de valor sentimental.

— Para o inferno com seu sentimentalismo!

Resignado, ele tirou a jóia e a estendeu. Deveril a apanhava, quando percebeu um súbito movimento dentro da carruagem. Tombou sobre o dorso do cavalo bem a tempo de escapar de um tiro que passou rente, zunindo. Num acesso de pânico, o rapaz saltou para dentro do carro, impedindo que o companheiro tornasse a disparar.

Aproveitando a deixa, Deveril disparou bosque adentro, desaparecendo de vista.

— Maldição, D'Arcy! — esbravejou uma voz grave. — O que deu nessa sua cabeça oca?!

— Mil perdões, Fitzsimmons! Meu pavor foi maior que meu bom-senso! Tudo o que pensei foi em preservar minha própria vida...

O homem balançou a cabeça, desgostoso.

— Queria ter acertado aquele canalha na cabeça, mas acho que só o peguei de raspão.

D'Arcy empalideceu, levando a mão ao peito, afetado.

— Não vamos falar sobre essas coisas, *mon ami*, ou vou acabar desmaiando!

— Bah! — Fitzsimmons debruçou-se na janela e gritou para que o cocheiro prosseguisse.

Nesse meio tempo, Deveril escapou por um atalho pouco conhecido. Estava encharcado e congelado de frio, além de ter deslocado o ombro ao se abaixar para escapar do tiro. Sentia-o pesado e entorpecido. Talvez fosse mais sensato parar na Chat Rouge em vez de continuar naquele atoleiro.

Uma vez na taverna, bateu na porta, sendo imediatamente atendido por Labisse, que puxou os bigodes resmungando algo sobre a loucura de se sair numa noite daquelas.

Deveril bufou, extenuado.

— Poupe-me de seus sermões, meu amigo. Dê-me apenas um pouco de rum e meu quarto de costume. Acho que dormiria por uma semana, se pudesse.

Sem mais comentários, o hospedeiro buscou uma vela e guiou-o por um lance de escadas, ao fundo, depois através de uma porta baixa que dava num sótão. As regras do jogo ditavam sigilo, e os dois moveram-se silenciosa e sorrateiramente.

A área de armazenamento dividia-se em diversas alas e alcovas, construídas em torno das chaminés e cumeeiras da estalagem. As paredes, aparentemente sólidas, apesar dos ângulos inexatos, escondiam uma câmara secreta.

Labisse empurrou a armação de sarrafos em determinado ponto e a parede deslocou-se, revelando um quarto estreito mobiliado com um armário, uma escrivaninha e uma cama. Uma janela pequena de cortinas grossas espremia-se entre uma cumeeira e o corpo de uma chaminé, de modo a ser invisível para quem olhasse de baixo, do lado de fora.

Antes de se retirar, Labisse acendeu um velho candelabro sobre a mesa. Uma vez só, Deveril trancou a porta com cuidado e deixou-se sentar à escrivaninha, sem se importar em tirar a capa encharcada. Tirando o relógio roubado do bolso, desatarraxou a

tampa traseira da peça, encontrando, em vez dos mecanismos, dois círculos de papel escritos em letra minúscula.

Com um suspiro, apanhou uma lente de aumento na gaveta, mal se dando conta de que a insensibilidade em seu ombro começava a se espalhar por todo o braço. Apressado, decifrou o conteúdo da primeira mensagem:

"Segue algo interessante em anexo a esta. Esteja prevenido de que Romeo Jones pretende incitar os pés-pretos e seus aliados contra sua expedição. Mais do que nunca, Jondont detém a chave de tudo. O destino do Noroeste está em suas mãos, *mon ami*."

Ao pé do papel havia um *post-scriptum* na mesma letra refinada:

"De bom grado, deixo-o ficar com esse relógio medonho. Todavia, sou bastante apegado ao anel de meu avô e ficaria agradecido se o deixasse com L. no lugar de sempre. Se meus esforços valerem à pena, o verá novamente no Noroeste, através do qual reconhecerá meu agente."

Deveril baixou o papel, rindo. Com D'Arcy se podia contar sempre.

Guardou o relógio e o anel de esmeralda na gaveta secreta da escrivaninha. Labisse cuidaria para que fossem devolvidos a D'Arcy o mais discretamente possível.

Tomando o segundo papel em forma de hóstia, leu-o duas vezes, confiando cada palavra à memória. Depois queimou as mensagens na chama de uma vela, vendo-as retorcerem e pretejam pouco a pouco. As últimas letras que viu desaparecer foram as da assinatura: "Presidente A. Jackson".

Soltou os pedaços carbonizados e soprou-os até transformá-los num pequeno bocado de cinzas. Ao sentir nos dedos um líquido viscoso, tombou a cabeça para trás com um suspiro.

"Estou tão cansado que nem percebi quando derrubei o tinteiro", pensou.

Mas o líquido escuro sob sua mão não era tinta. À luz das chamas, percebeu que a mancha sobre a escrivaninha era de sangue.

Levantou-se para remover a capa e verificar o ferimento. Mas o quarto girou e Deveril caiu, inconsciente.

— Vivienne, não quer levar estas toalhas para o salão Cleópatra, por favor? E uma nova barra de sabão de camomila e aveia. Estamos esperando um cavalheiro que deseja tomar um bom banho. Já deve estar para chegar.

— Sim, Sra. Wentworth.

— Ah, ele gosta de que alguém lhe esfregue as costas. É bom prestar atenção, caso ele toque o sino.

Vivienne esboçou uma mesura reticente, e tomou as toalhas brancas lanosas, equilibrando o sabão sobre elas. Sentia cada músculo do corpo doer. Estava ali havia apenas uma semana e já trabalhara mais do que em sua vida toda. Comparando Prudence Wentworth com as enérgicas irmãs do Santa Úrsula, as freiras pareciam demasiado indulgentes.

Às vezes suspeitava de que aquela rotina torturante não passava de um mero estratagema da Sra. Wentworth para obrigá-la a reconsiderar sua posição ali dentro. Por isso, mesmo que levantasse antes de o sol nascer para esfregar os degraus da varanda e varrer o passadiço, e fosse para cama de madrugada depois de ajeitar e encher todas as lamparinas, em nenhum instante se sentia tentada a tornar-se *uma jolie mademoiselle*, como as prostitutas eram chamadas no Pretty Polly's. Prudence Wentworth odiava o apelido dado às meninas, há tempos, por alguns dos clientes. Mas o gracejo fora inevitavelmente instituído.

Era terça-feira e mais um dos jantares elaborados de Prudence aconteceria no salão Versailles. As garotas preferidas da casa estariam presentes para entreter os cavalheiros, e só mais tarde o grupo se dissolveria, aos pares, para uma ceia discreta. Normalmente, tal ritual significava uma pausa de várias horas para Vivienne. E ela não via a hora de poder pôr os pés doloridos para cima e descansar.

Mas não aconteceu bem assim. Enquanto trabalhava, ficou a imaginar que tipo de homem viria ao Pretty Polly's apenas para tomar um banho. A clientela da Sra. Wentworth era, inequivocamente, da classe alta e abastada. Mesmo assim, não conseguia atinar com nenhuma razão pela qual um cliente pudesse querer se banhar num bordel. Um excêntrico, talvez. Ou um homem fastigioso ao extremo.

Nunca tinha visto nenhum dos freqüentadores, já que as criadas tinham ordens estritas de evitar a clientela. Mais um motivo para que desconfiasse daquela instrução de Prudence: esfregar as costas do tal homem, se ele desejasse...

Uma vez no salão Cleópatra, empurrou a porta com os quadris e deslizou para dentro com destreza. O aposento pertencia à La Petite, uma mulata caprichosa e a mais bem paga do Pretty Polly's. Era decorado com bom gosto, ainda que num estilo exótico. Naomi tinha ficado escandalizada ao pôr os olhos pela primeira vez nas lamparinas de ébano cuidadosamente esculpidas na forma de virgens Núbias e nos espelhos que cobriam grande parte das paredes e do teto.

Já ela, ficara intrigada. Atravessou o quarto pisando sobre o tapete de motivos egípcios. As botinas de couro afundaram, silenciosas, na lã macia. Uma vez mais, aspirou o perfume delicioso, misto de sândalo, âmbar gris, almíscar e mais alguma essência que nunca conseguia identificar.

Fechou os olhos e continuou caminhando, devagar, na tentativa de captar a atmosfera que o salão evocava. Imaginou-se deitada na cama de ébano marchetada com marfim, usando um dos robes de seda transparente que vira pendurados no armário, aceitando cachos de uvas e pêssegos suculentos de uma criada...

Mas a imagem era fugidia e Vivienne apertou os olhos com força, querendo ir além.

Foi mais do que devia. No segundo seguinte, trombava na banheira de cobre batido, curvando-se sobre a borda e derrubando as toalhas.

— Mas... que diab...!?

A voz masculina e as mãos fortes e úmidas que a impediram de mergulhar na água quente a fizeram arregalar os olhos, em choque. Choque que se intensificou assim que identificou o dono daquela voz.

— Você!? — os dois falaram em uníssono.

De dentro da banheira, o rosto tão vermelho quanto o dela, Deveril a encarava entre furioso e incrédulo. Mal dormia à noite, imaginando as coisas terríveis que podiam acontecer a Vivienne, e há dias vinha tentando, inutilmente, encontrar uma pista de seu paradeiro. E, durante todo aquele tempo, ela estivera confortavelmente instalada no bordel mais caro de Nova Orleans!

Enraivecido, e ignorando a própria nudez, ele a agarrou pelo braço.

— Como veio parar aqui? E que diabos está fazendo neste lugar!?

— Minha sorte mudou muito desde a última vez que nos vimos, *monsieur*... Estou trabalhando por dinheiro. Uma boa quantia, se for pensar.

— Sem dúvida, deve ser muito bem recompensada por seus serviços, *mademoiselle*. — Os lábios dele se curvaram, num sorriso amargo. — Mas não imaginei que uma moça de sua estirpe pudesse se prestar a isso. E tão rápido! St. Germaine devia saber o que estava fazendo quando a trouxe ao Pretty Polly's.

Não havia como interpretar mal aquelas palavras. A despeito da raiva, Vivienne viu-se perturbadoramente consciente dos olhos azuis que a fulminavam, do modo como as gotas de água escureciam os pêlos sedosos e dourados no peito moreno. A curiosidade a castigava, porém obrigou-se a sustentar o olhar e deter o curso de seus pensamentos.

— Quem pensa que é, afinal? Não se esqueça de que está aqui, me recriminando por um trabalho honesto, quando tudo o que quer é passar o tempo se divertindo com La Petite. — Empertigou-se, ajeitando o vestido que, apesar de ser um uniforme, estava impecável. — Para sua informação, não foi Bertrand quem me trouxe aqui. Vim por conta própria.

— Ainda tem coragem de admitir isso!?

— Claro que tenho. Golpeei Bertrand na cabeça e fugi com minha escr... com uma ex-escrava de meu pai. Foi a Divina Providência que nos guiou até aqui. Estou trabalhando como criada, *monsieur* Deveril. Apenas isso. — Tomou fôlego para rebater o que mais a aborrecera: — Além do mais, não sou nenhuma menina. Sou uma mulher feita.

O olhar dele desceu do rosto afogueado para o colo que arfava. A água havia espirrado no corpete do vestido e o tecido úmido delineava os seios firmes. Um segundo depois, Deveril apanhava uma das toalhas que boiavam, trazendo-a para junto do corpo na tentativa de manter um resto de dignidade.

— É melhor sair daqui. Podemos discutir isso mais tarde.

— Mas não quero discutir isso mais tarde! Talvez nem tenhamos outra chance de conversar!

Conforme ele tentava se proteger com a toalha, Vivienne notou a linha de sangue pisado sob uma bandagem improvisada num dos braços.

— Está machucado?

Deveril afundou na banheira, pouco à vontade.

— Foi só um arranhão.

— Mas ainda está sangrando! — protestou Vivienne. — Vou buscar *madame* Dussalt. Ela tem prática nessas cois...

— Não! — Ele tornou a detê-la, segurando-lhe o braço. — Não diga nada a ninguém. Muitas vidas podem depender do seu silêncio.

Mais mistérios, ponderou Vivienne, intrigada. Lembrava-se bem daquela tarde, na Estalagem do Trevo. Que Deveril estava envolvido em alguma espécie de trama secreta, não tinha dúvidas. Seria um espião inglês, como havia imaginado?

De qualquer modo, não era hora para especulações. Notou as linhas de cansaço e dor que sulcavam o rosto bonito.

— Muito bem — suspirou. — Vou guardar seu segredo. Mas só se me deixar cuidar dessa ferida.

Ele sorriu, cínico.

— Chantagem, *mademoiselle*? Pelo menos me deixe terminar meu banho.

— Vou buscar umas ataduras e unguentos. — Percebeu a preocupação nos olhos dele e sorriu. — Não se preocupe. Apreendi a ser discreta, trabalhando aqui. Faz parte do serviço.

Deveril sorriu pela primeira vez.

— Obrigado pela compreensão.

Ela bateu em retirada, enquanto ele se deixava mergulhar uma vez mais na água morna. Tinha ajudado Vivienne duas vezes, certo de que havia agido por galhardia ou cavalheirismo. Só agora se dava conta de que seu envolvimento com ela ia bem além disso. Vivienne o atraía, tirava-o do sério. Era loucura!, pensou. Ela havia acabado de deixar o colégio para ser órfã e desamparada, e tudo o que ele conseguia pensar era em como ela ficaria nua em seus braços...

Respirou fundo, chocado consigo mesmo. Jamais uma mulher o deixara tão desvairado de desejo. Nem tão rapidamente.

Praguejou, vendo o vapor dançar a sua frente. Devia estar brotando de seus poros e não da água... Precisava de uma mulher, com urgência. Já fazia tempo demais.

Saiu da banheira, apanhando a única toalha que escapara da imersão. Tinha deixado o Green Parrot, onde estava hospedado, e vindo até o Polly's na esperança de evitar perguntas indiscretas e comprometedoras sobre o ferimento e passar a noite em paz. Mas como podia relaxar nos braços de uma *jolie mademoiselle* quando a mulher que ocupava todos os seus pensamentos encontrava-se por perto? "Mulher!", balançou a cabeça, desalentado. "Uma quase menina."

Irritado, fitou o próprio reflexo na parede espelhada. Como podia ser tão

inconsequente? Talvez a pancada que levara na cabeça, na Jamaica, houvesse afetado seus miolos.

Vivienne também se remoia em reflexões, enquanto rumava para a sala de costura e bordados. Apesar de inexperiente, sabia quando um homem estava excitado. A princípio, Deveril se apresentara como seu benfeitor, um verdadeiro herói. Mas agora também o via como homem, a quem desejava muito.

Respirou fundo. Acreditava piamente no destino e devia haver uma razão para que seus caminhos continuassem se cruzando daquela maneira. Precisava com urgência de alguém que a guiasse até o Oregon, onde poderia localizar tio Philipe... Mas já havia lido romances demais para ignorar seu lado sonhador. Às vezes, o futuro reservava muito mais surpresas do que se podia imaginar.

Reunindo o material necessário para o curativo, retornou ao salão Cleópatra com a cabeça ainda fervilhando. Tudo começava a se encaixar, como se a situação tivesse sido traçada com mãos divinas. As irmãs do Santa Úrsula costumavam dizer que, quando Deus fechava uma porta, abria outra. Parte de sua fé desvanecera diante das provações pelas quais tinha passado, mas agora se sentia renascer. Outra porta estava se abrindo e *monsieur* Deveril se constituía na chave que lhe abriria novos caminhos.

Fechou os olhos um segundo, murmurando uma oração de agradecimento.

Ao dobrar uma esquina, em direção à plataforma dos fundos, Vivienne teve uma segunda surpresa. Não havia visto Thomasina desde o dia que chegara, e de súbito, deparou-se com uma figurinha amuada, metida num vestido bordado com *pantalettes* combinando. Uma fita azul prendia os cabelos curtos e loiros, ainda que houvesse escorregado para um lado.

— Nossa, Tom... Quero dizer, Thomasina! — corrigiu-se depressa. — Como fica bonita vestida assim!

— Fico coisa nenhuma! Estou horrível! — esbravejou a garota, o rosto vermelho de raiva. — Como posso pular cerca, ou brincar direito com essa roupa ridícula?

Vivienne reprimiu um sorriso.

— Mas pense bem. Olhe como fica elegante. Já reparou como fica diferente, quando usa corretamente as palavras? Sua mãe quer que se comporte como uma mocinha e não como um garoto de rua.

— Pois eu preferia ter nascido menino! — Thomasina bateu as chinelas brancas na passadeira. — Meninas têm que ficar presas dentro de casa e só podem passear com "bons modos". Não tem graça nenhuma! Para falar a verdade, não vejo nenhuma vantagem em ser mulher!

Vivienne lembrou-se do modo como a raiva se transformara em desejo nos olhos de Deveril e sorriu.

— Não se preocupe, Thomasina. Um dia vai descobrir que ter nascido mulher tem muitas vantagens.

Diante do ceticismo da garota, propôs:

— Tenho uma idéia. Se for boazinha, vou lhe contar todas as minhas aventuras das últimas semanas. Sabia que me mandaram descer de um coche no meio da estrada? Depois peguei a febre e passei dias delirando. E não é só. Fui ameaçada e trancada num sótão, golpeei um homem na cabeça, roubei seu dinheiro e tive de fugir pelo pântano no meio da noite!

Os olhos de Thomasina brilhavam de expectativa.

— E depois?

— Depois? Ah... Qualquer hora dessas, eu conto.

Vivienne a dispensou com um sorriso, então rumou de volta para o salão Cleópatra batendo de leve na porta antes de entrar. A banheira estava vazia. Foi até o biombo triplo trabalhado em bronze, marfim e madeiras exóticas.

— *Monsieur!* Trouxe as bandagens. Podemos conversar enquanto cuido do seu

machucado.

Deveril pôs a cabeça para fora, os cabelos loiros ainda molhados e despenteados.

— Faça-me a gentileza de permanecer aí enquanto ponho as calças.

Vivienne ouviu-o lutar com as roupas e soltar um gemido abafado de dor. Ao sair, Deveril parecia exausto e abatido. E o pior: a toalha que trazia envolvendo o ombro já começava a ficar vermelha.

— Sente-se já! — ordenou ela, horrorizada.

A contragosto, ele a obedeceu, deixando-se cair numa cadeira próxima.

— Isso. Agora apóie a cabeça no espaldar. Assim. — Ela engoliu em seco. A ferida ainda estava aberta e era bastante profunda. — A bala ainda está aí?

Deveril demorou a responder, tão surpreso com a coragem de Vivienne quanto com seu diagnóstico preciso.

— Não. O tiro pegou de raspão.

Ela trabalhou rápida e eficientemente, limpando a área. Na verdade, havia dois ferimentos, ambos sangrando profusamente. Tensa, secou o local, juntou os cortes e envolveu-os cuidadosamente com tiras limpas de linho. Estar tão perto de Deveril era uma experiência estranha e agradável ao mesmo tempo. Aquela intimidade de poder tocá-lo, de sentir seu perfume mesclando-se com os aromas do quarto...

Como se pudesse ler seus pensamentos, ele se voltou para olhá-la. Longa e perturbadoramente. Algo aconteceu entre os dois nesse momento. Como se partilhassem de um perigoso segredo e jamais fossem voltar a serem estranhos um para o outro. Mais do que isso, pensou Deveril. Acabara de pôr a própria segurança naquelas mãos pequenas e delicadas sem nenhum receio. Sabia que podia confiar nela. Vivienne ajudou-o a vestir a camisa e segurou para ele a elegante casaca azul-marinho.

— Amanhã cedo podemos ver como está a ferida e trocar a atadura.

Os olhos dele tornaram a encontrar os dela, dessa vez iluminados por uma forte emoção.

— Agradeço-a de coração, *mademoiselle* Rocque. Não só pelo curativo, mas por sua promessa de silêncio. Amanhã estarei partindo para Kansas City numa expedição com destino ao território do Oregon. Mas se puder fazer algo para aj...

— Claro que pode! — Vivienne o interrompeu, radiante. — Pode, *monsieur*, e sei que é uma pessoa de palavra.

Ele concordou com um gesto, ainda que com certo embaraço.

— Oh, *monsieur* Deveril, é o homem de que estou precisando! — exclamou Vivienne, sem reparar na expressão de estranheza que transformou o rosto dele. — Vai me ajudar a sair dessa situação, eu sei que vai!

— Sim, claro — assentiu ele, de pronto. — Isto aqui não é lugar para você. Posso levá-la para casa de alguns amigos e cuidar para que fique em segurança até que eu retorne.

— Não está entendendo. Vai para o território do Oregon, o lugar exato para o qual *eu* tenho de ir para encontrar meu tio Philipe. Pelo amor do bom Deus, *monsieur*, tem de me levar nessa expedição!

Deveril começava a deslizar o braço machucado pela manga da casaca quando, antes que pudesse responder, um zunido forte ecoou-lhe nos ouvidos. Em seguida, o salão pôs-se a virar e ele agarrou o pilar da cama, consciente de que havia perdido mais sangue do que imaginara.

Vivienne o amparou de imediato, afastando as cobertas e ajudando-o a deitar-se. Deveril tinha o rosto pálido feito cera.

— Precisa de repouso. E talvez de um cirurgião, eu receio.

— Não! — Ele cerrou os dentes, sentindo um suor frio banhá-lo no rosto e no peito. — Está bem — cedeu, forçado pelas circunstâncias. — Chame a Sra. Wentworth. Acho que podemos confiar nela... Ela saberá o que fazer.

— Vou buscá-la agora mesmo. E, quando estiver recuperado, discutiremos aquele meu assunto. — Curvou-se sobre ele, ajeitando um travesseiro como suporte para o braço, depois o cobriu até os ombros com a colcha acetinada. Tinha as faces coradas, os olhos brilhantes. — Não está em condições de ponderar sobre meu pedido, *monsieur*. Mas vai dar tudo certo, tenho certeza. Acho que foi Deus quem o mandou até mim.

Dizendo isso, Vivienne correu à procura de Prudence.

Deveril deixou-se afundar nas cobertas. Sentia-se bem melhor deitado, e o mal-estar se dissipava aos poucos. Quando o quarto voltou a entrar em foco, percebeu-se ao mesmo tempo irritado e intrigado com a convicção de Vivienne de que forças divinas os haviam reunido.

Segundo lhe constava, o ser mais provavelmente responsável por aquilo tudo não habitava o paraíso... Mas uma região oposta, e bem mais quente.

Na quinta-feira, Deveril sentia-se totalmente recuperado, exceto por um leve mal-estar e uma febre intermitente causada pela infecção. Tinha passado as últimas quarenta e oito horas nos aposentos da própria Prudence, assistido apenas por Vivienne, Naomi e um médico de confiança da Sra. Wentworth. Tinha sido bem cuidado, e sua presença na casa foi mantida em sigilo, pelo que ele se mostrara profundamente agradecido.

Mas aquele ir e vir perfumado de suas companhias femininas começava a lhe dar nos nervos. Tanto quanto sua inatividade forçada. Àquela altura já devia estar no rio, na metade do caminho para Kansas City. Antes de partir, porém, cumpriria a palavra e encontraria um lugar seguro para Vivienne.

Tinha se arrastado para fora da cama até a poltrona estofada de seda. Era sua segunda caminhada clandestina pelo tapete naquele dia e sentia-se muito bem. Bem mesmo. Na manhã seguinte estaria em perfeito estado e, como a primeira parte da jornada seria feita num barco a vapor, ainda tinha chance de continuar se recuperando no caminho.

A porta abriu-se, silenciosa, e Deveril sentiu o coração bater mais depressa ao ver uma figura delicada deslizar pelo salão com uma bandeja. Estivera dormindo na hora do jantar, mas sua excitação não advinha de seu estômago vazio. Mas sim da chegada de seu anjo da guarda.

Vivienne abriu a boca, horrorizada, ao vê-lo sentado.

— *Monsieur*! O doutor disse que tem de ficar mais dois dias na cama! — Correu, ajeitando as cobertas e afofando os travesseiros, convidativamente.

— Não me venha com seus truques, *mademoiselle*. Já os conheço bem.

Havia algo na teimosia e no comportamento corajoso daquela francesinha que ganhara seu respeito desde o princípio. E o fato de ela ter mantido o humor e o otimismo contra tantas adversidades só magnificavam tal sentimento.

Isso, todavia, não mudava as regras do jogo. Admirava-a. Divertia-se com ela. Até se sentia atraído por Vivienne. Mas não a levaria com ele para o Oregon.

Vivienne notou a inflexibilidade de sua expressão, o brilho resolutivo nos olhos escuros e ergueu o queixo.

— Não precisa ficar de mau humor, *monsieur*. Prometo não aborrecê-lo mais sobre minha ida na expedição até que se sinta melhor.

— Não estou mal-humorado. E pretendo dizer a Ethan que, pela manhã, estarei pronto para partir.

Ela sorriu, complacente.

— Seu sobrinho esteve aqui perguntando sobre seu estado. Eu lhe disse, seguindo instruções da Sra. Wentworth, que ele poderia visitá-lo amanhã à tarde.

Deveril bufou, resmungando algo sobre "mulheres intrometidas". Vivienne riu e colocou a bandeja numa posição mais confortável. Ele parecia bem melhor nesse dia.

— Como seria, *monsieur*, se não pudesse ter contado com tantas "mulheres intrometidas" cuidando de sua saúde? — provocou-o travessa. — Agora coma tudo ou

vou obrigá-lo a engolir outra gemada!

Ele respirou fundo, murmurando uma desculpa antes de se concentrar na tarefa de limpar o prato. Enquanto isso Vivienne apanhou a bacia de água quente trazida por Naomi há poucos instantes e aprontou os utensílios de barba.

— Hora de darmos um jeito nessa aparência. Estava dormindo quando vim ajudá-lo esta tarde.

Tinha sido uma agradável surpresa para Vivienne descobrir que possuía mão firme para a tarefa. E divertia-se vendo a tensão de Deveril, à medida que corria a navalha por seu rosto e pescoço. Fez espuma com o pincel de cerdas macias dentro de um copo, depois mergulhou uma toalha na água quente.

Deveril permitiu que Vivienne lhe envolvesse a face com a toalha, mas assim que ela a retirou, dispensou-a com um gesto.

— Pode deixar. Eu mesmo me barbeio hoje.

— Amanhã, pode ser — replicou ela, espumando o rosto dele com destreza.

Deveril fechou os olhos involuntariamente ao sentir a carícia suave do pincel no pescoço. Mas quando Vivienne ergueu a navalha, segurou-a pelo pulso.

— Eu já disse que faço isso hoje.

Aquele contato inesperado abalou a determinação de Vivienne. Embaraçada, acabou cedendo.

Tão rápido que surpreendeu Deveril. Entregou a ele a navalha e recuou um pouco, meio desequilibrada. Ia dar meia-volta quando ele a segurou pelo braço e a puxou para si, envolvendo-a pela cintura.

Por um momento permaneceram imóveis, quase sem respirar; Deveril completamente alheio ao braço que latejava com o esforço. Só sentia o vapor da toalha, mesclado ao hálito de Vivienne e ao perfume de seus cabelos. Os lábios dela estavam a milímetros dos dele e podia sentir seu coração batendo, descompassado, sob o corpete decotado do vestido. Ou talvez fosse o dele...

A navalha escorregou de seus dedos e estes se emaranharam nos cabelos sedosos, trazendo a boca macia para junto da sua. Vivienne era *tão* inocente quanto tinha imaginado.

E ainda mais doce. Por um instante, saboreou o gosto e a textura de seus lábios, o modo como os seios firmes se colavam a seu peito.

Vivienne rompeu o contato, assustada com as próprias reações. Tremia, não sabia como agir. Havia concordado com aquele jogo de sedução, mas, diante das consequências, sentia-se atordoada. Tão confusa como ele, agora, que não esperava interromper um contato pelo qual ansiara tanto.

A porta se abriu nesse instante e a Sra. Wentworth surgiu. Estava exuberante num vestido de seda bordado com pérolas minúsculas, provavelmente de Paris. Um colar de diamantes e águas-marinhas rodeava-lhe o pescoço alvo, combinando com brincos delicados. Ao ver a palidez de Vivienne e a expressão grave de Deveril, interpretou mal a cena e deslizou até eles trazendo junto uma nuvem de perfume.

— Receio que esteja sendo um paciente bastante difícil de tratar, *monsieur*.

Ele sorriu sem vontade.

— Perdoe-me, madame, mas não imagina o quanto me agasta a natureza permanecer na cama.

Os olhos experientes de Prudence passearam pelo físico admirável e pelos músculos bem modelados do peito masculino.

— Sorte sua o braço não ter começado a sangrar novamente.

Deveril deixou-a verificar as ataduras sem protestar. No momento, a ferida na altura do ombro era a última de suas preocupações.

Prudente voltou-se para Vivienne.

— Vou fazer companhia a *monsieur* Deveril. Enquanto isso, vá buscar Naomi e traga

a cesta de costuras. Descosturei sem querer parte da bainha do vestido.

— Sim, madame.

Grata pela interrupção, Vivienne deixou o quarto às pressas. Ainda aturdida com o que havia acontecido, rumou para a escadaria principal. Os criados não tinham permissão para usá-la, porém Deveril precisava ser posto logo na cama e, com os clientes entretidos na sala de jantar e a Sra. Wentworth às voltas com seu paciente, não seria flagrada nessa falta.

Gamelas de alabastro em forma de lótus enfeitavam cada degrau, dispostas em nichos contra a parede. Sua luminosidade cor de âmbar formava sombras nos intervalos da escada e ela aproveitou-se disso, descendo pé ante pé, os passos abafados pela passadeira. Com exceção do leve murmúrio e das eventuais risadas vindas do salão lá embaixo, a casa encontrava-se em silêncio. Não havia ninguém à vista e Vivienne suspirou, aliviada.

O terceiro pavimento consistia numa galeria ampla, normalmente utilizada nos bailes e recepções, com portas de vidro, ao fundo, que conduziam a uma sacada estreita. À esquerda, uma cortina escondia a escada usada pelos criados para alcançarem o último andar. As portas estavam abertas, recebendo a noite morna, perfumada pelas flores. Ia afastar a cortina de veludo quando uma sombra caiu sobre ela. Voltou-se, o sangue abandonando-lhe o rosto à medida que reconhecia a silhueta que se delineava no terraço. Bertrand!

CAPÍTULO VIII

Bertrand deixou a sombra e atravessou o quarto com um sorriso cínico.

— Ora, ora! Mas o destino tem mesmo muito senso de humor.

Vivienne estacou, paralisada pelo choque. Mas não era ela sua presa. Sem vê-la, Bertrand passou pelo canto escuro onde ela se encontrava, dirigindo-se à porta aberta de um quarto. Movimentava-se sorrateiramente, mas com firme propósito.

Tensa, ela o seguiu, sentindo o coração disparar no peito ao avistar a figura de Naomi à luz suave de uma lamparina, além da soleira. Bertrand entrou no aposento, detendo-se em frente ao armário, ao lado da entrada.

Vivienne acompanhava tudo a uma distância segura, perguntando-se o que ele pretendia fazer, dividida entre o impulso de correr a procura de ajuda ou tentar proteger a amiga. Acabou ficando, pois a quem ela poderia apelar no momento? A situação envolvia um cliente da casa e uma criada. Uma criada negra!

Pela sua maneira de agir, ficava claro que Bertrand conhecia bem o aposento da ruiva Dominique. Mas era Naomi quem se encontrava próxima à cama de dossel, ajeitando os lençóis de linho, de costas para a entrada e completamente alheia ao fato de não estar mais sozinha.

Ele avançou um passo.

— *Bonsoir*, Naomi. Que surpresa agradável...

Naomi soltou uma exclamação de horror. A expressão de Bertrand era diabólica.

— Sabe quais são os castigos reservados para um escravo fugitivo? — Vivienne ouviu-o dizer, com voz rouca. — Se não sabe, vai conhecê-los muito em breve.

Naomi não conseguia falar enquanto via seu agressor avançando, até agarrá-la pelos ombros, sacudindo-a com violência.

— Onde ela está? Onde está *mademoiselle* Vivienne?

Naomi virou o rosto, recusando-se a falar, embora ofegasse, em pânico.

— Diga-me, ou será pior para você, negrinha! Onde está sua patroa?

Um soluço foi sua única resposta. Bertrand a sacudiu uma vez mais, depois a atirou na cama, torcendo-lhe o braço às costas até que gemesse de dor.

— Estou aqui! — gritou Vivienne, antes de se arremessar contra ele, chutando-o e esmurrando-o com ódio.

Pego de surpresa, Bertrand perdeu o equilíbrio, caindo pesadamente sobre uma mesa-de-cabeceira, indo depois ao chão, junto a um vaso de porcelana que se partiu em inúmeros pedaços.

Vivienne puxou Naomi da cama.

— Vamos! Depressa!

Corriam para a saída quando, já de joelhos, Bertrand estendeu o braço e agarrou Naomi pela perna. Ela foi ao solo, e lá permaneceu, imóvel. Vivienne mal teve tempo de se dar conta do que havia ocorrido e Bertrand já estava na porta, trancando a fechadura e jogando a chave no bolso. Encarou-a, com os cabelos em desalinho e a respiração irregular de um demente.

— Agora, minha querida Vivienne, nós vamos acertar de uma vez nossas contas...

Ela não tinha como escapar. Bertrand a cercou e ela buscou, na penteadeira dourada atrás de si, alguma coisa que pudesse usar como arma. Como por milagre, seus dedos tocaram algo frio e metálico. Num movimento rápido, pegou a tesoura, segurando-a diante de si. As lâminas fechadas cintilaram à luz da lamparina.

— Não se aproxime, Bertrand, estou avisando!

Ele sorriu com brandura.

— Não seja ridícula! Seu joguinho acabou e eu venci. Vai me pagar caro por todos os transtornos que me causou...

Avançou sobre ela com rapidez espantosa. Cerrando os dentes, Vivienne golpeou-o com a arma improvisada, mas Bertrand foi mais ágil e deteve-lhe o braço com a mão. Apertou-lhe os nervos do pulso até que, entorpecidos, os dedos dela perdessem a força e a tesoura fosse ao chão.

— É uma tola se acha que pode lutar contra mim — arfou Bertrand, o hálito quente impregnado de conhaque. Empurrou-a com força e ela desabou sobre a cama. — Que tal me pagar agora aquela sua antiga dívida?

Antes que ela pudesse rolar para fora do colchão, Bertrand estava sobre ela, uma das mãos rasgando o decote do vestido, a outra lhe levantando as saias. Vivienne tentou chutá-lo ao mesmo tempo em que o arranhava no rosto, mas ele prendeu-lhe os braços acima da cabeça enquanto tentava arrancar-lhe as roupas. O vestido cedeu por fim, abrindo até a cintura, e a mão dele se fechou, rude, sobre um seio.

— Não! — Ela ergueu o joelho com força, mas ele anulou o golpe com os quadris e agarrou-a pelo pescoço.

De súbito, Naomi ergueu-se atrás dele e algo cintilou em sua mão fechada. Ergueu o braço para golpeá-lo no ombro, porém Bertrand virou-se nesse instante e a tesoura desceu-lhe sobre o rosto, traçando uma linha rubra. Ele levou a mão ao corte gritando ao sentir que o sangue escorria por seu pescoço.

Vivienne viu a vingança estampada no olhar de Bertrand. Saltou da cama e puxou Naomi para a porta trancada. Enquanto lutavam com a maçaneta, ele pressionou um lenço no rosto mutilado, vendo-o encharcar-se de vermelho. Olhou o próprio reflexo no vidro e praguejou, enfurecido. Ficaria com uma cicatriz horrenda.

Com uma imprecação, avançou sobre elas, o ódio empalidecendo-o de tal modo que Vivienne estremeceu.

— Não percam tempo — bufou Bertrand. — Eu tenho a chave e nenhuma das duas vai deixar este quarto com vida.

Apavorada, Vivienne arremessou uma estatueta contra a cabeça dele. Errou o alvo,

contudo, e a peça espatifou-se no chão. Alguém mexeu na maçaneta da porta do corredor nesse instante, e a voz da Sra. Wentworth se fez ouvir, abafada.

— O que está acontecendo aí dentro?! Esta é uma casa de respeito!!

— Abram essa porta!

Vivienne reconheceu a voz grave de Deveril e sentiu-se renascer.

— Deveril! Bertrand está tentando nos matar!

— Afastem-se!

Um segundo depois, a porta vibrava com um baque. A fechadura resistiu, mas na terceira vez, a madeira cedeu e Deveril lançou-se quarto adentro. Num só olhar, assimilou a cena: uma trilha de sangue no tapete claro levava ao homem de rosto ferido ao lado do armário. Naomi, apoiada no espaldar de uma cadeira, tinha os olhos arregalados de medo. Vivienne, de encontro à parede, exibia uma palidez mortal. Os cabelos caíam por sobre os ombros em desalinho enquanto, com mãos trêmulas, ela tentava, em vão, esconder o colo coberto apenas com parte do corpete rasgado.

Deveril tinha a reputação de manter-se absolutamente frio em ocasiões como aquela. Mas um ódio incontrollável fez seu sangue ferver. Olhou Vivienne, tão pequena, tão vulnerável e desgraçadamente violada, e voou sobre Bertrand como um animal enfurecido.

Os dois homens rolaram pelo solo, chocando-se com uma mesa. Um murro acertou Deveril na têmpora direita, porém ele pareceu não sofrer com o golpe, arremessando Bertrand contra a penteadeira. Vidros de perfume se espatifaram no chão, perfumando o ar de lavanda ao mesmo tempo em que os homens lutavam com silenciosa fúria.

Bertrand era mais pesado, mas o ódio de Deveril, somado à sua agilidade, solapavam a força do adversário. Desviou-se seguidamente de vários golpes até que um certo pôs o inimigo a nocaute. Não satisfeito, e ainda movido pela turbulência das próprias emoções, Deveril fechou as mãos em torno da garganta de Bertrand, apertando-a até vê-lo arroxado, os olhos quase saltando da órbita.

— Já chega! Vai matá-lo assim, e me levar à ruína! — Prudence o puxou pelo braço, tentando, desesperada, fazê-lo soltar o pescoço do outro homem.

Não conseguiu. Um tremor sacudiu o corpo de Bertrand, antes que ele desmaiasse. Deveril continuou a apertá-lo, cego pelo ódio, como se quisesse espremer a vida do corpo já inerte.

Vivienne ajoelhou-se ao lado dele.

— *Monsieur*, pelo amor do bom Deus!

Foi sua voz suave que devolveu o bom-senso a Deveril. Ofegante, ele soltou as mãos, deixando fortes marcas no pescoço de sua vítima.

— Ele está morto!! — gritou a Sra. Wentworth, quase histérica. — Você o matou!!

Deveril fechou os olhos como se assim pudesse eliminar da mente a raiva que o consumia. Com dificuldade equilibrou-se sobre os pés.

— Não, eu não o matei. O que é uma pena.

Bertrand gemeu nesse instante, depois tossiu, engasgado.

Deveril buscou Vivienne com o olhar. Ela estava ao seu lado, com um robe de chambre cobrindo os trajes rasgados. Segurou-o pelo braço, os olhos inundados de lágrimas.

— Salvou minha vida, *monsieur*.

Tremia convulsivamente. Num gesto natural, Deveril a envolveu-a nos braços, segurando-a junto de si.

Vivienne suspirou. Podia passar a eternidade ali, no calor dos braços de Deveril, embalada pelo ritmo cadenciado de seu coração. Pela primeira vez em muitas semanas sentia-se abrigada, protegida, do pesadelo que se tornara sua vida.

Mas o momento de alívio durou pouco. Tensa, a Sra. Wentworth ajoelhou-se ao lado de Bertrand, verificando seu pulso. Buscou-os com o olhar, fria.

— Acho bom saírem daqui antes que ele volte a si ou estaremos todos perdidos.

Deveril soltou Vivienne, concentrando-se na situação delicada que criara para a Sra. Wentworth.

— Está certa. Ele pode alegar agressão e até tentativa de homicídio.

— Homicídio!? — Vivienne olhou para Naomi, que parecia prestes a desmaiar.

Deveril não chegou a se dar conta disso, preocupado em dar as coordenadas para restabelecer a ordem ali.

— Polly, tem que mandar uma mensagem para Ethan agora mesmo. Diga-lhe que o encontrarei no cais em uma hora e que pretendo realizar a primeira etapa da viagem imediatamente. Quero que ele compre passagem para quatro no primeiro vapor da manhã em nome de Gordon. John Gordon. — Segurou a mão de Vivienne. — Parece que não tenho escolha. Não posso deixar vocês duas aqui, do jeito que as coisas estão. Reúnam seus pertences, mas levem só o que for absolutamente necessário. Têm dez minutos para ficarem prontas.

Vivienne ouviu a tudo, atordoada.

— Mas... então vamos com você?

Ele a encarou com seriedade por alguns segundos, então seus olhos brilharam, os lábios curvando-se num sorriso triste.

— Mil e quinhentas milhas Mississípi acima, até St. Louis. Queria viajar para o Noroeste, *mademoiselle*. Mesmo a contragosto, estou prestes a satisfazer metade de seu desejo...

O *River Queen* movia-se corrente acima na escuridão, quando Deveril bateu de leve numa das cabines ao longo do deque de passageiros. A porta foi aberta devagar e Naomi espiou, cautelosa e em silêncio. A pequena lanterna pendurada no teto baixo encontrava-se acesa, embora com a chama reduzida. Por cima dos ombros da moça, ele pôde avistar Vivienne encolhida na cama de baixo do beliche, de costas para a entrada.

Entrou, discreto. Mal havia espaço para os três.

— Ela está se sentindo mal?

— Não — respondeu Naomi.

— Sim! — rebateu Vivienne, sentando-se num salto. — Não suporto mais ficar nessa cabine embolorada! Por que temos de ficar encarceradas entre essas quatro paredes feito prisioneiras?

— Para sua segurança. Não podemos deixar pistas. Se Bertrand St. Germaine quiser saber de seu paradeiro, na certa vai mandar seus agentes fazerem uma devassa na zona portuária. Embora estejamos na lista de passageiros com nomes falsos, não devemos correr riscos.

— E por quanto tempo vamos ter de continuar confinadas nessa... nessa câmara de tortura?! É menor que um armário! Mal podemos esticar as pernas!

— Só nos primeiros dias da viagem. E, claro, sempre que aportarmos. Sei que não é fácil.

Naomi permaneceu calma e impassível. Também se sentia mal por estar presa daquela maneira, porém passaria por mais aquela provação. Agüentaria qualquer coisa em troca da liberdade. Se necessário, iria para o Norte num caixão, como muitos já tinham feito. Mas sabia que certas pessoas não suportavam espaços fechados. *Mademoiselle* Vivienne era uma delas. Embora tentasse esconder isso, tinha a testa banhada de suor e uma palidez doentia. Não poderia permanecer ali por muito tempo.

Vivienne ergueu-se, alcançando Deveril em dois passos. Torcendo as mãos, buscou o olhar dele, suplicante.

— *Monsieur*... Não vou conseguir passar nem mais uma hora aqui. Fico lembrando de quando Bertrand me trancou no sótão e mal consigo pensar. Mal consigo respirar!

Ele sabia que ela estava dizendo a verdade. Mirou os olhos enormes no rosto delicado, mais azuis do que jamais vira, à luz da lamparina. Sentiu um aperto no peito.

Teria ela consciência do que aqueles olhos de cílios longos e escuros faziam a um homem? E a ele, especificamente? Se não, que Deus o ajudasse quando Vivienne se desse conta disso.

Obrigou-se a ponderar sobre o pedido dela, analisando as circunstâncias. O jantar já fora servido e a maior parte dos passageiros jogava cartas ou dançava num dos salões. O convés devia estar praticamente deserto.

— Está bem. Talvez possa arejar, dando uma volta pelo tombadilho.

O risco já tinha valido a pena, pensou Deveril, só por ter tido a chance de ver aquele rosto lindo se iluminar.

— *Merci, Monsieur!* Juro que vou ser a mais discreta possível. Discretíssima.

Saíram para o passadiço esperando por Naomi. Mas a moça recusou o convite.

— Posso sair mais tarde, quando estiver mais escuro. Haverá menos riscos e é melhor que não sejamos vistos juntos.

Vivienne concordou em silêncio, impelindo Deveril porta afora. As palavras de Naomi faziam sentido, porém existia algo mais por trás delas. Sabia o horror que a companheira tinha de ser descoberta. Na verdade, passara a noite toda tentando ajudá-la a combater o pesadelo de tornar a se deparar com Bertrand.

— Ele me mata — soluçara Naomi aos prantos. — E me mata aos poucos. Por tê-lo desobedecido, por ter fugido... E principalmente porque mutilei seu rosto, *mademoiselle*.

Vivienne não encontrara meios de confortá-la. O medo de Naomi era completamente justificado.

Parando apenas para ouvir a lingueta da fechadura voltar ao lugar, seguiu com Deveril, ansiosa, ao longo do parapeito, vendo o pujante Mississípi passar ao largo do vapor com as águas escuras e densas formando uma esteira de espuma. As estrelas eram como pequeninas pedras de luz bordadas no céu, a lua redonda e reluzente como uma moeda de prata. Fechou os olhos e respirou fundo. O ar estava deliciosamente fresco.

Deveril a observou disfarçadamente. Desde o momento em que a tivera nos braços, Vivienne povoava-lhe os pensamentos vinte e quatro horas por dia. Era suave, delicada. Tão feminina, e de uma inocência quase angelical. E, além disso, possuía coragem, humor e um otimismo inesgotável que advinha mais de sua personalidade do que de sua própria juventude. Que irresistível combinação de menina e mulher.

Vivienne permaneceu alheia à análise de Deveril. Quando tornou a abrir os olhos, ele mirava as águas do rio.

— Olhe só esse céu — comentou, sonhadora. — Já viu coisa mais bonita?

Ele a fitou por um segundo, depois virou o rosto.

— Já.

— Verdade? O quê?

Ele não deu resposta. O som de uma valsa suave, vinda do salão, chegou até eles. Deveril continuou em silêncio. Parecia ter se trancado dentro de si próprio, alheio a tudo ao redor. Vivienne observou o perfil forte e bonito, ainda que perturbado. Tocou-lhe o punho da camisa, os dedos roçando na mão morena. E Josh Deveril, o frio, atrevido e intrépido aventureiro pulou, sobressaltado.

Afastou-se da balaustrada.

— Acho melhor voltar para a cabine.

Ela franziu a testa, confusa.

— Mas disse que eu podia dar uma volta pelo convés. Ainda mal estiquei as pernas! Não me peça para voltar para aquele cubículo que chamam de camarote agora, por favor.

Por um instante, ele se viu tentado a discutir. Mas depois pensou que, se insistisse, Vivienne era perfeitamente capaz de esperar que ele dormisse para sair depois, sozinha. Seu comportamento atrevido o divertia e exasperava ao mesmo tempo. Não podia subestimá-la. E não voltaria a ter sossego até deixá-la sob os cuidados da Sra. Jessup.

— Vamos, então.

Satisfeita, Vivienne apoiou a mão no braço que ele oferecia, e os dois caminharam em direção à popa. Para Deveril, a situação estava mais do que resolvida. Deixaria as duas numa pensão bem freqüentada, cuja proprietária, uma viúva, conhecia há anos.

Mas na cabeça de Vivienne, nada se resolvera. Não tinha a menor intenção de deixá-lo partir numa aventura e ficar para trás.

Deveril interpretou mal sua introspecção.

— Sei como tem sido difícil para você, Vivienne. Seu mundo desmoronou nessas duas últimas semanas e agora segue para um lugar estranho, para conviver com pessoas estranhas. Mas não temos escolha.

— Claro que temos! — Ela parou, virando-se para encará-lo. — Leve-nos consigo, *monsieur*! Juro como não vamos estorvá-lo.

Os lábios dele esboçaram um sorriso. Se ela soubesse quantas noites de sono já havia perdido por sua causa...

— Receio que isto seja impossível.

— Sinto muito, *monsieur*, mas está sendo cruel e insensível!

— E você não sabe o que está dizendo.

— Claro que sei! Eu e Naomi poderíamos trabalhar em troca desse favor cozinhando, costurando, cuidando de feridos, qualquer coisa! E depois ainda poderei pagá-lo muito bem pela viagem, quando encontrar meu tio e recuperar minha herança.

A expressão dele era inescrutável. Vivienne observou-o, tensa, até que, por fim, ele respondeu a sua expectativa.

— Eu não as levaria numa expedição dessas, minha cara, nem por todo o ouro desse mundo. O sucesso dessa missão depende de muita camaradagem entre os homens e, principalmente, de uma disciplina severa.

Deveril se interrompeu, sem saber até que ponto poderia enumerar os riscos. Apesar de todas as provações por que tinha passado, Vivienne ainda era uma criança inocente. No grupo que ele tinha formado havia, em sua maioria, lenhadores, homens rudes acostumados a viverem mais fora da civilização do que dentro dela. Tinham as mesmas virtudes e os mesmos vícios do que os outros de sua espécie, porém eram, ocasionalmente, mais exuberantes em demonstrá-los. Em especial quando tomavam um gole a mais de uísque ou rum a fim de esquentar os ossos em noites frias... Vivienne leu a hesitação nos olhos dele.

— Já vi homens embriagados antes, *monsieur*. E sei muito bem como me comportar nessas situações. Não ficaria ofendida.

Deveril sorriu.

— Então vamos ser francos. Esses homens ficam meses sem nem mesmo ver uma mulher. A tensão seria grande e poderia haver atritos. A presença de qualquer mulher já causaria complicações, quanto mais a de duas moças adoráveis... Seria um desastre total. Sem falar no perigo constante de ataques de índios. Não sei se eu poderia garantir sua segurança.

Desalentada, Vivienne soube que a conversa tinha chegado ao fim. Ela e Naomi seriam deixadas à mercê de estranhos enquanto Deveril partia para o Oregon sabia lá por quanto tempo. Talvez ele nem retornasse. Podia ser capturado por índios ou morrer em algum acidente.

As imagens se embaçaram de súbito e lágrimas rolaram de seus olhos. Vivienne apertou o passo fingindo olhar as águas escuras e fugidias do Mississípi.

Mas Deveril notou o que se passava. Choro e soluços não costumavam impressioná-lo, porém o modo como ela tentou esconder o pranto acabou por atingi-lo. Apanhando um lenço no bolso, ergueu-lhe o queixo e enxugou-lhe as lágrimas com delicadeza.

— Vamos, não vai ser assim tão ruim. A Sra. Jessup é uma velha conhecida minha,

a pessoa mais doce e amiga desse mundo. Vai cuidar de vocês como uma mãe.

Tinham seguido ao longo do barco e agora já estavam próximos à cabine. A resposta dela foi grave e em voz baixa:

— Não quero uma mãe, *monsieur*. Quero encontrar meu querido tio Philipe. Se não me ajudar, vou ter de arrumar um modo de fazê-lo sozinha.

— Nem pense nisso! — Deveril segurou-a pelos ombros. — Sabe que eu não a deixaria se não tivesse uma missão vital que já foi por demais adiada.

— Sinto ter atrapalhado tanto — murmurou Vivienne, a altivez sabotada pela emoção na voz.

Deveril bufou, impaciente. Ela havia atrapalhado seus planos, mas não mais do que o tiro infeliz do qual tivera de se recuperar nos últimos dias. Na verdade, a presença dela, sua dedicação e discrição compensaram todo o resto.

De qualquer modo, não podia perder o encontro com McAllister, e seria perigoso para o escocês demorar-se nos arredores. McAllister devia ter, agora, a pista fundamental de que necessitava para encontrar o misterioso chefe guerreiro dos pés-pretos, conhecido como Jondont.

Vivienne acompanhou as mudanças na expressão dele e sentiu, abatida, que a mente de Deveril já estava à milhas dali. Baixou os olhos. Se ele pensava que ela ficaria esperando sua volta de braços cruzados, teria uma grande surpresa!

— Nada de truques, *mademoiselle*...

Vivienne ergueu o olhar, surpresa. Ou Deveril era desconfiado por natureza, ou lia pensamentos! Mesmo assim, ela o fitou de um modo que irmã Albina teria reconhecido de pronto: os olhos azuis derramando inocência, os lábios cheios desenhando a expressão amuada de quem não compreendia a razão de tanta desconfiança...

Deveril viu-se tão enfeitiçado por aquele rosto de anjo que tudo mais se apagou em sua mente. Mirou-o por um longo momento e Vivienne sentiu faltar o ar, como se pudesse cair no azul profundo daqueles olhos escuros e se perder para sempre. Foi Deveril quem tratou de cortar a magia que voltava a prendê-los em sua teia.

— Vai gostar muito da Sra. Jessup — disse, limpando a garganta. — Ela é boa e vai recebê-las com todo o carinho. Mas tem de me prometer que não vai fugir da pensão!

Vivienne não o encarou dessa vez e Deveril ficou realmente temeroso do que ela poderia aprontar. Segurou-a pelos ombros e exigiu:

— Prometa!

— Prometo. — Ela deu de ombros, os dedos cruzados atrás das costas tal qual uma criança. Tinha estudado muitas coisas no colégio e aprendera a analisar o comportamento humano. Não quebraria seu juramento. Se obtivesse uma oportunidade de seguir para o Oregon, não fugiria da pensão da Sra. Jessup.

Simplesmente sairia andando...

CAPÍTULO IX

— Cuidado para não tropeçar, moça.

Vivienne despediu-se do marinheiro grisalho com um sorriso e desceu a rampa do vapor, balançando a chapeleira que a Sra. Wentworth lhe dera de presente. Naomi, agindo como uma escrava, deixou o *River Witch* mantendo uma distância discreta de sua senhora.

Vivienne percebeu os sentidos um pouco desorientados. O chão sólido e firme sob

seus pés pareceu-lhe estranho após o balançar constante dos últimos seis dias. Tinham viajado pelo Mississípi no *River Queen* até St. Louis, depois tomado o *River Witch* para a jornada Missouri acima.

E as terras ao longo do rio lamacento não eram como ela imaginara. À princípio, cultivadas e repletas de árvores frondosas. Depois, uma vez longe dos alcantis do canal, tornavam-se ligeiramente onduladas e tão abertas que se sentira pequena e desprotegida sob o azul ofuscante do céu.

O campo era tão deserto, tão escassamente habitado, que parecia sombrio comparado à pujante Nova Orleans. A cidade de Meridith situava-se a cerca de quinze milhas fluviais acima de Independência. Seria o ponto de partida para a expedição de Deveril. E o novo lar de Vivienne e Naomi. Deveril já havia desembarcado. Vestia calça de couro de gamo e uma camisa franjada combinando. Estava esperando por elas.

— Ethan vai aguardar o desembarque de nossa carga. Enquanto isso, eu vou escoltá-las até a pensão. — Apontou o topo de uma ribanceira. — Meridith é fácil de se alcançar dali. Talvez pouco mais de um quarto de milha.

Vivienne assentiu em silêncio. Por todo o caminho, tinham visto despenhadeiros e ilhas provocados pela erosão, onde as correntes do Velho Barrento haviam recortado o leito do rio ou formado um novo canal. Só um tolo ergueria uma cidade ali. Em questão de dias uma tempestade poderia pô-la abaixo.

Puseram-se a caminho, escalando o barranco até o topo. Com exceção de uma muda de roupas que Naomi carregava numa maleta de papelão, Vivienne nada levava a não ser o traje que vestia. Lembrando os pesados baús com os quais deixara o colégio, abarrotados com toda sorte de vestidos, teve vontade de rir.

Deveril havia comprado alguns cortes de tecido em St. Louis para que elas confeccionassem novas roupas assim que chegassem em Meridith. O que não contou era que teriam tempo de sobra para isso...

Ficou tentado a se oferecer para carregar a maleta de Naomi mas, em nome da segurança, precisavam manter as aparências.

Ao chegarem ao topo, Vivienne teve sua primeira visão da cidade. Um bosque de salgueiros acenava a alguns quilômetros, mas nada mais quebrava a vastidão harmoniosa da relva selvagem e flores do campo. Devia haver um vale adiante, abrigando o povoado. Examinava o terreno em busca de uma pista desse vale quando finalmente rodearam o bosque.

— Aí está — anunciou Deveril. — Meridith, Missouri.

Vivienne olhou ao redor, estarrecida. Não havia imaginado que Independência fosse maior que uma aldeia... mas Meridith, com toda a pompa que o nome evocava, não passava de um povoado!

Poucas dezenas de salgueiros bastavam para ocultar as poucas construções de madeira que o formavam. Aqui e ali, entre as casas rústicas, havia trechos de terra cultivada com milho, ervilhas e feijão.

Um leitão pintado fossava a terra próximo à colheita armazenada ao ar livre, até ser espantado por um menino e seu cão. Duas garotinhas de vestidos de chita azul e aventais remendados pulavam corda num precário passeio de tábuas. Uma mulher magra acabou com a brincadeira pouco depois mandando-as para a rua. A mais alta das meninas percebeu a chegada dos forasteiros e correu para a porta do armazém.

— Mãe! Mãe! Venha ver!

A perplexidade de Vivienne desenhava-se em seu rosto. Seria possível que Deveril imaginasse que elas pudessem ficar isoladas naquele fim de mundo até sua volta? Encarou-o e ele reprimiu um sorriso zombeteiro.

— E então? — indagou, olhando-a de lado. — O que achou de Meridith?

— Pequena demais para o meu gosto, *monsieur*. A vida não deve ser fácil aqui. Receio não me habituar nunca a um lugar como este.

Ele riu, triunfante.

— Então não deveria mesmo ter vindo para o campo, *mademoiselle*. A vida aqui é muito mais difícil do que imagina.

Ela mudou a chapeleira de mão e precipitou-se na direção do povoado, ignorando-o. Deveril tramara aquela armadilha e ela havia caído feito uma tola! E ele ainda se divertia com sua indignação. Mas não lhe daria a satisfação de perceber que conseguira atingi-la.

Comprimiu os lábios, examinando seu novo lar, inexpressivamente. A construção maior, uma espécie de empório em forma de "L", era o centro da meia dúzia de domicílios rurais.

Definitivamente, Meridith não era o tipo de lugar capaz de encantar uma jovem de dezessete anos. Podia percorrer a cidade toda em menos de três minutos. Que excitante devia ser a vida social.

Não imaginava o que poderia fazer naquele lugar por um ano. Tinha se oferecido para pagar com trabalho sua estada na pensão, porém, Deveril a obrigara a aceitar um empréstimo até que ela pudesse encontrar o tio. Agora começava a desconfiar que a gentileza não tinha passado de um estratagema para que ela não desaparecesse assim que ele desse as costas...

Muito bem, se Deveril era esperto, mostraria a ele que nunca deveria tê-la subestimado.

A cidade não era o que esperava. A pensão muito menos: um sobrado tosco, geminado a outra construção rude que abrigava um hotel e um *saloon*. Para aumentar seu desânimo, o encontro com a anfitriã, a Sra. Jessup, não poderia ter sido mais desagradável. Era aquela a mulher que, Deveril afirmara, cuidaria delas como uma mãe?

Foi antipatia à primeira vista. E das mais violentas. Vivienne mal podia acreditar que a adorável viúva descrita por Deveril era uma morena voluptuosa de cabelos castanho-avermelhados e olhos escuros, ainda transpirando sensualidade. Deveria ter, no máximo, trinta anos.

A tensão nas apresentações foi latente. Incapaz de ocultar seu desagrado, Vivienne permaneceu emudecida.

Sally Jessup, por sua vez, tinha vivido o suficiente para saber quando mostrar e quando esconder as garras. Era toda sorrisos para Deveril, ainda que ser obrigada a alojar duas meninas, uma delas dona de uma beleza extraordinária e com pelo menos metade de sua idade, fosse a última coisa que desejasse no momento.

— Mas é claro que posso ficar com a Srta. Rambeaux, Josh.

Abriu um sorriso de dentes brancos e perfeitos para Vivienne, enquanto Deveril voltava-se para uma senhora mulata, criada da casa.

— Aggie, acomode a senhorita no quarto da frente, por favor. Naomi pode dormir no sótão com a copeira.

Vivienne abriu um sorriso forçado.

— Eu gostaria que ela ficasse comigo, se possível.

A viúva ergueu uma sobrancelha.

— Mas é claro... — assentiu, um véu de ironia cobrindo as palavras. — Podemos armar uma cama em seu quarto.

— Muito agradecida.

Endireitando os ombros, Vivienne deixou-se conduzir pela criada escada acima com Naomi atrás de si. Não ficaria ali nem um minuto a mais do que o mínimo necessário, pensou, determinada.

— Josh, pensei que houvesse esquecido de mim, sozinha aqui no Missouri por todos esses meses! — A voz melada de Sally Jessup chegou até elas antes que alcançassem o segundo andar. — Não teria me estabelecido aqui se soubesse que viria me visitar tão pouco! Venha, vamos para a minha sala, assim podemos falar dos velhos tempos. Por que não leva suas coisas para o meu quart...

— Vou ficar naquele quarto dos fundos, se estiver disponível — ele a interrompeu, apressado, acompanhando o movimento no topo da escadaria. — Vou ficar no desembarcadouro a maior parte do tempo, mas Ethan e eu precisamos de um lugar para um banho e algumas horas de descanso. Partiremos em dois dias.

— Ethan pode ficar com o quarto dos fundos. Mas não precisa ficar com ele. Sabe que eu...

Vivienne não conseguiu ouvir o resto da conversa, porém já tinha ouvido o suficiente. As palavras de Sally Jessup confirmavam a suspeita de que ela e Deveril tinham sido ou eram amantes.

Sentiu uma pontada no peito e um súbito mal-estar no estômago. Não quis atribuir essas reações ao ciúme. Não, estava apenas estranhando o fato de pisar em terra firme depois de tantos dias no mar.

Além disso, estava exausta, pensou, tentando enganar a si mesma. Quem se importava com o tipo de relacionamento que Deveril tinha com aquela ruiva pedante? Aquela falsa...

Aggie ajudou-as a se acomodarem e saiu, prometendo retornar com água fresca. O quarto era razoavelmente grande e aconchegante. Um antigo suporte de lavatório de mogno sustentava uma bacia de louça branca, pintada com motivos florais em azul. Sobre a cama havia uma colcha de retalhos também floridos. A cadeira de balanço e a escrivaninha de frente móvel poderiam ser afastados para um dos cantos, dando espaço para mais uma cama.

Vivienne puxou a cortina de renda e viu, desgostosa, Sally Jessup acompanhar Deveril até o passeio e envolvê-lo com intimidade pela cintura. Devia ter gasto muito dinheiro para construir e mobiliar aquela pensão, mas não era difícil imaginar de onde a viúva conseguira um financiamento... Não era melhor do que as meninas do Pretty Polly's, ela pensou com raiva, no auge do ciúme. Droga! Por que Deveril se deixava cegar por seus encantos?

Vivienne custou a perceber que a criada retornara e se dirigira a ela por duas vezes. Quando Aggie finalmente as deixou, voltou-se para Naomi.

— Não gostei dessa Sra. Jessup. E acho que ela também não me viu com muito bons olhos...

Naomi concordou de imediato.

— Ela está com medo de você.

— Medo?

— Claro. Medo que tire *monsieur* Deveril dela.

Vivienne riu sem vontade, tornando a olhar pela janela.

— Ela que faça bom proveito. Os dois bem que se merecem!

Quando soltou as cortinas e jogou-se na cama, começou a chorar, copiosamente.

Vivienne acabou dormindo horas, despertando apenas no final da tarde. Um aroma delicioso de galinha ensopada e biscoitos recém-saídos do forno enchia o ar.

Sentada numa cadeira próxima à janela ampla, Naomi remendava peças de linho. Ergueu a cabeça ao perceber que Vivienne se espreguiçava com um bocejo.

— Já ia acordá-la. O jantar vai ser servido em cinco minutos.

Vivienne levou a mão ao estômago que roncava. Alisou o vestido e escovou os cabelos até deixá-los brilhantes.

— Pronto. Podemos descer.

Naomi tornou a se concentrar na costura.

— Vou jantar na cozinha, depois que os hóspedes forem servidos. — Pousou a agulha com cuidado antes de olhar a expressão indignada de Vivienne. — Temos de continuar fingindo que sou uma criada. Não seria muito inteligente agirmos de outro modo.

Vivienne não gostou da idéia, mas Naomi tinha razão. Não podiam chamar a

atenção de maneira alguma.

— Está bem. — Ajeitou a saia uma vez mais. — Não vamos ficar por muito tempo, mesmo. Não tenho a menor intenção de viver um ano sob o mesmo teto que essa mulher. Vou encontrar alguma saída.

Desceu as escadas, rumando para o refeitório, guiada apenas pelo aroma da comida. Saindo do saguão, um corredor levava a uma passagem em arco, que por sua vez introduzia um salão amplo de paredes revestidas e uma mesa coberta com uma fina toalha de linho bordada.

O lugar era agradável, forrado com um tapete florido, em vez do habitual assoalho de tábua riscada. Embora o sol ainda não houvesse se posto de todo, a lumeeira dependurada sobre a mesa já fora acesa.

Dez cadeiras de nogueira entalhadas rodeavam a mesa, com mais duas flanqueando o aparador que abrigava as travessas de porcelana. Na parede entre as duas janelas havia uma paisagem pintada a óleo, de excelente gosto.

Vivienne admirou a decoração luxuosa com uma ponta de cinismo. Os dias passados no Pretty Polly's muito lhe haviam ensinado sobre a vida. Aqueles aparatos todos num lugar ermo com Meridith eram de se estranhar. O transporte de mobílias rio acima devia custar uma fortuna e a pensão era impecável nesse ponto. Algo lhe dizia que aquele luxo todo não resultava da herança do Sr. Jessup. Se é que existira algum Sr. Jessup.

Só então Vivienne deu-se conta de que não estava sozinha. Um rapaz alto e muito magro, vestido com calça e casaca escuras, de péssimo caimento, encontrava-se de pé à janela que dava para a rua.

Uma tábua gemeu sob o pé de Vivienne e ele girou nos calcanhares. Tinha olhos de um azul-claro quase desbotados, que se moviam de forma estranha. Devia ser míope, ou então estivera perdido em reflexões, pensou Vivienne. Um padre, concluiu, antes mesmo de ver-lhe a gola alta. De barba e cabelos à escovinha. Olhou-a com se deparasse com uma aparição. Corou, empalideceu e corou outra vez. Vivienne mordeu o lábio, tentando reprimir um sorriso.

— Perdoe-me, senhor. Receio que o tenha assustado...

— Sim. Quero dizer... não. — Ele fez uma reverência rápida. — Sou George Lambert. Reverendo George Lambert a seu dispor, senhorita... ahh, *mademoiselle*...

— Roc... Rambeaux — ela se corrigiu a tempo. — *Mademoiselle* Rambeaux. De Baton Rouge.

— E-encantado.

O total desconcerto e embaraço seriam ridículos num homem menos sincero. Vivienne gostou dele, apesar de seu jeito deselegante. Parecia uma ovelha perdida do rebanho. Na verdade, não entendia o que ele podia estar fazendo tão distante do leste civilizado.

O reverendo puxou-lhe uma cadeira e ela sentou-se à mesa. Quando foi empurrar o espaldar, quase lhe esmagou as costelas, o que provocou outra torrente atrapalhada de desculpas.

A gagueira teve fim quando a porta se abriu como por encanto numa das paredes do refeitório, atrás da cabeceira da mesa. Surpresos, viram a Sra. Jessup entrar, alvoroçada, trazendo uma jarra de cerveja preta.

Só então Vivienne se deu conta de que a pensão era conectada ao hotel. Pela porta aberta, avistou um bar de carvalho e diversas mesas e bancos rústicos. Sally Jessup enrubesceu ao vê-los. Fechou a passagem com o pé, habilmente.

— Não costumo usar essa entrada quando há hóspedes na pensão, mas não quis sujar a barra do vestido lá fora.

Vivienne analisou o traje de Sally. Era justo, de cetim vermelho, cintura marcada e decote ousado. Adequado, talvez, para um jantar formal em Nova Orleans ou St. Louis...

Nunca para a proprietária de um estabelecimento de respeito servir o jantar. Só havia uma explicação para tão rica *plumagem*: Josh Deveril.

A viúva pousou a jarra sobre a mesa, soltando a primeira farpa da noite:

— Sabem como é... Além de tomar conta das crianças ainda tenho que providenciar as refeições e cuidar dos outros serviços do hotel.

— Ah, mas é claro. — Vivienne sorriu, docemente. — Imagino que tenha de oferecer *muitos* outros serviços aos hóspedes.

— Seu trabalho deve aumentar muito quando aportam os vapores, não? — comentou o reverendo Lambert, completamente alheio à hostilidade entre as duas.

Vivienne esforçou-se para conter uma risada.

Sally Jessup concentrou sua atenção no padre. Seria um sujeito até atraente, se não fosse aquela magreza doentia. E, sem dúvida, estava mais próximo da idade daquela francesinha atrevida.

— Aumenta muito, reverendo — concordou, por fim. Serviu um copo de limonada para Vivienne. — Parece que já se apresentou ao reverendo Lambert, Srta. Rambeaux... Ele está de passagem na cidade. Depois vai se juntar a um grupo de missionários que vai para o Oeste. — Fez uma pausa, observando o rosto de Vivienne se iluminar. — A Srta. Rambeaux vai morar em Meridith nos próximos meses — explicou com frieza. — Tenho certeza de que vão apreciar a companhia um do outro durante as refeições, pelo menos por alguns dias.

Vivienne conteve a ansiedade até ver a viúva se retirar.

— Qual o seu destino, *monsieur*... reverendo Lambert?

— O território de Oregon, claro! — Deu de ombros, a excitação substituindo a timidez. — Para levar a palavra de Deus às tribos pagãs. Para tirar seus membros do caminho da escuridão e salvá-los do fogo eterno.

Pensativa, Vivienne observou-lhe o entusiasmo. Ele parecia tão fervoroso e sincero.

— Os índios não têm sua própria religião, seus próprios deuses?

— Têm. Deuses pagãos que precisam ser desmistificados. Eliminados!

O reverendo foi tão veemente na resposta, que ela não conseguiu se conter:

— Mas não tem medo de que eles o acabem convertendo para suas crenças? — brincou.

O jovem pregador ficou totalmente sem fala. Fitou-a como se ela houvesse sido possuída pelo demônio. Vivienne explodiu uma gargalhada, sem nenhuma malícia.

— Perdão, *monsieur*. Eu só estava brincando.

Isso ele não havia percebido. Mas suspirou, aliviado, por não ter de enfrentar uma heresia. Afinal, era a moça mais bonita que já havia visto.

Vivienne percebeu a perspectiva que se abria a ela e comentou:

— Sabe que o invejo, reverendo? — Olhou-o por entre os olhos semicerrados. — Nós, mulheres, somos forçadas a permanecer em casa, às voltas com tarefas enfadonhas, enquanto vocês, homens, enfrentam feras, abrem trilhas, convertem índios... muito mais excitante.

Ele se envaideceu.

— É verdade que levamos uma vida sempre cheia de aventuras e riscos, enquanto uma moça como você não enfrenta nada de mais desagradável do que um jantar queimado ou uma criada de mau humor. No entanto, sua missão na Terra jamais deve ser desprezada, pois foi o Senhor quem a designou.

Vivienne ergueu uma sobrancelha, desanimada. O homem não tinha mesmo senso de humor.

Uma bota raspou na entrada e ela se voltou, vendo Deveril parado sob a soleira encarando-a, sério. Continuava vestido como um homem do campo, calças de pele de gamo, camisa franjada e uma correia em torno do pescoço presa por uma conta. O traje combinava com ele. Deveril parecia rude, quase selvagem, e terrivelmente bonito.

Tinha testemunhado o coquetismo de Vivienne. Parecera-lhe inocente, mas por alguma razão aquilo não o agradara. Caminhou até ela, segurando-lhe o ombro.

— Praticando?

O padre levantou-se de um salto, quase tropeçando no pé da cadeira, o pomo de Adão movendo-se nervosamente:

— S-solte a moça, senhor.

Deveril encarou-o, em silêncio.

— A moça está sob a *minha* proteção — respondeu com naturalidade, vendo o choque nos olhos do jovem.

— É verdade — Vivienne explicou, com doçura. — Este é *monsieur* Deveril. É meu guardião, como pode ver... E este, *titio*, é o reverendo Lambert.

Deveril lançou-lhe um olhar enviesado, depois puxou uma cadeira ao lado dela e sentou-se, concentrando a atenção no rapaz.

— Se é Lambert, há um camarada na estrebaria perguntando por você. Um tal de Gaskin.

— Oh, eu estava esperando por ele.

Relutante, o padre se retirou. Deveril tornou a encarar Vivienne, exasperado.

— Vou repetir: estava praticando?

Ela endireitou o corpo.

— Não sei do que está falando.

— Não me venha com truques, como fazia com aquele pobre coitado.

Ela sorriu, balançando a cabeça.

— Acho que está com ciúme. Não consigo atinar com mais nenhuma razão para tê-lo tratado com tanta rispidez.

— O quê? O que queria que eu fizesse? Ele me recebeu como um cachorro bravo, pronto para cravar os dentes na minha perna!

Ela riu, deliciada, mas parou de súbito ao sentir os dedos de Deveril sob o queixo. Havia uma expressão estranha no seu rosto, um misto de divertimento e seriedade que lhe roubou o ar.

Deveril também prendeu a respiração. Os lábios dela eram tão suaves, tão rosados, tão perfeitos para um beijo. O pescoço alvo curvava-se gracioso, até os ombros pequenos. Se houvessem se conhecido em outra época, em outras circunstâncias... Mas ela era tão jovem. Pior que isso. Estava sob sua proteção.

Deixou cair a mão, ainda sentindo a textura aveludada daquela pele nos dedos.

— Não brinque com os sentimentos dos homens, menina. Muito menos com os de alguém de sua idade. Pode ser perigoso.

— Fica falando por enigmas. Não sei o que quer dizer.

— Não mesmo? Tomara que não descubra nunca.

Lambert retornou, e quatro outros hóspedes se fizeram presentes. Viajantes, na maioria. Vivienne e Deveril não tiveram mais como conversar, porém o desejo que ela vira nos olhos dele não lhe saiu da cabeça durante toda a refeição. A ponto de ignorar as provocações sutis de Sally Jessup.

O café foi servido numa saleta lateral e parte dos hóspedes se pôs a jogar cartas. O reverendo Lambert ainda tentou convencer Vivienne a jogar damas, mas ela recusou, aborrecida. Deveril e aquela viúva fingida tinham desaparecido logo após a sobremesa, e não conseguia parar de imaginar o que os dois podiam estar fazendo.

O padre fez uma nova tentativa de capturar seu interesse:

— Dia desses descobri um livro muito bom de gravuras: A Arquitetura Inglesa do Período Tudor — disse, corando, como que surpreso com a própria coragem de puxar assunto.

— É muito gentil, reverendo, mas estou com uma terrível dor de cabeça. Se me dá licença...

Ergueu-se e deixou a sala, consciente de que a dor de cabeça começava a se tornar realidade. Estava mesmo exausta.

Ao alcançar o topo da escada, todavia, sentiu toda a fadiga desaparecer. A porta ao final do corredor encontrava-se aberta, deixando entrever uma figura familiar.

— Ethan! O que está fazendo aqui?

O sobrinho de Deveril pousou os utensílios de barba que acabara de desembrulhar.

— Boa tarde, senhorita. Trouxe as coisas de Josh. Vamos pousar aqui, em vez de ficar no barco, até partirmos. — Pendurou o assentador de navalhas no suporte, apanhou uma barra de sabão e a lâmina, sorrindo. — Ele disse que quer ficar de olho na senhorita.

Ela enrubesceu.

— Não sou nenhuma criança.

O sorriso dele se alargou, iluminando o rosto sardento.

— Vai ver que é justamente por isso...

Pela primeira vez, Vivienne não teve resposta. Ethan guardou a mochila grossa debaixo da cama.

— Bom, acho que já está na hora de eu voltar para o desembarcadouro — comentou, num tom casual que não lhe ocultou de todo o orgulho quase infantil. — É minha noite de vigília.

— Boa noite, Ethan.

Vivienne deslizou para o quarto numa nuvem de alívio. Deveril não iria dormir com a Sra. Jessup. E pernoitaria na pensão só por causa *dela*...

Abraçou a si mesma e entrou. O quarto encontrava-se desocupado, pois Naomi fora jantar com os empregados, e escuro. Porém não se preocupou em acender a lamparina. Preferia ficar na penumbra e pensar.

Afastou a cortina e espiou a rua. Deveril encontrava-se lá conversando com dois homens. Só a visão dele bastou para sobressaltá-la. Nos últimos meses tantos acontecimentos ocuparam sua mente que não se dera conta das transformações pelas quais passava. Seu corpo mudara, seus anseios também... Ela não era mais uma garota sonhadora alimentando ilusões sobre um professor. Era uma mulher e havia se apaixonado.

Agora estava livre de Bertrand, abrigada num lugar seguro e confortável. Só havia uma sombra em seu horizonte que, no entanto, parecia obscurecer tudo: Deveril partiria com sua expedição em dois dias, e talvez jamais voltasse a vê-lo. Sabia agora, com absoluta certeza, que se ele a deixasse...

Como tinha acontecido? Sempre o admirara e apreciava sua companhia. Mas quando Deveril se tornara a estrela mais brilhante de seu pequeno universo?

Agora percebia que o amava... e havia já algum tempo. Mesmo assim era uma surpresa. Sempre havia esperado que o amor fosse descer em seu coração com o poder e a subitaneidade de um raio. Em vez disso, ele fora se instalando dentro dela devagar, gradualmente, mas devastador.

E quanto a ele? Temia que Deveril só a visse como uma menininha encenqueira. Às vezes, entretanto, como naquela noite, alguma coisa no modo como ele a olhava a levava a ter certeza de que a desejava como mulher.

Concentrou-se na silhueta esguia do outro lado da rua. A luz do candelabro parecia desenhar uma aura em torno dos cabelos dourados. Traçou mentalmente os contornos firmes de seu perfil, lembrando-se de cada palavra que ele já lhe dissera, de cada expressão do rosto, buscando interpretar nelas o que desejava. Tímida, considerou as palavras de Naomi naquela tarde e a hostilidade da Sra. Jessup. Ah, se Naomi estivesse certa! Se Deveril tivesse algum interesse nela como mulher, não a deixaria para trás.

Saiu do quarto. O corredor estava vazio. Hesitante, correu até a porta do quarto dele, experimentou a maçaneta, encontrando-a destrancada. Com o coração aos saltos e as palmas úmidas, entrou. Sem querer acender a lamparina, abriu as cortinas. Olhou ao

redor, reparando na organização quase militar que reinava ali. Sentou-se na beirada da cama, então, disposta a esperar.

Não tinha idéia do que diria a Deveril. Precisava fazê-lo entender o que significava para ela vê-lo partir... e convencê-lo a levá-la naquela expedição. Naomi também, se ela ainda quisesse.

Vários minutos se passaram. Tinha sido um dia exaustivo e sentiu as pálpebras pesadas, cada músculo do corpo dolorido. E aquele colchão era tão macio... Talvez pudesse descansar um pouco enquanto esperava. Quando ouvisse passos no corredor, se ajeitaria para recebê-lo. Afinal, não seria muito decente se ele a encontrasse deitada em sua cama...

Riu em meio a um bocejo. Havia nocauteado Bertrand com um golpe, refugiando-se com escravos no meio do pântano e vivido num bordel... Agora arriscava-se a descansar alguns minutos na cama de um homem. Precisa controlar seu atrevimento, se pretendia ser aceita naquela missão com Deveril e seus homens até o Oregon. Era perigoso lá, tinha consciência disso: uma região agreste, montanhosa e assustadora em sua majestade. Terra de enormes florestas, cachoeiras exuberantes e centenas de alces... Mal podia esperar!

Nem mesmo a guerra entre ingleses e americanos para reclamar a posse do território apagava o brilho de uma aventura tão excitante.

A brisa fresca da noite invadiu o quarto e Vivienne puxou o cobertor dobrado ao pé da cama, cobrindo-se. Os planos ainda fervilhavam em sua cabeça quando adormeceu, sorrindo.

Mais uma hora se passou até que Deveril resolveu subir. Galgou os degraus com cuidado, fazendo uma pausa no topo da escada. Sally havia dito que deixaria a porta aberta caso ele quisesse ir a seu encontro, mas ele alegara fadiga e outros compromissos, escapando à pressão. Sabia que ela estava desapontada, porém o relacionamento nunca fora além da amizade. Pelo menos de sua parte.

Girou a maçaneta e entrou no quarto, em silêncio. Estava esgotado. Na noite anterior, estivera excitado demais para dormir e agora começava a sentir os efeitos dessa falta de sono. Os poucos goles de cerveja que tomara também não tinham ajudado em nada. Embora o álcool normalmente tivesse pouco efeito sobre ele, naquela noite acentuara o cansaço.

Estava quase dormindo em pé quando avistou um vulto sob o manto de lã. Suspirou, exasperado. Pelo visto, seria mais difícil do que ele imaginara. Como podia se livrar daquela situação sem ferir o orgulho de Sally? Caminhou até a cama.

— Sssh... Sally!

Não obteve resposta. Pôs a mão no ombro dela, aproximando a boca de seu ouvido.

— Sally, acorde!

Vivienne rolou na cama, ainda zozza de sono, abrindo as pálpebras de leve. Devia estar sonhando. Deveril? Tão perto... Ele ia beijá-la. Estendeu os braços envolvendo-o pelo pescoço e entreabriu os lábios, convidativamente.

Por um segundo, Deveril achou que tinha enlouquecido. Vivienne estava em seu quarto, em sua cama, suave e perfumada, com os cabelos negros espalhados no travesseiro e sobre os ombros. Devia ser efeito da cerveja, da lua... ou do desejo ardente que sentia por ela e tentava esconder até de si mesmo. Os lábios dela eram tão cheios, tão doces... E estavam ali, tão perto... Como resistir?

Aceitou o convite, cobrindo-lhe a boca macia com a dele num beijo quente, intenso e arrebatador. Prendeu-a nos braços, sentindo os seios jovens contra o peito. Ouviu-a suspirar e abandonou-se à loucura do momento. Vivienne tinha gosto de primavera, de canela, não sabia dizer! Querendo mais, precisando de mais, pressionou-a contra o colchão, deitando-se sobre ela.

Ela permaneceu no estado de sonho, deliciando-se com o contato, e sem sombra do

embaraço e do pudor que a dominariam se estivesse totalmente desperta. Acariciou os ombros largos, o pescoço forte, os dedos mergulhando nos cabelos curtos e sedosos de Deveril. Quando a palma dele se fechou em torno de um seio, arqueou o corpo, embriagada, querendo absorver mais seu calor. Sentia-se enlouquecedoramente viva, feminina, excitada a um ponto que jamais imaginara.

Deveril acariciou-lhe o seio até sentir o mamilo intumescer sob o tecido e ela pensar que fosse desmaiar de prazer. Uma sensação ardente dominou-a, e Vivienne só ouvia Deveril murmurando palavras doces em seu ouvido.

— Deveril! — sussurrou, enquanto ele deslizava os lábios úmidos por seu pescoço.

Sentindo-a receptiva, ele desabotoou o corpete do vestido, e tocou-a como fazia em suas fantasias, com as mãos, com os lábios, deliciando-se com o prazer que provocava, os gemidos dela estimulando-o a prosseguir.

Vivienne mergulhou os dedos nos cabelos dele, trazendo-o para mais junto de si.

— Deveril! Eu sabia que não ia me deixar! Sabia que me levaria com você se...

Ele a soltou, quase com violência. Antes que ela soubesse o que acontecia, viu-o em pé ao lado da cama, fulminando-a com o olhar.

— E se eu não a levar comigo, o que vai fazer, Vivienne? Deitar com o primeiro desavisado que encontrar pela frente e seduzi-lo a transportá-la para o Oeste?

Ela ergueu-se sobre os cotovelos, agora completamente desperta. Tinha o rosto em chamas, os lábios ainda vermelhos e inchados.

— Não! — Ajoelhou-se na cama, transtornada. — Você não está entendendo, eu...

— Ah, entendo, sim. Não tem nada, a não ser o próprio corpo para negociar uma escolta para o Oregon. Estava mais do que pronta para investir nisso, não é mesmo, *mademoiselle*? Tão pronta que se pôs na minha cama para dificultar minha resistência aos seus ardis!

— Ardis?! Ora, seu... — Ela não conseguiu encontrar palavras para exprimir sua indignação. — Eu só queria falar com você! Só isso! Mas dormi enquanto esperava. — Segurou os cabelos desgrenhados com uma mão, a saia amarrotada com a outra. — Eu certamente não me apresentaria neste estado se intencionasse seduzir alguém, *monsieur*!

A veemência das palavras, fruto da mais pura perplexidade, convenceu-o de que ela falava a verdade. Deveril sentiu a tensão se dissolver aos poucos. Respirou fundo, tentando ordenar as idéias. Comprimiu os lábios, fitando o rosto pálido e belo da mulher a sua frente.

— Deus do Céu... — sussurrou, em meio a uma risada fraca. — Acredito em você. É vaidosa demais para ter feito a coisa desse modo.

— Vaidosa?! Ainda me acusa disso?

Ele semicerrou os olhos, tornando a ficar sério.

— Isso mesmo. Ou talvez estupidez fosse a palavra mais correta.

Ela empalideceu ainda mais.

— É o homem mais horrível, mais desprezível que já conheci — conseguiu murmurar, com voz trêmula. — Não tenho mais nada para lhe dizer. Nem agora, nem nunca mais! — Saiu da cama, passando por ele cega de ódio e de dor.

Mas não foi muito longe. Deveril a segurou pelo braço, voltando-a para ele sem delicadeza.

— Mas eu ainda tenho muito para dizer, *mademoiselle* Vivienne...

Empurrou-a, pressionando Vivienne contra a parede. Abafou-lhe os golpes e, embora seus lábios se curvassem num sorriso, não havia diversão nos olhos escuros.

Ao vê-la exausta de lutar em vão, soltou-a aos poucos. Ela tentou empurrá-lo, porém ele tornou a prendê-la com o peito e os braços. Vivienne sentia a fivela do cinto de couro machucando seu ventre, as costelas arderem contra as dele. Deveril parecia decidido a dominá-la, a humilhá-la, e ela deixou cair a cabeça, ofegante, não suportando mais aque-

la violência absurda.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Para mostrar o quanto é indefesa. Eu poderia abafar um grito seu antes que pensasse em soltá-la. Poderia impor minha vontade da maneira mais brutal e estrangulá-la sem que emitisse um som sequer. Entende agora o que estou querendo dizer?

Ela concordou com a cabeça, não confiando mais na própria voz. Deveril não era o homem que ela imaginara. Não o conhecia, definitivamente. Era um estranho, que ela já não queria mais conhecer a fundo.

Deveril observou o pavor nos olhos azuis e odiou a si mesmo. Havia querido assustá-la. Na verdade, fora obrigado a fazê-lo para a própria segurança dela. Vivienne tinha de entender que outras pessoas podiam interpretar mal suas atitudes impensadas... como entrar sozinha no quarto de um homem à noite. Era preciso que ele lhe despertasse o bom-senso, substituísse aquela ingenuidade por um pouco que fosse de cinismo e instinto de defesa.

Mas sentia-se como o mais patife dos homens. Soltou-a, caminhou para a porta e segurou-a parcialmente aberta. Vivienne avançou devagar, a cabeça baixa. Quando passou por ele, Deveril ergueu a mão, tentando tocar-lhe os cabelos, mas deteve-se. Tinham de manter uma distância segura.

— Vivienne, eu... acho que devo pedir perdão. Não por tentar incutir em você um pouco de bom-senso, mas pelo modo como agi antes. Não sei se por cansaço, por impulso, não sei! Só sei que sou um homem e responsável por meus atos. Não devia tê-la tocado... nem beijado. — Parou, a respiração acelerando-se com a lembrança. Como podia explicar sem parecer um tolo? Talvez fosse melhor dizer a verdade de uma vez. Comprimiu os lábios. — Vivienne, é uma mulher linda e desejável. Uma mulher que tentaria até um santo. Meus companheiros são bons homens, mas não são santos. Assim como eu não sou. É por isso que não a levo comigo.

Vivienne ergueu a cabeça e estudou-lhe o rosto. Agora era o Deveril que conhecia. Já não sentia medo.

Uma voz de mulher chegou até eles, vinda da escada. Preocupado, Deveril recomendou:

— Volte para seu quarto antes que alguém a veja aqui.

Ela o tocou no braço, hesitante. Antes de se dar conta de que se apaixonara, jamais tivera dificuldade em expressar seus sentimentos. Agora, as palavras fugiam, sua mente parecia incapaz de raciocinar.

— Não vai partir sem se despedir de mim, vai? — perguntou, insegura.

— Não. Prometo.

— *Au revoir, monsieur.*

Cruzou o corredor sem olhar para trás.

Só no quarto tentou ordenar os pensamentos. Sabia agora que nada que fizesse ou dissesse faria Deveril mudar de idéia. A decisão já estava tomada. Ele iria e ela ficava.

Fechou os olhos, tomada de sofrimento. Já era ruim ter vindo parar numa cidade como Meridith, quando precisava encontrar tio Philipe. Mas agora, além dessa preocupação, se somaria a angústia pelos riscos que Deveril correria naquela expedição. Já havia aprendido, e do modo mais duro, que na vida não existem garantias. Aqueles em quem se confiava podiam se tornar inimigos. E quem se amava podia morrer.

Mesmo um homem inteligente e arguto como Josh Deveril.

Sentiu um aperto no peito. Não, decidiu. Não iria ceder facilmente. Tinha de encontrar uma solução.

Ajoelhou-se ao lado da cama, como costumava fazer no colégio. Rezou por Deveril e Ethan, por Naomi e por si mesma. Ao terminar, sentia-se bem melhor. A Divina Providência lhe indicaria um caminho.

Quando foi até a janela fechar as cortinas, viu movimento na rua. O reverendo

George Lambert retornava da estrebaria, magro feito um esqueleto, encolhido ao extremo. Mas para ela não houve visão mais bela. Ele era a resposta para suas preces.

CAPÍTULO X

— Caçadores de recompensa!

As palavras causaram um arrepio na espinha de Vivienne, que recuou a mão, derrubando a limonada que Aggie lhe servia. Deveril a alertara de que poderiam ser seguidos, razão pela qual vinha usando um nome falso desde que saíra de Nova Orleans.

— Vocês só precisam agir naturalmente — ele a havia instruído. — Estarão procurando por uma moça pobre e uma escrava fugida, não uma jovem fina em companhia da aia e do tio.

Na ocasião, as palavras soaram convincentes. Agora, porém, Vivienne sentia a tranqüilidade esvair-se. Chovia, e a porta de ligação entre a pensão e o hotel fora parcialmente aberta, permitindo a circulação constante de Aggie e da Sra. Jessup com suas bandejas. Um homem sentara-se numa das mesas da taverna. De aparência rude e olhos inquietos, vigiava o mínimo movimento das pessoas.

Enquanto ela se esforçava para se manter calma, Aggie tratou de limpar, estoicamente, a toalha molhada.

— Pois é, senhorita. Vira e mexe, aparecem aqui. Normalmente à cata de escravos fugidos. Vez ou outra atrás de algum bandido.

— Ele... disse atrás *de quem* estão desta vez?

— Disse. Um tal ruivo. Joseph Tate. Acham que veio para cá, porque o homem tem parentes por estas bandas. — Baixou a voz. — Roubou um banco em Baton Rouge e matou uma mulher a sangue-frio, com ela pedindo clemência e tudo...

Vivienne sentiu um imenso alívio. Fez um sinal da cruz pela alma da vítima, aproveitando para agradecer a própria sorte.

— Imagino que procurar um homem pelo campo seja o mesmo que tentar achar uma agulha no palheiro.

Aggie tomou a vassoura, passando a varrer as migalhas do chão.

— Eu também pensava assim. Mas não tem idéia de como esses fugidos *aparecem*. Mais cedo ou mais tarde, eles aparecem. Juntou a sujeira num monte, cuidadosamente. — Mesmo se esse homem aí não aparecer, eles não vão voltar de mãos abanando. Sempre acham um escravo ou dois. Ih... Tem uma lista desse tamanho...

Vivienne prendeu a respiração. Arrastou a cadeira, tomada por uma onda de náusea.

— A-acho que tomei limonada demais, Aggie. Vou subir para o meu quarto e aproveitar para costurar este pedaço da bainha.

A criada a fitou com estranheza.

— Por que não manda a neguinha fazer isso para a sinhazinha? É pra isso que ela serve.

— Naomi está ajudando a Sra. Jessup com as roupas de cama. Mas tem razão. Vou chamá-la agora mesmo.

Ergueu-se, lutando para manter os joelhos firmes e o corpo ereto. Aggie não pareceu notar sua intranqüilidade. Deixou o refeitório e galgou as escadas tão rápido quanto lhe permitiram as pernas trêmulas. A porta do quarto de Sally Jessup encontrava-se aberta e pôde avistar Naomi lá dentro, guardando pilhas de lençóis e travesseiros

brancos num armário alto.

Entrou, fechando a porta com cuidado atrás de si.

— Precisamos tomar cuidado. Há dois caçadores de recompensa lá embaixo, na taverna. Estão atrás de um ladrão de bancos, mas Aggie disse que também costumam levar consigo uma lista de escravos fugitivos. Não acho que vão pernoitar no hotel, mas não podemos nos arriscar.

Para Naomi, que começava a recuperar a confiança no destino, foi o golpe de misericórdia. Entreabriu os lábios cheios, os olhos fitando o nada, o peito ofegante. Na hora que seu sonho de liberdade parecia prestes a se tornar realidade, via-o desfazer-se diante de si como a bruma da manhã. Não havia mais como fingir calma. Sentou-se na beirada da cama e cobrindo o rosto com as mãos, chorou em desespero.

— Não adianta! — disse entre soluços. — Não importa o lugar que se vai, eles sempre acabam nos achando!

— Não! Não pode se entregar assim. Pense em tudo o que passamos juntas! Nós sobrevivemos, Naomi! — Vivienne sentou-se ao lado dela, passando o braço por seus ombros num gesto protetor. — Se formos cuidadosas, continuaremos em segurança. Precisa ter fé!

Naomi enxugou os olhos na ponta do avental e ergueu a cabeça.

— Até há algumas semanas, eu não tinha fé em ninguém, a não ser em mim mesma. Mas *mademoiselle* e *monsieur* Deveril provaram que existem pessoas em que eu posso confiar... Mas confiança não é o bastante, sinhazinha.

Naomi se levantou e caminhou para a janela, ficando de lado, de modo a não poder ser vista da rua. Chuviscava e a paisagem tingira-se de cinza.

— Poderíamos mudar de nome outra vez e fugir para outro lugar. Mas jamais poderei mudar minha cor e me misturar à sua gente. Quanto mais formos para o Oeste, mais atenção eu vou chamar. Talvez fosse melhor eu seguir meu próprio caminho.

— Não, Naomi. Estamos nisso juntas. — Vivienne uniu-se a ela. Através da cortina de renda e da chuva lá fora, podiam ver a terra se estendendo até o horizonte, no Oeste. A liberdade ficava naquele caminho. Liberdade e esperança para as duas. — Desisti de tentar persuadir Deveril a nos levar na expedição. Ele continua irredutível. Mas não se desespere ainda, pois tenho um plano. Há um padre aqui. O reverendo George Lambert...

Havia um obstáculo para a realização do plano de Vivienne. Não se achava o reverendo Lambert em parte alguma. Nem ele nem Deveril compareceram ao jantar. Uma vez mais, seus nervos foram duramente testados. Precisava contar a Deveril sobre os caçadores de recompensa e encontrava-se agitada demais para esperar o cair da noite.

O dia ainda demoraria a findar. Pôs o chapéu de abas largas para ocultar parte do rosto. Desceu as escadas ponderando que Deveril não teria objeções quanto a ela aparecer em público, já que supunha que fosse permanecer o resto do ano em Meridith. Além do mais, quanto maior a distância entre ela e aqueles homens no hotel, melhor.

Naomi pensava o contrário e achou por bem não se aventurar fora da casa.

Embora o céu continuasse parcialmente encoberto, o sol voltara a brilhar, aquecendo a terra úmida. Em meio à relva verde e a terra margeando a estrada que levava ao desembarcadouro, caules secos despontavam hirtos e esbranquiçados. Não havia para onde ir, exceto o desembarcadouro deserto, depois da ribanceira, ou o lugar onde se reunia o grupo da expedição de Deveril.

Vivienne nunca estivera no local, porém Ethan lhe revelara a distância: cerca de uma milha rio acima. Portanto só precisava seguir o Missouri, e não correria o risco de se perder. Talvez até encontrasse Deveril e o sobrinho no caminho, e pudessem retornar juntos para a pensão.

Vivienne não sabia, nem poderia saber, que Ethan se referira a uma milha fluvial. Caminhou quase três vezes a distância que imaginara ao longo do barranco, antes de

avistar o acampamento temporário. Exausta e enlameada, espiou, da encosta, a movimentação à margem do rio.

Não se dera conta, até então, da extensão do empreendimento dirigido por Deveril. Imaginara um grupo reduzido de homens rudes dispendo-se em canoas. Deparava-se agora com um acampamento semelhante ao militar, com fileiras organizadas de tendas. Havia pelo menos uns trinta homens ali e equipamento suficiente para aparelhar a expedição de uma tropa de Infantaria. Poderiam dormir a maior parte do tempo no chão, enrolados em cobertores, porém poderiam enfrentar uma tempestade de neve.

Duas pirogas para oito pessoas encontravam-se atracadas à margem, os remos armados para zarpar. Próximas a elas, três filas de homens de pele curtida passavam pesados caixotes, de mão em mão, para os companheiros a bordo de uma chata e de outra barca.

Esta última tinha dois mastros, uma cabine rebaixada e uma vela içada perto da popa. Fardos, caixas e engradados espalhavam-se profusamente pelo chão. Mas foram os membros da expedição que chamaram a atenção de Vivienne. Havia ali homens altos e baixos, loiros e morenos, porém todos dotados de vigor físico impressionante. Trabalhavam, incansáveis, suas vozes graves ressoando no ar.

Sobre os barris de melado, avistou um sujeito de barriga proeminente, cabelos e barbas grisalhos. Pela descrição de Ethan, devia ser Baptiste Boucher, o franco-canadense, cozinheiro da expedição. Era uma figura pitoresca, de cerca de sessenta anos, forte como um touro.

De súbito, começou a gritar e a agitar os braços, freneticamente.

— *Sacrebleu!* O que *fizerram*, seus imbecis, com o toicinho defumado e as panelas?!

— Nada, seu barrigudo filho de uma égua. Estão no mesmo lugar que os deixou! — rebateu um ruivo, em meio a risos. Devia ser Jack O'Malley, o comandante irlandês substituto de Deveril.

— Firme aí com esse baú! — gritou um moreno bonito, de camisa xadrez e calça de couro, que dirigia o carregamento.

Truman Waggonner. Vivienne já o tinha visto flertando abertamente com a pobre Aggie na taverna, e um minuto depois com a própria Sra. Jessup no saguão. Ambas haviam suspirado diante dos sedutores olhos castanhos, mas ela mesma não se sentira nem um pouco atraída. Era muito cheio de si para seu gosto.

Pouco depois, avistou Ethan. Era fácil de ser identificado: o único jovem desengonçado entre os veteranos bronzeados e atléticos.

Mas não estava à procura de Ethan. Deveril não se encontrava no acampamento. Desapontada, decidiu-se por esperar. Dezenas de barris rolaram rampa acima, sendo acondicionados a bordo. Vez ou outra, os homens paravam para um gole de água ou para limpar o suor dos rostos. Dois deles preparavam tocos de madeira com chanfros e encaixes. Com seis pedaços, montavam mais um engradado. Sem dúvida, eram necessários para embalar as mercadorias recebidas nas negociações, ou qualquer curiosidade da natureza encontrada pelo caminho.

Deveril havia contado como Lewis e Clark tinham enviado de volta vinte e cinco caixotes de novas amostras ou espécies incomuns de seu primeiro acampamento de inverno, em Forte Mandan, no ano de 1804. Quase trinta anos haviam se passado desde a famosa expedição enviada para explorar o território do Noroeste, porém a região permanecia agreste, conhecida apenas por caçadores, mercadores e índios. Quem sabia que estranhas feras rondavam aquelas terras?, pensou ela, com um arrepio de excitação.

O sol começava a baixar no céu do Oeste, espalhando reflexos alaranjados sobre as águas pardas do Missouri. Um raio cortou o firmamento, anunciando nova tempestade. Certa de que Deveril tomava parte em alguma de suas misteriosas reuniões, Vivienne ergueu-se com um suspiro e limpou o vestido, decidida a retornar à cidade.

Nuvens densas aproximaram-se rapidamente. A tempestade seria violenta, porém

breve, concluiu Vivienne.

E assim o foi. Num piscar de olhos, a paisagem se transformou, as sombras se intensificando, as coisas assumindo uma tonalidade platinada e diáfana, como se encobertas por um véu.

Vivienne apertou o passo. Ao passar por um bosque de salgueiros, à margem de um pequeno riacho, ouviu um farfalhar breve e estranho. Parou, a imaginação fértil munindo-a com as mais lúgubres possibilidades. Podia ser uma serpente... ou um índio!

Tornou a ouvir o ruído, desta vez mais próximo. Prendeu a respiração, escondendo-se entre as árvores.

Um segundo depois, soltava o ar, rindo, aliviada. O perpetrador não se tratava de uma cascavel ou de um bravo Pawnee, mas sim de uma raposa faminta que, acompanhada por dois desajeitados filhotes, corria, saltitante, pela relva.

Sorriu, relutante. Talvez aquilo fosse um presságio. Deveril não a chamara de "raposinha"?

Não o vira o dia todo, porém ele poderia ter mudado de idéia quanto a levá-la. Irmã Clotilde dizia sempre que nada era impossível para os que confiavam.

O vento forte continuava soprando e ela aspirou o ar frio, cheia de uma vontade que não sabia ao certo definir. Outro relâmpago riscou o céu, acompanhado por um trovão que fez vibrar a terra. Fechando os olhos, estendeu os braços e girou o corpo, querendo absorver a energia da tormenta.

De repente, uma sombra avultou-se sobre ela. O susto roubou-lhe o equilíbrio e Vivienne abriu os olhos somente a tempo de se ver sob um homem de camisa azul. Não chegou a ver seu rosto. Nem precisou fazê-lo para reconhecer Deveril. Num movimento automático e instintivo que a impediu de cair, fechou os braços em torno da cintura dele. E se mantiveram assim. A reação de Deveril foi idêntica, se para ampará-la, ou a si mesmo, não saberia dizer. Vivienne nada falou, e ele também se manteve calado. Só ele, porém, sabia que era a última vez que se encontravam. Tinha apressado a partida. Apenas por aqueles poucos segundos, poderia sentir o corpo de Vivienne contra o seu, os cabelos de seda roçando em seu queixo, e fingir que nada além dela existia.

Nos últimos dias, tentara se convencer de que seus sentimentos eram os mesmos de um tio para com uma sobrinha indisciplinada. Mas não conseguira enganar-se. Ela o fazia sentir-se um homem cheio de vigor e vontade de extravasar a sensualidade.

Abraçou-a com força, num gesto inconsciente.

Vivienne ergueu o rosto, os lábios entreabertos. Deveril se permitiu o deslize de mantê-la entre os braços. Guardaria na memória esse momento. Nas noites frias que o esperavam, essa lembrança aqueceria seu coração. Ela era tão jovem, tão doce.

Lutou contra o ímpeto de puxá-la mais para si e beijar os lábios rosados até ambos ficarem tontos de desejo. Queria ensinar-lhe as delícias do amor e vê-la desabrochar para o prazer em seus braços.

Vivienne deixava-se inundar nas emoções e ele a sentiu tão próxima, como se barreiras que mantinham suas almas separadas houvessem ruído.

A razão se fez presente em tempo. Estava prestes a partir numa longa e perigosa jornada, onde ataques indígenas e elementos hostis eram apenas parte dos muitos riscos que iria correr. Se pessoas erradas descobrissem os verdadeiros motivos de sua aventura para o Noroeste, não sobreviveria para contar a história. Seria cruel e irresponsável despertar ilusões em Vivienne. Por mais defeitos que possuísse, ainda tinha caráter. Ela estava sob sua proteção. Só um patife tomaria vantagem nessas circunstâncias. Gentil e firmemente, ele a afastou de si.

— Estive procurando por você — murmurou. — Para dizer adeus. Conseguimos adiantar os preparativos em um dia. Estaremos partindo antes da aurora, amanhã, por isso eu e Ethan dormiremos na barca.

Vivienne piscou, o coração despedaçando dentro do peito. Até aquele momento,

imaginara que algum milagre pudesse fazer Deveril mudar de idéia. Agora era tarde demais. Apática, ouviu-o tranquilizá-la quanto aos caçadores de recompensa. Eles jamais suspeitariam de que a protegida da Sra. Jessup e sua ama eram fugitivas. Além disso, verificara pessoalmente a lista trazida pelos homens e elas não constavam dela.

— Então... — Vivienne engoliu com dificuldade — ...obrigada por tudo o que fez por mim e por Naomi. Vá com Deus, *monsieur*.

A voz dela soou rouca e, embora mal restasse claridade no dia, ele viu os olhos azuis cintilarem, úmidos. Entendia parte de seu sofrimento. Havia perdido os pais, o lar e a herança. Até mesmo a própria identidade. E agora perdia também a proteção da única pessoa que se dispusera a defendê-la.

Vivienne o perseguiria em cada passo daquela viagem. Não haveria um dia sequer que deixaria de ocupar suas preocupações. Porém, até retornar, se retornasse, preocupar-se era tudo o que tinha o direito de fazer. Seria melhor para ambos se partisse agora.

Beijou-lhe a mão, com carinho.

— Adeus, raposinha... Deus te proteja até nos encontrarmos de novo. — Sorriu, hesitante, fez uma reverência breve e se afastou em direção ao acampamento, assobiando com uma descontração que não sentia.

O crepúsculo desceu, silencioso. Para Vivienne, foi como se Deveril houvesse levado com ele o último raio de sol.

Começou a chover. Ela o acompanhou com o olhar até ele desaparecer de vista, depois se pôs a caminhar, lenta, de volta à cidade, ignorando as gotas frias que lhe fustigavam o rosto.

Quando chegou à pensão, estava encharcada, mas as nuvens negras tinham se dissipado e a chuva cessado tão rápido quanto viera. Não chegou a reparar no esplendor fresco do céu, nem nos últimos filamentos de sol que insistiram em dourar as vidraças. Em seus olhos, a paisagem continuava triste, desoladora.

À princípio, seu único e original objetivo fora ir à procura de tio Philipe. Agora admitia outra razão para querer viajar. Queria estar perto de Deveril, passar cada segundo envolvida na magia de seus olhos e no som de sua voz. Longe de Deveril o tempo se arrastava e ela se sentia num imenso vazio. Prolongar a separação por meses, talvez para sempre, era uma idéia que não podia tolerar.

Não havia ninguém à vista quando entrou na pensão. Naomi oferecera-se para auxiliar Aggie nas tarefas domésticas, o que a mantinha protegida de curiosos. Meridith mal podia ser chamada de cidade, e ainda assim recebia inúmeros forasteiros nos meses quentes, o que mantinha os caçadores de recompensa nas redondezas. Sally Jessup confinara-se, aborrecida, em seu quarto, mas Vivienne ignorou o fato. Quanto ao reverendo Lambert, fora ao encontro de seus companheiros missionários, segundo Aggie, e não devia retornar tão cedo.

Vivienne perambulou pela saleta dos fundos, onde havia uma lamparina acesa, procurando por algo que a distraísse do verdadeiro caos em que se transformara sua mente. Encontrou um tabuleiro de damas, mas ninguém com quem jogar, mesmo que estivesse disposta.

Inspecionou a série de livros exposta numa prateleira. Ler era uma de suas paixões. Devorava os romances que Amélia Thiery costumava trazer para o colégio, mesmo os mais antigos. Ali havia oito volumes ao todo, nenhum com título que lhe fosse familiar. Selecionou dois que lhe pareceram mais promissores: *Lírios e Rosas* e *A Trombeta Dourada*, e acomodou-se no sofá.

Conhecia o velho adágio sobre não se julgar um livro pela capa, mas, pela primeira vez, entendeu bem seu significado. A primeira obra era uma melancólica antologia de sermões. A segunda, uma série de homílias. Ambas deprimentes demais para seu atual estado de espírito.

Fitava as páginas com olhos parados quando ouviu passos. Ergueu a cabeça para deparar-se com o reverendo Lambert.

— Incomodo, *mademoiselle*? — indagou ele, em seu eterno constrangimento.

— De modo algum. Como vê, não tenho nada para fazer.

Lambert reconheceu os próprios livros no colo dela e sorriu, os olhos opacos iluminando-se pela primeira vez.

— A senhorita os leu?! Incrível... S-sem querer menosprezar seu sexo, *mademoiselle*, não conhecia nenhuma mulher que houvesse se interessado pelo assunto. Parece-me que a mente feminina é por demais... delicada para compreender esse tipo de reflexão.

No começo, Vivienne viu-se embaraçada demais para confessar que mal chegara a abrir os volumes. Mas quando assimilou o conteúdo do comentário, encarou o rapaz, indignada. Comprimiu os lábios, tentando evitar uma resposta malcriada. Não podia esquecer de que ele também estava prestes a partir para o Oregon... e que seus planos, ainda que não totalmente maduros, o incluíam.

— Reverendo Lambert, eu estava justamente a sua procura! — alegrou-se. — Espero que possa me ajudar de alguma forma.

— E-eu? — Olhou-a, sobressaltado. Aquela passagem por Meridith não estivera nos projetos dele, mas agora começava achar que não fora de todo em vão. Sentiu-se imbuído de coragem. — Estou a seu dispor, *mademoiselle*. C-como posso ajudá-la?

— Estou a procura de quem possa me acompanhar até o Oregon. Fiquei órfã há pouco e minha prima roubou-me a herança, colocando-me na rua. Meu único parente agora é meu tio Philipe Rocque, que vive no Oeste, comerciando com tribos indígenas. Preciso encontrá-lo. Farei qualquer coisa para isso.

— Mas... pensei que fosse tutelada do Sr. Deveril. Como pode ser isso?

Ela piscou, aturdida, todavia sua língua foi mais rápida que o cérebro.

— E era. Até meu décimo oitavo aniversário... que por coincidência é hoje. Por isso ele pôde se livrar da responsabilidade. O que já fez, por sinal...

— Parece muito confiante em encontrar esse seu tio. Não sei se tem idéia da vastidão daquele território. São cadeias e cadeias de montanhas cobertas de neve, gargantas assustadoras repletas de rios inavegáveis e milhares de vales e desfiladeiros.

Ela tentou não externar seu desespero.

— Pode ser. Mas qualquer um que o tenha visto, não o terá esquecido, estou certa. Tio Philipe é um homem muito bonito, mas com uma característica peculiar: tem os dois dentes da frente em ouro.

— Hum. Isso pode facilitar as coisas. — O reverendo ficou em silêncio por alguns segundos, embora parecesse estranhamente tomado de excitação. Após uma pausa exasperante para Vivienne, continuou, por fim: — Sem querer ofendê-la, *mademoiselle*, a que religião pertence?

Vivienne o encarou, em pânico. Não tinha idéia a qual ordem pertencia o reverendo. Uma resposta errada podia arruinar tudo! Engoliu em seco, buscando inspiração. De que ambos eram cristãos, não tinha dúvida.

— Bem, eu... Acho que pertencemos a mesma religião — murmurou, hesitante.

Lambert fitou-a, assombrado. De repente, sua vinda à Meridith fora simplesmente uma bênção dos céus. Uma bênção que lhe abrira um caminho iluminado até o Oeste... para ser trilhado na companhia daquela moça adorável!

Radiante, ele se deixou sentar ao lado de Vivienne, esquecendo-se de todo e qualquer constrangimento.

— Acredita em milagres, *mademoiselle*?

— Por que não? — respondeu ela, perguntando-se qual seria a intenção dele, nas circunstâncias.

O reverendo buscou as palavras corretas com que pudesse se explicar. Sentia-se

forte e revigorado em sua fé e repleto de entusiasmo. Seu lugar no pequeno grupo de missionários, contudo, não estava assegurado como devia. O presbítero Stultz e os outros haviam insinuado mais de uma vez que não consideravam um jovem pastor de pouca experiência adequado a uma missão como a que tinham pela frente. Todavia, nunca o haviam dito de modo mais aberto. E, se não estava enganado, o único impedimento real para sua aceitação era o fato de ele não ser casado.

Já ouvira muitas histórias a respeito de aborígenes que ofereciam as próprias esposas para os homens brancos que respeitavam... E, embora duvidasse disso em parte, estava certo de que os Irmãos também haviam escutado tais contos. Talvez temessem que as tentações do deserto fossem demais para um jovem saudável como ele.

Lambert respirou fundo, decidido.

— Acho, *mademoiselle*, que era nosso destino nos conhecermos.

Vivienne não havia esperado que o reverendo fosse se deixar convencer tão fácil. Mas o brilho incomum nos olhos claros lhe dizia que ele não só estava disposto a escotá-la até o Oregon, mas ansioso por fazer isso. A questão era... *por quê?*

Achou aconselhável descrever as próprias habilidades, antes que ele mudasse de idéia.

— Se me levar com o senhor, não vai se arrepender. Posso ser muito útil. Sei costurar e estou capacitada a cuidar dos mais diversos ferimentos. Até mesmo dos provocados por bala.

Rezou para que ele não a inquirese quanto a seus dotes culinários. Estes, inexistiam. Naomi sabia como preparar uma refeição simples, mas na certa preferiria a monotonia daquela terra atrasada aos perigos do deserto.

Fitou o reverendo esperando, ansiosa, por uma resposta. Viu-o fitá-la com tal intensidade que se sentiu mal.

— Qual é o problema?

— Nenhum. Absolutamente nenhum. Tudo se encaixa divinamente. — Correu os dedos pelos cabelos escuros, num gesto nervoso. — Apesar de ter certeza de uma resposta favorável de sua parte, é melhor que eu faça tudo como se deve...

Antes que ela pudesse compreender o significado daquelas palavras, Lambert estava de joelhos a sua frente, segurando-lhe as mãos.

— *Mademoiselle* Rambeaux... Imploro-lhe a honra de que aceite minha mão em casamento.

Vivienne abriu a boca, embasbacada, mas tratou de se recompor, retirando a mão das dele. Conhecia a resposta adequada para tal pergunta. Que moça de sua idade não a sabia de cor?

— Agradeço, *monsieur*, mas sou obrigada a recusar sua tão lisonjeira proposta.

Lambert tornou a agarrar-lhe a mão.

— Não! Não pode dizer uma coisa dessas!

— *Monsieur!* Pelo amor de D...

— Pelo amor de Deus, digo eu! Não percebe? *Tem* de ser minha esposa! Assim está escrito!

Aquilo só significava uma coisa para Vivienne. O pobre rapaz era completamente louco.

Levantou-se de um salto e tentou deixar a sala, entretanto Lambert barrou-lhe a passagem.

— Imploro que me ouça, *mademoiselle*. Cooperando um com o outro, poderemos ambos atingir nossos objetivos! — disse, enlevado, com um fanatismo que irmão Elder já suspeitava pouco normal.

Vivienne recuou, endireitando o corpo.

— Reverendo Lambert, meu único objetivo é encontrar tio Philipe e não um

casamento indesejado.

— *Mademoiselle*, é seu destino ser minha esposa!

Aparentemente, nada que ela pudesse dizer o arrancaria de tal delírio. Antes que ele soubesse o que acontecia, Vivienne atingiu-o em cheio com o livro de sermões, ao mesmo tempo em que o acertava com o cotovelo nas costelas.

Quando Lambert pôde se recuperar do golpe, ela já deixara a sala, indignada.

Vivienne deitou-se na cama ainda vestida, embora já fosse tarde da noite. Naomi continuava auxiliando Aggie no serviço e não havia mais ninguém com quem ela pudesse discutir aquela última complicação. O jantar fora um sofrimento. Estivera a sós com o reverendo Lambert e, por mais que tentasse convencê-lo a levá-la ao Oeste sem que chegassem ao extremo de se casarem, ele não se deixara dissuadir. E vice-versa.

Lá embaixo, o relógio badalou meia-noite. Nos contos de fada, ela pensou, coisas sobrenaturais podiam acontecer àquela hora e o futuro mudar num piscar de olhos. Se ainda tivesse uma fada-madrinha!

Riu, sem vontade. À Sra. Jessup, o papel não cairia lá muito bem.

Sentou-se. Vivia agora um de seus maiores impasses e, sozinha, não chegaria à conclusão nenhuma. Nervosa demais para dormir, cansada demais para fazer qualquer outra coisa, foi ao encontro de Naomi.

A casa estava em silêncio e uma vistoria na cozinha, aos fundos, mostrou-a deserta, com as panelas lavadas e o fogo extinto. As salas também se encontravam vazias, com exceção da de jantar, de onde vinha uma luz fraca. Correu até lá. A voz de Aggie ressoou pela porta entreaberta da taverna. Talvez Naomi estivesse em sua companhia.

Vivienne andou pé ante pé, os passos abafados pelo tapete florido.

Deveril a instruíra expressamente para que não pusesse um só pé no bar. Mesmo assim, espiando pela abertura, avistou a infatigável Aggie lavando canecas. Imaginando a taverna desocupada, aventurou-se sob o batente, à procura de Naomi.

Não chegou a entrar. Antes que abrisse a porta por completo, um rosto conhecido a fez recuar, o coração aos saltos. O caçador de recompensas e um outro homem sentavam-se em uma das mesas arranhadas, ainda coberta de garrafas e copos vazios.

Um terceiro sujeito juntou-se a eles logo em seguida. Sem esperar por convite, pousou o copo vazio e puxou uma cadeira.

— Boa noite, senhores. Acredito que tenho algo por que vão se interessar... Por um drinque ou dois, claro.

Os homens observaram o recém-chegado com desconfiança. Vivienne chegou a ter pena dele. Embora tivesse os olhos embaçados e as feições inchadas e vermelhas da bebida, devia ter sido belo quando mais moço. Apesar de embriagado, estava bem vestido, com uma camisa larga e um colete de seda cinza-claro. Elegante até demais, considerando-se a hora e o lugar.

— Sou viajante, e às vezes fico sabendo de coisas bem interessantes. — Removeu um pedaço de papel dobrado do bolso e abriu-o sobre a mesa. — Isto aqui, por exemplo. Recompensa de trezentos dólares... Para cada um.

O caçador examinou o papel com olhos estreitos, depois serviu uma dose de bebida para o estranho.

— Por quem?

— Marginais! — O rapaz explodiu numa gargalhada, apanhando, atabalhoadamente, o copo de uísque. — Duas meninas que fugiram de Nova Orleans. Uma francesinha, alguma criada da casa, creio eu. A outra é negra. Escrava fugida.

O homem ergueu uma sobrancelha.

— Seja lá quem for que esteja à procura delas, deve estar muito ansioso por tê-las de volta.

O rapaz deu cabo da bebida num só gole.

— Tem razão. As duas mataram o patrão. Parece que a negra deu um talho na cara

do pobre... Tome. Esta é a descrição. — Largou o corpo contra o espaldar da cadeira, fitando o caçador, satisfeito ao vê-lo apanhar a garrafa de uísque.

Vivienne mal podia ouvi-los, tal era o ritmo de seu batimento cardíaco. Pressionou-se contra a parede, sem saber se para se esconder, ou para se apoiar. O caçador de recompensas tomou o papel, estudando-o com atenção.

— Não está com sorte, estranho. Não vi ninguém com estas características por estas bandas. Aqui na pensão, só há uma mocinha na companhia do tio. Também não deparei com nenhuma escrava suspeita. — Apontou o bar com um meio-sorriso. — A não ser a pobre Aggie, ali.

Os dois caíram na risada, enquanto o rapaz fitava o uísque que não lhe fora servido pela segunda vez. Aggie guardou as canecas com um baque, ignorando-os.

— Não há nada aqui, atravessando o rio até o Pacífico, que não seja mato, pedras e índios — comentou o outro homem, mal-humorado. — O velho Joe Tate já deve estar a meio caminho da Califórnia, a esta altura.

O caçador de recompensas deu um tapa no papel sobre a mesa.

— Seiscentos dólares, ahn? — Sorriu para o companheiro. — Não sei se daria conta de duas mulheres, Hadley. Mas nós dois juntos... já é outra história.

Vivienne levou a mão ao estômago, enjoada. Os presságios de Naomi estavam certos, afinal. Bertrand espalhara circulares que as descreviam, e uma delas caíra justo nas mãos de um caçador de recompensas. Sentiu as palmas das mãos úmidas e os joelhos tão fracos que precisou apoiar-se no aparador para não cair. Seria uma questão de horas até que as descobrissem ali. A qualquer momento, Naomi poderia estar frente a frente com eles. Tinha de avisá-la. Mas onde estaria ela?

Recuou devagar. Tensa, esbarrou numa cadeira e fechou os olhos, o barulho ecoando feito um trovão em seus ouvidos. Todavia, ninguém mais pareceu ouvi-lo. Recuperando-se do susto, correu a pensão de cômodo em cômodo.

Encontrou Naomi sentada na copa fitando o nada. Ao ouvir os passos dela, a moça ergueu a cabeça.

— O que foi, *mademoiselle*? Parece que viu um fantasma!

Vivienne levou o dedo aos lábios, aflita.

— Graças a Deus a encontrei! — sussurrou. — Os caçadores de recompensa estão na taverna de novo, Naomi. E procurando por nós!

Naomi desviou o olhar do dela, em choque. Permaneceram em silêncio alguns segundos, cada qual perdida em seus próprios pensamentos.

Vivienne não podia ler os da amiga, porém tinha os próprios bem definidos. Seu avô, o general, sempre fora seu herói desde menina. Entre histórias de príncipes e duendes, costumava falar de suas campanhas militares e de como montava estratégias. Como uma boa neta, ela absorvera cada palavra, embora não houvesse tido consciência disso até então.

E o avô sempre ressaltara que um bom oficial não perdia tempo com desespero. Quando um plano de ataque falhava, era necessário se implementar outro. Imediatamente. Podia até ouvir sua voz grave ecoando na cabeça: "A surpresa é a essência do ataque".

Quando Vivienne voltou-se para a amiga, por fim, tinha os olhos secos, os ombros eretos, uma expressão firme nos lábios bem desenhados. O relógio havia badalado meia-noite e o futuro dela e de Naomi tinham sido postos em jogo. Mas não haveria nenhuma fada-madrinha para afastar os problemas com sua vara de condão...

Deveril encontrava-se no acampamento e não poderia resgatá-las agora, pensou, tentando encontrar um meio de contornar a situação. Torceu as mãos, nervosa, até que seu rosto se iluminou.

— Não se desespere, Naomi. Sei *exatamente* o que vamos fazer!

CAPÍTULO XI

— Comandante, é melhor descer à terra. Parece que temos problemas.

Semidespido, Deveril examinava a proa da barca. Haviam colidido com um tronco de árvore submerso cerca de uma milha rio abaixo, entretanto não tinham sofrido grandes avarias. Ainda assim, Baptiste Boucher, seu velho amigo, cozinheiro da expedição e braço direito, parecia agitado.

Vadeou pelo baixio do caudaloso Missouri até a margem sombreada pelas árvores. O sol ardia-lhe no peito, enquanto se arrastava para fora d'água.

— O que foi agora, pirata velho?

— *Problemas.*

— De que tipo? Gorgulhos no barril de farinha?

— Gatunagem de peles-vermelhas, isso sim.

Deveril parou de sacudir as pernas e secar os calções, olhando ao redor. As sentinelas estavam em seus postos e tudo parecia em ordem. Também não pressentira nenhum perigo, como costumava acontecer. Terminou de secar as calças.

— Do que deu falta?

— Dos biscoitos amanhecidos, que *guarrdei* para fazer pudim de pão para o jantar, e um saco de feijão.

Ele ergueu uma sobrancelha, complacente.

— A "gatunagem" deve ter sido de algum esquilo ou guaxinim.

— Nada disso. Ontem, depois da janta, guardei tudo dentro de potes a bordo, e ainda coloquei uma chaleira em cima. Que roedor tiraria a chaleira, roubaria os biscoitos e poria tudo de volta na lugar, ahn? Se me mostrar algum, danço uma valsa pelado no meio do acampamento!

Deveril soltou uma risada.

— Poupe-nos, meu amigo. Eu mesmo vou atrás do bicho. Caminhou pela margem, na direção da pequena chata carregada de provisões para as primeiras semanas no rio. Podia ser movida a remo e, mais tarde, quando os suprimentos estivessem no fim, seria trocada por cavalos trazidos pelos agentes de D'Arcy. O sinal de reconhecimento seria o anel de esmeraldas que ele "roubara" no assalto forjado.

Deveril não esperava encontrar nenhum índio nas redondezas. Baptiste já era conhecido por "ver" peles-vermelhas hostis por detrás de cada arbusto, o que era natural para quem já havia sido prisioneiro de Sioux e pés-pretos. Destes últimos, ele escapara por milagre. Seus três companheiros não haviam tido a mesma sorte e dolorosas lembranças assombravam o atarracado cozinheiro.

Assim como Vivienne o assombrava. Não conseguia tirá-la da cabeça um minuto sequer. Era bom que pudesse se distrair com o trabalho.

Há dois dias subiam o Missouri e, como líder da expedição, vivia às voltas com mil e um detalhes e decisões a serem tomadas. Algumas sérias, outras nem tanto. Nas circunstâncias, todavia, os menores problemas podiam logo se avolumar, criando uma situação difícil. Se a comida não fora surrupiada por um animal, então só podia ter sido por um dos homens. O que era uma transgressão na disciplina. Falha grave que podia acabar até num motim. Precisava investigar.

Baptiste estava certo. A barca não parecia ter sido visitada por nenhum animal. Agachou-se, examinando cada tábua da prancha. Nada, a não ser uma pilha de engradados e velas cuidadosamente enroladas. Também um pedaço de tecido cor-de-

rosa, saindo de um dos caixotes.

Parou. Os suprimentos da expedição eram muitos e variados, porém não se lembrava de nenhum tecido cor-de-rosa em uso. Por um segundo permaneceu imóvel, fitando o caixote, pensativo. Depois ergueu-se devagar, os olhos azuis brilhando. Avistou o sobrinho e Truman Waggonner, próximos à piroga.

— Ethan, Waggonner! Dêem-me uma mão com esses caixotes.

Os dois se juntaram a ele.

— Vai levá-los para terra?

— Não. Baptiste disse que alguns dos suprimentos estragaram. Não podemos nos arriscar a consumir estes. Podem estar com aquele mofo *fatal* de Nova Orleans...

Os dois homens se entreolharam. Nunca tinham ouvido falar de tal bolor, mas parecia horrível. Juntos, ergueram o pesado engradado, carregando-o para um lado da barca.

— O rio deve ter uns quatro metros de profundidade, aqui — comentou Deveril, em voz alta.

Ethan ameaçou contestar, mas estancou diante da piscada do tio. Franziu o cenho, sem entender nada.

— Muito bem, homens... Juguem agora!

O caixote mergulhou na água, espalhando de imediato seu conteúdo. Nenhum alimento boiou no rio escuro. Apenas uma miscelânea alvoroçada de tecidos rosa e azul.

Vivienne, que nos últimos minutos encolhera-se de medo dentro do engradado, agora batia os braços desesperadamente. A seu lado, a aflita Naomi tentava impedir que as saias amplas e pesadas a fizessem afundar de uma vez.

Vivienne afundou por um segundo, depois voltou à superfície em busca de ar, tendo uma visão bem clara da barca. Embora não pudesse ouvir nenhum outro som, exceto o chapinhar frenético dos próprios braços na água, Deveril dobrava-se de rir na amurada. Seu crescente pânico foi solapado pela indignação. Ela ali, morrendo, e ele dando risada! Aquele idiota! Imbecil!

Foi então que seus joelhos tocaram o fundo lodoso. Descoordenada, ela reencontrou o equilíbrio, pondo-se em pé.

A água lhe batia na altura do peito. Um metro, no máximo.

Cerrou os dentes, lançando um olhar mortal a Deveril e seus companheiros. Naomi arrastou-se para a margem, mal conseguindo se equilibrar na corrente, as botas alagadas afundando no lodo.

Uma vez próximas à proa do barco, Deveril debruçou-se, puxando Vivienne para fora da água. Ethan e Waggonner fizeram o mesmo com Naomi. Rindo sem parar, acabaram por atrair a atenção dos outros. Vivienne tremia, sem saber se de frio ou de raiva. Pôde imaginar bem que belo espetáculo estavam dando: as duas encharcadas, cobertas de lama, pingando pelo tombadilho polido.

Deveril parou de rir aos poucos, o rosto assumindo uma expressão diferente. Vivienne não podia imaginar que o vestido molhado colava-se a seu corpo, moldando os seios redondos, as curvas dos quadris. Desviou o olhar. Waggonner fitava Naomi abertamente, de um jeito que a desconcertou. Melhor era tirar aquelas duas de cena, antes que criassem mais problemas, decidiu Deveril.

Sobre os caixotes, havia algumas camisas de flanela abandonadas pelos respectivos donos. Ele apanhou duas, jogando-as para as moças.

— Cubram seus trajes de banho, com isso. Espero que tenham trazido uma muda de roupa. — Guiou-as para a cabine. — Estão com fome?

— Mortas de fome, *monsieur* — respondeu Vivienne, esquecendo-se da raiva por um instante. — Comemos apenas uns biscoitos amanhecidos durante a noite e mais nada.

Ele a olhou de lado.

— Não foram só os biscoitos que sumiram. E quanto ao saco de feijão?

Ela teve a decência de corar.

— Estavam duros demais para se comer. Quase choramos de frustração... Pensei em jogar tudo fora, mas sei que é importante economizar comida em circunstâncias como esta, então os escondi sob uma das velas.

— Muito bem. Agora desçam, enquanto vou buscar algo para comer.

Ao vê-las obedecendo de pronto, Deveril balançou a cabeça, reprimindo um sorriso. Graças a Deus haviam achado apenas o feijão e não o estoque de gim. Gostaria de saber o que teriam feito nesse caso...

Uma hora depois, já secas e aquecidas, Vivienne e Naomi encontravam-se sentadas sobre outras caixas e engradados na cabine baixa do barco, vestidas com roupas masculinas amarrotadas que Deveril lhes providenciara enquanto seus próprios trajes secavam ao sol. Como da outra vez, ele também lhes serviu uma pequena dose de uísque, para precaverem-se de possíveis consequências de sua "pequena" aventura.

Agora Vivienne sentia-se agradavelmente sonolenta. Apenas a preocupação quanto ao que seria feito delas a impedia de cochilar. Se houvessem conseguido se manter escondidas por mais um dia ou dois, não correriam o risco de ver a expedição voltar atrás.

No tombadilho, Deveril conferenciava com o sobrinho e os dois outros subcomandantes: Jack O'Malley e George Pritchard.

O'Malley deu de ombros.

— Claro. E não se esqueçam de que estamos falando de duas florezinhas-de-estufa, mesmo em se tratando da negrinha. Nunca deve ter faltado roupa, comida e um teto para essas duas. Elas nem têm idéia do que é sair numa expedição, tendo de caçar para encherem a barriga e enfrentando sol, chuva e todo o tipo de perigo.

— Por outro lado — colocou Pritchard, em seu sotaque arrastado da Virgínia, — lembrem-se de que nenhum destacamento até hoje viajou com mulheres. Os índios vão achar que somos mesmo de paz.

— Pode ser — concordou Deveril. — Lewis e Clark jamais seriam tão bem aceitos sem a presença de Sacajawea e a criança... Mas num eventual ataque, nossas passageiras clandestinas seriam um problema. Estaríamos arriscando nossas vidas tentando proteger as delas. — Olhou Ethan, parado ali perto. — Levar as duas de volta a Meridith nos custaria um dia de descida pelo rio e mais dois de subida. Estaremos atrasados mais cinco dias, então. O que acha, Ethan? O rapaz mudou de posição, corando de leve.

— Acho que, se as levamos de volta, as duas vão acabar saindo da cidade de outro modo.

— Tem razão — interveio Waggonner. — É melhor que as levemos conosco, de uma vez.

O'Malley cuspiu por sobre a amurada.

— Poderíamos mandá-las de volta na outra piroga, com alguns dos homens. Economizaria tempo e eles nos alcançariam depois. Talvez no Platte.

Baptiste balançou a cabeça.

— Perigoso demais dividir o grupo assim.

Como líder da expedição, Deveril ouviu a todos. Chegando a um consenso, tratou de comunicar a decisão a Vivienne e Naomi.

Entrou na cabine, a altura impedindo-o de endireitar o corpo sob o teto baixo. Mãos nos quadris, encarou as duas moças: Naomi sentada num dos caixotes, Vivienne deitada sobre uma fila de sacas, de olhos fechados, tão sensual e graciosa como uma gata siamesa. Vê-la daquele jeito o fez sentir uma ternura que julgara não mais possuir. Respirou fundo. Sabia que se arrependeria daquela decisão, mas depois de pesar os prós e os contras, com imparcialidade, não tinha escolha.

— Muito bem, senhoritas, nós chegamos ao veredicto... Mas receio que não vão

gostar muito dele.

Naomi deixou cair os ombros. Sentia-se segura ali, naquele grupo isolado, longe da cidade e dos caçadores de recompensa. Vivienne saltou do colchão improvisado, os nervos à flor da pele.

— Como podem ser tão... bitolados?! Será que já não provamos que não temos medo de nada? Que podemos tolerar desconforto e fazer sacrifícios? — Os olhos azuis faiscavam. — Só lhe digo uma coisa, *monsieur*. Dois dias confinadas naquele caixote fedorento, sem comida nem água, só escapando durante a noite para tomar um pouco de ar, foi uma experiência inesquecível... Mas que repetiríamos dez vezes se fosse preciso!

— Realmente, foi muito engenhoso da parte das senhoritas. Demonstraram coragem também. Mas foi um gesto imprudente ao extremo. Como líder desta expedição, eu não posso levar em consideração suas vontades. Devo ater meu julgamento ao que é melhor para meus homens e minha missão...

— Bah! — Vivienne pôs-se de pé e deu-lhe as costas. — Não quero ouvir nada. Leve-nos de volta para Meridith, então, mas poupe-nos dos seus sermões!

— Para Meridith? — Deveril sorriu de leve. — Fico surpreso com essa mudança repentina de idéia... pois estava planejando levá-las conosco.

Naomi cobriu o rosto com as mãos, desmanchando-se em lágrimas de alívio. Não se lembrava da última vez que tinha chorado. Mas sabia que nunca o fizera por alegria.

Vivienne foi ainda menos comedida em sua reação. Atirou-se nos braços de Deveril, abraçando-o com uma força surpreendente para o seu tamanho. Ergueu o rosto radiante para o dele.

— Ah, *monsieur*, esqueça tudo o que eu disse! Não vai se arrepender, eu juro!

Deveril engoliu em seco. Aquele corpo jovem e firme contra o seu, aquecendo-o com a chama de sua exuberância, já era motivo mais do que suficiente para arrependimentos...

— Não se afaste do acampamento — Ethan alertou Vivienne.

Ela sorriu, irônica, agitando a gamela de metal.

— Não se preocupe. Agora estou mais treinada do que qualquer lenhador.

Continuou andando, disposta a apanhar mais das pequenas amoras que o velho Baptiste chamava de "narizes de raposa". Normalmente, Naomi a acompanhava. Naquele dia, porém, ela se encontrava deitada à sombra dos salgueiros, vítima da mesma febre e mal-estar que abatera quatro dos homens da expedição.

Abaixando o chapéu para proteger a pele clara do sol forte da tarde, Vivienne abriu caminho entre o bosque cerrado, em direção ao local onde esperava encontrar outro canteiro das deliciosas frutas.

Deveril a observou de longe, com um sorriso. Era como se ela estivesse indo apanhar margaridas num prado e não metendo-se no meio do mato, à cata de amoras silvestres. Seu bom humor e disposição eram contagiantes.

Havia esperado que Vivienne e a companheira fossem um fardo, e se preparara para sérios aborrecimentos. A partir do momento em que concordara em levá-las, tinha baixado algumas normas. A expedição não contava com provisões extras, não proporcionava qualquer tipo de privacidade, muito menos comportava caprichos femininos. Ambas teriam de contribuir com muito trabalho, em prol do grupo, sob condições extenuantes. Com eficiência e sem reclamações. Apesar da concordância imediata delas, Deveril dera como certo algumas crises de choro e caras amuadas para as quais, tinha avisado, não daria a mínima atenção.

Com o passar das semanas, conforme subiam o rio, ele mantivera, de propósito, alguma distância de Vivienne, ainda que não a perdesse de vista um só minuto. E apenas testemunhara entusiasmo e boa vontade da parte da garota. Vivienne corria em direção ao futuro. Naomi fugia do passado, ambas provando uma coragem maior do que pudera conceber.

Retornou à tarefa de preparar um par de aves, sem se dar conta de que sorria.

Enquanto isso, Vivienne encontrava suas amoras aos milhares. Baptiste prometera ensiná-la a fazer pãezinhos de rosca se conseguisse apanhar bastante delas e, na depressão ali embaixo, havia frutas para encher a gamela dez vezes. Com dedos ágeis, colhia cinco amoras a cada uma que jogava na boca, e logo a tigela transbordava.

Faria Baptiste cumprir a promessa, pensou, não tendo em mente apenas um lanche gostoso. Já sabia como limpar peixe e galinha com competência e preparar um belo ensopado com qualquer carne e legume que conseguissem obter. Queria aprender a cozinhar e impressionar Deveril com seu novo talento. Ele precisava aceitá-la, não como uma menininha inútil e causadora de problemas, mas como mulher. E, como diziam que se agarrava um homem pelo estômago, preparava-se para a luta. Claro que cozinhar para dois era bem diferente que preparar uma refeição para mais de vinte. Mas, com o tempo, tinha certeza de que poderia calcular a quantidade certa, a contento.

O dia estava lindo e quente. De bem com a vida, começou a cantarolar, colhendo as amoras, agora do outro lado do pequeno vale, próxima a um bosque.

— *Sur le pont d'Avignon, Von y...* — parou, ao ouvir um farfalhar estranho, às costas.

Girou o corpo e então viu. Um urso enorme, gigantesco. Horrorizada, identificou-o como sendo um da espécie sobre a qual os homens costumavam falar ao redor do fogo, à noite, no acampamento. Deveril e O'Malley narraram diversas ocasiões em que descarregar a arma nos animais não os livraram de continuar a persegui-los quase meia milha, antes de caírem mortos.

Vivienne segurou a respiração, o medo gelando-lhe o sangue nas veias, enquanto a fera a mirava com um rosnado assustador. Estava a menos de dez metros e farejava o ar, como se estudando o cheiro do invasor de seu pequeno vale de amoras silvestres.

Ela engoliu em seco. Não estava longe do acampamento, porém a criatura se aproximara mais. Não ousou gritar. Qualquer movimento, qualquer ruído, e o urso podia atacá-la.

De súbito, ele se ergueu de leve nas duas patas traseiras, dando uma amostra de parte de sua força, os olhos feito contas na cara focinhenta, as garras curvas e afiadas. Pôs-se de pé, por fim, assumindo a altura de um homem. Balançou a cabeça de um lado para outro, os olhos minúsculos brilhando, ameaçadores. Deu um passo arrastado, agitando o torso pesado.

Vivienne quase desmaiou nesse instante. Os ouvidos zuniam, enquanto uma sombra embaçava-lhe a visão. Não saberia dizer o que a impediu de cair. A criatura moveu-se uma vez mais, e ela recuou um passo, instintivamente. Mal o havia feito, o urso investiu, com um rosnado aterrorizante.

Com um grito, ela largou a gamela e correu. Ouviu as vozes dos homens e ousou olhar por cima dos ombros, ao mesmo tempo em que pelo menos dois tiros acertavam o animal em cheio no peito. Ele não parou.

Vivienne voou em direção ao rio e Deveril passou por ela. Com o rifle apoiado no ombro, acertou uma bala no olho esquerdo do animal. Mas o urso avançou ainda mais três ou quatro metros, vindo para cima dele. Cambaleou de repente, escorregando no monte de amoras espalhadas ao lado da gamela.

Em questão de segundos, tudo estava acabado. A fera desabou no solo, fazendo a terra vibrar. Deveril baixou a espingarda, devagar. Viu a mancha vermelha escura das amoras esmagadas, misturada ao sangue do animal, e sentiu-se mal. Podia ser o sangue de Vivienne. Se não carregasse uma arma, teria investido contra o urso com as próprias mãos.

— Deveril! — Vivienne atirou-se sobre ele, quase fazendo-o perder o equilíbrio. — Deveril! Pensei que fosse morrer! — Agarrou-o com força, sem controlar o choro histérico.

Ele jamais se descuidava com armas de fogo. Desta vez, porém, o rifle escorregou-lhe das mãos para que seus braços se fechassem em torno dela. Meros segundos os

havam salvado de uma tragédia e precisava tocá-la, sentir seu coração bater contra o dele numa provação de que ela estava sã e salva. Beijou-a nos cabelos, nas têmporas, nos olhos... beijos que a fizeram exultar de felicidade.

O pranto passou e Vivienne ofereceu os lábios a ele. Dessa vez, Deveril não frustrou suas expectativas; beijou-a com ardor, extravasando um desejo desesperado. Enlevada, Vivienne sentiu as mãos dele correrem por seu corpo e apenas um pensamento tomou forma em sua mente: "Ele me ama... Ele me ama!"

Com o coração transbordando de alegria, deixou-se ficar no abraço, esquecida do que havia a seu redor. Beijou-o com paixão, deliciando-se com o contato dos lábios macios, embriagada com o gosto doce da boca quente e acolhedora.

Quando Deveril voltou à razão, segurou-lhe o rosto entre as mãos, roçou os lábios nos dela, sentindo-os uma última vez. Ela piscou os olhos azuis, sem entender a súbita mudança.

Deveril queria dizer-lhe que sua reação exagerada não passara do alívio por ela estar bem, mas não conseguia fitar aqueles olhos enormes e mentir.

Desviou o olhar. Jack O'Malley e Truman Waggonner já começavam a tirar a pele do urso e Ethan mantinha-se a certa distância, examinando as unhas com indiferença. Como se ver o tio com uma mulher nos braços, beijando-a com paixão e abandono, fosse uma cena corriqueira.

Abafando um palavrão, Deveril quebrou o encanto que os mantivera cativos. Não podia causar complicações de nenhuma espécie. Muito menos afetivas. Mesmo porque Vivienne não o perdoaria quando descobrisse o verdadeiro destino da expedição.

— Volte para o barco — ordenou, sem preâmbulos. — De agora em diante, não vai se afastar do acampamento sem estar acompanhada — completou num tom de comando, mas sem coragem de conferir se era obedecido. Não ousou fitá-la nos olhos outra vez.

Vivienne o obedeceu, correndo de volta para a chata, agora pisando em nuvens. Deveril lhe havia salvado a vida e depois a tratado com frieza. Mas nada a faria esquecer a urgência no modo como ele a abraçara e o brilho dos olhos azuis. Por mais que ele tentasse esconder, Deveril a amava!

Vivienne não continuou enlevada por muito tempo. Mais três membros da expedição foram acometidos da mesma indisposição que assolava Naomi e os outros homens. Às voltas com os doentes, ela mal chegou a ver Deveril, muito menos pôde conversar com ele.

Na manhã do terceiro dia, porém, quando seus pacientes já tinham se recuperado o suficiente para seguirem viagem, encarou o fato: Deveril a estava evitando. Deslocou-se até a proa do barco, juntando-se a Ethan, que, sentado num fardo, lia algumas notas num jornal velho.

— Por que Deveril não está a bordo, como de costume?

O rapaz ergueu a cabeça.

— Marlowe e Frazer ainda estão mal. Josh resolveu assumir os remos da chata.

— Ah, é? Então por que está sentado na proa, sem fazer nada, quando podia estar fazendo *aquilo* melhor aqui?

Ethan acompanhou o olhar dela. Deveril não estava bem "à toa". Agachado dentro do pequeno barco, rabiscava o chão de tábuas com um pedaço de carvão. Incapaz de dar uma explicação plausível para o comportamento do tio, o rapaz corou, constrangido, dando à Vivienne a resposta que ela imaginara.

— Esqueça — suspirou ela. — Vou dar uma olhada em Naomi.

Seguiu para a frente da cabine baixa, encontrando a amiga encostada num rolo de vela e Truman Waggonner confortavelmente instalado a seu lado.

Comprimiu os lábios. Desde o dia em que vira Deveril beijá-la, Waggonner a abordava com conversas estranhas, mas nunca quando havia alguém por perto. Era inexperienced demais para compreender-lhes o significado. Todavia, algo naqueles olhos a

mantinha sempre alerta.

Ao vê-la se aproximar, uma vez mais Waggonner a encarou, de um modo que a fez enrubescer, antes de se afastar para assumir o timão.

Vivienne acomodou-se ao lado de Naomi. Sabia que ela também vinha sendo cercada de atenções por Waggonner. Sua aparente reserva não lhe ocultava de todo a predileção pela companhia dele. No momento, o rosto moreno, ainda que abatido pela febre, luzia estranhamente.

Vivienne a observou, preocupada. Muitos exploradores e comerciantes arrumavam esposas nas tribos indígenas e o relacionamento entre as diferentes raças se fazia com absoluta normalidade. Mas, tinha certeza, os sentimentos de Waggonner em relação a Naomi não eram dos mais nobres.

— Gosta dele? — interrogou-a de súbito. — De um modo especial, quero dizer.

Naomi tomou-lhe a expressão séria por censura.

— Em Juniper Hill, eu não tinha nenhum contato com os trabalhadores. E os outros criados eram sempre muito mais velhos ou mais novos do que eu. *Monsieur* Waggonner tem me tratado muito bem. — Olhou as mãos, tímida. — Ele é muito bonito.

— Isso é verdade — concordou Vivienne, a contragosto. — Mas há alguma coisa nele... Não sei. Talvez seja só cisma minha. — Respirou fundo. — Eu achava que era difícil ser criança. Tanta coisa a aprender, tantas restrições. Mas agora que cresci, vejo que é bem mais complicado ser adulta.

Naomi não pôde deixar de abrir um de seus raros sorrisos. Comparada com ela, com seus dezenove anos, sua companheira ainda parecia uma criança. Contudo, Vivienne estava certa ao afirmar que deixara de ser a herdeirazinha mimada da fazenda. Havia crescido e amadurecido nas últimas semanas.

Quando Vivienne lhe devolveu o sorriso, ambas perceberam que algo muito especial acontecera com elas. Pela primeira vez em suas vidas, tinham encontrado uma verdadeira amiga. Não apenas alguém com quem dividiam o mesmo passado e as mesmas experiências. Mas alguém em quem se podia confiar de verdade. Em qualquer momento. Alguém cuja companhia era valorizada e apreciada.

Foi um momento bonito. Nenhuma das duas disse qualquer palavra e, ainda assim, a amizade delas foi selada para sempre.

A expedição fez boa marcha nos dias que se seguiram, e o cenário transformou-se drasticamente. Estavam em terras estranhas agora. As margens cobertas de verde, os pedregulhos e as pastagens infinitas tinham sido substituídos por curiosos alcantis e antigas formações rochosas em tons de rosa, marfim e marrom. Uma paisagem impressionante, diferente de tudo o que Vivienne conhecia.

Um pássaro sobrevoou o barco, espiralando numa corrente de ar fresco, e foi como se ela voasse junto. Livre. Ao contrário da ave, contudo, não sabia para onde estava indo. Deveril continuava a evitá-la, fazendo-a sentir-se cada mais perdida.

Estava cansada quando armaram o acampamento na entrada de um pequeno desfiladeiro entrincheirado nas rochas. O solo ali era regado por uma espécie de cisterna natural e cobria-se de verde, flores-do-campo e árvores que alcançavam alturas surpreendentes, graças à proteção das paredes de pedra. Vivienne e Naomi encantaram-se com o lugar e ficaram ansiosas por desfrutarem daquele paraíso em miniatura.

Mas Deveril logo acabou com seus planos.

— O'Malley e eu vamos explorar o desfiladeiro. Enquanto isso, não saiam daqui.

Uma vez atestada a segurança do acampamento, Deveril passou-o para os cuidados de O'Malley e levou as moças para um passeio pela garganta. O aclave era forte e ambas ofegavam ao tentarem alcançar seu destino: um pináculo de rocha, sustentado por duas enormes pedras. Deveril ajudou-as a subir.

Depois de transporem, não sem dificuldade, o pico do desfiladeiro, tiveram uma visão mais clara do lugar onde se encontravam: à beira de nada, pois a rocha debruçava-

se sobre um abismo do outro lado. Havia chovido e o ar era cristalino, descortinando paisagens longínquas.

Lá embaixo, o acampamento tomava forma. Podiam ver muito além dele: ravinas arborizadas, cachoeiras espumantes, e um labirinto infinito de despenhadeiros.

Vivienne abraçou a si mesma, maravilhada.

— *Monsieur*, é lindo!

— Olhem lá, à direita., com cuidado. Em poucos dias elas vão cobrir o horizonte, mas ainda vamos levar umas duas semanas para alcançá-las.

As duas obedeceram. Afora a paisagem esculpida em pedra, a terra continuava em ascendência, abrindo para uma campina de extrema beleza. Além dela, majestosos e imponentes, os picos gelados das Montanhas Rochosas reluziam como diamantes.

Naomi não costumava expressar as próprias emoções em palavras e desta vez Vivienne a acompanhou, incapaz de fazê-lo. Mas não foi preciso. O deslumbramento de ambas refletia-se em seus rostos. Permaneceram juntas, hipnotizadas pelo céu que, de dourado, passou a violeta, depois a rosa.

Hesitante, Deveril ousou trazê-las de volta à realidade.

— É melhor retornarmos ao acampamento, antes que o sol se ponha de todo.

Quando o jantar foi servido, já estava escuro. Mas aquele momento mágico de grandeza ficou com Vivienne. Depois da refeição, Jack O'Malley pegou a rabeca e tocou, atendendo aos pedidos.

Sentada numa rocha do outro lado da fogueira, ela polia as panelas com areia, conforme Baptiste lhe ensinara. Concentrou-se na tarefa, ignorando os olhares gulosos que Truman Waggonner lhe lançava vez ou outra. Aquele assédio constante a ela e a Naomi a perturbava. Vinha evitando a companhia do rapaz da mesma forma que Deveril evitava a dela. Não sabia definir o que a incomodava nele. Já Naomi não partilhava com ela dessa aversão.

— O cozido estava muito bom, *mam'selle* — cumprimentou Baptiste. — Da próxima vez, quando me pedirem para acompanhar uma expedição, vou dizer não. A menos que a *petite mam'selle* também vá, ahn?

— Sei! — Vivienne riu. — Só me quer do seu lado para limpar os peixes, tirar as tripas das galinhas e descarnar os lagartos que encontra pelo caminho!

— *Non, non, mam'selle!* Na próxima expedição vamos carregá-la nos ombros, numa liteira de ouro, como uma duquesa... — Afastou-se, sorrindo, para tomar seu lugar na vigília.

O'Malley não demorou a guardar a rabeca e esticar-se em seu cobertor. A noite era amena e os outros recolheram-se a alguma distância do fogo, deixando Vivienne e Waggonner a sós. Quando ela apanhou a última gamela, ele se aproximou devagar, sentando-se a seu lado num caldeirão emborcado.

— Deveril não devia deixá-la trabalhar feito uma escrava.

— Não me importo. Verdade. Todo mundo aqui tem de dar a sua contribuição. Esta é a minha.

— Se eu fosse o encarregado desta expedição, *mademoiselle* ficaria deitada em almofadas o dia todo, apenas sendo servida... como uma rainha.

Vivienne olhou as mãos vermelhas e arranhadas. Tinha o dedo esquerdo cortado e vários outros pequenos ferimentos que adquirira ajudando no preparo da comida.

— Não me incomodo de trabalhar. Só gostaria de ser um pouco menos desajeitada.

Waggonner curvou-se, tomando-lhe as mãos.

— Mãozinhas tão delicadas num trabalho tão rude...

Antes que ela desconfiasse do que ele poderia fazer, Waggonner levou-lhe os dedos aos lábios, beijando-os lenta e provocantemente.

— *Monsieur*, eu...

Vivienne tentou puxar a mão, porém ele a reteve, beijando-a então na palma. Ela

puxou o braço com repulsa e pôs-se em pé, num salto. Mas ele a agarrou pelo braço antes que ela fugisse.

Nesse mesmo instante, uma sombra caiu sobre eles.

— Levante-se, seu canalha — explodiu Deveril, lançando-se sobre o homem, o rosto transtornado de raiva, os punhos cerrados ao lado do corpo.

Waggonner a soltou, obediente, erguendo-se com cautela.

— Esqueci que ela era propriedade particular — provocou, com um meio-sorriso.

O punho de Deveril voou sobre o queixo do rapaz. Waggonner cambaleou para trás, antes de desabar no solo seco. Levantou a cabeça, sacudindo-a como se quisesse clarear a visão. Tinha os lábios cortados e sangrando. Não fez menção de se levantar. Apenas levou os dedos à boca, para estancar o sangue.

Deveril foi até ele.

— Quando entrou nesta expedição, conhecia as regras, Waggonner. Só vou avisar uma vez: encoste um dedo nela e será desligado do grupo... com os dentes no bolso.

Vivienne, que ainda não conhecia esse lado violento de Deveril, assistiu à cena, chocada. Ficou mais apreensiva ainda ao notar o ódio estampado nas feições de Waggonner, que se ergueu sem dizer nada e desapareceu na escuridão.

Quando deu por si, todos ao redor encontravam-se acordados e de olhos fixos nela.

Todos... menos Deveril. Em silêncio, ele girou nos calcanhares e caminhou de volta para a fogueira, chutando as brasas com raiva antes de se afastar. Os homens, com exceção de Ethan e Baptiste, acomodaram-se novamente, fingindo dormir.

Constrangida por ser a causadora do incidente, deslizou para a tenda que dividia com Naomi. Encontrou-a de costas e não pôde saber se a amiga estava ou não acordada. Naomi era a discrição em pessoa e, embora partilhassem a pequena barraca, depois de terem passado por todo tipo de provação juntas, ainda não tinha idéia do que lhe ia na cabeça.

Vivienne virou-se sob o cobertor inúmeras vezes, incapaz de dormir. Depois de horas, desistiu de tentar. Levantou-se e pôs-se a caminhar pelo desfiladeiro. A manhã não tardaria a chegar, pois a oeste já se via leves sinais da aurora.

Deveril, que também passara a noite em claro, rolou no chão ao vê-la se afastando. Seus pensamentos se agitavam num turbilhão. Estava com raiva de si mesmo por ter perdido o controle, e a raiva se misturava a um ciúme devastador. Sempre conduzira a expedição com objetividade e liderança, sem nunca se impor pela força. E, agora, mal controlava a vontade de esmurrar Waggonner. Até então não sabia que possuía impulsos tão violentos.

Podia compreender a inquietação de Vivienne. Devia estar mais assustada com a reação dele do que com os próprios avanços de Waggonner. Era uma moça delicada, criada para brilhar em ambientes luxuosos e ser alvo de flertes reservados... Não de contendas animalescas.

Viu-a ultrapassar a área reservada a ela e Naomi e caminhar adiante, pelo desfiladeiro. Talvez devesse chamá-la de volta... Mas era seguro por ali. O vale era pequeno e íngreme. Ela não tinha como se perder.

Vivienne, entretanto, começou a se afastar mais do que devia.

Atirando longe as cobertas, Deveril resolveu segui-la. Enxergava-a a cerca de uns vinte metros à frente quando, de súbito, ele a perdeu de vista. O vento soprava, vindo do rio, e ele precisou se concentrar mais, tentando imaginar que rumo ela tomara.

De repente, algo agitou a vegetação a sua frente. Deveril apertou o passo, o coração batendo forte dentro do peito.

Foi então que ouviu Vivienne soltar um grito. Um só grito e mais nada.

CAPÍTULO XII

De faca em punho, Deveril forçou caminho entre a vegetação densa, na direção em que tinha ouvido a voz de Vivienne. Ali era território dos pés-pretos, e havia muitas cascavéis. E nem os índios nem os répteis se tornavam visíveis até que atacassem rápida e mortalmente.

Por outro lado, era cedo demais para que houvesse cobras, e os rochedos por demais íngremes e elevados para atrair gente.

Então...

Preocupado, Deveril avançou com pressa, adentrando uma clareira tão subitamente, que quase pisou em Vivienne. Estava caída de lado numa pequena depressão, um braço torcido atrás das costas. Ela olhou por cima do ombro ao vê-lo ajoelhar-se a seu lado.

— O que aconteceu? Está machucada? — perguntou com suavidade, quase com ternura.

Vivienne, contudo, não pareceu registrar isso.

— Não me toque! Vá embora e me deixe em paz!

— Se gosta de ficar aí, esparramada nesse chão duro, por mim, tudo bem.

— Gostar eu não gosto! Só quero ficar sozinha para poder tirar esses... essas coisas!

Deveril olhou para onde ela indicava. Então começou a rir.

Vivienne apertou os lábios. Se pudesse se levantar, teria batido nele. Infelizmente, Deveril estava fora de seu alcance.

— O que fez, afinal? Sentou em cima dele?

— Sentei. — Ela fulminou Deveril com o olhar. — Mas não vi graça nenhuma nisso, *monsieur!*

— Claro que não. — Deveril tentou ficar sério, mas explodiu em nova gargalhada.

Ela quis sentar-se, sem sucesso.

— Definitivamente, não preciso da sua assistência!

— Precisa mais do que imagina, raposinha. São espinhos de ouriço. — Agachou-se apoiando os cotovelos nos joelhos. — A anágua e a saia a protegeram em parte, mas os espinhos são dos mais afiados.

Vivienne considerou a questão, exasperada.

— Então chame Naomi. Ela pode me ajudar.

— Não pode, não. Não tem prática nisso. — Sorriu. — Mas *eu* tenho. Por isso, vire-se de bruços e eu a livro desse incômodo... Vamos partir no máximo daqui a uma hora.

— Não!

— Não vai poder andar com esses espetos no traseiro. Eu poderia carregá-la de volta para o acampamento, mas tenho certeza de que não vai querer platéia para minhas habilidades cirúrgicas...

Ele estava certo. Quanto menos pessoas soubessem de mais aquela humilhação, melhor para ela.

Ajeitou-se melhor, com cuidado. Nem sequer tinha visto o infeliz do porco-espinho até trombar com ele e perceber o bicho escapulindo mato adentro.

Os espinhos se alojaram na parte superior de seu quadril, pouco abaixo da linha da cintura. Deveril fez um talho na saia, erguendo o tecido com cuidado, onde estavam espetadas três agulhas. Repetiu a manobra nas anáguas, percebendo que sua primeira impressão estivera correta. Vivienne não se chocara com muita força com o ouriço e as várias camadas de tecido e tinham poupado. Muito provavelmente, os espinhos mal lhe haviam penetrado na carne. Apertou os lábios, pensativo. A etapa seguinte seria mais

complicada.

Vivienne voltou-se para encará-lo, temendo aquele silêncio.

— Está muito... muito ruim?

— Ainda não sei dizer. Mas acho, *mademoiselle*, que vai ter de esquecer seus pudores, por um momento...

Constrangida demais para falar, ela se limitou a concordar com a cabeça, para depois enterrá-la nos braços. Mordeu o lábio. Quantas vezes não tinha se perguntado como seria ter um contato mais íntimo com Deveril. Imaginara-se aos beijos com ele, sentindo suas mãos deslizando por seu corpo, erguendo a camisola devagar. Tudo muito romântico. Nunca deitada no meio do mato, em plena alvorada, enquanto Deveril, de maneira profissional, lhe arrancava espinhos do traseiro!

Ele tentou confortá-la com palavras, mas ela nem sequer ouviu, mortificada demais para prestar-lhe atenção.

Deveril trabalhou rápida e competentemente. Já fizera aquele serviço antes e os espinhos a haviam ferido apenas na superfície. Até o momento, agira com total profissionalismo, respeitando o constrangimento de sua paciente como qualquer médico o faria.

Ao remover o último espinho, porém, pensamentos involuntários começaram a brotar em sua mente.

— Pronto. Foram só umas picadas — comentou, fingindo indiferença, enquanto tornava a cobri-la. — Amanhã nem vai se lembrar do que aconteceu.

Ergueu-se e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar, mas Vivienne continuou deitada. Estarrecido, percebeu que os ombros dela tremiam. Ajoelhou-se novamente, segurando-a pelo braço com carinho. Ela o empurrou, já não conseguindo mais conter os soluços.

Deveril deslizou o braço por sob sua cintura, virando-a para ele e aconchegando-a no peito. Vivienne tinha o rosto molhado, os olhos vermelhos do choro, mas já não se importava em reprimi-lo. Continuou aos prantos, derramando as lágrimas que há muito precisava desabafar.

Deveril aninhou-a nos braços, abalado. Vira-a suportar as mais diversas provações desde o dia em que a conhecera. Jamais ela se deixara abater e, de repente, sucumbia daquele modo.

— Sshh... Está tudo bem, querida. Não foi nada grave! Não chore assim, meu amor. — Acariciou o rosto úmido, ouvindo-a murmurar algo contra seu ombro. — O quê?... — sussurrou, enxugando-lhe as lágrimas com ternura.

— Por que esses malditos espinhos não entraram no meu rosto?! — A voz dela saiu embargada, em meio aos soluços.

— Porque ele é lindo demais para ser machucado, raposinha. Não gosto nem de pensar nisso.

— Mas pelo menos não teria sido tão... tão humilhante! — choramingou Vivienne, incoerente, tornando a esconder o rosto no pescoço dele.

Deveril riu baixinho, beijando-a na testa. Pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo fazer isso.

Ela se retesou por um segundo, depois se deixou aquecer no conforto daqueles braços. Sempre que Deveril a abraçava, esquecia da dor. Até o tempo parava de correr.

Aninhou-se mais junto a ele. Ainda que envergonhada para encará-lo, o calor e a proteção de Deveril a reconfortavam. .

Ele, por sua vez, via-se preso numa rede de conflitos, o senso de responsabilidade brigando com uma emoção forte que ele não sabia ao certo definir. Como líder da expedição, precisava manter um comportamento rígido, disciplinado, distante de envolvimento afetivos.

Agora, entretanto, queria desesperadamente esquecer dos deveres e deixar-se ser

apenas um homem como outro.

Cedeu à tentação. Tinha os lábios ainda na testa de Vivienne e aspirava o perfume dos cabelos negros, da pele sedosa.

— Vivienne... — Fechou os olhos, inebriado. Instintivamente, Vivienne roçou os lábios no queixo, no pescoço dele.

Até então, Deveril ainda se considerava em pleno controle. Mais um pouco. Só mais um pouco. Mas suas mãos, fugindo ao comando racional, passaram a acariciá-la nas costas. Gentilmente, seus lábios roçaram a boca suave.

Vivienne suspirou, abandonando-se ao prazer que se espalhava por seu corpo. A cada toque, a excitação crescia, fazendo-a ansiar por mais emoção, por uma união completa que apenas intuía.

Um ímpeto poderoso dominou-lhe os sentidos, impelindo-a a moldar o corpo ao dele, a transformar-se na parceira de Deveril naquela dança, ora seguindo-o, ora guiando-o, tão imersa e maravilhada como se o encantamento a houvesse transportado para outra dimensão.

Deveril também se perdeu nas sensações, tão alheio à realidade quanto ela. Ofegante, ardendo de desejo, não conseguia falar, exceto pronunciar o nome dela entre beijos e mais beijos. O amor que represara no coração exigia soltar-se das amarras que o prendiam.

Abriu-lhe os botões do vestido, trêmulo, como se fosse a primeira vez que amava uma mulher. Com os lábios, roçou os seios pequenos, depois os cobriu com as mãos, querendo perceber seu contorno, sua textura. Ela possuía seios acetinados, com bicos rosados que intumesciam ao menor toque de seus dedos. Havia perdido o bom-senso, não conseguia mais se deter...

O ar estava frio, mas o toque das mãos de Deveril fazia Vivienne sentir calor. Os lábios dele brincaram em seus seios, e ela prendeu a respiração. Devagar, bem devagar, ele circundou o mamilo com a boca.

Quando, com um suspiro de prazer, Deveril finalmente atendeu a seu apelo silencioso, ela pensou que fosse desfalecer. Sentiu-o hesitar e arqueou o corpo, sedutora.

Um anseio doce tomou conta de seus membros, deixando-a lânguida. Por que nunca lhe haviam dito que era assim?

Mal reparou quando Deveril começou a despi-la. Em um segundo, viu-se usando apenas o corpete e a anágua. No outro, estava nua. Estremeceu quando a brisa acariciou-lhe a pele. Mais ainda quando Deveril se afastou para livrar-se da calça de couro e da camisa.

A visão de sua nudez e da visível excitação, Vivienne mordeu o lábio e estendeu os braços para ele.

Deveril deitou-se sobre ela, as bocas se encontraram, braços e pernas se entrelaçaram buscando a deliciosa magia do encontro íntimo entre um homem e uma mulher.

Deveril afastou a boca da dela por um instante, com um sorriso, os olhos azuis semicerrados. Decorou os traços suaves do rosto de Vivienne, o nariz descascado, os lábios vermelhos, a pele bronzeada da exposição contínua ao sol. Era a mulher mais bonita do mundo, pensou em sua paixão.

A aurora desfilava seu esplendor, pintando o corpo alvo de dourado, ainda que se perdesse nas sombras de seus cabelos. Ela era tão linda. Tão linda que ele prendeu o ar, como se seu coração pudesse explodir de amor. Vivienne sorriu. Um sorriso tímido, doce, que só fez acelerar sua pulsação.

Foi a vez de ela observá-lo. As luzes da manhã esculpiam o corpo moreno, os músculos bem definidos e firmes, os planos e ângulos de seu rosto bonito... De súbito, o desejo substituiu a timidez, e o medo cedeu a sua vontade infreável de conhecê-lo inteiro. Puxou-o para si, os lábios entreabertos para os dele.

Deveril tornou a beijá-la, até ela arquear o corpo numa busca instintiva e enterrar as unhas nas costas largas, com um gemido rouco.

Ainda dividido entre o desejo e o senso de responsabilidade, Deveril afastou-se um pouco. Mas então Vivienne o tocou, íntima, ousadamente. E ambos se deixaram consumir naquele fogo que destruía os protestos da razão.

A reserva entre eles se dissipara e as mãos dele corriam soltas pelo corpo feminino, ensinando e aprendendo. Vivienne sentia cada parte do corpo reagir, num frenesi alucinante. Permitiu que ele a tocasse e provocasse até se contorcer de excitação. Quando Deveril sugou-lhe os seios, deixou escapar uma exclamação abafada de êxtase e surpresa, enterrando os dedos nos cabelos loiros.

Deveril ergueu-se para fitá-la, maravilhado. Vivienne parecia uma flor desabrochando ao sabor da primavera. Tinha a boca vermelha entreaberta, as pupilas dilatadas, o rosto corado. Não pôde mais se conter. O desejo latejava, exigia a consumação do ato. Por um instante, contudo, viu-se constrangido.

— Vou tentar não machucá-la — murmurou em seu ouvido.

A dor foi breve e lancinante, quando por fim ele mergulhou dentro dela, sendo logo solapada por uma sensação de plenitude.

A investida suave, contudo, não trouxe o que ela necessitava. Precisava de mais. Muito mais. E com urgência. Ergueu os quadris de encontro aos dele com um gemido. Deveril atendeu a seu pedido e, em pouco tempo, a cada impulso conduzia sua parceira pelos caminhos do prazer. E o êxtase surpreendeu-a com uma intensidade devastadora.

Ela o puxou para si, querendo partilhar com ele aquela loucura de sensações. Um segundo depois, Deveril gritou seu nome e, presos nos braços um do outro, tornaram-se um só.

Quando foram acolhidos pela calma, Vivienne abriu os olhos, confusa. O sol já brilhava, acordando o dia, e Deveril descansava o rosto em seus cabelos, murmurando palavras doces. Ela riu, suave. Naquele dia estava completando dezessete anos. Outros aniversários tinham sido celebrados com jantares, festas e presentes. Aquele havia sido diferente, inesquecível. Estava com o homem que a presenteara com a descoberta da feminilidade e do amor.

Deveril era seu presente.

Ele ergueu-se por sobre um cotovelo e estudou-lhe o rosto, buscando sinais de choque ou arrependimento. Não havia nenhum. Apenas o brilho da felicidade. Beijou-a nos lábios, a princípio com suavidade, depois com paixão.

— Eu te amo... — confessou com voz rouca. — Deus do céu, como eu te amo!

Ela o enlaçou pelo pescoço, radiante.

— Eu também o amo, *monsieur*.

Deveril roçou o rosto no pescoço alvo e macio.

— Então, não acha que já é tempo de parar de me tratar por *monsieur*?

— Tem razão, *monsieur*.

Caíram na risada e Vivienne o acariciou no queixo.

— Hoje é um dia muito especial para mim — sussurrou, baixinho. — Porque você me fez mulher... e porque é meu aniversário.

Ele piscou, abrindo depois um sorriso.

— Você nasceu mulher, Vivienne — balbuciou, a mão massageando-lhe o bico de um seio.

Ela fechou os olhos com um suspiro e ele a beijou uma vez mais, antes de aproximar a boca de seu ouvido.

— Feliz aniversário, raposinha. Feliz aniversário, meu amor.

O sol já se fizera presente por detrás das montanhas, quando Vivienne e Deveril voltaram para o acampamento, caminhando devagar. Ela, com a expressão radiante; ele, imbuído do máximo carinho e do instinto de proteção. Se um só homem reclamasse a

ausência dele ou dirigisse a ela algum comentário, pensou Deveril, seria expulso da expedição sem segunda chance.

Por sorte, o retorno deles foi recebido sem alardes. Vivienne, porém, não se deixou enganar. Não havia uma só alma ali que não soubesse o que se passara entre eles. Isso ficava claro na falsa naturalidade do pessoal. Ninguém ousou dirigir um só olhar na direção dos dois.

Mais tarde, sua conclusão provou-se correta quando Ethan corava intensamente cada vez que ela tentava puxar conversa. Não se sentia embaraçada e, de súbito, o rapaz lhe pareceu uma criança frente a sua recém-adquirida experiência...

Com Truman Waggonner foi diferente. Ele a olhava com malícia, os olhos escuros percorrendo-lhe o corpo insistentemente. A experiência partilhada com Deveril havia sido sublime e indignava-a que o infeliz insistisse em tentar maculá-la com insinuações silenciosas de lascívia e pecado.

Procurava raízes para o ensopado do almoço quando ele se aproximou por detrás dela

— Procurando alguma coisa? Ou alguém? — indagou com calculada insolência.

Ela o ignorou e Waggonner deixou-se encostar no tronco da árvore.

— Se é um homem que quer, ficaria honrado em oferecer meus serviços.

Vivienne sentiu o rosto pegar fogo de vergonha e raiva.

— Se eu precisasse de ajuda, *monsieur*, certamente não o incomodaria.

Ele riu, completamente à vontade.

— Não seria incômodo algum. Mas não foi bem esse tipo de ajuda a qual me referi. Perguntei se precisava de um *homem*...

Ela deu-lhe as costas, nervosa demais para retrucar. Esperou que ele se afastasse diante de sua patente repulsa, em vão.

— Conteí que cruzei com dois índios pés-pretos há dois dias, quando trouxe aquela corça? Acho que não.

Vivienne deu continuidade à tarefa, como se ele não estivesse ali.

— Então — prosseguiu Waggonner, — também não devo ter lhe falado a respeito do francês que vive com eles... — Sorriu ao perceber que ela se retesara. — Parece que está com os índios há mais de dez anos. Veio da Luisiana, se não me engano. — Começou a descer na direção do rio. — Pena que vamos direto para o Norte. Pelo que o pele-vermelha me disse, nosso amigo está acampado só a duas ou três milhas a oeste daqui.

Vivienne virou-se, ansiosa. Poderia ser tio Philipe? Tão perto?

— Por que não conta isso a Deveril? Poderíamos ir ao encontro dele, não?

Waggonner abriu um sorriso forçado.

— Mas eu já contei. — Deu de ombros, num gesto estudado. — No mesmo dia que cheguei... E ele mandou que eu ficasse de boca fechada.

Ela empalideceu.

— Está mentindo!

— Eu? Eu não. — Ele se afastou, assobiando.

Vivienne cerrou os punhos, furiosa. Sabia que Deveril jamais lhe faria tal desfeita e odiou Waggonner por acender-lhe as esperanças ainda que momentaneamente.

Naomi juntou-se a ela nesse momento, carregando uma saca cheia.

— *Monsieur* Waggonner não parou de encará-la a manhã inteira...

Vivienne examinou um punhado de tubérculos alaranjados e jogou-os dentro da própria saca.

— Não gosto desse sujeito. Tem alguma coisa nele que me enerva!

As palavras saíram com tanto ódio e veemência que Naomi ergueu uma sobrancelha, surpresa.

— Comigo ele sempre se mostrou muito delicado e amigável.

— Já percebi — suspirou Vivienne. — Acho melhor tomar cuidado. Não confie tanto

nele.

Naomi permaneceu impassível, o olhar inexpressivo mascarando-lhe os sentimentos, como de costume. Tornou a recolher raízes.

Vivienne a observou, preocupada. Em sua breve experiência, já tinha aprendido a diferença entre sedução e provocação, amor e lascívia. Só esperava que Naomi também a conhecesse.

Pensava no assunto, distraída, quando ouviu a amiga gritar. Deu um pulo, sobressaltada. A poucos passos dela, um índio postava-se próximo a um afloramento de rochas, as vestes mesclando-se com os tons acobreados das pedras.

O acampamento pareceu ganhar vida, com os homens correndo e empunhando as armas. O jovem guerreiro limitou-se a lançar-lhes um olhar de desdém, tornando a encarar Naomi. Parecia estranho, mas não hostil. De estatura média, trajava calças de couro de gamo e uma camisa bordada com espinhos de ouriço, tingida de amarelo e vermelho-vivo. Não parecia portar nenhum tipo de arma. Ao redor do pescoço, trazia um colar feito de conchas, contas e garras de urso. Abriu um sorriso largo, revelando dentes brancos e perfeitos.

Com um só gesto, Deveril fez os homens recuarem. Avançou a passos lentos, a arma ainda apontada para o invasor, o que causou estranheza a Vivienne. Não era possível que ele temesse um índio tão indolente. Passou por elas, murmurando uma ordem:

— Fiquem atrás de mim.

Elas obedeceram de pronto. Deveril parecia tenso, ao contrário do homem sob a mira do revólver que, aparentemente, não poderia estar mais relaxado.

Aparentemente. Prestando maior atenção, Vivienne percebeu-lhe os músculos retesados, a energia contida. Jack O'Malley e Clark o circundaram devagar e atentamente, enquanto Deveril lhe dirigia algumas palavras numa língua que ela jamais ouvira antes. O índio respondeu, depois jogou para ele algo pequeno e brilhante que cintilou o ar e caiu na mão estendida de Deveril. Um anel de ouro incrustado com uma esmeralda.

Deveril sorriu, guardou a arma no coldre e estendeu a mão num cumprimento.

— Josh Deveril.

— Lobo Vermelho. Sou guerreiro *atrevido*, *filho da mãe* — completou, num curioso sotaque afrancesado.

Deveril tentou reprimir uma risada, sem muito sucesso. Era óbvio com *quem* o indígena aprendera as palavras...

— Parece que D'Arcy já esteve por aqui. Também é bem "atrevido".

— D'Arcy, sim — concordou o outro.

Deveril o guiou até o centro do acampamento, onde tentou obter mais informações sobre o paradeiro de D'Arcy. Mas, se Lobo Vermelho estava a par de algo, não fez menção de revelar.

Em homenagem ao visitante, Baptiste serviu um banquete. Não apenas o inevitável cozido, mas também peixe, mexilhões frescos e frutas secas escaldadas no rum.

Vivienne deliciava-se com os moluscos quando entreabriu os lábios, surpresa.

— Olhe! — Estendeu a palma da mão aberta a Deveril, onde brilhava uma pérola rosada e iridescente de textura granulada.

Ele sorriu, depois se curvou para sussurrar-lhe ao ouvido:

— Talvez eu possa mandar fazer um anel com ela... A menos que prefira um de safira para combinar com seus olhos.

Vivienne flertou com ele, discretamente.

— Não posso ficar com os dois?

— Não precisando assaltar um banco, raposinha, dou-lhe qualquer coisa que desejar...

Lobo Vermelho acompanhou o aparte com interesse.

— Sua mulher não está usando nenhuma jóia — comentou, em sua língua nativa. — É tão pobre assim?

Deveril sorriu.

— Acabei de lhe prometer um anel.

O índio engoliu nova colherada do cozido.

— Conheço cara-pálida que tem jóia. Trago ele até acampamento homem branco.

Cumpriu a palavra. No final da tarde, retornou a cavalo, acompanhado de um homem curvado, de cabelos ruivos, e um menino mestiço de negro e índio, de pele morena e cabelos crespos. Ao se deparar com Naomi, o rosto do garoto se iluminou. Apontou a própria pele, depois a dela. Mas quando Naomi lhe falou em inglês e francês, a criança não pôde compreendê-la.

Através de Deveril, Lobo Vermelho explicou que o menino, filho de um caçador negro e uma mulher de sua tribo, nascera e fora criado entre seu povo. E que havia muitos assim na região. Tímido, o garoto acabou por se descontraír frente aos agrados de Vivienne, revelando-se tão fascinado por Naomi, quanto ela por ele.

— Meu nome é McAllister — apresentou-se o mercador, não muito amigável.

Sem mais delongas, apanhou dois embrulhos no alforje, desembulhando o primeiro. Selecionara uma série de itens, desde navalhas e lâminas de faca até mocassins e nacos de fumo. Em meio à parafernália, o escocês mostrou um objeto dourado e Deveril o reconheceu prontamente: o mesmo relógio horrível que roubara de D'Arcy no assalto simulado ao coche.

— Onde conseguiu isso?

— Um francês efeminado me deu. Disse que preferira ter um trago de uísque a saber as horas.

— Não posso dizer que discordo — Deveril reprimiu um sorriso. D'Arcy e seu constante jogo de palavras... Escolheu uma faca. — Fico com esta. O que tem de bom para as moças?

McAllister desfez o segundo embrulho e os olhos de Vivienne e Naomi cintilaram diante das mercadorias: unguentos para acalmar peles queimadas de sol e lábios e mãos ressecados, dedais, agulhas, pentes de marfim e tartaruga, uma escova com fundo de prata e rolos de fitas de gorgorão.

Remexiam a mercadoria, entusiasmadas, quando o escocês removeu outro embrulho da bolsa, este repleto de amuletos, braceletes, colares de contas e conchas, anéis de cobre e prata brilhando ao sol. Também jaspes e ágatas lapidados, pequenos discos de madrepérola e pepitas de turquesa.

Deveril observou-lhes a reação, divertido.

— Escolham o que quiserem e considerem como pagamento pela ajuda que têm dado no acampamento.

Vivienne já se apaixonara por uma espécie de concha de prata com uma turquesa, incrustada, mas Naomi mostrou-se hesitante.

— Escolha alguma coisa, Naomi — incentivou Deveril, mas a moça recuou, embaraçada.

Foi então que Lobo Vermelho curvou-se para a frente e algo pendeu, livre do colarinho aberto da camisa franjada. Um pingente de ouro aluvião, com uma pedra verde translúcida. Naomi mordeu o lábio. Era a jóia mais bonita que já vira.

Lobo Vermelho reparou que ela o fitava e tirou o pingente do pescoço.

— Tome. — Estendeu-o na palma da mão.

Naomi não resistiu em tocá-lo. Imaginou que estivesse frio, porém a peça se aquecera em contato com o corpo do índio.

Lobo Vermelho sorriu, murmurando algumas palavras. Deveril acompanhou a cena e ergueu uma sobrancelha. Então se voltou para Naomi.

— Ele disse que é um presente. Não quer nada em troca.

— Para mim? — Ela fitou o índio, os olhos escuros cintilando.

Vivienne observou a incredulidade e a emoção no rosto da amiga com uma ponta de culpa. Nunca ninguém dera a Naomi um presente. Roupas velhas ou peças próprias para o serviço doméstico, talvez. Mas nunca algo como aquilo. Alguma coisa que fosse para ela.

Naomi não mais se conteve. Lágrimas escorreram-lhe pelo rosto e ela as enxugou com as costas do braço, nervosa.

A fim de poupá-la, Vivienne tentou distrair os outros.

— Olhem só que relógio esquisito! — disse rindo. — Bom mesmo para se usar no meio do deserto.

Foi a deixa perfeita. Deveril apanhou a peça, examinando-a cuidadosa e disfarçadamente. Estranho parecer tão leve. Abriu a tampa traseira e praguejou baixinho. Se D'Arcy tornara a usar o mesmo estratagema, não tinha sido tão feliz desta vez. Havia subestimado a curiosidade dos índios quanto aos estranhos objetos dos caras-pálidas... Algum deles forcara a tampa, abrindo-a como uma concha. Os mecanismos tinham desaparecido. E, com eles, qualquer mensagem ou novas instruções.

Fitou Lobo Vermelho. Seria cinismo o que via nos olhos do aborígene ou era apenas impressão?

Um arrepio percorreu-lhe a espinha e Deveril se pôs alerta no mesmo instante, reconhecendo o sinal de perigo.

CAPÍTULO XIII

— Não se afaste do acampamento e não invente de fazer explorações, a menos que acompanhada por um homem armado — instruiu Deveril com severidade.

— Não precisa se preocupar tanto, *monsieur* — protestou Vivienne com arrogância. — Só vou tirar esses carrapichos do cabelo, lavá-lo e amarrá-lo com as fitas novas. Assim fico bonita para você.

— Já é bonita... Com carrapichos e tudo. E não posso deixar de ficar preocupado, sabe disso.

Os olhos dele transbordaram de amor e ela sentiu o coração bater mais depressa. Como o amava!

Mais tarde, quando os cabelos lhe caíam pelos ombros em cachos negros e úmidos, Vivienne os penteava lentamente, pensando em Deveril. Havia tantas perguntas que gostaria de lhe fazer. Quando ele tinha descoberto que a amava?

Infelizmente, poucas eram as oportunidades de que dispunham para conversar sem serem ouvidos. Haviam decidido permanecer no desfiladeiro por mais algum tempo, enquanto Deveril negociava montadas com Lobo Vermelho para a travessia das montanhas. Os três últimos dias tinham sido cheios, com ela ocupada em tempo integral enquanto ele permanecera praticamente fora do acampamento. Sendo que, dentro deste, não se podia ter nenhuma privacidade.

Ela e Deveril não eram os únicos a trocarem longos olhares. Naomi também parecia fascinada por Lobo Vermelho, que retribuía na mesma intensidade esse interesse. Os olhos do índio acompanhavam-lhe cada movimento e Naomi, por sua vez, carregava consigo aquele ar estudado de casualidade, normalmente adotado pelas mulheres quando alvo de sedução de um homem... Vivienne jamais vira a amiga agir assim. Agora,

contudo, cada vez que os olhos da moça pousavam em Lobo Vermelho, sua admiração pelo rosto anguloso e pelo belo físico do índio era mais do que patente.

O cupido, todavia, não tinha muito espaço no alvoroçado acampamento. Na verdade, com as conversas sempre em voz alta, o martelar constante dentro das barcas e o barulho intermitente dos homens cortando lenha, até pensar era difícil.

O sol baixava aos poucos, avermelhando o horizonte, e Vivienne moveu-se ribanceira acima, fugindo das sombras. Com sorte, teria os cabelos secos ao cair da noite.

Além da garganta, o rio corria entre orlas franjadas de árvores e altas paredes rochosas. Mais um pouco e ela mal poderia ouvir os ruídos do trabalho, incessante no acampamento.

Sem perceber, caminhou por um pedaço do baixio. Mais à frente, o canto das águas parecia estranho e Vivienne avançou, não contendo a própria curiosidade.

Descobriu um vale bonito, entrincheirado entre as pedras. Tinha o centro redondo e no formato de degraus, tal qual um anfiteatro esculpido pela natureza. Uma corça a espiou do outro lado do rio, depois fugiu em disparada.

Com um suspiro de contentamento, ela se acomodou numa rocha, remexendo os cabelos fartos enquanto tecia o futuro com sonhos cor-de-rosa.

Vozes a arrancaram de seus devaneios, mas o susto se desfez quando reconheceu a de Deveril entre elas. Ergueu-se rapidamente, mas reprimiu o impulso de ir ao encontro dele. Deveril ficaria possesso se a descobrisse tão afastada do acampamento depois de todas as recomendações que lhe fizera. E o relacionamento deles era tão recente, tão frágil, que não seria bom colocá-lo à prova.

Pensando assim, Vivienne esgueirou-se por detrás de uma formação de calcário. Ficaria ali até que Deveril se afastasse, então correria de volta ao acampamento, antes que ele tomasse conhecimento de seu descuido.

As vozes tornaram-se mais audíveis e ela espiou por sobre as rochas, com cautela. Deveril e o mercador ruivo encontravam-se à beira do rio. Ainda que a uma distância considerável, pôde escutar o que diziam, muito provavelmente pela boa acústica proporcionada pela posição das pedras.

— Fui informado que seria meu contato antes mesmo de sair de Nova Orleans. Mas por que diabos deixou os índios porem as mãos no maldito relógio?

— Eu? Engano seu, companheiro. Foram eles que me passaram o relógio.

Fez-se uma pausa.

— Isso dá outro rumo às coisas. De qualquer modo, agora que sei qual deles é nosso contato, posso tentar achar Jondont.

— Não sabia que já o tinha encontrado! — McAllister falou, aliviado.

— Ele nos encontrou. O "guerreiro atrevido, filho da mãe", segundo D'Arcy.

— Lobo vermelho?

— Isso mesmo. Finge ser um índio como outro qualquer, mas meu sexto sentido não falha. Aposto quanto quiser como é ele quem está por trás, com Jondont, atizando as tribos.

— Ora, ora, não me diga... — McAllister bufou, inconformado. — Se esse índio é mesmo comparsa de Jondont, meu amigo, a coisa é mais complicada do que imaginávamos.

— Por que diz isso?

— Porque D'Arcy me enviou aqui para avisá-lo de que Lobo Vermelho trabalha para Romeo Jones.

— Um agente duplo. — Deveril comprimiu os lábios. — Quer dizer, então, que nosso amigo índio está jogando dos dois lados, na esperança de que nos liquidemos mutuamente e os deixemos em paz... Um atrevido filho da mãe, mesmo.

— E então, capitão, qual será nosso próximo passo? Acha que Lobo Vermelho vai

cumprir a promessa de nos arranjar um encontro com Jondont?

Capitão? Vivienne franziu o cenho, confusa. E quem era D'Arcy? Que história era aquela de agente duplo?

Colou o corpo na pedra fria com um arrepio. Um esquilo passou-lhe por cima do pé, obrigando-a a prender a respiração para não gritar de susto.

— Acho que ainda estamos em vantagem — considerou Deveril. — Ele parece bastante interessado em Naomi, o que nos garante, em termos, tal negociação.

— A situação é bem delicada.

Deveril sorriu, sem vontade.

— Existe ouro, terras e um comércio de peles dos mais cobiçados em jogo. Sem contar a rota para o oceano Pacífico. Com a pressão certa na hora certa, os pés-pretos se rebelariam e massacrariam todos os americanos que vissem pela frente.

McAllister suspirou.

— Deveril! Meu Deus... — balbuciou Vivienne, levando a mão ao estômago, enjoada. Não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

O escocês continuou a falar:

— Esse Lobo Vermelho... Sabe o que queremos dele?

— É muito inteligente. Tenho certeza de que já desconfia. Mas não faça nenhum comentário. Pensa que nosso objetivo é mesmo o território do Oregon. — Deveril ficou em silêncio um instante. — Assim como Vivienne e Naomi. Com exceção de Ethan, O'Malley e Baptiste, todos os outros também acham que nossa missão é puramente "comercial"... Portanto, não vá dar com a língua nos dentes, McAllister. Inclusive a respeito do francês, na aldeia dos pés-pretos, perto de Wild Rock. Não por enquanto, pelo menos.

Vivienne sentiu uma pontada no peito. Waggonner tinha dito a verdade. Aturdida, mal escutou o restante da conversa.

— Devia estar bêbado quando resolveu trazer aquelas duas.

— Isso é problema meu — retorquiu Deveril, com frieza. — Sei o que estou fazendo.

— Espero que sim. Sabe que as cabeças delas estão a prêmio? Por sinal, um prêmio bem interessante.

Moveram-se rio acima, saindo do campo de audição de Vivienne, que ficou onde estava. Observou Deveril se afastar, entorpecida pela dor.

Deveril era um espião. Um espião inglês. E não tinha nenhum escrúpulo em usar Naomi ou a ela para alcançar seus sórdidos objetivos.

Fechou os olhos e as lágrimas caíram, pesadas.

O retorno ao acampamento foi um tormento. Tinha de chegar lá antes de Deveril. Voltou aos tropeços, perguntando-se desesperadamente o que fazer, e tentando se recompor. Parou mais de uma vez para travar uma luta árdua contra as lágrimas. Nada era como tinha pensado. O homem que amava a estava traindo. O mundo parecia ter ruído aos seus pés.

Vivienne desceu a margem do rio. Ethan encontrava-se na entrada do desfiladeiro e, ao vê-la, fez-lhe um aceno. Ela fingiu não ver. Cega pelas lágrimas, tudo o que queria no momento era poder contar tudo o que ouvira a Naomi. O que fariam depois, decidiriam juntas.

Por algum tempo, não teve como chegar até ela. Naomi ajudava Baptiste com o jantar enquanto os homens prosseguiam com suas eternas discussões. Desta vez, a causa era uma bolsa em que Deveril guardava os mapas e rotas a serem seguidos pela expedição. O'Malley acusava Ethan de tê-la guardado onde não devia e o rapaz se defendia com veemência.

Vivienne contornou-os, discreta, desaparecendo na própria tenda. Deixou-se cair sobre o cobertor puído aos prantos. Quando Deveril chamou-a, de lado de fora, fingiu que dormia, magoada e assustada demais para enfrentá-lo.

Lobo Vermelho arranjara um encontro entre Deveril e alguns membros de sua tribo

para negociar montadas e só quando ele se foi, ela ousou pôr os pés fora da tenda.

Ainda levou uns dez minutos para conseguir atrair a atenção de Naomi. Os homens encontravam-se ocupados com a comida, e os poucos que as viram se afastar em direção à barraca, não fizeram nenhum comentário.

— O que foi? — exigiu Naomi, preocupada, já pressentindo problemas.

— Não posso falar aqui — sussurrou Vivienne, guiando-a pelo bosque até a base de uma rocha que poderia ocultá-las. Daquele ponto estratégico, tinham como vigiar todo o acampamento e perceber qualquer aproximação. Puxou Naomi para as sombras. — Estamos em perigo. E não há ninguém que possa nos ajudar. Nem mesmo Deveril. — As palavras eram como pedras em sua garganta. — Ele é um espião inglês, Naomi. Ethan e os outros... Todos fazem parte de uma conspiração que visa jogar os índios contra os americanos. Se descobrirem que sabemos disso...

Naomi sentiu-se gelar.

— Tem certeza disso?

Trêmula, Vivienne enxugou uma lágrima.

— Não pode haver engano. Deveril se condenou com as próprias palavras.

— Pensei que ele fosse um homem de bem! — murmurou Naomi, quase para si mesma.

Vivienne engoliu com dificuldade.

— Ainda não sabe nada. Há um francês vivendo com os pés-pretos, não muito longe daqui... Naomi, tem de ser meu tio! Deveril sabe disso há dois dias e disse ao escocês que não vai nos levar até lá... Sabe Deus por que não. Temos de fugir daqui e tentar encontrar tio Philippe sozinhas. É nossa única chance.

A princípio, Naomi não acompanhou bem o raciocínio de Vivienne. Mas, ao ouvir o relato em detalhes, foi obrigada a concordar com ela.

— Acho que, antes de mais nada, precisamos ter certeza do local exato onde ele se encontra. Acha que Lobo Vermelho nos levaria até esse francês?

— Naomi... Ele é o pior de todos. Joga contra os dois lados, ele...

As palavras mal lhe haviam saído dos lábios quando avistaram o índio pouco abaixo delas, mas a alguma distância, montado em seu cavalo. Estava acima da cachoeira e fora do campo de visão do acampamento. Desapareceu por alguns momentos em meio ao pequeno bosque que cobria parte do desfiladeiro, reaparecendo próximo ao baixio. Nas mãos, carregava um rolo de papel e couro, que Vivienne reconheceu como sendo os mapas de Deveril. Lobo Vermelho examinou-os por alguns instantes, depois removeu uma das folhas, tornou a enrolar os outros papéis e escondeu-os num tronco oco e caído de árvore.

— Escondeu-os para seus cúmplices! — exclamou ela, tensa. — Precisamos pegá-los primeiro. Estou certa de que os mapas podem nos levar ao tio Philippe.

Baptiste as havia dispensado das tarefas naquela noite. Podiam fingir que se recolhiam, depois escapar de algum modo da tenda e apanhar os papéis antes que outra pessoa o fizesse. Ninguém notaria a ausência delas.

E assim foi. Quando se aproximaram do local, Naomi ficou de guarda, enquanto Vivienne removia os mapas da árvore. Com certeza não corriam perigo. O sol começava a desaparecer detrás dos picos rochosos, envolvendo em sombras o desfiladeiro.

Vivienne pensou que tinham chegado tarde demais. Tateou o tronco oco, encontrando apenas terra seca, lascas de madeira e uma arrepiante teia de aranha. Mas, de súbito, tocou algo sólido e aveludado. Segurou com firmeza o rolo que era muito maior e mais pesado do que imaginara.

Uma vez com os mapas nas mãos, correu com Naomi para a proteção das pedras. O plano era retirar do embrulho as rotas de que necessitavam e devolver os papéis ao mesmo lugar, como se jamais houvessem sido violados. Desamarrou o cordão de couro com dedos trêmulos. Mapas, cartas e documentos se espalharam, juntamente com dois

pequenos sacos de moedas. Moedas de ouro.

Naomi sorriu, distraíndo-se por um segundo de sua vigília. Agora podiam comprar uma maneira segura de chegar até o tio da amiga.

Para Vivienne, todavia, a descoberta não foi tão compensadora. A letra nas cartas e esboços era de Deveril, sem dúvida alguma, o que eliminava suas últimas esperanças quanto à inocência dele. No fundo, alimentara-as, desejando que se houvesse deixado envolver involuntariamente naquele jogo nojento de espionagem. Mas, uma coisa era apenas duvidar de sua integridade. Outra, era ter as suspeitas confirmadas.

Um graveto estalou nesse instante e Truman Waggonner surgiu das sombras. Vivienne ainda tentou ocultar os mapas, sem sucesso. Ele avançou na direção dela, sorrindo com frieza.

— Eu fico com isso.

Num movimento instintivo, ela segurou os papéis contra o peito. Representavam o caminho até tio Philipe. Não poderia perdê-los.

— Eu os encontrei.

— Estou vendo. Mas são meus.

— Não! São de *monsieur* Deveril!

A expressão dele se transformou, o sorriso morrendo nos lábios.

— Como sabe disso? Acho que a subestimei, *mademoiselle*... Passe-os para cá, agora. Assim, talvez eu seja bonzinho com você.

— Prefiro ficar com eles.

— Quero-os agora, mocinha.

Vivienne ergueu-se e recuou, devagar, sustentando o olhar malévolo do rapaz.

— Posso saber por quê?

— Claro — Waggonner tornou a abrir um sorriso. — Porque preciso saber exatamente do que os americanos sabem e quem são seus aliados. É de descendência francesa, *mademoiselle*, e sei bem o que pensam dos crioulos, como sua amiguinha... No fundo, não dá a mínima para as disputas entre americanos e ingleses, não é? Seu coração só bate forte pela França.

— Isso é o que você pens... — Vivienne deixou escapar, calando-se quando ele avançou mais um passo.

— Sei quem é seu tio, querida. Tudo o que tem a fazer é aderir à causa britânica e eu a levarei até ele em segurança. Sabe que os pés-pretos não gostam muito dos americanos, não sabe? Pois então. O fim de Deveril e de sua ridícula expedição é apenas uma questão de tempo.

A súbita compreensão de Vivienne foi tão intensa quanto seu alívio.

— Então você é o agente inglês, não Deveril!

— Suspeitava dele? Que divertido. Agora chega de conversa. Passe-me esses mapas.

Ela engoliu em seco, rezando para que Naomi estivesse a caminho do acampamento, em busca de ajuda. Waggonner avultou-se sobre ela, ameaçador. Se entregasse os mapas, estava perdida, assim como Deveril e seus homens. Só havia uma alternativa. E ela a pôs em prática, sem hesitação. Num movimento rápido, arremessou o embrulho de couro nas águas agitadas do rio.

Assistiu, satisfeita, os papéis desaparecerem na corredeira. Waggonner estendeu o braço, em choque, o ódio transformando-lhe as feições belas, assustadoramente.

— Sua vagabunda!

Deu um passo e agarrou-a pelo braço, torcendo-o e obrigando-a a encará-lo, ao mesmo tempo em que lhe cobria a boca para abafar-lhe um grito. Era forte demais e machucava-a. Porém continuou a lutar. Se conseguisse manter a situação até Naomi trazer Deveril e os outros, tudo daria certo.

Waggonner empurrou-a para o meio do bosque, reduzindo a cinzas seu plano de

fuga. Nas sombras, Lobo Vermelho segurava Naomi diante de si, um braço prendendo-lhe a cintura, a outra mão cobrindo-lhe a boca.

— Encontrei-a espionando vocês...

Vivienne deixou escapar uma exclamação abafada de surpresa. Lobo Vermelho usara um inglês fluente... e com um nítido sotaque britânico. Ninguém era o que aparentava ser. Que pesadelo!

— Maldição! — praguejou Waggonner. — Uma já era ruim. Agora temos duas delas! Lobo Vermelho fitou-o com olhos estreitos.

— O que pretende fazer com as duas?

— Esta eu levo para a aldeia. Quanto à negrinha... — Indicou Naomi com o queixo.

— Leve-a para longe daqui. E mate-a.

Naomi gemeu, em pânico. Lobo Vermelho permaneceu impassível.

— Vou levá-la para a aldeia também.

— Vai coisa nenhuma. Faça como estou dizendo! Livre-se dela e dê fim no corpo!

Vivienne ameaçou reagir, mas algo sólido desceu-lhe sobre a nuca, apagando tudo ao redor.

Quando voltou a si, estava amordaçada e amarrada a uma árvore. Era de manhã e o sol forte fustigava-lhe a pele, fazendo arder os olhos e latejar a cabeça enlouquecedoramente. Olhou em volta, atordoada, e viu um homem vestido com calças e camisa de pele de alce, recostado a uma pedra. À primeira vista, pensou que fosse Lobo Vermelho. Mas ele mudou de posição e Vivienne reconheceu Truman Waggonner mastigando algo que lhe pareceu carne-seca. O cheiro lhe provocou náuseas e ela virou a cabeça.

— Acordou? — Ele se aproximou, cínico, as mãos na cintura. — Pensei que tivesse "batido as botas". Seria tão desagradável... Afinal, agora é minha refém. Deveril vai ter de me dar todos os mapas, e mais alguma coisa, para tê-la de volta.

Vivienne teve a visão embaçada pelas lágrimas. Tudo acontecia por sua culpa. Se não houvesse duvidado de Deveril, Naomi ainda estaria viva, e ambas em segurança no acampamento. Orgulho e teimosia a haviam impelido para aquela aventura. E agora essas mesmas qualidades poriam um fim nela.

E, o pior, arrastaria Deveril e seus companheiros nessa tragédia.

Examinou os arredores, com discrição. Estavam numa espécie de planalto, bem acima do nível do rio. Devia haver alguma grande corredeira ou cachoeira por ali, pois podia ouvir o barulho da água e até o solo vibrar com a força da correnteza. Lá no alto, uma águia planou no ar até se transformar apenas num ponto escuro no azul ofuscante do céu. A distância, ainda podia avistar os picos das Montanhas Rochosas brilhando ao sol. O acampamento devia estar a sudoeste dali. Se conseguisse se soltar...

Torceu o corpo, fingindo tentar uma posição mais confortável ao mesmo tempo em que testava a amarração das cordas. Estavam apertadas demais.

Waggonner terminou de comer, então se aproximou lentamente.

— Se estiver precisando de um pouco de... "privacidade", pode ir atrás daquelas árvores. — Abaixou-se, soltando os nós. — Mas não queira dar uma de espertinha. Estou armado e gosto de praticar de vez em quando.

Ela esfregou os pulsos e tornozelos onde a pele marcada sangrava em alguns pontos. Pôs-se em pé e tentou caminhar, mas as pernas dormentes quase a fizeram cair. Tinha de ganhar tempo. Apesar das ameaças, Waggonner não se arriscaria a dar um tiro e chamar a atenção de Deveril. Precisava recuperar a circulação e depressa!

Devagar e aos tropeços, ela foi até a árvore mais próxima, sentindo os membros arderem a cada passo.

Waggonner recostou-se a uma rocha, observando Vivienne desapareceu detrás da árvore, mas ainda podia ver uma parte da saia cor-de-rosa em meio à vegetação.

Cruzou os braços, pensativo. Os mapas estavam perdidos, mas sabia que Deveril

viria atrás da garota. E então seria o fim do capitão Josh Deveril, da inteligência do Exército Norte Americano...

Vivienne demorou mais do que o normal e ele franziu a testa, impaciente:

— Ande logo com isso!

Não obteve resposta. Teria ficado preocupado, se não continuasse a ver o vestido.

— Já chega! — Jogou fora o resto de comida, com raiva. — Está me obrigando a arrancá-la detrás desse mat... — A saia ficou nas mãos dele. — Mas que...! Avistou um ponto branco em meio às árvores fugindo na direção do acampamento e praguejou, possesso.

Vivienne já ia longe, vestindo apenas a anágua, mancando sobre a terra seca e coberta de pinhas. Quando recuperou a sensibilidade nas pernas, o terreno mudara drasticamente, obrigando-a a saltar estrias e valas formadas pelas chuvas. Continuou a correr, alucinada, sentindo os pulmões arderem na busca pelo ar, e mal se dando conta da vibração no solo e do ruído da cascata.

De súbito, viu-se a céu aberto, parando a centímetros de despencar de uma crista de rochas. A seus pés, uma cachoeira de águas turvas derramava sua força sobre a garganta de arenito, erguendo nuvens úmidas. A única saída era uma trilha sulcada que corria alguns metros abaixo, ao longo da ravina.

Por um instante, considerou a hipótese de voltar... Mas, além do arco-íris que se erguia das águas para o sol, avistou a figura de um homem vindo do rio em sua direção. A névoa úmida, somada às sombras do despenhadeiro embaçavam-lhe a imagem. As roupas de couro e a passada segura, todavia, reacenderam nela uma esperança.

— Deveril! Deveril, aqui em cima! — Agitou os braços aos gritos, mas sua voz se perdia no rugido das águas. Temendo não ser vista por ele, mas ouvida por Waggonner, sentou-se na borda da rocha e virou o corpo de modo a ficar pendurada. Um pedregulho rolou sobre ela dando-lhe o incentivo final.

Decidida, Vivienne lançou-se no ar... com consequências nada animadoras. Uma plataforma estreita de rocha a impediu de despencar para a morte. Sentou-se, mas uma dor lancinante no tornozelo deixou-a lívida. Segurou-o, movimentou o corpo em agonia. A dor diminuiu de intensidade, mas seu pé dobrara de tamanho. Tentou se acalmar e pensar com clareza. Deveril já não se encontrava à vista, tampouco Waggonner. Não sabia se havia fraturado ou torcido o tornozelo, mas de qualquer modo não poderia prosseguir sem ajuda.

A região era traiçoeira. Havia saliências pontiagudas nos rochedos e ravinas profundas, formadas por milhares de fendas e fissuras. Ninguém podia vê-la ali. Embora o sol ardesse, a temperatura naquele ponto era mais baixa, com a cachoeira borrifando água fria incessantemente. Não demoraria muito a ficar ensopada. Ou Deveril a encontrava, ou acabaria morrendo.

Rasgando o forro da anágua, conseguiu proteger-se um pouco da água. Com dificuldade, ergueu-se sobre uma perna, testando o peso do corpo na outra. A experiência só serviu para enfraquecê-la de dor. Não tinha como alcançar o baixio sozinha. Arrastando-se, porém, talvez conseguisse deslocar-se para um ponto onde pudesse ser localizada mais facilmente.

Foi então que tornou a ver Deveril movendo-se ribanceira acima, mas desviando-se da rota que o levaria até ela. Se não fizesse algo, ele passaria reto, sequer notando-a ali. Com a respiração saindo em espasmos pelo esforço e pela dor, Vivienne arrastou-se pela trilha, demorando a alcançar o ponto em que supunha ser mais visível.

Trêmula e enjoada, olhou a paisagem ao redor. Novamente perdeu Deveril de vista. O latejar no tornozelo estendera-se para a perna, mas a bota justa de couro ainda impedia uma piora. Recostou-se a uma rocha quase chorando de frustração.

Um movimento chamou-lhe a atenção pouco à frente da saliência rochosa. A cachoeira abafara o ruído da aproximação de Deveril, mas ela sorriu, endireitando o corpo

e imaginando o quanto ele ficaria surpreso ao virar-se e deparar-se com ela. A sombra dele o precedia e ela quis avançar mais. Escorregou na argila e lançou-se para frente, desequilibrada.

Direto para os braços de Truman Waggonner.

CAPITULO XIV

Deveril juntou-se a Ethan e Jack O'Malley na fenda da formação de calcário, sua única proteção contra a fúria da tempestade. Água fria escorria-lhe das roupas e do cabelo, empoçando-se a seus pés.

Ethan ergueu-se, ansioso.

— Algum sinal delas?

— Nenhum. Nem mesmo uma pedra fora do lugar, ou um graveto quebrado que pudesse indicar que caminho eles tomaram. Esse maldito pé d'água carregou tudo.

Deveril sentou-se na beira da rocha fitando, desconsolado, o vale inundado pelas chuvas. Tomando três dos melhores cavalos negociados com Lobo Vermelho no dia anterior, haviam partido antes do raiar do dia. Tinham seguido o rastro de Waggonner desde o rio, pelos bosques de alamos e pinheiros até as montanhas, para depois serem vencidos por aquela imensidão de pedra, pelos incontáveis escaninhos e gretas nos picos e paredes que se elevavam para o céu.

Sob suas ordens, a expedição prosseguira sua rota até a confluência dos rios, onde abandonariam a chata e carregariam os porões das pirogas. Desse ponto em diante, cada um dos homens seguiria a cavalo. Mesmo Baptiste, que costumava navegar sem problemas, mas que não tolerava o trote monótono de uma montaria. Era essencial, agora mais do que nunca, que se encontrassem com o poderoso pé-preto Jondont.

Deveril respirou fundo. Não queria ir muito longe nos planos. Tinha de viver hora por hora. Minuto por minuto. Sem perder as esperanças.

Ethan observou o tio. Deveril vinha exigindo muito de si, e culpava-se em demasia. E aquela sua tensão parecia estar contagiando toda a expedição. Ele próprio sentia os nervos à flor da pele. Sem falar em O'Malley, que sempre fora calmo e agora parecia uma pilha de nervos.

Deveril não chegara a perder seu espírito de liderança. Interiormente, porém, era um poço de preocupações. O que teria acontecido a Vivienne e Naomi? Havia desaparecido como por encanto, logo após o pôr-do-sol do dia anterior. Assim como Truman Waggonner. O que não era coincidência. As últimas pegadas encontradas indicavam que ele carregava apenas uma das mulheres consigo. E, talvez, àquela altura, ambas já estivessem mortas.

Balançou a cabeça, como se pudesse afastar o pensamento. Tinha encontrado o primeiro ponto de parada de Waggonner e a saia de Vivienne, enroscada a um arbusto feito uma bandeira ao vento. Esse fora seu pior momento. Sentia viver agora apenas por dois motivos: para salvá-la a qualquer preço... e para vingar-se daquele canalha.

A tempestade tornou a desabar com força renovada, as gotas de chuva açoitando a rocha à frente deles e ricocheteando como balas. O'Malley bufou. Podia tolerar qualquer coisa, menos aquele silêncio agourento. Bebeu um gole do cantil de bolso, estendendo-o depois a Deveril.

— Quando começou a suspeitar de Waggonner? — Deveril recusou a bebida.

— Ele sempre esteve sob suspeita.

— Mas... — Ethan franziu o cenho. — Até o fez cavar a sepultura, em Juniper Hill, conosco!

— Para lhe dar a impressão de que já tinha ganho minha confiança. — Deveril cerrou os punhos. — Waggonner nunca me pareceu coisa que prestasse. D'Arcy desconfiava que ele pudesse ser algum mensageiro, mas eu sempre achei que fosse mais do que isso. Não podia ter tirado os olhos de cima dele. — Apertou os lábios, inconformado.

O'Malley tomou outro trago do uísque numa tentativa de combater o frio.

— Eu não quis que ninguém soubesse para que nenhum gesto ou olhar mostrasse que o estávamos vigiando — prosseguiu Deveril, quase para si mesmo. — Queria puxar o pau da armadilha quando tivesse certeza de que ele era o tal Romeo Jones. Maldição!

Como para ilustrar suas palavras, um clarão prateado rasgou o céu, descendo sobre um pinheiro com fúria. As paredes de rocha vibraram com a violência do choque. Ouviram o estalar da árvore, depois a queda na terra molhada. Mas a cortina de água diante deles não os deixou testemunhar o acidente. Os ecos reverberaram, depois morreram, e a chuva dissipou-se tão rápido quanto tinha vindo, deixando uma névoa úmida que aspiralava no ar, anunciando o cair da noite.

Ethan deixou-se recostar à parede de pedra, subitamente exausto.

— O que vamos fazer agora que perdemos a pista? — Deveril deu-se conta de que ainda tinha os punhos contraídos e tentou relaxar.

— Cobrimos todas as rotas possíveis. A menos que Waggonner seja um completo idiota, não vai voltar atrás. Portanto só há dois lugares para onde pode estar indo: para o meio das Rochosas, ou para a aldeia dos pés-pretos, ao Norte.

O'Malley concordou.

— Pelo que disse McAllister, nem chega a ser uma aldeia. Se necessário, podemos dominá-los só com os homens da expedição.

— Não. Tenho outro plano. Se Lobo Vermelho não está envolvido nessa sujeira toda, juro que corto as minhas mãos! — O rosto de Deveril era uma máscara de amargura. — Talvez devamos fazer uma visitinha a ele, agora à noite.

Um fio de luz tornou a se desenhar nas nuvens densas. Em seguida, um trovão descarregou sua ira. Num planalto, muito acima do acampamento improvisado de Deveril, um cavalo trotava pela trilha escorregadia, carregando duas pessoas. Tinham escapado das chuvas por questão de minutos e agora as nuvens densas e escuras rolavam em direção ao vale. Embora ainda tivessem uma crista de rochas a atravessar, vinham subindo havia já algum tempo. Vivienne não imaginava para onde pudessem estar indo.

— Para onde está me levando?

— Logo irá descobrir.

Waggonner continuou incitando a montaria. Ela se encolheu, dolorida de frio e exaustão. Fizera grande parte da viagem de anágua, morrendo de frio, até que ele finalmente resolveu poupá-la com um cobertor velho, tirado do alforje.

— Quero que chegue lá viva — resmungou, sarcástico. — Vai ser a isca para a armadilha que estou preparando para Deveril.

Ela tomou a coberta, fulminando-o com o olhar.

— O que leva um homem a trair seu próprio país?

— Não tenho país. Nasci na Luisiana, de pais ingleses, quando Napoleão ainda dominava o território. Foi só assinando uns papéis que nos tornamos americanos. Esta terra vive sob três bandeiras. Mais trinta anos e serão mais três. Aqui é preciso se cuidar.

— Faz tudo por dinheiro, não?

— E por uma propriedade na Inglaterra, quando estiver enjoado disso tudo. Vou ser um lorde... — Riu e esporeou o cavalo, obrigando-o a trotar pela campina encharcada.

— Deveril pode me desprezar, mas não nasci em berço de ouro como ele. Se ele jogou tudo fora, azar. Aquele idiota...

De repente, Waggonner puxou as rédeas e se pôs em pé nos estribos, agitando os braços.

— Não gosto de chegar sem ser anunciado — explicou. Antes que ela compreendesse o que se passava, ele tornou a se sentar na sela e cutucou o flanco do animal.

Ao contornarem a galope um labirinto de pedras tombadas, herança de algum antigo cataclisma, viram-se de súbito numa plataforma gramada em forma de "V". A distância, podia-se avistar um vale de contornos bem definidos. Encontravam-se num ponto aparentemente sem nenhuma saída, com a terra desbarrancando dos três lados para uma garganta. O platô inclinava-se ligeiramente em direção à fileira seguinte de montanhas, onde, para a surpresa de Vivienne, ocultava-se uma aldeia.

O índio pé-preto que montava guarda não fez menção de impedir-lhes a entrada e ela notou, estarecida, que Waggonner não devia ser estranho à tribo.

Estava tão exausta, entretanto, que seu cérebro já não conseguia assimilar as coisas ao redor. Um menino passou por eles, montado num pônei pintado, e três mulheres pararam de conversar para observá-los. Fora isso, sua visão embaçada só lhe permitiu notar as *tipis*, inúmeras e pequenas tendas que os cercavam, agora rosadas pelo sol poente.

O cavalo estacou de súbito e, com as mãos entorpecidas pelos nós da corda, Vivienne não conseguiu se agarrar à maçaneta da sela. Teria despencado feito um saco de farinha, se Waggonner não houvesse girado o corpo e a amparado. Como punição pela tentativa de fuga, ele a deixara sem água e sem comida. E sua última refeição havia sido o almoço com Deveril, no dia anterior. Ainda que pudesse ignorar o ronco no estômago, sentia a boca seca.

Mal podendo se manter em pé, cambaleou alguns passos. Fechou os olhos, assolada por uma onda de náusea. Waggonner tornou a segurá-la e, em um segundo, ela se viu sob a luz tênue e rósea do crepúsculo. Noutro, numa agradável penumbra.

Abriu os olhos, atordoada. Estavam em uma das tendas e os últimos raios do dia incidiam pelo couro de alce da *t-pi*, tingindo-o de vermelho. Waggonner a despejou sobre um cobertor de pele de baio puído e partiu. Fatigada, Vivienne permitiu-se mergulhar num sono profundo, que lhe devolveria as energias.

A aurora já se despedira, quando despertou na manhã seguinte e se percebeu livre das amarras. Rolou no chão, sobressaltada, perguntando-se que lugar era aquele, até que as lembranças se ordenaram em sua mente. Sentiu o tornozelo latejar e sua primeira reação foi de raiva de si mesma por se deixar abater pelo sono. Tinha planejado escapar durante a noite, enquanto Waggonner dormia...

Sua segunda reação foi uma profunda sensação de abandono. E de dolorosa solidão. Nos últimos meses, tinha dormido nos mais diversos e inusitados lugares; na cama de um bordel, ao relento, sob o céu estrelado do Oeste. Quando, por Deus, acordaria sã e salva sob o teto de Juniper Hill? Estranho que só agora se desse conta de jamais ter se sentido só, quando com Deveril.

Correu os dedos pelo rosto abatido, desalentada. Deveril não podia ter idéia de onde ela se encontrava. Sua única alternativa era tentar fugir e pegar o caminho do rio.

Erguendo-se sobre um cotovelo, olhou ao redor. Embora ainda estivesse de anágua, fazia frio dentro da tenda. Alguém tinha acendido uma fogueira e a mantido baixa, porém, quem quer que fosse, não se encontrava ali.

A *tipi* estava mergulhada em sombras. Mesmo assim, pôde distinguir uma fileira de potes e cestas cuidadosamente arrumados, diversas peles desgrenhadas e utensílios dependurados em um dos mastros da tenda. No mais próximo a ela, havia uma camisa franjada e um cantil pendendo de uma tira gasta de couro.

Silenciosamente, ajoelhou-se e esticou o corpo até tocar a garrafa. Estava fria, pesada, e continha a insígnia de uma unidade militar britânica. Vivienne não se importou

em deduzir onde os pés-pretos a haviam conseguido. O importante era que estivesse com água.

E estava. Cheia de água fresca de algum córrego da montanha. Bebeu-a, sedenta, enchendo a boca por puro prazer e alívio. Quando tampava o cantil e recolocava-o no lugar, captou um movimento com o canto dos olhos. Sentiu-se gelar quando um gemido débil e agoniado chegou-lhe aos ouvidos. Imaginara estar sozinha e estivera enganada. Segurou a respiração, tentando descobrir de onde vinha o som. Um arrepio desceu-lhe pela espinha quando, uma vez mais, o gemido tétrico chegou até ela.

Foi então que conseguiu enxergar. Uma mulher índia, deitada numa espécie de catre a um canto, encolhida sob várias camadas de pele. Tinha as faces pálidas e macilentas, a pele esticada sobre os ossos saltados, dedos finos que se agarravam às cobertas feito frágeis palitos de marfim. Mesmo descuidado, seu rosto mostrava sinais de grande beleza, com o nariz levemente curvado, os lábios carnudos e bem definidos. Vivienne piscou, confusa, perguntando-se por que ela se encontrava abandonada ali.

Os lábios da mulher moveram-se, ressequidos. A água no cantil devia estar reservada para ela, talvez para amainar a febre que lhe assolava o corpo.

Vivienne abaixou-se, devagar.

— Água? É água que quer?

Recuou, exasperada. Era óbvio que a pobre mulher não entendia uma palavra que estava dizendo.

E enganou-se uma vez mais. Olhos injetados se abriram, fixando-se nela como se numa santa.

— Água!... Sim!

Os mesmos instintos que a haviam levado a defender e cuidar da mulher do coche, numa tarde que agora lhe parecia distante, vieram à tona uma vez mais. Penalizada, Vivienne ajudou a índia a saciar sua sede, impedindo-a de se engasgar com a água fresca. A pele da mulher estava seca e terrivelmente quente. Os couros de búfalo empilhados sobre ela impediam o exalar da febre, e as brasas no meio da tenda também não colaboravam em nada.

O tempo que passara na casa de saúde do Dr. Le Veque não tinha sido em vão. Com ele, aprendera muitas de suas técnicas progressistas de cura. Para começar, precisava remover o excesso de cobertas de cima de sua paciente.

Encontrava-se absorta na tarefa, quando um homem adentrou a tenda. Um homem conhecido. O mercador ruivo de nome McAllister.

— Você!? — Vivienne, surpresa, viu-o se aproximar.

— Quietinha, moça. Não vou machucá-la. — Ela estreitou os olhos, revoltada.

— Acusou Lobo Vermelho de ser um agente duplo... e agora eu o encontro no território do inimigo!

McAllister levou um dedo aos lábios.

— Não tire conclusões precipitadas. Dê-me um tempo e vai constatar que posso ser mais amigo do que imagina...

— Não o entendo.

— É bom que não. Mas já não posso dizer o mesmo. Sei tudo sobre sua vida. Inclusive que está à procura do único parente que lhe restou. — Abaixou-se, sussurrando ao ouvido dela: — Comporte-se e logo, logo recebe ajuda.

Vivienne o fulminou com o olhar.

— Acho melhor dizer-me de uma vez o que está acontecendo, *monsieur*.

Ele balançou a cabeça em negativa, ao mesmo tempo em que alguém passava lá fora, erguendo uma sombra pelas paredes finas da tenda.

— Não é hora nem lugar, moça. Não ainda. — McAllister voltou a atenção para a mulher ainda imóvel sobre o catre. — Como está ela?

— Muito doente. E quente demais. Precisava ser banhada com água morna para

combater a febre.

O escocês ajoelhou-se ao lado da maca, tomando uma das mãos magras nas dele, os olhos azuis sombreando-se num misto de ternura e aflição. Vivienne o observou, intrigada.

— Esta mulher... Significa algo para você?

— Margaret é minha esposa. — Ele voltou-se para encará-la e ensaiou um sorriso ante a perplexidade de Vivienne. — O verdadeiro nome dela significa "brisa leve que sopra no pôr-do-sol, quando as folhas mudam de cor". Mas minha língua enrolava cada vez que eu tentava pronunciá-lo no dialeto dos pés-pretos... Foi ela quem me pediu para lhe dar um nome da minha terra.

Afastou os cabelos negros da fronte úmida da mulher com carinho, mas esta já se deixara carregar pelos delírios e nem sequer o percebeu. Vivienne notou o quanto ele lutava para controlar as emoções.

— O que aconteceu com ela, *monsieur*? — Ele suspirou, profundamente.

— Um espírito do mal entrou por um de seus pés, porque ela desobedeceu o irmão e deixou seu povo para viver comigo.

— Isso é bobagem — descartou ela, impaciente. — O que aconteceu, de verdade?

— Um caçador morreu, deixando preparada uma de suas armadilhas. Margaret pisou nela por descuido. O ferimento infeccionou. Fiz o que pude, mas os remédios de costume não surtiram efeito... — A voz dele falhou e ele pigarreou, controlando as emoções. Fitou-a, esperançoso. — Deveril contou-me qualquer coisa a respeito de sua habilidade para cuidar de feridos. Ajude-me a cuidar de Margaret, moça. Alivie sua dor e para sempre lhe serei grato.

Dizendo isso, McAllister removeu a última coberta, expondo o pé da esposa. Estava envolto numa bandagem de cascas de árvore, as quais ele retirou. Sob elas havia um cataplasma à base de ervas. Tinha um odor agradável até McAllister retirá-lo por completo. Vivienne sentiu-se enjoar no mesmo instante.

Reunindo coragem, prendeu a respiração e curvou-se para examinar a ferida. Os três dedos menores e parte da região externa do pé direito estavam dilacerados e horrorosamente infeccionados. Manchas arroxeadas começavam a se espalhar pelo tecido danificado. O tratamento era mais do que óbvio e ela engoliu em seco.

— Os três dedos e esta parte do pé... têm de ser amputados para que se detenha a infecção. É a única esperança para ela.

Vivienne o encarou, perguntando-se por que ele não usara antes aquela solução. Vendo os olhos claros marejarem de súbito, percebeu que ele apenas relutara em lançar mão dela, talvez temendo perder Margaret de uma vez por todas.

Tocou-o no braço, num gesto de conforto.

— Tem de ser feito. Acredite.

Sem uma palavra sequer, ele se ergueu e deixou a tenda. Vivienne ouviu-o pedir algo na língua dos pés-pretos. Seguiu-o até a entrada removível da tenda e espiou lá fora. A alguns metros, bem à frente dela, Waggonner encontrava-se sentado ao lado de um velho índio carrancudo. Avistaram-na imediatamente e um sorriso de escárnio esboçou-se nos lábios bem-feitos do rapaz.

Não tinha como escapar no momento. Muito menos quando a vida da esposa de McAllister passara para suas mãos.

Conformada, Vivienne abafou o fogo, tomando o cuidado de não encher o lugar de fumaça. Em seguida despejou o restante da água do cantil nas mãos e espalhou-a pelo rosto cadavérico de Margaret. Alguém tossiu do lado de fora e ela ergueu a cabeça, vendo duas mulheres depositarem várias tigelas dentro da tenda antes de baterem em retirada. Uma terceira trouxe uma veste de pele de veado, a qual indicou a Vivienne que usasse.

Apressada, ela vestiu a roupa sobre a anágua, para depois examinar o conteúdo das

tigelas. Uma delas continha uma espécie de mingau. Outra, pedaços de galinha cozida. E a terceira, água fresca, recém-apanhada de algum riacho.

O primeiro passo de Vivienne foi rasgar alguns pedaços de tecido e mergulhá-los nessa água que, de tão fria, gelou-lhe os dedos. Cuidadosa, depositou uma das tiras molhadas na testa de Margaret, outra sobre seu peito e a última em seu abdome.

Mal terminou e a febre já eliminara o frescor da primeira faixa. Beliscando a comida recém-preparada, Vivienne alternou alimentar a si própria com a troca de bandagens sobre a paciente. Não tinha como alimentar Margaret sem fazê-la engasgar no processo. Todavia, podia derramar algumas gotas de água nos lábios entreabertos vez ou outra.

Não saberia dizer quanto tempo se passou até o retorno de McAllister. Ele fitou a mulher por alguns instantes, depois ergueu seu corpo inerte nos braços e carregou-a para fora. Tinha tomado uma decisão.

Vivienne o seguiu, mancando ligeiramente por causa do tornozelo machucado. Conseguia fazê-lo suportar parte de seu peso, agora que a dor diminuía bastante de intensidade.

O dia estava claro e fresco, e um aroma de terra úmida, de pinho e cedro enchia o ar. Ao longe, o sol morno refletia-se sobre as muralhas rochosas.

Vivienne, todavia, viu-se mais interessada nos habitantes da minúscula aldeia do que no cenário a sua volta. Vários guerreiros encontravam-se sentados do lado de fora da tenda, conversando em voz baixa, um deles polindo uma faca com uma pedra de amolar. Grupos de mulheres falavam entre si sem interromper suas tarefas. As crianças brincavam, empurrando-se umas às outras, até que uma das mães ralhou com elas.

Conforme McAllister passava, seguido de perto por ela, os adultos os observavam com o rabo dos olhos. Apenas as crianças ousavam encará-los, curiosas.

O escocês acomodou a esposa semi-inconsciente num cobertor, à sombra de uma árvore. Perto dali, havia uma fogueira em cujas chamas ardiam dois objetos: uma peça comprida de ferro, com um cabo de madeira, e uma machadinha.

Vivienne virou o rosto, lívida.

McAllister ainda estava curvado sobre a mulher, quando ela se aproximou deles.

— Não posso! — desabafou, com voz estrangulada. — Não posso fazer isso! Vai ter de fazê-lo por mim!

Vivienne entreabriu os lábios, horrorizada.

— M-mas... meu Deus — gaguejou, em pânico, antes de perceber que as palavras não tinham sido dirigidas a ela.

Seu batimento cardíaco se acalmou quando outro homem surgiu, saindo detrás da árvore: Lobo Vermelho. McAllister apoiou-se nos calcanhares, os olhos fitando o índio, suplicantes.

— Tem o direito de me odiar, mas não o descarregue também sobre Margaret... Eu a trouxe de volta para você. Precisamos de sua ajuda.

Lobo Vermelho o ignorou, concentrando-se na mulher prostrada no solo, os braços musculosos cruzados diante do peito. Tinha a expressão tão distante, que Vivienne chegou a tomá-la por indiferença.

Após um momento que pareceu uma eternidade, o índio concordou com um movimento de cabeça.

McAllister soltou o ar, voltando-se então para Vivienne.

— Não precisa olhar, menina. Apenas sente-se sobre ela para mantê-la imóvel.

Vivienne o obedeceu, hesitante. Era como estar no meio de um pesadelo, pensou. Daqueles em que coisas horripilantes aconteciam e não se podia fugir.

Foi tudo muito rápido. Um respirar profundo, um silêncio de morte... e então um baque surdo. Depois um chiado.

Vivienne manteve-se paralisada até McAllister anunciar que estava terminado. Então se ergueu, agoniada, indo vomitar atrás da árvore.

Estava escuro, e a aldeia em silêncio, quando Vivienne deixou a tenda. Não havia ninguém para vigiá-la, já que o próprio lugar desencorajava qualquer tentativa de fuga. A noite era sem luar, portanto não teria como ir na direção certa.

E, além de tudo, havia Margaret. McAllister lhe tinha dito para esperar e confiar nele. Não gostava daquele jogo duplo, porém estava inclinada a ouvi-lo por razões que não conseguia explicar com muita lógica. Sem dizer que, em algum lugar, não muito longe, Deveril possivelmente estava à sua procura.

Girou o corpo e retornou à tenda. O drapejo na parte superior da *tipi* permitia a entrada do frio ar noturno, obrigando-a a manter o fogo aceso. Margaret se debatera num sono cheio de delírios, efeito de uma pasta de ervas narcóticas que McAllister lhe aplicara na boca. Agora tinha a pele mais fresca, a respiração mais tranquila. Se toda a infecção fora extirpada, talvez conseguisse se recuperar.

Ouviu um movimento atrás dela e voltou-se, esperando encontrar McAllister. Mas era Waggonner. Não se falavam desde o dia que ele a trouxera para a aldeia.

— Foi dar uma voltinha? Melhor tomar cuidado. Há muitos selvagens à solta por aqui.

— Quem é você para me dizer isso, depois de me ter raptado e... e...

— E o que, minha cara? Não lhe fiz nada de mal. Ainda. — Raiva e frustração a fizeram esquecer a cautela.

— Vi quando mandou Lobo Vermelho levar Naomi para longe e assassiná-la. E sei que ele vem trabalhando para um agente inglês que está incitando os pés-pretos a acabar com os americanos!

Ele riu, balançando a cabeça.

— É muito boba, menina. Naomi era só uma escrava. E não pense que é assim tão fácil convencer os pés-pretos a acabar com alguém. Matar para eles é... um *hobby*. Assim como descascar um graveto para passar o tempo. — Sorriu. — Sabe muito pouco sobre mim.

— Sei tudo o que preciso saber sobre você, *monsieur Romeo Jones*!

Vivienne não demorou a se arrepender de sua imprudência. Waggonner se retesou e seus olhos castanhos a fulminaram, frios, desumanos. Parecia uma serpente, prestes a dar o bote. Agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a, violento.

— Quem mais sabe disso?! *Quem?!*

— Ninguém!! Tire essas patas imundas de cima de mim! — Ela tentou escapar, porém ele a deteve por um braço e o torceu sem piedade até ela soltar uma exclamação abafada. Vivienne sentiu os joelhos dobrarem e ele continuou o castigo, forçando-lhe o braço para o alto. Ela quase desmaiou de dor.

— Diga!

Ela sucumbiu, por fim, caindo ao chão. Waggonner parecia tomado. Quis chutá-la e Vivienne ainda conseguiu jogar o corpo de lado fazendo-o acertar, sem querer, o corpo inerte de Margaret.

— Não! — gritou, ajoelhando-se e tentando proteger a mulher ao mesmo tempo em que apanhava uma madeira e acertava-o na virilha.

Waggonner expulsou o ar dos pulmões e dobrou o corpo, lívido. Antes que Vivienne pudesse ultrapassá-lo, contudo, ele tornou a agarrá-la, jogando-a ao chão.

— Vai pagar por isso — rosnou, o rosto enrijecido pelo ódio. — Vai pagar caro por isto!

Atordoada com a queda, Vivienne não pôde se defender quando ele montou nela, uma das mãos tampando-lhe a boca, a outra erguendo-lhe o saiote.

No instante seguinte, contudo, voava de cima dela para o solo.

Vivienne ergueu-se, trêmula. Lobo Vermelho avultava-se sobre Waggonner com a postura ameaçadora de um leopardo. Waggonner pôs-se sobre os calcanhares, alerta, e os dois homens se encararam, sem nenhum movimento. Ela podia sentir a vibração

quase tangível entre eles.

Lobo Vermelho rosnou algo em sua própria língua, indicando a saída da tenda com a cabeça. Waggonner se levantou, debatendo-se entre a cautela e a raiva.

Ao passar por Vivienne, fez uma pausa para encará-la. Não disse uma palavra. Nem precisava. Uma promessa de crueldade impregnava-lhe cada traço do rosto bonito. Na primeira oportunidade, não hesitaria em puni-la a seu modo. E, se assim fosse, ela não sobreviveria a tal provação.

Waggonner bateu em retirada, deixando-a sacudida por tremores. A intervenção de Lobo Vermelho não a salvara de todo. Só adiara o inevitável.

Ignorando-a, o índio agachou-se ao lado da esposa de McAllister e ajeitou-a melhor sobre o velho catre. Ela abriu os olhos e sorriu de leve antes de retornar ao sono, não parecendo pior do que antes.

Lobo Vermelho ainda permaneceu a seu lado por vários minutos, antes de se erguer. O silêncio era total. O único som era o do vento e do tímido estalar do fogo. Ao passar por Vivienne, parou e fitou-a nos olhos. Parecia intrigado. Ou preso a alguma emoção que ela não soube identificar.

Sem dizer nada, deixou a tenda.

Vivienne respirou fundo. De alguma forma, sentia que as coisas começavam a caminhar a seu favor.

O mistério da visita do índio se desfez quando McAllister veio visitar a esposa, acompanhado por uma menina índia de cara amarrada.

— Lobo Vermelho a mandou para cuidar de Margaret — esclareceu ele. — Ela não gostou muito da idéia, mas vai fazer tudo direito.

A garota examinou a paciente, depois se acomodou a seu lado sem nem mesmo olhar para Vivienne. McAllister ajoelhou-se e tomou a mão da mulher. Estava seca e fria. Chamou por ela e Margaret tentou manter as pálpebras abertas. O esforço foi muito, porém, e ela voltou a mergulhar em seu mundo de sombras.

Quando o escocês se levantou, havia lágrimas em seus olhos, as quais ele enxugou com o braço antes de voltar-se para Vivienne.

— Waggonner esteve aqui?

— Esteve. — Ela torceu as mãos, nervosa. — E vai voltar, tenho certeza! Oh, *monsieur*, tenho tanto medo dele! — Com voz trêmula, contou o que tinha acontecido. McAllister ouviu-a em silêncio, os olhos estreitando-se a cada palavra dela. Coçou o queixo barbado.

— Se sua vida estivesse em perigo — começou, devagar —, seria capaz de matar para se defender?

Ela não titubeou.

— Se tivesse os meios para isso...

O homem removeu um punhal de dentro da camisa.

— Fique com ele. E mantenha-se alerta. Não acho que vai precisar chegar a tanto, mas é bom não facilitar.

Vivienne aceitou a arma. Sentiu a lâmina fria e estremeceu. Mas pelo menos não estaria tão vulnerável dali em diante.

— Se Waggonner quiser me... molestar, e eu usar isto... Lobo Vermelho me mata depois.

— Não, não mata. Lobo Vermelho está em débito com você. Pode dormir tranquila. Não vamos deixar que nada lhe aconteça.

O rosto dela refletia toda sua confusão e McAllister esboçou um sorriso. Era quase como se houvesse esquecido de como fazê-lo.

— Pensei que soubesse, moça... Minha Margaret é irmã de Lobo Vermelho.

Despertando ao som de cascos de cavalo, Vivienne espiou fora da tenda. O céu ainda estava cinzento e ofuscante como uma pérola. Dois pés-pretos montados

aguardavam no lado oposto da aldeia. Um deles era Lobo Vermelho, o outro ela não conhecia. McAllister apareceu, montou seu cavalo e os três saíram a galope.

Vivienne observou-os desaparecer em meio à névoa úmida da manhã, com um aperto no peito. Agora não havia ninguém por ali que pudesse defendê-la de Waggonner. E ele poderia voltar a qualquer momento. Nem mesmo o punhal era garantia contra sua fúria e brutalidade.

Logo o sol dissolveria a neblina que preenchia os vales, prenunciando o dia. Se havia uma hora que pudesse escapar era aquela. A indiazinha mal-humorada, da qual nem sabia o nome, continuava enrolada num cobertor, profundamente adormecida.

Vivienne olhou Margaret e viu que ela também dormia. A mulher despertara no meio da noite, lúcida, mas assolada pela dor, e ela lhe administrara nova dose da pasta de ervas narcóticas. A febre parecia estar cedendo e Margaret começava a recuperar a cor. Tinha cumprido seu dever. Lobo Vermelho teria sua amada irmã de volta.

O único alimento disponível era uma espécie de pão duro, o qual ela enfiou num alforje antes usado por McAllister. Enrolou um cobertor e guardou-o também dentro da bolsa. Parcas provisões, mas já ajudavam.

Imaginou que houvesse alguma sentinela lá fora, mas o caminho estava livre. Provavelmente devido ao mal tempo e à própria localização geográfica da aldeia. Qualquer que fosse o motivo, só tinha que dar graças a Deus.

Em pouco tempo, tão silenciosamente quanto possível, descia a trilha que levava a uma passagem estreita.

O regozijo pela liberdade lhe solapava o medo. Sabia como procurar e achar abrigo e, graças a Baptiste e a outros membros da expedição, também aprendera a conseguir comida. A única diferença, agora, era que se encontrava sozinha para lutar pela própria sobrevivência. Levaria pelo menos quatro dias a pé para completar a jornada. Talvez mais. Mas pelo menos não tinha como se perder, tentou se encorajar, já que bastava seguir em direção ao sul até encontrar o rio. A partir dali, se conseguisse se manter, Deveril viria até ela, com certeza.

A neblina era desnorteante, umedecendo-lhe os cabelos, os cílios e colando-se a seu rosto como um véu úmido. A trilha estava molhada e traiçoeiras poças d'água encharcavam o chão de calcário. Aqui e ali podia ouvir água pingando ou escorrendo pelas fendas nas paredes rochosas, verdadeiras calhas formadas pela natureza. Seu traje de couro a protegia em parte do frio, mas o vento lhe penetrava nos ossos, impiedoso, fazendo-a duvidar de que algum dia pudesse voltar a se sentir aquecida. Nunca os dias quentes e ensolarados de Nova Orleans, ou a brisa deliciosa de Juniper Hill, lhe pareceram tão distantes.

Ruídos estranhos partiam das paredes enrugadas. "É só o vento nas árvores, ou bichinhos inofensivos entre as pedras", assegurou a si mesma. Devia estar andando havia já umas duas horas, calculou. Qualquer habitante da mata poderia facilmente seguir-lhe os rastros, mas não havia outro caminho que não aquele, por entre os rochedos. Onde a passagem se bifurcava, a centenas de metros abaixo dali, poderia abandonar a trilha e atravessar o terreno rochoso em direção ao Leste, onde não deixaria nenhuma pista.

Vivienne mal podia acreditar que sua sorte pudesse durar tanto. Ninguém parecia ter se dado conta de sua fuga ou, se tinha, não dera nenhum alarme. Era um milagre, refletiu.

Sem pausa para descanso, prosseguiu, recitando mentalmente uma ladainha: "ache o rio e Deveril, ache o rio e Deveril..."

Bem antes de o sol chegar a pino, estava suada e exausta, a sola dos pés quase em carne viva, o tornozelo inchado e dolorido de tanto pular e escorregar pelo terreno acidentado e íngreme. Pior que isso, começava a sentir a mudança de altitude. A respiração lhe fluía com dificuldade, os pulmões ardendo na busca exaustiva por oxigênio. Mas não ousaria parar. Não ainda.

Todavia não poderia ir muito longe sem descanso. Sua posição, entretanto, ainda

era por demais exposta. À sua esquerda, lá embaixo, os rochedos perdiam-se em sombras. Cavernas!, alegrou-se, ou rochas esburacadas onde talvez pudesse descansar por algum tempo.

Continuou a atravessar a superfície estriada com cuidado, tentando não pensar que a passagem agora se estreitava e nada havia entre ela e o vale lá embaixo, a não ser um assustador despenhadeiro. Moveu-se passo a passo pelo caminho mínimo, os pés esfolados determinados a atingir seu objetivo em segurança.

Algo a fez arrepiar-se de súbito, como se estivesse sendo observada, mas nada aconteceu. Só havia a montanha acima dela, um enorme vazio às suas costas, depois as cavernas. Já estava chegando. Só mais um pouco...

Em meio às sombras das paredes de rocha, Truman Waggonner sorriu, satisfeito, vendo a pequena figura que se aproximava. Uma pequena mariposa caminhando, incauta, para o centro da teia onde ele, a aranha faminta, aguardava...

Deveril escalou a ravina forrada de vegetação e galhos caídos. Rumou para o despenhadeiro quase vertical. A base da parede rochosa erguia-se de dentro de um manto de neblina, mas próximo ao topo tudo se clareava.

Havia tido esperanças de chegar à aldeia dos pés-pretos antes do amanhecer. A chuva torrencial e a névoa impenetrável, todavia, o haviam atrasado.

Ouviu o estalar de um graveto e retesou-se, alerta, avistando um dorso castanho-amarelado. Apenas uma corça assustada.

Naquela última hora, tinha feito um progresso surpreendente. Nada havia dado errado durante a árdua escalada e alcançara aquele ponto nem com a metade da dificuldade que tinha imaginado. Havia sido fácil demais.

Atrás dele, o clique inconfundível do metal de um gatilho se fez ouvir. Deveril voltou-se devagar, as mãos erguidas acima da cabeça. Lobo Vermelho e outro pé-preto saíram de trás de uma crista de rochas, os canos longos dos revólveres apontados para seu peito.

Vivienne descobriu, com alívio, que a trilha no rochedo se alargava, à medida que se aproximava das cavernas. Sentia os músculos protestarem contra o esforço, porém não havia outro lugar onde pudesse descansar em segurança. Já não sabia dizer qual parte do corpo lhe doía mais. Até mesmo a ponta do nariz, que raspava sem querer na parede áspera do despenhadeiro.

Quando finalmente alcançou a pequena abertura oval, arremeteu-se caverna adentro, incapaz de dar mais um passo sequer. Pássaros se agitaram no teto alto e escuro, depois alçaram vôo, saindo para o dia cinzento. A caverna era mais ampla do que imaginara e cheirava à vegetação apodrecida e à roedores. Por outro lado, estava seca e a protegia do vento cortante. Um verdadeiro oásis, nas circunstâncias.

Ofegante, ela se deitou de lado, olhando o vale encoberto pela neblina. Para lá ficava o rio e, em algum ponto de sua extensão, Deveril estava a sua procura. "Quando encontrá-lo", pensou, "estarei segura."

Vivienne nem sequer percebeu a aproximação de Waggonner. Ele a agarrou de repente, puxando-a do chão para si com violência e tampando-lhe a boca com a mão, ao mesmo tempo em que lhe punha o cano do revólver nas costelas.

— Por que demorou tanto? Esperei por você a manhã toda. — Riu, malévolo, da expressão de horror nos olhos azuis. — Como acha que conseguiu sair da aldeia sem ser barrada? Fui eu quem arranjou tudo, meu amor.

Ele a deixou respirar, por fim, mas Vivienne não conseguiu reagir.

— Como sab...?

— Como eu sabia que viria para cá? — Soltou uma risada. — E há algum abrigo mais lógico por aqui?

— Por que não me matou na aldeia, de uma vez?! — desafiou ela com desdém, apesar do tremor. — Por que me atraiu montanha adentro? É tudo um jogo, *monsieur*!

— Eu já lhe disse que é minha isca para Deveril. Do modo como as coisas iam ultimamente, eu sabia que me daria melhor longe de Lobo Vermelho. — Estalou a língua. — Essa maldita neblina atrasou meus planos. Queria ficar um pouco sozinho com você... Mas temos de passar para o outro lado da garganta. É por lá que o seu querido Deveril deve vir.

Vivienne sentiu uma onda de náusea. Já não temia por si própria, mas por Deveril. Estava a salvo, pelo menos por algum tempo.

Waggonner empurrou-a para fora da caverna, devolvendo-a a trilha estreita. Era mais fácil caminhar para o lado oposto do que tinha vindo e logo alcançavam um pequeno bosque de pinheiros. Waggonner assobiou, imitando o canto de um pássaro, e Lobo Vermelho surgiu em meio aos troncos. Um outro índio se revelou em seguida, trazendo Deveril diante de si, com as mãos amarradas por tiras de couro. Vivienne entreabriu os lábios, lívida.

— Bom trabalho! — Waggonner sorriu, perverso. Cutucou-a com a arma, obrigando-a a andar alguns passos. — Se eu soubesse, não teria tido tanto pressa, doçura. Mas talvez seu amante goste de assistir... Por que não? — Empurrou-a para o chão relvado.

Instantaneamente, Deveril livrou-se das falsas amarras, sacando a pistola.

— Solte a arma, Waggonner, e afaste-se dela. A brincadeira acabou.

Antes que Vivienne pudesse se erguer, Waggonner caiu de joelhos a seu lado, encostando-lhe o revólver na cabeça.

— Quietinho, Deveril, ou os miolos dela vão parar na Califórnia.

Ninguém mais se moveu. Vivienne podia sentir a tensão no corpo de seu agressor. O cano frio tremia em sua têmpora.

De repente uma pedra voou, passando rente ao rosto de Waggonner. Não chegou a atingi-lo, mas serviu para desviar-lhe a atenção.

Mal ele virou a cabeça, as coisas aconteceram a um só tempo. Num golpe mais certo do que o empregado contra o jovem reverendo Lambert, ela o atingiu no estômago com o cotovelo. Um tiro ecoou-lhe nos ouvidos e, no instante seguinte, Vivienne viu-se jogada contra o solo, aterrissando a centímetros do fim da trilha para o despenhadeiro, a queda violenta arrancando-lhe o ar dos pulmões.

OuvIU mais vozes e olhou ao redor, vendo, aturdida, Ethan e Jack O'Malley surgirem do nada. Percebeu que tinha a cabeça apoiada em algo macio e ergueu-a, olhando atrás de si. Era Waggonner. Seu corpo é que a havia derrubado. Quando conseguiu se sentar e examiná-lo melhor, sentiu-se enjoada e aliviada ao mesmo tempo.

Levou á mão à cabeça, ainda tonta. Antes que pudesse sair do lugar, contudo, um índio pé-preto veio em sua direção e, erguendo-a do chão, estudou-lhe o rosto de perto. Depois, com uma exclamação abafada, abraçou-a com força. Apavorada, Vivienne o empurrou, incapaz de se ver livre da inusitada manifestação.

Ethan e O'Malley aproximaram-se de pronto, as armas em riste.

— Não atirem! — alertou Deveril, vencendo os poucos metros que os separavam.

Sorridente, o índio a soltou de leve e Vivienne o encarou, bestificada. No segundo seguinte, era ela quem se atirava nos braços do homem com um gritinho de felicidade.

Deveril parou ao lado deles. Vivienne ria e chorava ao mesmo tempo. Estreitou os olhos, observando o homem com atenção. O rosto moreno, os olhos castanhos e o nariz perfilado podiam ser de um pé-preto... ou de um francês aventureiro de pele curtida por anos de sol e vento, nos trajes da tribo da qual fizera seu lar.

Deveril baixou o revólver, estendendo a mão.

— Parece que vocês dois já se conhecem. Jondont, eu presumo?

O homem abriu novo sorriso e, desta vez, dois de seus dentes se destacaram com o brilho do ouro polido.

— A seu serviço, *monsieur*.

Vivienne soltou uma gargalhada, radiante.

— Não é *Jondont*! Mas *jaune dent*! "Dente amarelo" em francês! Deveril! Eu e você estivemos todo o tempo atrás do mesmo homem! — Balançou a cabeça. — *Monsieur Deveril*, apresento-lhe meu tio Philipe Crramboyard, irmão de minha querida mãe.

Os dois homens trocaram um aperto de mão. Então Philipe tomou Vivienne pelo braço, erguendo-lhe a manga da roupa e expondo a pequena marca de nascença em forma de coração.

— Vivienne, minha pequena Vivienne! Ainda usa o camafeu que lhe dei há tanto tempo!

Quando Philipe a soltou, por fim, foi Deveril quem a tomou nos braços. Nada disseram um ao outro. Nenhuma palavra podia expressar seus sentimentos. Emocionado, ele a beijou com ternura, depois ansiosa e possessivamente até ela protestar, rindo e pedindo ar. Ele riu também, sentindo o coração dela bater junto do seu.

O vento mudou, carregando a neblina para longe, e um sol esplendoroso banhou a manhã de dourado. Por muito tempo, Vivienne permitiu-se ignorar o resto do mundo e concentrar-se no júbilo de estar nos braços do homem que amava.

Mas, de repente, uma lembrança atingiu-a como um raio, devolvendo-lhe o horror.

— Naomi! — Voltou-se para Lobo Vermelho, os olhos azuis atormentados. — Waggonner mandou que ele a matasse.

Deveril a soltou, concentrando-se no índio. Lobo Vermelho sustentou o olhar, com tranqüilidade.

— Waggonner era um tolo. Naomi é minha mulher. Não poderia machucá-la. — Sorriu. — Está nos esperando no outro lado da montanha.

Vivienne soltou o ar, aliviada.

— O que vamos fazer depois disso? — questionou Deveril, relaxado.

Foi Philipe *Jondont* quem deu a resposta.

— Depois disso, *mon ami*, vamos ter uma conversinha...

CAPITULO XV

Deitada nos braços de Deveril, Vivienne mirou o céu pela abertura da tenda, vendo as estrelas se esconderem, tímidas, com a claridade da manhã que se aproximava. Entre ela e Deveril, ao contrário, não mais havia timidez. Comiam juntos, caminhavam juntos, dormiam juntos. Na verdade, ele mal a perdia de vista.

Vivienne sabia a verdade sobre a expedição, agora: que o presidente Andrew Jackson nomeara, para contato com as nações Crow e Pés-Pretos, o capitão J. D. Deveril, do Exército norte-americano. Sorriu, feliz. Deveril era um herói, não um espião.

Ainda assim, nada conhecia sobre seu passado. No dia anterior, quando contara o que Waggonner tinha dito a respeito dele, Deveril parecia ter ficado tenso.

— Por que ele diria que você "nasceu em berço de ouro"?

— Porque é verdade — ele admitira, após uma longa pausa. — Posso me considerar bem-nascido. Fui herdeiro da família até os vinte e um anos. Depois meu pai me deserdou.

— Por quê?

— Por quê? Aos olhos dele, o que eu fazia era um crime contra a natureza.

Depois disso, Deveril tornou a se fechar. Apesar do mistério, Vivienne conteve a curiosidade. Podia não conhecer o passado de Deveril, mas conhecia-lhe o caráter. Ele não era nenhum marginal.

Espreguiçou-se, roçando os pés descalços nas pernas musculosas do homem a seu lado. Observou o peito largo subindo e descendo sob seu braço tranquilo, e sorriu. Jamais se sentira tão completa. Tão mulher. Lembrava-se ainda do calor daquelas mãos e lábios em seus seios, a respiração dele no mesmo ritmo da dela. Era quase perfeito.

Bem no íntimo, contudo, algo a incomodava. Uma semana se passara desde que Deveril a tirara das mãos de Waggonner. Tinham sido dias de incríveis prazeres e descobertas. Nunca imaginara que pudesse existir tantas maneiras diferentes de fazer amor. Tanto delírio numa simples carícia.

Mas nem por uma vez Deveril chegara a falar em casamento... ou pelo menos num futuro em comum. E começava a temer que ele jamais tocasse no assunto.

Sentou-se e avistou Naomi lá fora, sentada ao lado do fogo já quase extinto. Teria ela passado a noite ali? Lobo Vermelho havia partido numa missão secreta para Deveril e, desde então, ela vinha se mostrando estranhamente quieta e introspectiva.

Vivienne colocou o vestido e saiu, indo ao encontro da amiga. O dia principiava a raiar e logo Baptiste estaria em pé, a fim de ferver a água para o café e o chá de casca de chicória. Ali perto, uma coruja fez um voo rasante, agarrou sua presa que guinchou, em pânico, e bateu as asas para longe. Naomi não se moveu. Continuou ereta, calma e determinada, ainda que não tivesse como esconder os olhos marejados de lágrimas.

Vivienne tocou-a no ombro.

— Sente falta de Lobo Vermelho, não é? Não se preocupe! Amanhã ele estará de volta para pôr fim nessa solidão.

— Não é isso — soluçou a moça. — Preciso tomar uma decisão. Ele me pediu que ficasse com ele. Que me tornasse sua esposa... — contou, aos prantos.

Vivienne piscou, aturdida. Jamais vira Naomi perder o controle das suas emoções daquela maneira.

— Mas... Pensei que... Pensei que gostasse dele!

Naomi enxugou os olhos com as costas da mão.

— E gosto! Mas dei minha palavra a André. Tenho de retornar ao Santuário e ajudá-lo. É meu dever.

Vivienne tomou-lhe as mãos.

— Esqueça André, por enquanto. O que tem vontade de fazer? O que lhe diz seu coração, Naomi?

A moça fitou as brasas vivas da fogueira.

— Que eu jamais conhecerei felicidade maior do que estar com Lobo Vermelho. Sempre.

— Pois então! — O rosto de Vivienne se iluminou. — Não se lembra? Quantas vezes não tentamos decifrar as profecias do velho Ju-Bah? Agora está tudo tão claro! Ele disse que enfrentaria o exílio ao fim de uma jornada, mas que encontraria a razão de sua vida e a felicidade se atendessem ao chamado do... Lobo! Não percebe? Tem de ser assim!

Naomi balançou a cabeça, agoniada.

— Amo-o com todas as forças. Ser sua mulher é meu maior sonho, agora. Mas não posso dar as costas ao meu povo.

Vivienne apertou as mãos dela.

— Não precisa fazer isso. Lembra-se do que Elinka nos contou? Sobre a estrada subterrânea? Nem todas as rotas de fuga seguem a dos mergulhões para o norte... Algumas levam ao oeste... para a liberdade. Pode criar um ponto de parada por aqui, Naomi, e ajudar sua gente, dando-lhes comida e abrigo. Lobo Vermelho a adora. Pode persuadi-lo a ajudar. Tenho certeza disso.

Os olhos escuros brilharam com um fio de esperança:

— Ah, se eu pudesse!

Lobo Vermelho surgiu ao lado delas nesse instante. Estava por perto havia algum tempo e tinha ouvido toda a conversa. Agachando-se ao lado de Naomi, tomou-lhe as

mãos entre as dele.

— Fique comigo, Naomi. Ajudarei seu povo. Prometo.

Naomi sorriu, trêmula, vendo nos olhos cor de mel a promessa que ele acabara de pôr em palavras e a saudade que refletia a dela.

Vivienne mordeu o lábio e, usando um antigo procedimento dos pés-pretos, retirou-se rápida e discretamente. Arriscou um olhar por cima do ombro e viu a amiga nos braços do índio, a cabeça recostada ao peito dele.

Sorriu, meio triste. Se soubesse como chegar até a alma de Deveril... talvez tivessem um final tão feliz quanto aquele. Retornou à tenda, encontrando-o semi-acordado, tateando o vazio que ela deixara.

— Estou aqui, amor.

Viu o alívio substituir o susto no rosto amado. Se ela significava tanto para Deveril, por que ele se esquivava?

Uma suspeita inusitada cruzou-lhe a mente e ela sentiu-se retesar. Como tinha sido tola e ingênua em não ter chegado antes àquela conclusão...

Deveril estendeu-lhe a mão e ela hesitou.

— Venha aqui — pediu ele, com voz sonolenta.

Ela ajoelhou-se, porém manteve-se a alguma distância.

— *Monsieur...* Deveril... — Um nó na garganta lhe barrava as palavras. — Você... é casado?

— Deus do céu, claro que não! O que eu faria com uma esposa?

O choque explícito no rosto delicado o fez perceber seu erro de imediato.

— Vivienne...

Deveril tentou segurá-la, mas ela já ia longe. Vivienne ainda o ouviu ir à cata das roupas, aflito, mas continuou correndo em direção ao rio, cega pelas lágrimas, o coração parecendo esmagado dentro do peito.

Ethan alcançou a tenda nesse exato momento, para dar a Deveril as notícias trazidas por Lobo Vermelho. Uma delegação de pés-pretos chegaria em breve para discutir os detalhes do acordo a ser firmado. Assuntos pessoais teriam de esperar.

O encontro correu tão bem quanto o esperado. Os pés-pretos eram impetuosos e independentes por natureza e eles não se dobrariam a uma trégua qualquer. Caçadores e exploradores que invadissem seu território viveriam ou morreriam segundo seu procedimento. Mas com a ajuda de Jondont, um pacto secreto se firmara em favor dos americanos. No dia seguinte, a expedição poderia retornar a Nova Orleans.

Quando Deveril procurou a tenda naquela noite, sentia-se cansado, porém satisfeito em ter obtido tal concessão dos índios. Queria poder dividir seu triunfo com Vivienne e reparar o equívoco que sua resposta mal pensada havia provocado.

Tinha visto quando ela entrara na tenda, pouco antes. Talvez concordasse em dar um passeio pela beira do rio, à luz das estrelas... Daí ele poderia encontrar palavras para explicar.

Ao passar pela tenda de Naomi, contudo, Deveril ouviu a voz de Vivienne. Seguiu em frente e, entrando na tenda em que dormiam, percebeu que ela removera todos os pertences.

Correu os dedos pelo rosto. Tinha vontade de ir ao encontro dela, tomá-la nos braços e viver só para o momento. Em vez disso, deitou-se no escuro com a entrada da tenda aberta, sentindo um vazio e uma solidão que nunca julgara possíveis.

As estrelas desapareceram, uma vez mais, no céu cor de malva da manhã, e quando o dia principiou, os dois passaram a agir como estranhos. Vivienne, inconformada e magoada demais para confortá-lo. Deveril, entregando-se a tarefas que o mantivesse tão afastado quanto possível do acampamento.

Pelo canto dos olhos, ele observava tio e sobrinha juntos conversando e planejando, descartando os anos de distanciamento como folhas secas de outono. Após meses de

provação, o futuro de Vivienne estava garantido. Agora ela podia voltar para casa, recuperar Juniper Hill e tudo o mais que lhe pertencia.

Um frio tomou conta dele, como se fosse o princípio do inverno. Tinha vivido um sonho. Pior que isso. Fizera Vivienne acreditar nele. Algum dia, e não muito distante, ela o odiaria por isso. Todo o tempo ele havia tido consciência de que acabaria naquele impasse e amaldiçoou a si mesmo por não tê-lo impedido mais cedo, para o bem de ambos.

Suspirou, atormentado. Era melhor assim. Um rompimento rápido talvez fosse menos indolor.

A epidemia que assolara Nova Orleans, na primavera e no verão, se fora, e a cidade, agora quente e cheia, voltara a sua rotina normal. Na tarde ensolarada, três pessoas desceram os degraus imponentes da mansão de Prudence Wentworth, entre elas Vivienne, protegida por uma sombrinha de renda branca. Deveril, destacando-se pela altura e pelos cabelos dourados, tomou seu lugar às rédeas, enquanto Vivienne e Philipe acomodava-se na parte traseira do coche.

Vivienne ergueu a cabeça e acenou.

— Vá me visitar logo! *Au revoir!*

Da sacada do segundo andar, Thomasina acenou de volta, vendo o carro se afastar rapidamente. Depois de uma semana alojando Vivienne e os amigos, na certa sentiria a falta deles.

Pensando bem, talvez não fosse assim tão ruim crescer e se tornar uma mulher adulta. Não, se podia usar vestidos tão belos quanto os que Vivienne usava e ainda ser acompanhada por um homem como o capitão Deveril...

Suspirou. Nos últimos meses, tinha crescido física e emocionalmente. Ou não teria se impressionado tanto com a beleza e o charme do amigo de Vivienne...

Mas não, Thomasina afastou a idéia, determinada. Agora possuía um ideal e nada a desviaria de seu objetivo. Nem mesmo a mãe dela. Seria médica. Romances e belos vestidos não se encaixavam em seus planos. Não, por enquanto.

Philipe, impecavelmente vestido, observava a sobrinha com um sorriso nos lábios. A capota do coche encontrava-se erguida e Vivienne mantinha o rosto discretamente encoberto. Seus olhos, porém, cintilavam, as feições delicadas coradas de excitação.

Já não podia observar o mesmo no homem a sua frente. Deveril tinha os ombros largos rígidos, numa postura claramente defensiva. Descobrira nele uma pessoa de excelente caráter e eficiência, e não entendia por que a sobrinha parecia discordar disso.

De qualquer modo, aqueles dois já haviam passado tempo suficiente às voltas um com o outro. E se o tempo e a proximidade não os levara a algum entendimento, não era ele quem o conseguiria, bancando o Cupido... Qualquer relacionamento mais íntimo que pudesse ter havido entre eles, parecia terminado. E não era direito seu fazer perguntas ou julgamentos. Tais atitudes iriam totalmente contra a filosofia que absorvera de sua esposa índia, da família e dos amigos pés-pretos, para os quais retornaria, assim que Juniper Hill fosse devidamente recuperada.

Mas talvez um conselho aqui, outro acolá... Tinha de esperar para ver.

Chegaram à Estalagem do Trevo, em St. Anne, a tempo para o jantar. Durante a refeição, entretanto, a mortalha do silêncio desencorajou suas poucas tentativas de amenizar o clima entre os dois. Vivienne e Deveril pareciam dois estranhos.

Na verdade, ambos estavam perdidos em lembranças. Lembranças que haviam tido início uma tarde, à beira da estrada deserta próxima à estalagem, para depois terminarem de modo tão amargo no azulado distante das montanhas.

Deveril manteve os lábios apertados numa linha fina, e nenhuma das raras e inseguras tentativas de conversa de Vivienne surtiram efeito.

Terminada a refeição, ele se ergueu, grave.

— Tenho uns compromissos... Se me dão licença. — Retirou-se, rápida e

decididamente.

Philippe observou a sobrinha. Vivienne nem sequer arriscara um olhar na direção do capitão durante o jantar, e agora mal podia disfarçar sua agonia em vê-lo partir.

Ela percebeu que ele a fitava e tentou não piscar e derramar as lágrimas que, a todo custo, buscava conter. O orgulho não lhe permitia tal fraqueza.

Obrigou-se a engolir mais um bocado da massa ao creme, forçando um sorriso para o tio.

— Ainda acho incrível que tenha deixado Juniper Hill por causa de uma discussão com o vovô...

— Pois é. — Philippe mudou a posição das pernas. — Mas não foi apenas por discordar de meus deveres como capataz. Sempre fui totalmente avesso ao sistema da fazenda. Ao trabalho escravo, sendo mais específico. De qualquer modo, — tentou fazer graça — nunca fui mesmo um homem de negócios.

Ela o fitou, séria.

— Os pés-pretos também têm escravos. Lobo Vermelho me contou.

— É verdade. Alguns deles têm mesmo. A princípio foi uma decepção para mim, admito. Mas, entre eles, não é como na fazenda. Pelo menos não no mesmo grau. A sociedade tribal poderia sobreviver sem seus escravos. A nossa, não.

Vivienne mirou o prato, em silêncio.

— Eu não queria mais voltar para cá — prosseguiu Philippe. — Nunca mais. Prefiro a vida no deserto. Mas o que não faço por *ma petite* Vivienne?... Não saio daqui enquanto não retomar o que é seu. Você é a única lembrança que restou de minha irmã. É muito querida para mim.

— Nunca se arrependeu de sua decisão?

Philippe não desperdiçou a oportunidade.

— Na vida, se algo nos é muito importante, um princípio, uma idéia, uma pessoa, é quase um dever ir em busca desse ideal. O futuro está em nossas próprias mãos e nem sempre o vemos. Às vezes não até ser tarde demais.

Vivienne terminou a sobremesa, devagar, os olhos azuis longe dali. Philippe a acompanhou até o quarto e ela continuou absorta nos próprios pensamentos. Ele sorriu consigo mesmo. Depois seguiu para seus aposentos, cantarolando baixinho.

Uma vez sozinha, Vivienne foi caminhando até uma das janelas, abrindo-a de leve. Lá embaixo, sentado no banco onde uma vez julgara ter visto um fantasma, avistou Deveril. Não podia adivinhar-lhe os pensamentos àquela distância. Muito menos sob a luz tênue do crepúsculo.

Sentiu as lágrimas assomarem-lhe uma vez mais aos olhos. Como ele podia tê-la amado com tanta paixão e abandono, e agora tratá-la com tanta frieza?

Deitou-se. E só adormeceu depois de extravasar todo o pranto que lhe oprimia o coração.

A manhã desceu, esplendorosa, enquanto a pequena comitiva cruzava os portões de Juniper Hill. Ethan conduzia o coche de Vivienne, com Philippe e Deveril seguindo na frente deles a cavalo. Para acrescentar ao testemunho do tio dela e a todos os documentos necessários, Deveril convocara o procurador de Vivienne, seis de seus homens e dois oficiais indicados por um juiz local. Bertrand St. Germaine não escaparia às conseqüências de seu atos.

Cavalgou pela trilha, introspectivo. Aquele seria seu último gesto em benefício de Vivienne e, portanto, vital para sua paz de espírito. Precisavam liquidar aquele assunto de uma vez por todas, refletiu, crispando os dedos involuntariamente contra a coxa.

Fez alto em frente ao solar, observando-o, intrigado. Uma tarja preta tinha sido afixada na porta da frente e a maçaneta estava envolta com um tecido da mesma cor.

Philippe desmontou e ajudou a sobrinha a descer do coche. O nervosismo e a excitação não a fizeram reparar em nada, a princípio. Ao ver os sinais de luto na casa,

porém, Vivienne levou a mão enluvada à boca, reprimindo uma exclamação de horror.

— Charlotte! Oh, meu Deus, Bertrand disse que poderia matá-la!

Philippe tomou-lhe a reação com estranheza.

— Gostava tanto dela assim?

Ela se voltou para o tio, chocada. A vida no Oeste o mudara mais do que tinha imaginado.

— Tio, nós éramos muitos unidas. Charlotte é... era minha prima.

Deveril bateu à porta. Demorou algum tempo até que ela fosse aberta, devagar. Não pelo velho mordomo de pele parda, nem por Bertrand, pronto a brigar pela posse da fazenda, mas por uma jovem pálida e assustada, num estágio já avançado de gravidez.

— Charlotte!?! — Vivienne precipitou-se para a porta, atônita. — Pensei que...

Os lábios da moça tornaram-se quase azulados no rosto redondo, mas ela obrigou-se a endireitar os ombros.

— Meu nome não é Charlotte! Sou Vivienne! Vivienne Louise Rocque St. Germaine. Senhora desta propriedade.

Deveril avançou um passo.

— *Monsieur* St. Germaine... Ele está? Temos negócios importantes a tratar.

Haviam esperado de tudo. Menos risos. E foi exatamente isso que obtiveram como resposta. Charlotte jogou a cabeça para trás, explodindo numa gargalhada rouca, com uma ponta de histeria.

— Bertrand? — bufou, amarga. — Seis meses atrás, *monsieur*, meu marido voltou de Nova Orleans montando um cavalo que tinha acabado de comprar. Acho... acho que usou o chicote como não devia. No meio da viagem, o animal empinou e o arremessou longe. Bertrand morreu há dois dias, depois de meses de dor.

— Que ironia! — Philippe destacou-se do grupo. — Depois de todo o nosso preparo para enfrentá-lo, foi Deus o juiz, o júri e o executor. Bertrand não viveu para pagar por sua perversidade. Agora só há essa criatura infeliz entre Vivienne e a justiça...

— Tio Philippe!! — exclamou Charlotte, em choque, para em segundos desabar aos pés dele, num monte de seda.

Vivienne e Philippe passaram pelo quarto de Charlotte uma vez mais, a fim de se certificarem de seu estado. Encolhida na enorme cama de dossel, ela jamais parecera tão sem graça... e indefesa. Os olhos vermelhos, os lábios ressequidos. Ainda chorava, infeliz, quando eles entraram.

— Não pode continuar assim — protestou Vivienne. — O doutor disse que o choque foi forte, mas que nem você nem o bebê estão em perigo.

— Além do mais — acrescentou Philippe —, depois que der à luz, pode se estabelecer onde quiser. Sua prima, mesmo eu estando em desacordo, providenciou tudo.

Charlotte não ousou falar até ele deixar o quarto.

— Sei que lhe fiz muito mal, Vivienne. Sabia que iria voltar um dia. Sabia desde a noite em que conseguiu fugir de Bertrand. Não mereço tanta generosidade de sua parte.

Vivienne segurou-lhe a mão gelada, por um instante. Não havia mais nada a dizer. Quando Charlotte deixasse Juniper Hill, aquele capítulo de sua vida estaria encerrado.

Seguiu para o próprio quarto, mas era tarde demais para cochilar um pouco e muito cedo para que se preparasse para o jantar. Saiu para a varanda. Por meses, imaginara que seria um delírio poder retornar à fazenda. Mas a felicidade não tinha vindo. A casa parecia mudada e, gradualmente, Vivienne percebeu que a transformação começava nela mesma.

O sol espiava por entre as folhas das árvores. Parado próximo à parede forrada de rosas trepadeiras, além das colunas brancas da fachada, avistou Deveril. Ele havia concordado em pernoitar no solar, mas pela manhã iria partir. E ela jamais tornaria a vê-lo.

Certa vez Deveril lhe exaltara a coragem. Ultimamente, contudo, esta parecia tê-la desertado. O conselho de Philipe enraizara-se em sua mente, e agora vinha à tona. Tinha o coração partido, sangrando, mas, se não agisse, passaria o resto da vida lamentando a própria covardia. Uma menina fora para o Oeste com Deveril... e uma mulher retornara de lá, ao lado dele.

Endireitou o corpo. Precisava fazer alguma coisa.

Deveril caminhava a esmo pelos jardins bem cuidados, ouvindo o zunido dos insetos entre as flores. Sua missão estava cumprida. Os pés-pretos e seus aliados jamais aceitariam o homem branco em seu meio e sempre haveria incidentes isolados. Mas com a ajuda de Philipe Jondont e Lobo Vermelho, muitos massacres seriam evitados. Pelos menos por enquanto. A trégua frágil abriria o Noroeste para a exploração e a colonização.

E agora, sem que um só tiro fosse disparado, Vivienne recuperara sua herança. Era, por fim, a nova senhora de Juniper Hill.

Apanhou o charuto no bolso e o acendeu. A despeito dos reveses e perigos, tinha cumprido com o dever. Devia estar feliz. E em vez disso sentia-se abatido. Desolado.

Continuava se autocondenando. Jamais devia tê-la tocado. Sabia disso. Mas, com ela por perto, dia após dia, as linhas que traçara para a própria conduta tinham se desfeito. Bastara tomá-la nos braços e ver-se perdido, ainda que aquilo não fosse certo. Agora só podia rezar para que ela se esquecesse de tudo o que tinham vivido juntos com a ajuda das festas, dos bailes e do trabalho na fazenda. O destino de Vivienne era fazer um casamento esplêndido com um jovem de posses... e se tornar uma dama.

Deveril fechou os olhos e baixou a cabeça, o coração dilacerando-se dentro do peito.

Quanto a ele, aceitaria a proposta do presidente Jackson para uma nova missão, desta vez na América do Sul. Podia renunciar a embarcar para a Califórnia, onde possuía algumas terras. Esquecer as espionagens, os tratados... E talvez, um par de olhos mais azuis que aquele céu, num rosto mais belo que o de um anjo.

Praguejou baixinho. Depois avançou pelo jardim, procurando um lugar do qual nem sequer pudesse ver a casa. Encontrou uma pequena pérgola, subiu os poucos degraus e sentou-se na beirada do banco almofadado e convidativo.

Mal o fizera, avistou Vivienne. Ergueu-se, vendo-a galgar os três degraus rasos e postar-se a sua frente. Estava corada e ofegante, e, agora que ele tinha se decidido a deixá-la, mais bela do que ele jamais a havia visto. Tentou falar, mas as palavras ficaram presas na garganta. Nem mesmo teve essa chance.

— Não me parece um sedutor de donzelas indefesas — Vivienne quebrou o silêncio sem mais rodeios, fitando-o estranha e pensativamente.

Sua total ausência de sutileza o apanhou desprevenido.

— Não, eu...

— Só um salafrário macularia a inocência de uma mulher, para depois descartá-la sem nenhuma explicação... ou pelo menos uma demonstração de arrependimento. E você não é nada disso. É um homem honrado, capitão Deveril. Estou certa?

— Está, mas...

— Por muito tempo, tomou as decisões e me manteve a par delas. Como se eu fosse uma criança boba. Acontece que não sou mais criança. Ninguém melhor que você para provar isso... Portanto, acho que já é hora de acabar com tanto segredo. Quero e *exijo* saber exatamente quais são seus planos, *monsieur*.

Deveril sabia que estava em apuros quando ela começava a tratá-lo por *monsieur*. Fitou o chão por um momento.

— Primeiro tenho de saber quais são os seus.

Ela se sentou, sem esperar por um convite.

— Desde que saí do Colégio Santa Úrsula... Nossa, parece que faz tanto tempo!... Tenho estado viajando. Não imagina como me faz falta aquela nossa rotina de acordar todos os dias no mesmo quarto. Na mesma cama. — Baixou os cílios longos. — De ter

você ao meu lado.

Deveril apertou os lábios. Sabia o quanto aquela falsa naturalidade custava a Vivienne. Notou a palidez no rosto perfeito, o modo como ela enterrava as unhas nas mãos numa tentativa vã de ocultar o tremor.

— Não posso ficar com você — murmurou ele, hesitante. Ela engoliu em seco.

— Porque não me ama ou por causa de suas obrigações para com o governo?

— Deus do céu... — Ele sacudiu a cabeça, atormentado. — Eu te amo mais do que jamais julguei possível para um simples humano! Tanto, Vivienne, que me vejo obrigado a renunciar a esse amor. Não posso ficar a seu lado, porque a vida que leva é... é um anátema para mim. — Curvou os lábios num sorriso amargo. — E porque não tenho nada para lhe oferecer.

— Isso não imp...

— Já tive nas mãos uma plantação como a sua — interrompeu ele. — Na Virgínia. Entrei em atrito com meu avô por causa do sistema escravagista na fazenda. Era um radical. Não sabia o significado da palavra diplomacia. Rebelei-me, condenando um sistema que sempre considerei desumano e corrupto. Por isso ele me deserdou e deixou a propriedade para um primo distante. Tenho algumas terras e investimentos na Califórnia, mas, no momento, não posso nem mesmo lhe dar um teto. Não merece isso, Vivienne. É uma mulher rica e linda. Vai estar sempre cercada de pretendentes a sua altura e, algum dia... — Deveril cerrou os dentes. O pensamento lhe dilacerava o coração. — Um dia vai ter alguém que a mereça.

Vivienne levantou-se de um salto, postando-se à frente dele com os olhos azuis marejados.

— É um tolo, Josh Deveril.

Ele ensaiou um sorriso, sem sucesso.

— E você inteligente demais, *mademoiselle* Rocque, para pôr a vida nas mãos de um aventureiro, quando tem o mundo a seus pés.

Ela entreabriu os lábios rosados num protesto, os olhos fitando os dele numa súplica.

— Como pode saber o que penso e o que sinto se nem me deixa falar? Ouça-me pelo menos uma vez!

Ele baixou a cabeça, depois assentiu em silêncio.

— Pouco depois de eu ter decidido restituir a liberdade a Naomi, — começou Vivienne, buscando as palavras — conheci um sábio. Na ocasião, o velho Ju-Bah, era esse o nome dele, me disse que eu havia tirado uma pedra da tina e achava que a tinha esvaziado. Não entendi, a princípio. Mas há algumas semanas pude compreender o significado de suas palavras. Não posso libertar um escravo e me dar por satisfeita. Tenho de devolver a eles o que lhes foi tomado. Por outro lado, não sei como libertar os escravos de Juniper Hill e continuar mantendo a fazenda. Eles têm direito à liberdade, sim. Mas de uma maneira que não morram de fome depois, por essas estradas. Tudo precisa ser muito bem planejado. Talvez eu precise vender uma parte da propriedade. Não sei.

Deveril observou a agonia genuína nas feições de Vivienne, perturbado.

— Se quer saber, — disse, por fim, num murmúrio — hoje em dia ainda me arrependo de não ter tentado resolver o conflito com meu avô de uma outra maneira. Tomei uma atitude drástica, e me afastar, no final, não ajudou em nada.

— Então me ajude! — Ela se aproximou mais, cheia de ansiedade. — Não sei bem o que fazer, nem como fazer. Acabaria achando uma saída, eu sei que sim... Mas, com você... Com você tudo seria mais fácil.

Deveril prendeu a respiração. Vivienne estava sendo sincera em cada palavra. A mesma coragem que a levava ao Oeste a sustentaria, caso precisasse dar as costas a tudo o que lhe era de direito. Riqueza, tradição, *status*. Vivienne não vacilaria em abrir

mão de tudo isso em nome de um ideal.

Sorriu. Não se lembrava de tê-la amado mais do que naquele momento.

— Parece que a subestimei outra vez, *ma petite*.

Ela soltou o ar. Tudo ia ficar bem. Lágrimas de pura felicidade correram-lhe pelo rosto, e Deveril o tomou entre as mãos, enxugando-o com a ponta dos dedos.

— ^.

Vivienne abriu um sorriso trêmulo.

— Acho que chorei mais nos últimos meses do que na vida inteira.

Ele curvou-se para beijá-la de leve na boca.

— Precisamos dar um jeito nisso. De agora em diante, cada uma dessas lágrimas tem de ser de alegria.

Beijou-a, desta vez com abandono. Vivienne o envolveu nos braços com um suspiro, precisando senti-lo ainda mais perto.

— E agora? Vai me dizer quais são seus planos ou não?

Deveril o fez, calma e detalhadamente. Depois deu provas concretas dos objetivos que queria alcançar, ali mesmo, no jardim perfumado, enquanto o sol se punha e os sinos anunciavam o jantar sem ser ouvidos.

Philippe não estranhou a ausência do casal. Tampouco se mobilizou em sua busca. A seu tempo, os dois encontrariam o caminho de casa.

— O que vamos fazer depois? — indagou Vivienne, mais tarde.

— Depois? Depois eu a carrego até o padre, rabino ou pajé mais próximo, e a obrigo a casar-se comigo. Voltamos para Juniper Hill e cuidamos de tudo o que for necessário.

— Abraçou-a, sensualmente. — Enquanto isso, podemos ir todas as noites para a cama... juntos, claro. E também acordar juntos de manhã.

— Nem acredito! — Ela se permitiu um suspiro de contentamento, aninhando-se no peito largo. — Vai ser maravilhoso, *monsieur*.

Deveril riu, o rosto moreno refletindo todo seu entusiasmo.

— Aí, então, raposinha, peço meu desligamento definitivo do governo e a levo para a Califórnia. Acha que gostaria de viver numa autêntica *hacienda* espanhola? Ou prefere morar na praia? Sempre achei que poderia me dar bem como marinheiro...

— Na praia?! — Os olhos dela cintilaram. — Eu adoraria! Acho que...

Ele a silenciou com um beijo.

— Nada disso. Pensa que não a conheço? Se eu a levar para o litoral, é bem capaz de se animar e sair oceano afora atrás de aventuras.

Vivienne pôs-se na ponta dos pés, tocando os lábios quentes com os dela.

— Nunca vou fugir de você, *monsieur*. Só com você.

Deveril abriu um sorriso largo antes de beijá-la na boca, no queixo, no vale entre os seios... O assento almofadado sob a pérgola era macio e convidativo, e a brisa morna, vinda do Sul, deliciosamente suave.

Quando os dois finalmente retornaram ao solar, a casa estava às escuras, as estrelas se perdendo no céu róseo da alvorada.

EPÍLOGO

— Ah, *mademoiselle*! Isto é, madame Deveril... Não sei o que dizer. Não tenho palavras para expressar minha gratidão! — disse o Dr. Le Veque pela terceira ou quarta vez, já no saguão de entrada de Juniper Hill. — Este solar magnífico tornando-se nossa

nova casa de saúde! É um verdadeiro sonho transformando-se em realidade. Sinceramente, não sei como lhe agradecer.

Deveril sorriu.

— Um *obrigado* já basta. — Entregou o chapéu ao médico, significativamente. — Agora, se nos dá licença...

— Ah, mil perdões, *monsieur*. — O homem enrubesceu. — Madame...

Antes que o doutor se desse conta do que se passava, Deveril já o havia conduzido porta afora e, através do pórtico, até a velha charrete.

Ao ver o marido retornar, Vivienne tentou fitá-lo com reprovação. Sem muito sucesso. Não conseguiu conter-se e explodiu numa gostosa gargalhada.

— Pobre *monsieur* Le Veque... Como pôde expulsá-lo desse jeito? — protestou, entre risos.

— Ainda me recrimina? O homem veio aqui a semana toda e, só hoje, ficou mais de duas horas conosco! — bufou, enfadado. — Se meu tato e diplomacia não tivessem dado resultado desta vez, juro que acabava lhe dando um chute no traseiro.

Vivienne levou a mão à boca, reprimindo nova risada. Deveril a enlaçou pela cintura, fingindo zanga.

— Uma senhora de respeito não ri assim dos infortúnios alheios...

— Quem está rindo? — Ela tentou ficar séria, mas logo desatou em nova gargalhada. — Sabe de uma coisa? Acho que não sou uma senhora de muito respeito...

Ele riu junto.

— É, sim. Principalmente agora, que está com minha aliança no dedo. — Sorriu, fitando-a, apaixonado. — E, se depender de mim, Vivienne Rocque Deveril, vai continuar sendo sempre.

Ela o enlaçou pelo pescoço, ao mesmo tempo em que contemplava, feliz, o anel de ouro cintilando na mão esquerda. As esmeraldas piscavam ao sol da tarde, flanqueando uma pérola nova e iridescente. Não vivia nenhum sonho. Agora era a esposa do único homem digno de seu amor.

Juniper Hill, contudo, não seria o lar deles por muito tempo.

Deveril, como sempre, pareceu estar em sintonia com seus pensamentos.

— Amanhã à noite estaremos na melhor suíte do melhor hotel de Nova Orleans.

— Podemos visitar Thomasina?

— Claro. Mas não no Polly's, espero...

— Não. — Ela sorriu. — Da última vez que estivemos lá, foi necessário. Mas agora podemos nos encontrar num local mais adequado. — Mordeu o lábio, sonhadora. — Já pensou? Daqui a duas semanas, vamos estar subindo o Missouri de novo. Desta vez em lua-de-mel.

— Tão romântico... — provocou Deveril. — Derretendo de calor num dia, afundando na lama no outro. Sem contar os mosquitos, as cobras, os ursos... os índios!

— Ah! — Vivienne fingiu-se ofendida. — Pensei que quisesse reencontrar Naomi e Lobo Vermelho no forte. Margaret e McAllister também vão estar lá. Por que não me disse que não estava com vontade de ir?

— Quem disse que não estou com vontade? — Beijou-a, lenta e sensualmente. — Estou sempre com vontade...

Vivienne deixou-se acariciar com um suspiro e Deveril ergueu-lhe o queixo delicado, fitando-a nos olhos.

— Vou para qualquer lugar com você.

— Eu também.

Permaneceram abraçados no hall, os corações unidos, os pensamentos voltados para os momentos felizes que tinham vivido. Também para aqueles em que quase haviam perdido um ao outro. Poucas semanas antes, o futuro se mostrara tão denso e impenetrável quanto a névoa das montanhas onde tinham se amado. Agora se

descortinava diante deles, numa estrada clara, sem barreiras.

Tanto tinha sido feito! André conseguira mais duas estações de refúgio para seu povo, uma próxima dali, a outra na Divisa Continental. E Naomi não podia estar mais feliz junto de seu marido índio. A casa da fazenda, assim como alguns de seus acres e cabeças de gado, os quais continuariam a servir na manutenção da propriedade, pertenceriam à nova instituição de saúde do Dr. Le Veque. O resto seria vendido ou dividido em lotes para os escravos libertados.

Quanto a estes, muitos permaneceriam na fazenda como funcionários pagos do médico, enquanto outros seguiriam para o Norte ou Oeste em busca de novos destinos. Outros, ainda, tinham preferido tomar o caminho de Nova Orleans, a exemplo de Charlotte e a filha recém-nascida.

E, ainda assim, Vivienne pudera contar com o tradicional dote que, segundo ela, toda noiva francesa que se prezasse necessitava ter... apesar dos protestos de Deveril.

Ela achou incrível que não se sentisse nem um pouco relutante em partir. Havia amadurecido nos últimos tempos. O suficiente para perceber que, agora, Juniper Hill fazia parte do passado. Um dia o sistema decadente e desumano da escravatura teria seu fim. Deveril tinha razão quando dizia que essa crueldade fora construída sobre um alicerce podre.

Não que fosse fácil para ela enxergar a fazenda sob esse prisma. Doía tomar consciência de que crescera em meio a valores sociais tão corrompidos. Maior seria a dor, porém, se permitisse que continuassem.

Além do mais, uma promessa de felicidade lhe acenava da Califórnia.

— Por que esse silêncio todo, raposinha?... — murmurou Deveril, a boca roçando, provocante, a pele macia de seu rosto.

— Até uma raposa precisa pensar na vida de vez em quando. — Ela sorriu. — Estava imaginando como vamos ser felizes daqui para frente.

Afastou os cabelos loiros da testa do marido, ao mesmo tempo em que uma brisa entrava pela porta aberta do solar. Soprou fresca, mas por um momento Vivienne viu-se transportada para o Santuário úmido, onde as palavras do velho Ju-Bah ecoavam, sábias. "Tudo o que desejar, será seu". Sentindo o calor do corpo de Deveril contra o dela e a carícia de seu hálito na pele, ela já não tinha dúvidas sobre a veracidade das profecias. Tinham se tornado realidade.

Continua...

Lição Para Não Esquecer... (1991)
A História de Thomasina